

EVANDRO RAIZ RIBEIRO

NÃO DEIXE O
SOL BRILHAR
EM MIM



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NÃO DEIXE O SOL BRILHAR EM MIM

Evandro Raiz Ribeiro

Amazon Edition

Copyright © 2010 Evandro Raiz Ribeiro

License Notes

This ebook is licensed for your personal enjoyment only. This ebook may not be re-sold or given away to other people. If you would like to share this book with another person, please purchase an additional copy for each recipient. If you're reading this book and did not purchase it, or it was not purchased for your use only, then please return to amazon.com and purchase your own copy. Thank you for respecting the hard work of this author

Este ebook é licenciado apenas para o seu uso pessoal. Não pode ser revendido ou doado a terceiros. Se você deseja repassar a outras pessoas, por favor adquira uma copia adicional para cada caso. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou não foi adquirido para seu uso pessoal, por favor retorne a amazon.com e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desse autor.

Produção para E-book
Rhiza Pixel Japan
Evandro Raiz Ribeiro

Revisão:
Valeria Righi

Capa:
César Oliveira

ISBN: 978-85-911370-0-8

Edição: outubro / 2010

Copyright © 2010 Evandro Raiz Ribeiro

Publicado com autorização. Nenhuma porção desta obra
pode ser reproduzida sem a devida autorização do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Todos os diálogos e personagens foram criados a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, terá sido mera coincidência.

Dedico este livro ao grandioso cineasta sueco Tomas Alfredson, por sua obra-prima “*Let the right one in*”, baseada no livro homônimo de John Ajvide Lindqvist. Estendo a dedicatória aos excelentes atores Lina Leandersson e Kåre Hedebrant por suas magníficas atuações.

Nota do Autor

No dia 21 de setembro de 2009, assisti ao filme sueco “*Let the right one in*”, tradução para o inglês do título original “*Låt Den Rätte Komma In*”, baseado na obra homônima do escritor também sueco John Ajvide Lindqvist.

Apesar de não entender os diálogos na língua nórdica e ter limitado domínio do idioma inglês para compreender as legendas, percebi que era um filme original, belíssimo que fugia do lugar-comum do que se espera de uma película de terror.

Em verdade, é um filme que fala de solidão, de amizade e de luta pela sobrevivência.

Apaixonado que sou pelo gênero, “*Let the right one in*” foi se juntar com carinho aos poucos filmes que guardo em minha estante, onde já estavam “*Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens*” de Friedrich Wilhelm Murnau; “*Nosferatu, Phantom der nacht*” de Werner Herzog e “*Shadow of the Vampire*” de Edmund Elias Merhige com as excelentes atuações de John Malkovich e Willem Dafoe.

Não poderia ficar de fora o “*Bram Stoker’s Dracula*” realizado em 1992 pelo renomado diretor americano Francis Ford Coppola que, como os três anteriores, é baseado na obra de Bram Stoker. Por fim, “*Interview With The Vampire*”, do diretor Neil Jordan, baseado na obra de Anne Rice, completam minha coleção.

Não consigo expressar em palavras o quão fundo me tocou o filme sueco e o estado de excitação em que fiquei nos dias que se seguiram. Precisei rever o filme várias vezes. Procurei uma versão traduzida para o português, sem sucesso.

Senti uma necessidade urgente de colocar no papel tudo o que se passava em minha cabeça. O resultado disso é o presente livro fundamentado no mesmo tema do filme. Não quis imitar Murnau e produzir uma cópia disfarçada da obra de John Ajvide Lindqvist.

O tema é o mesmo, mas a história é baseada em reminiscências de parte de minha infância, passada na cidade de Santo André, no ABC paulista.

O título do livro vem da música que embalou os sonhos dessa época de minha vida “*Don’t let the sun go down on me*” de Elton John e Bernie Taupin.

No mais, não sei se tenho capacidade para fazer o que me propus, mas escrevi o que o coração mandou.

Motosu, Japão, em 29 de agosto de 2010

Evandro Raiz Ribeiro

EVANDRO RAIZ RIBEIRO

NÃO DEIXE O
SOL BRILHAR
EM MIM



O Novo Lar

Durante alguns instantes, o garoto olhou pela janela do ônibus a paisagem encoberta parcialmente por uma confusão de placas e anúncios colados nas paredes dos prédios. Prédios esses, em sua grande maioria de construção antiga, já bem desgastados pelo tempo e pela má conservação. O ônibus virou em um cruzamento e o terminal rodoviário do Glicério se apresentou com sua fachada cinzenta de concreto, dando a impressão de mal-acabado. Era fevereiro de 1976, o garoto vinha de João Pessoa na Paraíba onde morou por algum tempo. Havia nascido na cidade de Recife e agora estava indo morar em Santo André no ABC paulista.

Enquanto o ônibus diminuía a velocidade para entrar na plataforma de desembarque, observou admirado o emaranhado de gente do lado de fora. Uma multidão, formada por pessoas que iam viajar ou simplesmente, esperavam por alguém. No meio de todos, ambulantes que vendiam diversas mercadorias, e ajudavam a completar a massa humana que enchia o local.

O freio a ar chiou quando o ônibus parou lentamente no ponto de desembarque. À medida que esperava que a maioria das pessoas se levantasse, o garoto lembrou-se dos acontecimentos recentes. Há menos de um ano levava uma vida tranquila junto a seus pais e, de repente, tudo mudou: um acidente de carro o deixara órfão. Recordou-se do velório dos pais, das pessoas que foram prestar condolências, do cemitério que passou a visitar quando não tinha nada o que fazer, etc. Ficava olhando a lápide com o nome dos pais e pensando que as coisas não eram justas. Sempre o ensinaram a ser um bom menino e ele achava que na medida do possível tinha sido.

– Seja obediente e Deus o recompensará! – era o que sempre lhe disseram.

Sentado em frente ao túmulo dos pais, entretanto, sentia-se logrado. Não que se arrependesse de ter sido obediente aos pais, não, não era isso. Está certo que uma vez ou outra, fizera algumas traquinagens. Todavia, nada que merecesse aquilo. Agora para ele, as frases de incentivo que sempre escutara, tais como – Seja um bom garoto; o que importa é competir; Deus ajuda a quem cedo madruga e outras tantas lhe soavam como bobagens, ditas da boca para fora.

Depois do acidente, seu mundo seguro, como que, desmoronou. Não chorou, e as más línguas não o perdoaram por causa disso. Mas não se importara, amava os pais e sentia a falta deles. Sempre achou que choraria muito se um dia perdesse o pai ou a mãe, e acontecera de perder os dois de uma só vez. Seus olhos estavam secos, mas só ele sabia o quanto estava devastado o seu coração.

Seu tio Olavo, irmão de seu pai, que morava em São Paulo, veio para o enterro e também para fazer os acertos para levá-lo para morar com ele e a família em Santo André.

Não estava se importando muito para onde iria, pois a qualquer lugar que fosse jamais reencontraria seu lar. Não tinha nenhum parente do lado materno e, do paterno, seu tio de São Paulo era o parente mais próximo em condições de cuidar dele. Ainda precisava terminar o ano letivo, e seus padrinhos, amigos antigos de sua mãe, se prontificaram a ficar com ele por alguns meses até que as aulas terminassem. E agora estava ali, finalmente, havia chegado.

O barulho das pessoas que se afunilavam na porta para descer, o chamou à realidade. Traziam consigo a esperança de uma vida melhor longe da terra natal, além de toda bagagem que podiam carregar: sacos, malas, e outras coisas menos comuns, o que deixava mais demorado o desembarque. Uma senhora de idade, sentada na primeira fila junto a um menino que aparentava ser seu neto, trazia uma cama de campanha fechada, imprensada entre o garoto e a janela; entre os pés, algumas caixas, que colocava no corredor todas as vezes que o ônibus fazia alguma parada; fato esse que gerava bate-boca com os outros passageiros, por ficar atrapalhando a passagem. Ele mesmo não trazia muita coisa, apenas uma mala e uma bolsa a tiracolo. Na mala, além de algumas roupas, sua inseparável coleção de gibis da tumba do Drácula. Avistou o tio em meio às pessoas. Olavo acenou para ele e se aproximou enquanto ele pegava sua mala no compartimento lateral do ônibus.

– Oh, meu filho tudo bem com você? Fez boa viagem? – Olavo falou assim que se encontraram.

– Sim, obrigado tio, a viagem foi um pouco cansativa.

A viagem de ônibus levava 48 horas e ainda restavam mais algumas horas até a casa do tio.

– Já comeu? Não quer comer alguma coisa? – Olavo perguntou enquanto o ajudava a carregar a bagagem.

– Não, obrigado tio, estou sem fome, já comi alguma coisa na última parada – respondeu enquanto caminhavam para a saída.

Olhou em volta admirado, o local lhe lembrava em muito o mercado municipal de João Pessoa. As barracas que vendiam comida, o aglomerado de pessoas, o burburinho das vozes, os vendedores oferecendo suas mercadorias, sacos e caixas de papelão amontoados pelos cantos, etc.

Voltando à realidade, reparou que o tio se distanciava, apertou o passo para acompanhar Olavo que se dirigia ao ponto de táxi. Pegaram um dos táxis e seguiram rumo à estação do Brás e, de lá, um trem os levaria até a estação de Santo André, onde o tio havia deixado o carro estacionado. O garoto se chamava Dennis, tinha catorze anos.

* * *

Dennis acordou de repente, olhou em volta, o carro do tio havia parado em uma rua de paralelepípedos com várias árvores plantadas a espaços regulares na calçada. A semelhança com sua antiga rua era um pequeno alento. Não conseguiu calcular a distância que haviam percorrido, pois cochilou o tempo todo. Esfregou os olhos, tentando espantar o resto de sono, mas a sensação de estar com cada junta do corpo doendo ainda persistia. Efeito do longo tempo em que permanecera sentado no ônibus. Abriu a porta do fusca 74, e pisando no chão firme se espreguiçou. Como se o movimento pudesse tirar fora do corpo o cansaço acumulado.

– Finalmente havia chegado – pensou enquanto olhava a casa onde ia morar dali em diante.

A casa era igual às outras três casas vizinhas, pintada de branco, comprida e estreita. Construída numa espécie de elevado, dava a impressão de um sobrado para quem a olhasse de frente. Do lado direito, ficava uma garagem aberta com teto arredondado, que era fixada ao chão apenas de um lado por duas estreitas pilastras de metal. Em frente à garagem, um portão gradeado e, ao lado, um pequeno jardim malcuidado. Em cima da garagem, uma única janela servia de contato visual com a rua. Do lado esquerdo, um pequeno portão com uma escada levava a outro portão em frente a um corredor a céu aberto.

Dennis abriu o portão da garagem para que o tio guardasse o carro e depois pegou sua bolsa

a tiracolo e a mala. Olavo ajudou-o com a bagagem e depois subiram pela escada lateral. No meio do corredor, a entrada principal da casa e a porta da cozinha eram separadas apenas por uma divisória com samambaias e outro tipo qualquer de planta que Dennis desconhecia.

Por dentro, a casa não era muito grande. Na entrada principal, ficava a sala de estar e, à direita desta, o quarto dos tios com a janela sobre a garagem. No lado esquerdo da sala, a cozinha e, logo depois, o banheiro com sanitário e mais ao fundo o quarto do seu único primo Otavinho.

Havia ainda, no lado de fora, no fim do corredor, subindo mais alguns lances de escada, um pequeno quarto com banheiro, construído provavelmente como quarto de empregada. Ao lado, uma varanda com tanque de lavar roupa. Era nesse quarto que Dennis ia ficar. Ficou aliviado, pelo menos não ficaria completamente aos cuidados da tia. Não sabia o porquê, mas não se sentiu à vontade com ela. A privacidade que ia ter em seu próprio quarto separado da casa, deixou-o mais tranquilo. Não queria ser exigente, afinal já estavam fazendo muito por ele dando-lhe um novo lar. Deixou a bagagem no quarto e voltou para a sala onde a família do tio o esperava.

O seu tio Olavo era mais novo dois anos que seu pai, mas aparentava ser muito mais velho. Tinha vindo há alguns anos com a família tentar a sorte em São Paulo. A vida dura e sacrificada que levava, havia lhe tirado precocemente os traços da juventude. Era esse o comentário que escutara nas conversas entre os parentes que ficaram na Paraíba. Seu primo Otavinho era um garoto comum de 10 anos, e sua tia Gertrudes aparentava ser mais nova que o tio, contudo, ele não tinha certeza disso; era muito pequeno quando a viu pela última vez. Não lembrava direito, mas não guardava nenhuma boa impressão dela. Seu primo Otavinho parecia ter ficado muito contente com sua vinda. Já não podia dizer o mesmo da tia. Apesar das palavras educadas que lhe dirigiu, sentiu certo mal-estar com os olhares que lhe dava quando o tio não estava vendo. Depois do jantar, subiu para seu novo quarto, guardou as poucas coisas que trouxe no pequeno guarda-roupa, tomou banho e dormiu profundamente até o dia seguinte.

* * *

Em outra parte da cidade, um rapaz aparentemente esperava o ônibus. O ponto de ônibus ficava embaixo de um viaduto e, àquela hora, os ônibus eram escassos, assim como eram poucas as pessoas que se arriscavam a passar sozinhas por ali. Nas proximidades, apenas algumas ruelas mal iluminadas, e um ou outro bar escuro esperando algum cliente. Num local mais afastado, uma prostituta seminua oferecia seus serviços para qualquer carro que passasse na avenida. O rapaz calmamente esperava, parecia não ter pressa alguma. Tinha a pele muito clara, olhos azuis e cabelos negros. Não fazia muito tempo que havia chegado, prestava atenção em tudo a sua volta, mas de uma maneira discreta. Percebeu quando soaram passos que se aproximavam; o vulto de um homem lançou uma sombra comprida quando passou sob a fraca iluminação da rua e dobrou a esquina em direção à parada de ônibus. Provavelmente, mais alguém querendo pegar a condução de volta para casa. Porém, quando chegou mais perto, ficou claro que suas intenções eram outras. Aproximou-se desconfiado, olhando para os lados exibindo uma arma que segurava pelo cabo, ainda presa à cintura. O rapaz fingiu não perceber seus movimentos; o homem se aproximou mais ainda, e quando estava a alguns passos de distância falou de forma ameaçadora:

– É um assalto amigo, é melhor ir passando a grana numa boa e é bom ter alguma coisa aí,

senão, já sabe né?

Não teve tempo de falar mais nada. O taco de madeira que o acertou em cheio no meio do rosto, fez com que uma golfada de sangue jorrasse de sua boca junto com alguns dentes, calando qualquer palavra que estivesse pronta a ser proferida. Enquanto ele caía encostado à parede, o rapaz olhou em volta verificando se não havia mais alguém por perto. Não havia.

– Ótimo. – Pensou. Enquanto calmamente se agachava ao lado do homem caído que ainda se debatia, puxou a arma que ainda pendia da cintura e a jogou dentro do bueiro em frente. Tirou um frasco do bolso junto com um lenço que embebedou com seu conteúdo e forçou-o contra o que sobrara do rosto do homem, até que parasse de se debater. Olhou mais uma vez em volta e então o arrastou para trás da pilastra do viaduto onde havia deixado a Kombi tipo furgão, estacionada. Abriu a porta lateral e puxando o homem para dentro a fechou sem pressa. Ainda calmamente voltou para buscar o taco de madeira e o colocou por trás do banco do motorista. Na traseira da Kombi, havia adaptado uma espécie de maca com um dos lados bem inclinado para baixo. Colocou o homem na maca com a cabeça na parte mais baixa, pendendo para fora dela. Cobriu com um plástico o pescoço do homem e pensou o quanto tinha sido fácil dessa vez. Gostava quando encontrava um desses, do tipo, malvado. Tornava as coisas mais fáceis para ele. Achava que tinha tido sorte demais até agora, as coisas sempre caminharam muito bem. Mas tinha certeza de que, qualquer dia desses, iria se dar mal. Era uma coisa lógica, nada era eternamente perfeito.

Bom, vamos deixar cada coisa a seu tempo – pensou enquanto calçava as luvas cirúrgicas.

Já havia forrado tudo em volta da maca com plástico. Não gostava da sujeira que às vezes ficava; mas, como tinha bastante prática, sujava o mínimo possível. Pegou um galão desses de plástico usado em indústria química, com uma boca enorme com tampa e o colocou embaixo da cabeça do homem. Pegou um bisturi e com a precisão de quem sabe o que faz, cortou a jugular deixando o sangue escorrer para dentro do tambor.

Esse vai render uns 5 litros, não vou precisar me preocupar por alguns dias – pensou.

Após algum tempo, o sangue parou de escoar. Adicionou um anticoagulante universal, fechou o galão, limpou os respingos de sangue e guardou-o num refrigerador também adaptado na Kombi. Já havia verificado antecipadamente onde poderia jogar o corpo; talvez demorasse alguns dias para ser encontrado. Para evitar comentários sobre a perda de sangue, precisava sempre inventar um artifício novo. Dessa vez, iria separar a cabeça do corpo e jogá-los em locais diferentes em um rio próximo. Pegou a serra que já deixara previamente preparada e, sem pressa alguma, continuou seu trabalho. Depois de terminado, limpou tudo e guardou os restos de pano que usara na limpeza e os plásticos em um saco que iria incinerar depois que chegasse à sua casa. Agora era só se livrar do cadáver. Ligou a Kombi e saiu calmamente. Chamava-se Adam, tinha trinta anos.

* * *

Na manhã seguinte, Dennis acordou cedo, como já era seu costume. No ano anterior, quando ainda morava com seus pais, programava o despertador para tocar às cinco da manhã e alguns segundos antes que o relógio tocasse se levantava correndo para desligar o alarme; era uma espécie de divertimento matinal. Não fazia nenhum barulho, tomava um banho frio e, depois que trocava de roupa, sua mãe já havia se levantado e preparado o café da manhã que ele

tomava rapidamente e saía. Sua mãe sempre ralhava com ele por causa disso e, bem-humorada, dizia-lhe que não havia necessidade de acordar tão cedo. As aulas começavam às sete horas, pegava o ônibus e sempre chegava bem antes dos outros alunos; sua escola ficava num local próximo à lagoa Solon de Lucena no centro de João Pessoa: ele gostava de dar uma volta por lá antes de ir para escola.

Olhou a pilha de revistas em quadrinhos que trouxera, e pegou a de cima. Era a tumba do Drácula. Sempre fora fã dessas histórias, lia e relia várias vezes. Ficou deitado, lendo até que escutou a voz da tia que o chamava do lado de fora.

Desceu até a cozinha; o tio que trabalhava à noite, tinha ido para o serviço depois de tê-lo buscado na rodoviária no dia anterior e ainda não havia chegado. Seu primo Otavinho estudava de manhã e o ônibus escolar já tinha vindo buscá-lo.

– Venha tomar seu café da manhã logo, que não tenho o dia todo – ela disse.

Ele entrou na cozinha, cumprimentou-a e se sentou. Pegou uma xícara e encheu com o café fumegante do bule, passou margarina em uma fatia de pão. Enquanto comia a tia o olhava.

– Tenho algumas coisas que quero lhe falar – ela disse.

– Pensei muito, desde que fiquei sabendo que você viria morar conosco. Quero que entenda que não há lugar aqui para você. Seu tio foi precipitado indo buscá-lo assim de repente. Esta casa aqui mal dá para nós três. Olavo tem que trabalhar muito e quase não dá para nos manter, imagine com mais uma pessoa.

– Você tem padrinhos onde morava; os padrinhos são os substitutos dos pais quando eles nos faltam, esse é o significado de ser padrinho. Então eles têm que cumprir o papel que lhes cabe. Além deles, tem também sua tia Glória lá em João Pessoa, não entendo porque nós temos que arcar com a responsabilidade de cuidar de você. Espero que você entenda isso.

Ele ouvia tudo calado, e surpreso não sabia o que falar. No silêncio, que se seguiu ela continuou...

– Eu não tenho a obrigação de criar filho de ninguém, já me basta criar o meu próprio.

Dennis parou de comer, perdera o apetite. Trazê-lo para cá havia sido ideia do tio; ele não pedira; na realidade, nunca havia se preocupado com isso. Fora tudo muito rápido, não tivera tempo de se preocupar nem consigo mesmo. Estava chocado com a morte dos pais. O tio o havia convencido a vir morar em Santo André, disse que se fosse o contrário, o pai de Dennis faria a mesma coisa pelo filho dele. Era sua obrigação como irmão e como tio. Havia conversado também com a irmã mais nova, Glória, tia de Dennis. Ela era solteira e estava cursando o último ano da faculdade de medicina. Já cuidava da mãe, a avó de Dennis, que tinha sérios problemas de saúde e passava a maior parte do tempo internada. Concordaram que seria melhor Dennis ir com o tio. Na verdade, ele não tivera escolha. Por ele, ficaria lá mesmo em sua casa. Mas era menor de idade, ainda não podia fazer o que bem entendesse. Além do que, ultimamente, não tinha cabeça para pensar em nada, como um barco à deriva apenas seguia a maré dos acontecimentos. Quanto às suas despesas, sabia que isso não seria problema; seus pais não eram ricos, mas tinham alguns bens que passaram automaticamente a lhe pertencer depois que morreram. É claro que ainda haveria alguns trâmites legais, mas nada muito demorado, por ser ele o único herdeiro. Havia ido junto com o tio consultar o advogado que cuidava do caso dele. O tio seria seu tutor legal até ele completar a maioridade. E já havia sido estipulada uma quantia mensal adequada para suas despesas. Quanto ao resto dos seus bens, o tio não poderia movimentar e ele próprio só depois de completar dezoito anos.

Achou que a tia estava exagerando. Mas ele também não ia querer ficar onde não gostassem dele. Sabia que a intenção de seu tio Olavo, era, apenas, de ajudá-lo. Ainda não tivera tempo de pensar calmamente no assunto, mas se sua presença ali era um estorvo, iria embora de bom grado. Não via a hora de completar 18 anos, pois precisar do aval de algum adulto para tudo que precisasse fazer era um transtorno. Mas conversaria com sua tia Glória ou com os padrinhos; eles não precisariam se preocupar com ele. Conseguiria se virar sozinho, só os procuraria em casos inevitáveis; fora isso ia fazer de tudo para incomodá-los o mínimo possível.

Gertrudes continuou:

– Quero que você escreva uma carta para seus padrinhos, dizendo que está com saudades e que não está se adaptando aqui. Também vai escrever para sua tia Glória, falando a mesma coisa. E depois vai falar com seu tio Olavo, e dizer a ele que quer voltar para João Pessoa, que quer ficar onde seus pais estão. Mas isso daqui a um mês para que ele não desconfie.

Dennis continuava calado. Porém, por dentro estava inflamado; se raiva matasse ela cairia durinha ali diante dele.

– E tem mais uma coisa... – ela continuou – Se você comentar com alguém sobre essa nossa conversa, eu coloco veneno em sua comida.

A Garota dos Olhos Azuis

Depois daquela conversa, os dias passaram lentamente. Ele evitava ao máximo ficar onde ela estivesse. Só fazia as refeições e ia para seu quarto, ou então ficava perambulando pela rua até a hora de dormir. Não ficava na sala ou brincava com seu primo. Por causa do serviço do tio, só o via rapidamente pela manhã quando voltava do trabalho ou aos domingos quando estava de folga. Seu primo Otavinho estudava pela manhã e à tarde fazia alguns cursos alternativos como inglês ou outra coisa qualquer, ele não sabia ao certo. Pensou talvez em fazer a mesma coisa para ter a desculpa de não ficar em casa.

– Quem sabe arranjar algum emprego de meio período, antes de ir para a escola – pensou.

Podia ter se matriculado em uma escola particular como a que estudou no ano anterior, sua mesada era suficiente para isso, mas resolveu fazer a matrícula numa escola estadual que havia perto da casa do tio. Ia estudar no período da tarde das treze às dezessete horas.

Pensou em ter mais contato com seu primo Otavinho depois que voltasse da escola à tarde, mas ela, a tia, também implicava com isso e arranjava alguma desculpa para impedir.

– Otavinho, vá fazer a lição de casa.

Ou então:

– Otavinho você já fez a lição de inglês?

Quando não havia desculpa nenhuma implicava com seu jeito de falar...

– Vê se você para de falar com esse sotaque esquisito, o menino vai acabar falando igual a você. Não quero que os coleguinhas da escola façam troça dele por causa disso – dizia como se ela, não fosse também nordestina igual a ele. Dennis pensava irritado.

No dia em que as aulas começaram, ele já não aguentava mais esperar. Vestiu o uniforme, uma camisa branca com o nome da escola em forma de brasão no bolso e uma calça azul-marinho, almoçou o mais rápido que pôde e saiu.

Por ser o primeiro dia de aula e por não conhecer ninguém, sentia-se deslocado. Entretanto, o simples fato de ficar longe daquela casa e daquela mulher, deixava-o aliviado. Já havia conhecido a escola no dia da matrícula, resolveu então ir direto para a sala de aula. A escola tinha uma construção bem simples, as telhas do tipo Brasilit à mostra pela falta de forro, a parede branca pintada diretamente nos blocos de concreto, o encanamento de água visível por sobre a parede assim como a fiação elétrica embutida em canos de metal. Tudo construído de uma forma bem econômica e rápida. Mas, em compensação, a sensação de espaço e a ventilação deixavam uma impressão de liberdade, o que era uma coisa boa.

Dennis foi o primeiro a chegar à sala de aula, escolheu uma das carteiras perto da janela ao fundo da sala e se sentou. Depois de algum tempo, os outros alunos começaram a chegar. Um dos garotos se aproximou de onde ele estava. Era de estatura mais alta que a maioria e parecia bem mais velho também. Colocou a bolsa em cima da carteira onde Dennis estava sentado e disse:

– Essa carteira aqui já tem dono. É melhor ir saindo... – falou de forma ameaçadora.

– Mas hoje é o primeiro dia de aula, não havia ninguém aqui quando cheguei – disse Dennis.

– Ihh, só me faltava essa, um “paraíba” entre nós! – o garoto falou em tom debochado para

que o resto da classe pudesse ouvir.

Outro garoto ouvindo se aproximou do primeiro.

– O que houve aí, Alex?

– Não sou paraíba – disse Dennis.

– Tanto faz otário, passou do Rio é paraíba. Vocês vêm aqui empestear nossa região, tirar o que é nosso, e a gente ainda tem que aguentar esse sotaque esquisito.

– Vai, vai! Vê se dá o fora logo daqui, pau de arara – continuou o garoto.

– Vamos, tá esperando o quê? – disse o outro garoto dando um safanão na bolsa de Dennis, fazendo-a cair e espalhando seu material pelo chão. O resto da classe viu o que aconteceu, mas ninguém quis se envolver; alguns riram, outros fingiram não notar.

Dennis saiu da carteira e foi pegar suas coisas no chão. A vergonhosa humilhação deixou-o com um nó na garganta. Se pudesse queimaria os dois bem ali onde estavam somente com o olhar, os transformaria num monte de cinzas. Mas não podia fazer nada por enquanto, eles eram dois e bem maiores do que ele.

Os dois garotos rindo, bateram as mãos num cumprimento logo se esqueceram de Dennis e começaram a falar sobre outros assuntos.

Dennis olhou em volta procurando outro lugar para sentar. Avistou outra carteira vazia na primeira fila, no meio da sala ao lado de um garoto com óculos fundo de garrafa. Caminhou até lá, olhou o garoto sentado ao lado e perguntou-lhe:

– Por acaso está carteira aqui tem algum dono também?

Por causa da raiva, a pergunta saiu de forma estúpida. Arrependeu-se na mesma hora, afinal o garoto não tinha culpa do que lhe fizeram e, provavelmente, ele também era perseguido. Além do que, não tinha o costume de ser grosseiro com ninguém.

– Desculpe o mau jeito – disse. – Meu nome é Dennis e como você pode perceber, hoje é meu primeiro dia aqui.

– Não esquentá Dennis, você acaba se acostumando. Eu sou o Benito, e essa carteira está vazia mesmo; nenhum bagunceiro gosta de sentar na frente – Respondeu o garoto.

Enquanto falavam, a porta da classe se abriu e uma professora entrou, cumprimentou alguns alunos, colocou seu material em cima da escrivaninha e se virou para a classe.

– Olá pessoal! – disse. Os alunos que estavam em pé, rapidamente voltaram a seus lugares.

– Bom, continuando... Alguns de vocês já me conhecem, eu sou Elizabeth e serei professora de inglês esse ano. Espero contar com todos vocês. Está certo? Então vamos começar nossa aula. – E indo até o quadro negro começou a escrever.

Durante o intervalo, Dennis descobriu que os dois garotos que implicaram com ele no início da aula, não iam deixar sua vida escolar correr tranquilamente. Ouviu uma ou outra piada a respeito do “pau de arara” e do “quatro olhos” que sentava a seu lado. Benito lhe contou que os dois eram repetentes da oitava série por várias vezes e sempre andavam metidos em confusão. O primeiro ele já sabia, chamava-se Alex, o outro Benito lhe contou que se chamava Edu.

– Finja que não é com você, e logo eles esquecem e param de te importunar – aconselhou Benito.

Às cinco horas, o sinal tocou, anunciando o final das aulas. Os alunos esperavam ansiosamente pelo fim do turno e se levantaram apressados. Benito se despediu dele e saiu rapidamente. Um ou outro grupinho de alunos conversava animadamente enquanto saíam.

Dennis pegou seu material sem pressa alguma, afinal não tinha para onde ir e não queria voltar cedo demais para casa.

O portão lateral da escola era o mais usado pelos alunos, lá ficavam o pátio, a lanchonete e o refeitório da escola que servia merenda grátis para quem quisesse. A merenda escolar fazia parte de um programa do governo de ajuda às famílias carentes e combate à desnutrição infantil e tinha também o intuito de diminuir a evasão escolar. O programa não fazia distinção, podendo ser usufruído por qualquer pessoa. Entretanto, a minoria que não necessitava, achava a comida ruim, outros que até precisavam tinham vergonha de passar por necessitados e não comiam. Dennis não precisava do benefício, mas até gostava da comida, além do que não se importava nem um pouco com o que as outras pessoas pensavam sobre ele. Resolveu fazer suas refeições na escola, pois assim evitaria encontrar a tia, ou dar algum motivo para que ela falasse mal dele quando chegasse tarde. Se por acaso sentisse necessidade compraria algo por conta própria e comeria depois que voltasse para seu quarto. Faria qualquer coisa para não ter que dar satisfações à mulher do tio. Continuou caminhando, passou pelo pátio, pelo portão e quando ia atravessar a rua, viu que o cemitério em frente à escola ainda estava aberto.

O cemitério municipal era rodeado por um muro branco de aproximadamente 2 metros de altura. Pelo lado de fora, podia-se avistar um ou outro túmulo mais luxuoso, algumas estátuas, geralmente, de santos e anjos e muitas cruzes de formatos variados. Resolveu entrar.

Gostava da tranquilidade e da calma que o ambiente inspirava. A maioria das pessoas talvez tivesse alguma aversão a cemitérios; no entanto, não era o seu caso; não que houvesse ido a muitos em sua curta existência, mas o cemitério, onde estavam seus pais, tinha muitas árvores, e suas ruas eram calçadas com paralelepípedos, os túmulos bem cuidados, as flores bem arrumadas. Não sabia explicar o porquê, mas a sensação de tranquilidade que sentia lá fazia bem a ele. Adorava a brisa fresca que soprava mesmo nos dias quentes sob o pé de coração-da-índia, ao lado do túmulo dos pais. Gostava também de olhar as imagens de anjos com suas longas asas saindo das costas, seus cabelos encaracolados, a expressão tranquila de suas fisionomias. Fazia-o lembrar-se dos vitrais coloridos que tinha visto nas janelas das igrejas. Ele também apreciava ir à igreja quando não havia ninguém por lá, pois gostava de ficar sozinho na imensa capela, da reverberação sonora que o ambiente produzia. Às vezes, também, assistia a missa, mas não era por causa da religião. Quando lhe perguntavam sobre sua religião, respondia, automaticamente, que ia à igreja. Mas, era em virtude da crença dos pais. Pois, secretamente, não acreditava em nenhuma em particular. Por mais que pensasse sobre o assunto sempre acabava achando tudo um monte de bobagens, mas respeitava a opinião das pessoas, principalmente, a de sua mãe. Então nunca comentava nada sobre esse assunto. Todavia, particularmente, nem acreditava em Deus, sobretudo depois da morte dos pais. Não acreditava na existência de um céu ou de um inferno, ou de um ser superior que ficava brincando com a vida das pessoas como se estivesse manuseando um tabuleiro de xadrez. Acreditava que quando se morria tudo se acabava naquele momento.

A vista escurece e pronto você já era, acabou, fim – pensava.

Continuou caminhando pela rua principal que ligava a entrada até o portão de trás por onde havia entrado, e esta era cortada por várias ruazinhas menores. Não havia ninguém no momento, talvez, apenas, o zelador, se preparando para fechar os portões quando fosse embora. Caminhou em linha reta até sair do cemitério pelo portão principal. Deveria ir para a esquerda, caminho de sua casa. Mas, porque estava cedo demais, resolveu ir pela direita.

Passava das seis da tarde quando chegou a uma padaria; do outro lado da rua, um enorme pé de seringueira cobria imponente toda a calçada com sua sombra. Há uns cinquenta metros mais adiante, havia também uma pequena pracinha. Estava começando a escurecer, mas a pracinha era bem iluminada. No meio da praça, em frente a um ponto de ônibus, havia uma banca de jornal que já estava fechada e, ao seu lado, um banco de madeira; resolveu sentar-se por alguns instantes. Começou a pensar que sua estadia ali não estava sendo muito agradável. Não tinha nenhum amigo, o que era natural, pois acabara de chegar e sua primeira impressão da escola também não tinha sido das melhores. Na sua antiga escola, conhecia praticamente todos os alunos e a maioria morava perto de sua casa. Tinha muitos amigos ao contrário daqui que não tinha nem vontade de voltar para casa. Estava distraído com seus pensamentos, quando um barulho quase imperceptível, chamou sua atenção, era alguém se aproximando.

Olhou em volta, e viu uma garota, que deveria ter aproximadamente a mesma idade que ele. Tinha os cabelos negros compridos encaracolados, a pele clara, em verdade, clara demais. Ele, geralmente, por ser tímido, não tinha o costume de iniciar um diálogo com ninguém, principalmente, com garotas. Mas, dessa vez, sentiu um desejo irresistível de falar com a menina.

O “olá” saiu gaguejado, meio trôpego, de uma maneira que ele não tinha planejado.

– Olá – a garota respondeu e caminhou em sua direção – O que você está fazendo a uma hora dessas por aqui?

– Nada, só estou matando o tempo antes de voltar para casa.

– Não tem medo de ficar aqui sozinho?

– Não. Por quê?

– É que geralmente ninguém fica por aqui quando começa a escurecer – ela disse se aproximando mais de onde Dennis estava.

– E você, não tem medo também?

– Não, eu moro aqui perto – a menina falou, apontando algumas casas à frente.

Dennis pôde reparar melhor nela quando ela chegou mais perto dele; seus olhos eram de um azul profundo, as sobrancelhas eram bem delineadas, era linda.

– Eu também moro aqui perto, descendo essa rua um pouco mais à frente – disse.

– Você fala engraçado – disse a menina.

– Ah... O meu sotaque. É que eu sou de Recife. É realmente tão estranho assim meu jeito de falar?

– Não, não! É só um pouco diferente, apenas isso – ela disse.

– Como você se chama? – perguntou Dennis.

– Meu nome é Valquíria, e você?

– O meu é Dennis. Você é estrangeira? – perguntou Dennis.

– Não, por que pergunta?

– É que, como você falou do meu sotaque, eu percebi que você também fala um pouco diferente; contudo, não é o sotaque, é o jeito de falar, não é igual ao das meninas que conheço.

– É mesmo? Nunca percebi, eu nasci aqui mesmo, mas meus pais são estrangeiros.

– Ah, vai ver então é isso – disse Dennis.

– Dennis que veio de Recife. – Valquíria murmurou para si mesma. – Bom, Dennis foi um prazer conhecê-lo, mas realmente tenho que ir... Adeus. E dizendo isso se levantou.

– Tchau, prazer em conhecê-la – ele falou.

Ela, então, foi embora. Atravessou a rua e parou em frente a uma casa. Ele a viu abrir a porta e entrar, era uma casa bem velha, tinha uma dessas garagens fechadas e trepadeiras que a cercavam por todos os lados. Ficava entre duas outras casas que pareciam abandonadas. A porta de entrada ficava direto na calçada, entre a garagem e as duas únicas janelas e, fora a luz que veio de dentro quando a porta foi aberta, a casa ficava totalmente às escuras pelo lado de fora.

Ainda fascinado, achou a garota um pouco diferente das meninas que ele estava acostumado a ver. Seu vestido parecia velho e antiquado, seus cabelos estavam desgrenhados. Mas não se importou com isso. Ela era linda, tinha ficado impressionado. Era a primeira vez que se sentia assim ao ver uma garota. Levantou-se ainda olhando para a casa onde ela havia entrado, pegou sua bolsa e saiu apressado.

* * *

Adam abriu o congelador e verificou seu conteúdo, o estoque estava completo.

Tem o suficiente para vários dias – pensou satisfeito.

Separava o sangue coletado em recipientes plásticos de 500 ml. A maioria deixava congelar no *freezer*. Deixava também alguns na geladeira e sempre dois fora para que ficassem na temperatura ambiente. Reparou que os dois já estavam vazios e tinham sido lavados. Poderia ficar despreocupado por alguns dias, mas teria sempre que fazer seu trabalho, afinal prometera ao pai. Tinha que proteger a irmã. Esse era seu destino. Escutou o barulho da porta de entrada sendo aberta.

– Valquíria, é você? – perguntou sem necessitar de resposta alguma, porque não poderia ser mais ninguém.

Valquíria entrou pela porta da cozinha. Era uma cozinha comum, com uma pequena mesa e quatro cadeiras, um fogão de quatro bocas, uma pia com armário, com quase nenhuma panela e uma geladeira. Um enorme *freezer industrial* e um incinerador a gás bem grande que era usado para queimar qualquer coisa inconveniente que ficasse sobrando, eram as únicas coisas que destoavam no ambiente. A casa em si não era muito grande. Tinha uma sala toda forrada com um tapete fino, e poucos móveis, um sofá, uma estante com alguns livros, um rádio antigo e nenhum aparelho de TV. O ambiente era bem iluminado, com exceção da parte dos fundos onde ficavam os dois quartos.

Valquíria se aproximou de Adam, eram muito parecidos apesar de ser evidente que ele era muito mais velho. Os cabelos, os olhos, a textura da pele e a aparência geral não deixavam dúvidas quanto ao seu parentesco.

– Você vai sair? – ela perguntou.

– Sim, mas não vou me demorar. Volto logo. Se você quiser a gente pode jogar mais tarde – respondeu.

– Tome cuidado! – ela disse.

– Sim, claro vou tomar. Mas não se preocupe volto logo, hoje só vou fazer algumas compras aqui por perto.

Dizendo isso, ele foi até a sala e pegou um dos jornais que estava ao lado da poltrona. Comprava os principais jornais do dia, inclusive um tido como sensacionalista. Precisava ficar a par das notícias; o corpo do homem que jogara no rio já havia sido encontrado. A polícia investigava o caso, mas o morto era um fugitivo procurado e sua morte estava sendo

considerada como acerto de contas ou coisa do tipo.

Excelente – pensou. Tinha que dar sorte e encontrar mais tipos como este, ia ser ótimo se pudesse sempre seguir essa linha. Estava fazendo um bem para a sociedade, pensou sorridente com a pilhéria. Pegou as chaves do carro e saiu em direção à garagem, estava satisfeito com o rumo que o caso havia tomado.

Quando o Amor Acontece

Dennis, como de costume, acordou cedo no dia seguinte. Era o dia de folga do seu tio e ele estava em casa. Depois que tomaram o café da manhã, Olavo trouxe uma pasta; dentro: algumas cadernetas, um talão de cheques, alguns extratos e documentos. Olavo explicou que era a conta onde seria depositada a quantia mensal para as despesas de Dennis. Disse, ainda, que ele era como se fosse um filho seu, e que não precisaria se preocupar com despesas de moradia, alimentação, etc. Que ele, Olavo, não era rico, mas tinha condições de manter a família confortavelmente; e isso agora também incluía Dennis. O dinheiro que os pais haviam lhe deixado, ele deveria gastar apenas com suas próprias despesas; tais como gastos com a escola, roupa, e alguma coisa que precisasse. Ele, o tio, não queria nenhum centavo do sobrinho. O dinheiro que não fosse usado, Dennis deveria guardar na poupança. Dito isso, pegou as cadernetas do banco e de poupança e mostrou para Dennis. Havia sido creditados quatro mil cruzeiros na conta. O tio depositou três mil cruzeiros na poupança que estava em nome de Dennis, e os mil cruzeiros restantes entregou para ele em um envelope. Disse que não ia se intrometer nos gastos pessoais de Dennis, mas que ele deveria ter moderação. Se precisasse de mais dinheiro era só pedir. Dennis reparou que, ao longe, Gertrudes prestava atenção na conversa, e não estava gostando nada do que ouvia.

Quando o avô paterno de Dennis faleceu, seu pai e o tio tinham mais ou menos a mesma idade que Dennis tinha atualmente. E, bem cedo, tiveram que cuidar da própria vida. Talvez por causa disso, o tio acreditasse que ele já tinha idade suficiente para cuidar de si mesmo, só precisando de alguma orientação. Seu pai também sempre lhe dissera que ele deveria desde cedo estar preparado para cuidar da própria vida; mas nunca deveria descuidar dos estudos.

Dennis aproveitou a ocasião para dizer que pretendia fazer um curso de inglês na parte da manhã, antes de ir para a escola, ou talvez à noite depois das aulas. Disse, também, que a tia não precisava se preocupar com as refeições dele durante a semana, porque iria almoçar e jantar na escola, pois já estava acostumado, fazia assim também na escola anterior (pura mentira). Assim, pensou, não precisaria dar nenhuma desculpa para não ficar em casa. E poderia voltar só à noite para dormir. Enquanto isso, Gertrudes escutava tudo calada.

Olavo ficou preocupado em relação à alimentação de Dennis, afinal não havia necessidade de fazer as refeições na escola, já que as aulas começavam após o horário do almoço e terminavam antes do jantar. Mas Dennis não queria ficar dando satisfações à tia sobre a hora em que voltaria para casa. Em verdade, se pudesse nem encontrar com ela, ficaria feliz. Usou o argumento de fazer o curso de inglês, talvez, após as aulas, por isso, iria direto da escola para não chegar atrasado. Ficou acertado então que ele almoçaria em casa e jantaria na escola.

Menos mal – pensou Dennis – pelo menos não precisaria se preocupar com o horário de voltar para casa.

Havia ainda outro fato que Dennis não contara a ninguém. No ano anterior, antes da morte dos pais, tinha ido visitar seu avô, pai de sua mãe, que estava internado em um hospital. Isso acontecera justamente um dia antes do avô falecer. Em um momento, em que ficaram a sós, o avô chamou-o para perto e enquanto lhe falava em voz baixa, mais por causa de seu estado debilitado do que pelo segredo em si, entregou-lhe uma caderneta. Era uma poupança que

havia feito para Dennis e disse que era um segredo só dos dois, para não contar nem mesmo aos pais. O avô lhe dissera que tinha feito a poupança para custear todos seus estudos. Quando ficasse maior de idade, poderia usar o dinheiro para pagar a faculdade e também para financiar os gastos depois de formado com algum empreendimento que o ajudasse na profissão escolhida, como ter um consultório próprio, se fosse médico ou advogado.

O avô trabalhara maior parte da vida em um navio mercante, até se aposentar. Como viajava muito, casou-se tarde. A mãe de Dennis era sua única filha, assim como Dennis, seu único neto. Depois da morte de sua avó, o avô passou a dedicar-se exclusivamente à filha e depois ao neto; fato este que às vezes deixava o pai de Dennis profundamente irritado. Dizia que o avô ia acabar estragando o menino com sua atenção exagerada, comprando tudo que Dennis pedia, não lhe dando limites. Mas Dennis gostava muito do avô e ficou muito triste quando soube que aquele dia tinha sido a última vez que o vira em vida. E como o avô pedira, não contou nada a ninguém sobre o segredo dos dois; todavia, achava que não haveria problema algum em contar a seus pais, e resolveu que numa ocasião oportuna contaria, e diria que não falou de imediato porque prometera ao avô. Mas nesse ínterim, acontecera o acidente com os pais.

Depois do almoço, como sempre fazia, Dennis saiu para a escola. O dia transcorreu sem maiores problemas, apesar de Alex e Edu continuarem a importuná-lo sempre que podiam. Mas Dennis, seguindo o conselho que Benito lhe dera, fingia não perceber. Além do mais, estava ansioso esperando o fim das aulas.

Quando finalmente o sinal tocou, pegou seu material e saiu rapidamente. Percorreu o mesmo caminho do dia anterior até a pequena pracinha. Vasculhou por todos os lados, esperando encontrar a linda moça. Prestou muita atenção na casa onde Valquíria havia entrado no dia anterior, mas não havia nenhum sinal da garota.

Esperou até que a escuridão da noite tomasse conta da praça. A claridade dos postes de iluminação era suficiente para iluminar as sombras lançadas pelas árvores, mas, mesmo assim, a praça era um local ermo após o escurecer.

Nesse dia, ela não apareceu.

Daquele dia em diante, passar em frente à praça na volta da escola se tornou crucial para ele. Ficava sentado ao lado da banca de jornal até escurecer. Olhava atentamente para a casa onde a viu entrar, na esperança de ver algum movimento ou, quem sabe, vê-la outra vez. Mas nem sinal da garota.

Será que ela viajou ou se mudou? – era o pensamento que povoava sua mente; receava não vê-la mais.

Na terceira semana, já se acostumara a passar na praça todos os dias após a aula. Comprava um refrigerante ou alguma outra coisa qualquer na padaria, depois ia até a praça e se sentava ao lado da banca de jornal para ler. Nesse dia, ainda era muito cedo e o céu estava claro, abriu a bolsa e tirou o último número da tumba do Drácula, que havia comprado pela manhã antes de ir para a escola, e começou a ler. Entretido com a revista só reparou que o tempo havia passado quando as luzes da praça se acederam. Pegou a bolsa e ia guardando a revista, quando o leve farfalhar de folhas sendo pisadas chamou sua atenção.

Seu coração quis sair-lhe pela boca – era ela, tinha certeza – pensou alegre.

E antes mesmo que tivesse tempo de expressar qualquer movimento, escutou a voz inconfundível com que sonhara todos os dias desde a última vez em que a vira.

– Olá, Dennis...

Por um instante, olhou em volta procurando por ela entre as sombras, mas nada viu. No momento seguinte, lá estava ela bem ao seu lado; como que tivesse saído do nada. Vestida como da última vez, os cabelos ondulados caídos por cima dos ombros; com seus olhos azuis brilhantes a fitá-lo e estava mais linda do que nunca. Ela lhe sorriu provavelmente retribuindo o largo sorriso que ele deveria ter estampo no rosto.

Dennis não conseguia entender o que estava acontecendo. Era uma sensação nova. Conhecera várias garotas na sua antiga escola e na vizinhança onde morava com os pais. Mas só as enxergava como colegas. Nunca chegou a ter muita intimidade com nenhuma delas, nem mesmo uma conversa mais prolongada ou algo mais sério. Também nunca se importara muito com isso. Mas o que sentia agora ao ver Valquíria, era algo totalmente novo. Só a vira uma vez e não conseguia parar de pensar nela.

Será que é isso que é amor à primeira vista? – perguntava-se.

A sensação não era de todo ruim. Depois da última vez em que a vira, queria estar perto dela outra vez, saber mais sobre ela. E quando se perguntou o porquê disso, descobriu que gostaria de namorá-la. Era a primeira vez que pensava em namorar uma garota. Não conseguia compreender direito o que se passava dentro de si.

Ela lhe perguntou o que ele estava fazendo ali naquela escuridão.

– Estou lendo um pouco – falou, mostrando a revista.

– O que é? – Valquíria perguntou enquanto pegava a revista.

– Uma revista em quadrinhos de terror, sobre vampiros.

– É mesmo? Sobre vampiros? E você gosta disso, não tem medo? – perguntou.

– Hum, medo? Não, acho até divertido, gosto muito de ler. Fico sempre esperando o próximo lançamento – ele respondeu enquanto pegava a revista de volta.

– Você não quer ler? – perguntou.

– Não, obrigada. Não gosto desse tipo de leitura. – respondeu ela, enquanto ele guardava a revista na bolsa.

– O que você faz aqui todos os dias? – ela perguntou enquanto o olhava curiosa.

– Ah... Estou voltando da escola, estudo aqui perto. Mas como sabe que venho todos os dias? Pensei que sua casa estivesse vazia.

– Não, eu estava em casa sim – ela disse, sentindo pena dele, pois sabia que ele vinha todos os dias por causa dela.

– Você estuda aqui perto? – ele perguntou.

– Parei de estudar faz algum tempo, já não estudo mais – respondeu ela, enquanto olhava em direção a sua casa e via o irmão que levantava o portão da garagem.

Dennis seguiu-lhe o olhar e viu um rapaz tirar uma Kombi, olhar em direção à garota, fechar novamente o portão e sair.

– Parece que tem alguém saindo de sua casa.

– Sim, é meu irmão.

Na noite anterior, Adam tinha voltado cedo. Saiu apenas para comer alguma coisa e voltara logo em seguida. Depois ficaram jogando baralho até um pouco antes do amanhecer. Ele ia sair outra vez, mas disse que voltaria antes dela se deitar e que não precisava se preocupar. Estava pensando nisso quando Dennis falou.

– Quantos anos você tem?

Valquíria pareceu pensar um pouco antes de responder.

– Quantos anos você acha que tenho?

– Treze, talvez, catorze anos?

– Sim tenho treze, e você?

– Eu tenho catorze – respondeu e ficou calado por alguns segundos, sem graça.

– Posso lhe chamar de Val? – disse de supetão.

Sentiu-se atrevido e imediatamente se arrependeu de ter perguntado; esse era o tipo de coisa que não se perguntava apenas se fazia e pronto.

Putz, como podia ser tão idiota – pensou se repreendendo.

– Val? – ela repetiu surpresa.

– Se você não gostar tudo bem, continuo chamando-a de Valquíria mesmo – tentou consertar.

– Não, não, pode me chamar assim se quiser. É que não estou acostumada a ouvir meu nome ser chamado por outras pessoas. Mas eu gostei, é bonitinho.

Ele continuava com uma expressão sem graça no rosto.

É verdade, pode acreditar – ela disse, rindo.

– Bom... – ela começou a falar enquanto se levantava. – Tenho que voltar para casa, foi muito bom encontrá-lo de novo.

E dizendo isso, começou a caminhar.

– Val... Posso vê-la amanhã de novo?

Valquíria se voltou para ele.

– Amanhã?

– Sim, se você puder, é claro – ele falou, sentindo aquela sensação de atrevimento novamente.

Por um instante, Valquíria ficou parada como se estivesse decidindo alguma coisa importante demais.

– Está bem. Então, neste mesmo horário. O. k.? – ela falou e depois se virando, caminhou de volta para casa.

Dennis ficou olhando-a caminhar até que entrasse em casa. Antes de fechar a porta, seus olhos se encontraram mais uma vez e ela acenou para ele. Ele se levantou, pegou sua bolsa e saiu.

No caminho, foi pensando que não ia escrever “porra” de carta nenhuma, nem voltar para lugar algum.

Quando Dennis chegou, as luzes estavam apagadas. Mas a luminosidade do televisor indicava que a tia ainda estava acordada, provavelmente, assistindo novela ou algum outro programa qualquer. Ia seguir direto para seu quarto, quando a porta da cozinha se abriu e Otavinho saindo o chamou:

– Dennis, você não quer vir assistir televisão?

Nessa época, dificilmente assistia TV, principalmente, à noite por causa das tarefas de casa. Quando voltava para casa, recapitulava toda matéria dada na escola, fazia os exercícios propostos e só depois dedicava seu tempo a outros afazeres. Era por causa disso que nunca tivera problema algum na escola, sempre passava de ano com tranquilidade. Além do que, não

havia clima algum entre ele e a tia para tal descontração.

– Não, Otavinho; tenho que fazer o dever de casa e depois vou dormir. Mas, obrigado – respondeu.

– Ah, tá... Então tchau Dennis.

– Tchau – começou a caminhar em direção a seu quarto, quando escutou a voz da tia que o chamava. Entrou pela cozinha e foi até a sala onde ela estava sentada na poltrona de frente para a TV.

– Sim tia, me chamou? – perguntou já imaginando que coisa boa não deveria ser.

– Estive no quarto que você está dormindo lá em cima, para ver se estava tudo em ordem e arrumar alguma coisa caso fosse necessário.

Foi é bisbilhotar – pensou ele.

Gertrudes prosseguiu.

– Vi que você tem revistas impróprias para um garoto que precisa estudar. Por isso, recolhi-as todas e joguei-as fora. A partir de agora, não quero ver mais nenhuma dessas revistas aqui em casa. Está entendido? – ela disse encarando o sobrinho, que para ela, não passava do sobrinho do marido, ou melhor, um estorvo.

– Mas, as revistas são minhas, eu as trouxe de casa. Fui eu quem as comprei – disse Dennis contrariado.

– Não me interessa; esta casa aqui é minha, e você está morando de favor sob o meu teto. Não quero que você influencie meu filho com essa porcaria. Se quiser ler, leia longe daqui e depois jogue fora que o seu aproveitamento escolar não me interessa. Mas trazer para dentro da minha casa, de forma alguma vou permitir. Espero que tenha ficado bem entendido.

Ela disse irritada com a petulância daquele estorvo em querer enfrentá-la.

– Está certo tia, entendi. Não vou trazer mais – respondeu enquanto fitava o chão, pois não conseguiria olhá-la nos olhos. Por dentro, um vulcão de raiva incinerava sua alma. Se fosse um desses psicopatas dos filmes e tivesse uma arma à mão, agorinha mesmo, descarregaria todinha na cara dessa grandíssima filha da puta. Por outro lado, ela tinha razão – quem mandou vir para a casa dos outros? – A única coisa que ele podia fazer agora era ficar calado – pensou, ainda irritado.

– É só isso? – ele perguntou.

– Sim, pode ir. Só mais uma coisa, não se esqueça do nosso trato. Acho melhor você já começar a falar para seu tio que quer voltar para João Pessoa.

Ele não falou nada, apenas se virou para sair. Ela então voltou a falar:

– Faz parte da boa educação, despedir-se dos outros ao sair – disse ironicamente.

– Boa-noite, tia! – ele falou e se retirou em direção a seu quarto.

Quando chegou ao quarto, reparou que todas as suas revistas haviam desaparecido. Sua coleção que havia feito com tanto cuidado, perdida. A raiva voltou, deu um chute na porta do armário aberta, mas a porta era resistente. A dor no dedão do pé o fez soltar mais improperios.

– Essa desgraçada, vaca, filha da puta...

Lembrou-se da caderneta do avô, preocupado, correu até a mala e verificando no compartimento secreto, constatou aliviado que todos os documentos estavam intactos, inclusive a caderneta do banco que o avô lhe dera. Recuperado do susto, decidiu que tomaria

mais cuidado dali em diante.

* * *

Algum tempo depois, não muito distante dali, uma Kombi, tipo furgão, fugia em alta velocidade da polícia. Era Adam, e estava gravemente ferido. O suor gotejava por todos seus poros enquanto procurava desesperadamente alguma forma de escapar.

– Droga... Droga. Não posso ser pego... – pensava, enquanto vasculhava tudo a sua volta à procura de uma rota de fuga milagrosa.

Dessa vez, havia se dado mal. Na realidade, saíra de casa com o intuito de voltar logo. Não era um dia de caça como ele costumava dizer brincando para Valquíria. Tinha feito algumas compras e se encaminhava para a Kombi que deixara estacionada em um lugar não muito movimentado como sempre fazia. Viu então dois rapazes que estavam parados na esquina, caminharem em sua direção. À primeira vista, eles vinham como quem nada queria, mas Adam, experiente, desconfiou de imediato. E apesar dos dois sujeitos estarem armados, não teve nenhuma dificuldade em dominá-los por completo. Fora fácil até demais, eles não estavam preparados para a reação rápida que se seguiu a sua abordagem. Chegaram, tentando cercá-lo, pedindo uma informação como desculpa para assaltá-lo. Assim que o primeiro mostrou a arma que carregava levou uma estocada certa no coração. Em seguida, Adam cortou a garganta do outro que ainda estava atônito com o golpe que o primeiro havia levado.

Tudo deveria ter se resumido apenas a isso, deveria ter ido embora imediatamente. Mas não resistiu à tentação, arrastou um dos corpos para dentro da Kombi, e antes que terminasse com o primeiro, a polícia apareceu. O outro corpo estava caído na rua, ao lado do carro, sua única alternativa foi fugir. Saltou para o volante da Kombi e saiu em disparada. A Kombi em movimento foi metralhada e Adam mesmo atingido por vários disparos, continuou fugindo. Não podia voltar para casa, nem deixar nenhum rastro sequer que o ligasse à Valquíria. Pegou uma via em direção oposta, sabia que dessa vez não haveria escapatória. Ferido como estava, começou a se sentir enfraquecido. A viatura continuava a persegui-lo, logo seria capturado. Teve certeza que não escaparia dessa vivo.

É o fim... Isso um dia ia acontecer de qualquer jeito. Então afinal chegou a minha hora... – pensou resignado.

– Fiz o que pude pai, perdão Valquíria – disse em voz alta, como se fizesse uma oração.

Apertou fundo o acelerador do carro, sem se importar com o que havia pela frente. A viatura policial se aproximava cada vez mais; a salvação apareceu à sua frente em forma de abismo. Com uma manobra rápida, entrou pelo acostamento e jogou a Kombi pelo despenhadeiro. O carro caiu pela encosta íngreme, se espatifando vários metros abaixo. A explosão que se seguiu, iluminou o vale durante toda a noite e, pela manhã, quando o fogo finalmente se extinguiu, não havia sobrado praticamente nada que servisse como identificação.

* * *

Do outro lado da cidade, já era quase manhã quando num sobressalto Valquíria levantou-se do chão onde estava deitada ainda jogando paciência à espera de Adam.

– Adam...!

Uma angústia repentina se apossou dela. Sentiu a presença do irmão gêmeo como se ele a estivesse chamando e do mesmo modo como surgiu, a sensação desapareceu. Um vazio como se algo tivesse sido arrancado de dentro de sua alma foi o que restou.

– Adam...!

Alguma coisa acontecera a Adam, tinha a certeza – a sensação apertava seu coração, numa investida sem tréguas como urubus sobrevoando em volta de uma carcaça. Ficou desesperada, pois ele ainda não havia voltado como quase sempre fazia. Valquíria passara a noite a sua espera, não era incomum o irmão se demorar; já se acostumara com isso, apesar de ele ter lhe falado ao sair que voltaria logo.

Precisava ir se deitar, pois o dia não tardava a chegar. Foi até a cozinha, retirou dois recipientes do congelador, e colocou-os na geladeira. Depois retirou dois da geladeira e os colocou dentro do armário em cima da pia. Apagou as luzes e foi para seu quarto, que era o último no fundo da casa, logo após o quarto de Adam. No quarto acarpetado, havia apenas um guarda-roupa, uma penteadeira com espelho e a cama, que estava encostada num canto da parede. A cama de solteiro, grande e muito bonita, com a cabeceira arredondada estofada, em estilo capitonê, ia se afinando nas extremidades e se juntava com as laterais, que desciam até o chão. As laterais em volta da cama eram bem espessas e, com o colchão, dava a impressão de uma piscina. O colchão estava forrado com um lençol colorido, num estilo infantil feminino. O quarto em si tinha uma aparência muito agradável. As cortinas completavam a decoração, dando um toque especial. Mas não havia nenhuma janela por trás delas. A única maneira de se entrar no quarto era pela porta que era bem forte, de aço, com várias fechaduras. Adam mesmo tinha instalado, preocupado com a segurança dela quando ele se ausentava durante o dia.

Valquíria travou a porta, nem mesmo Adam poderia entrar depois que fosse fechada. Foi até a cama e levantou o colchão que subiu junto com o estrado revelando seu interior. A cama, aparentemente normal, escondia um interior amplo, confortável, onde Valquíria dormia protegida trancada por dentro. Fora confeccionada com material resistente, tudo obra de Adam.

Ela entrou, deitou-se e deixou o estrado metálico com o colchão cair de volta por cima da cama. Quem olhasse, veria apenas um quarto com uma cama vazia.

O quarto ficou na mais completa escuridão. Enquanto isso, lá fora, o dia nascia em todo seu esplendor.

* * *

Em outra casa, mais adiante, Dennis se levantava, e corria para desligar o despertador antes que tocasse.

O dia, que amanhecera resplandecente, foi ficando nublado, e quando Dennis saiu para a escola, uma fina chuva caía, deixando escorregadias as ruas de paralelepípedo. Dennis não havia trazido guarda-chuva consigo na mudança, então saiu mais cedo para comprar um a caminho da escola. Ia pensando que se pudesse morar sozinho seria ótimo, mas, com certeza, o tio não permitiria. Não estava gostando da maneira que as coisas estavam caminhando. Aquela mulher estava começando a pressioná-lo, mas ele não ia tomar iniciativa nenhuma. Definitivamente, ele era um intruso naquela casa. A mulher do tio já havia deixado isso mais do que claro, sua presença era um incômodo. Tinha que pensar numa boa saída para esse impasse. Enquanto caminhava, a chuva ia ficando cada vez mais forte. Comprou o guarda-chuva numa lojinha perto de casa, e foi para a escola. Esqueceu-se por uns instantes de seus problemas, e se lembrou de Valquíria.

Droga... – pensou – Tomara que essa chuva pare até o final das aulas.

Estava querendo ir numa loja próxima comprar um LP de Elton John, que há muito tempo

desejava. Ainda não tinha vitrola, mas queria comprar o disco. Depois daria um jeito de arranjar uma, mesmo que fosse daquelas pequenas. Estava pensando em convidar Valquíria para ir com ele à loja, mas a chuva atrapalhara seus planos e, se continuasse chovendo, teria que deixar para outro dia.

Quando o sinal finalmente tocou, anunciando o final das aulas, Dennis foi direto para o refeitório, pegou sua merenda, e sentou numa das mesinhas para comer. Quando acabou, olhou o relógio, e percebeu que ainda tinha bastante tempo até a hora que havia combinado com Valquíria. A chuva tinha diminuído um pouco.

Essa chuva... Será que ela vai sair de casa? – pensou preocupado.

Pegou sua bolsa e o guarda-chuva e saiu. Achou estranho o comportamento de Edu e Alex. Um pouco diferente do habitual, como se estivessem esperando algo acontecer. Mas não havia acontecido nada! Talvez estivesse enganado.

Quando já havia passado o cemitério, a chuva aumentou consideravelmente, se transformando num temporal. Pegou o guarda-chuva e tentou abri-lo apressadamente antes que se molhasse mais. Porém, havia algo errado, o guarda-chuva não abria. Rapidamente, suas roupas ficaram ensopadas com a água que caía. Não conseguia entender o que havia acontecido com o guarda-chuva, pois pela manhã funcionara perfeitamente, abria com facilidade. Tentou olhar por dentro do pano para ver o que o estava impedindo de abrir-se, descobriu então o que havia acontecido; as hastes estavam entortadas, como se alguém o tivesse chutado e depois pisado. Lembrou-se então de Alex e Edu.

Então foi isso... Aqueles desgraçados, “filhos da puta” – pensou irritado – Era por isso que estavam agindo de maneira estranha. Ficaram esperando ele sair na chuva, mas ele tinha se demorado na cantina.

Saiu, andando contrariado. As pessoas que passavam iam pensar que ele devia ser meio maluco, se molhando completamente na chuva forte e com um guarda-chuva fechado na mão. Sentia-se ridículo.

A Espera

Valquíria acordou, sentiu a paralisia que a dominava dissipando-se aos poucos. Achou que ainda deveria ser muito cedo para despertar. Escutou então o barulho da chuva que caía. Escureceu mais cedo por causa da chuva – pensou.

Lembrou-se de Adam, e se levantou depressa.

Será que já chegou? – pensou enquanto corria até a porta, destravando-a. Foi até a sala. Estava tudo exatamente como havia deixado ao ir se deitar. Nenhum sinal de Adam.

– Adam, você está aí? – chamou cheia de esperanças, mas não obteve resposta.

Com certeza, alguma coisa havia acontecido, ele nunca deixara de voltar para casa em todos esses anos. Mas ela também sabia que por sua causa o irmão vivia perigosamente. Algum dia, algo daria errado. Poderia ser preso ou morrer. Em qualquer dos casos, as consequências para ela seriam desastrosas. Se Adam fosse preso, a polícia poderia chegar até sua casa. Sempre se prepararam para essa eventualidade. Mas sabia que Adam daria um jeito nesse caso, para que não descobrissem nada sobre ela. Mas o pressentimento que tivera antes de se deitar, era de que algo muito mais grave havia acontecido. Era um pressentimento de morte e não sentia mais a presença do irmão como antes. Era como se ele houvesse se desligado dela, como se o tivesse perdido.

Não, por favor, isso não – pensava desesperada.

Querida implorar a uma força superior, mas não haveria benevolência para ela, sabia disso. Sentiu a fome chegar lentamente, como um animal voraz rondando à espreita, e que logo começaria a devorá-la por dentro. Vinha lhe lembrar quem ela era. Se é que podia esquecer-se disso um minuto que fosse. Vivia sempre no limite, alimentando-se apenas o suficiente, e mesmo assim, esse pouco era um fardo pesado demais, e tinha sido o irmão quem carregara a parte mais pesada. Se ficasse só, teria que se virar por conta própria, como já fizera algumas vezes, há muito tempo, num passado remoto.

Sentiu um calafrio e um tremor pelo corpo. E a dor começou insuportável, como se navalhas a retalhassem vagarosamente. Não conseguia mais raciocinar direito, correu em direção à cozinha, abriu o armário e trêmula pegou um dos recipientes que havia separado antes de deitar. Tomou o conteúdo de uma só vez e o alívio veio de imediato, com uma sensação de êxtase, um frenesi que tomava conta de todo o seu corpo, acelerando o ritmo de seu batimento cardíaco. Precisou se encostar à parede para não cair. Uma onda de prazer fez com que perdesse a consciência por uma fração de segundos. Depois, endireitou o corpo e largando o recipiente vazio em cima da pia, pegou o segundo recipiente e, dessa vez, tomou seu conteúdo mais calmamente. Sentiu a consciência voltar plenamente; queria mais, pois ainda não estava completamente satisfeita, mas tinha que se controlar. Verificou a geladeira e o freezer. O estoque daria para mais alguns dias. Mas e depois?

Olhou o relógio na parede e lembrou-se do garoto Dennis.

O que é que eu estou fazendo? – pensou.

Não podia ter amigos, sabia bem disso. Geralmente, se escondia das pessoas, mas, naquele dia, em que conversara com o garoto pela primeira vez, tinha sentido uma vontade irresistível de falar com ele. Foi uma coisa natural, impulsiva e tinha gostado; sentiu-se diferente como

não se sentia há muitos anos. Por um instante, esqueceu-se por completo de quem era. Mas era para ter sido só aquela vez. Porém, o garoto voltou todos os dias à praça; ela ficava observando-o pela janela. Ele ficava olhando para a casa dela, com certeza esperando vê-la. Então, ontem, não podendo mais resistir, foi mais uma vez falar com ele.

Aquilo, entretanto, já tinha ido longe demais. Adam a tinha visto conversando com o garoto na última noite e, com certeza, iria falar alguma coisa quando voltasse. Essa atitude dela poderia colocá-los em risco. Mas já não aguentava mais ficar presa em casa. Começara a sair de madrugada, ficava perambulando pelas ruas desertas. De vez em quando, encontrava alguém em seus passeios, algum vagabundo encostado em algum canto, pessoas que voltavam de alguma festa, a polícia fazendo ronda, etc. Sempre se escondia. Se a vissem poderiam estranhar, uma criança sozinha àquela hora. Além do mais, andar pelas ruas era só um prolongamento do tédio que sentia em casa. Estava sempre sozinha.

Antigamente, até tinha paciência para fazer alguma coisa diferente, como estudar línguas, artes ou outra coisa qualquer. Mas, com o passar dos anos, tudo se tornara enfadonho. Não tinha mais vontade de fazer nada. Tornara-se um estafermo, uma imprestável que não servia para nada a não ser esperar a morte que nunca chegaria.

Nas noites em que Adam estava em casa, ficavam jogando cartas, ou fazendo alguma outra brincadeira. Ele trocara o dia pela noite, por causa dela. Na realidade, trocara tudo por sua causa. Escolhera fazer-lhe companhia no limbo em que vivia. Desistiu de sua vida para viver a dela.

Adam era seu irmão gêmeo. Ela foi a primeira a nascer e Adam, alguns minutos depois. Sua mãe falecera quando ainda eram crianças. Seu pai não se casou outra vez, e uma governanta, a senhora Hudson, sempre os tratara com o carinho de uma mãe verdadeira. Adam sempre fora apegado a ela e sempre faziam tudo juntos, até que um dia, quando estava com treze anos, o tempo parou para ela. Desse dia em diante, sua vida mudou, a vida feliz que sempre tiveram se transformara na sucursal do inferno, se é que existia algum tipo de inferno pior que a vida que levavam. Com o passar dos anos, perdera seu pai, restaram apenas ela e Adam. Apesar de seus 30 anos, ele continuava sendo a criança que não teve a oportunidade de ser por completo na infância. Quando estavam juntos brincavam como crianças. Mas quando saía, ele fazia o que era preciso fazer. Ela o arrastara para o inferno em que viviam. Por isso, nunca contestava o que ele falava, nem perguntava como e o que tinha feito.

Foi até a janela e olhou para a rua. A praça estava praticamente alagada pela chuva. E, no meio dela, Dennis todo ensopado, com um guarda-chuva fechado na mão.

Dennis havia chegado à praça e a chuva continuava cada vez mais forte.

Era melhor ir embora – pensou. – É claro que ela não iria sair nessa chuva. Voltaria no dia seguinte.

Contrariado começou a caminhar. – Que droga de vida, até o tempo estava contra ele – ia pensando nisso, quando escutou a voz de Valquíria a chamá-lo.

– Dennis, o que você está fazendo aí nessa chuva?

Ele olhou em direção à sua casa, que estava com a porta semiaberta, e voltou correndo.

– Olá – falou, sorrindo para ela, se sentindo um idiota completo.

– Achei que você não ia sair com essa chuva. Mas como tínhamos combinado resolvi passar aqui assim mesmo, afinal é meu caminho para casa – disse, tentando parecer menos ridículo.

– Sim, mas, por que você está todo molhado e com esse guarda--chuva na mão? – ela perguntou.

– É que só percebi que estava quebrado depois que a chuva começou.

Valquíria sabia que se Adam voltasse de repente, não ia gostar nada daquilo. Poderia ser perigoso para Dennis, teria que protegê-lo do irmão.

– Vamos, entre – ela falou enquanto abria a porta para que Dennis pudesse passar. – Você não pode ficar todo molhado desse jeito!

Dennis deixou o guarda-chuva quebrado encostado na parede e entrou. A casa era bem iluminada, e apesar de não ser muito grande, parecia um pouco vazia pelos poucos móveis que continha. Encostou sua bolsa num canto.

Valquíria então lhe falou.

– Dennis escute, se meu irmão chegar você terá que ir embora. Está certo?

– Está certo. Vou embora imediatamente – disse

– Não tenho roupa que sirva em você, contudo, você pode pegar uma do meu irmão. Vai ficar um pouco grande, mas pelo menos poderá voltar para casa.

– Espere aqui, já volto – falou enquanto caminhava até o fundo da casa. Dennis ficou parado na entrada, não foi até a sala para não molhar o carpete. Pôde perceber que a entrada era mais baixa que o resto da casa, com o piso de ladrilhos descolorados. A parte mais elevada começava com um degrau de cimento e, logo em seguida, todo o piso era acarpetado. Apesar da aparência velha que a casa tinha por fora, dentro a impressão era melhor. Pintada de cor clara para produzir um ambiente mais iluminado. Tinha poucos móveis, mas a impressão geral era a de um local confortável. As janelas estavam cobertas por cortinas bem espessas e não havia mais nenhum outro item de decoração, como era comum às casas. Olhando mais atentamente dava para perceber que nada era novo, apenas parecia pouco usado. A casa parecia mal cuidada, assim como Valquíria, que parecia um pouco desleixada com sua aparência.

Talvez eles estejam em dificuldades – pensou.

De onde estava, podia ver que havia uma cozinha e mais ao fundo um corredor onde deveriam ficar os quartos, banheiro, etc.

Quando Valquíria voltou, trazia uma calça e uma camiseta que entregou para ele junto com uma toalha. Apontou para uma porta no início do corredor onde deveria ser o banheiro, dizendo que ele poderia se trocar ali.

Dennis pegou a roupa e tirou os sapatos antes de pisar no tapete deixando-os no chão de ladrilhos. Caminhou até o banheiro, abriu a porta; os azulejos da parede, brancos já amarelados pelo tempo, iam até o teto. Havia uma enorme banheira branca, assim como também eram brancas a pia e a privada. Tudo parecia antiquado. Ali a impressão era meio incômoda, como estar em um hospital abandonado. O espelho na pia, com rachaduras escuras, era grudado direto na parede. O banheiro parecia “pelado”, faltavam coisas que os banheiros costumavam ter, principalmente, quando havia mocinhas na casa, como escova de dente, sabonete, xampu, produtos de beleza, etc. Não tinha nada. Abriu a torneira, o ar preso na tubulação gorgolejou e uma água escura de ferrugem escorreu por alguns instantes antes de sair limpa.

Será que tem outro banheiro nos fundos? Ou nos quartos? Porque esse parece que ninguém usa. Será que ninguém toma banho ou escova os dentes nessa casa? – pensou enquanto

começava a tirar a calça.

Estava molhado da cabeça aos pés, tirou tudo e, antes de se enxugar, cheirou a toalha e as roupas que ela lhe dera, tinham um cheiro enjoado de naftalina. Vestiu as calças e se sentiu um pouco estranho, não estava acostumado a ficar sem cuecas. A calça era grande para ele, ficava caindo pelas pernas. Retirou o cinto da calça molhada e apertou bem na cintura. Serviu para prender a calça, mas ficou parecendo um saco amarrado pela boca. Dobrou a barra da calça que estava arrastando pelo chão. Vestiu a camiseta polo. Era grande também, mas não ficou ruim e até cobriu a maior parte da calça folgada.

Bom... Já está escuro mesmo e não tem muita gente pela rua. Ninguém vai notar – pensou.

Dobrou a roupa molhada num montinho. Talvez ela tivesse alguma sacola para colocar a roupa molhada. Lembrou então, que ela vestia a mesma roupa do primeiro dia que a conheceu.

Será que ela não tem mais roupas? – pensou. Apagou a luz do banheiro e saiu. Valquíria o esperava do lado de fora.

– Você não tem uma sacola para que eu possa levar essa roupa embora?

– Espere um pouco, vou procurar.

Enquanto ela saía, ele a ficou reparando em seus trajes: era o mesmo vestido, florido com pregas na cintura, comprido até o joelho que ela estava usando no outro dia. Estava um pouco amassado como se nunca tivesse visto ferro de passar; e um pouco sujo na barra, na parte de trás, indicando que não tinha sido lavado desde o outro dia. Os cabelos compridos que ela usava, pareciam estar um pouco emaranhados. Como se fossem penteados com os dedos ao invés de uma escova.

Quando morava com os pais, às vezes, na volta da escola, via um mendigo que morava embaixo de um viaduto. Seus cabelos compridos e a barba eram um emaranhado de sujeira, fazendo um bolo endurecido. Os trapos que vestia imundos, pareciam grudados no corpo. E mesmo passando longe dele, o mau cheiro era insuportável. É claro que esse não era o caso de Valquíria. Porque mesmo próximo dela não sentiu odor algum, como também não sentiu nenhum perfume.

Será que eles estão passando por dificuldades financeiras ou o pai era do tipo sovina, que só comprava o necessário? – pensou, sentindo pena dela.

Valquíria voltou trazendo um saco plástico transparente.

– Achei esse aqui, será que serve?

– Está ótimo – ele disse, enquanto pegava o saco e colocava a roupa molhada dentro, depois deixou ao lado de sua bolsa.

– Tem outro banheiro aqui na sua casa? – perguntou.

– Não, por quê? Tem alguma coisa errada com esse? Quer usar outro?

– Não, não. Foi só curiosidade. É que onde moro tem outro banheiro no meu quarto – disfarçou.

– Ah, é mesmo? – ela disse enquanto caminhavam para a sala.

– Sente um pouco e espere a chuva passar – ela falou apontando o sofá.

Dennis foi atrás dela e sentou-se no sofá, ela sentou a seu lado.

– Seus pais não estão em casa?

– Não, eles já morreram há algum tempo. Somos apenas eu e meu irmão – disse.

– Ah, puxa sinto muito. Os meus também morreram no ano passado. Por isso, vim morar

aqui na casa de meu tio.

– Não se preocupe, os meus morreram há muito tempo – ela respondeu.

Dennis resolveu mudar de assunto.

– Essa chuva atrapalhou. Hoje eu ia convidar você para irmos a uma loja; se você pudesse, é claro.

– Ir a uma loja? Não sei... Para fazer o que? – Ela perguntou surpresa.

– É que quero comprar um disco. Pensei que talvez você pudesse ir comigo. Vamos amanhã? Não é muito longe.

– Melhor não... , mas por que você quer que eu vá junto com você?

– É que você é a primeira amiga que fiz aqui.

– Não sei se é uma boa ideia...

– Ah, vamos, você vai estar ocupada? Vai fazer alguma coisa?

– Não, mas é que não costumo sair.

– Amanhã é sábado, e eu não tenho aula. Só educação física na parte da manhã, a gente pode ir mais cedo.

– Não! Infelizmente, durante o dia, não posso mesmo. Talvez na mesma hora de hoje, depois das seis da tarde. Onde fica essa loja?

– Fica na avenida Perimetral. A gente pode pegar um ônibus aqui na praça em frente a sua casa.

– Não podemos ir andando?

– Hum! Andando, deve levar uns quarenta minutos. Por mim, sem problemas, mas para você tudo bem?

– Não me incomodo em andar – ela disse.

– Então combinado – ele falou, sorrindo.

Era a primeira vez que convidava uma garota para sair. Pensou que seria mais difícil. Não conseguia nem perguntar as horas para alguém na rua, ou esclarecer alguma dúvida com a professora na classe. A voz sumia, a língua enrolava, começava a gaguejar. E agora com ela, tinha sido natural, nem havia ficado vermelho.

– Val, você tem uma vitrola? Vou comprar o disco, mas não tenho como escutá-lo. A vitrola que tinha, ficou na minha antiga casa. Não pude trazer muita coisa quando vim para cá.

– Ela foi até a estante e se ajoelhou, abriu o compartimento de baixo e puxou um objeto quadrado que parecia uma caixa de plástico nas cores vermelha e branca. Era uma daquelas vitrolas portáteis: a parte branca, o toca-discos; e a tampa vermelha, o alto-falante.

– É isso aqui?

Ele se ajoelhou perto dela para poder ver melhor o aparelho.

– Sim, sim. Isso mesmo. Você tem algum disco aí para gente escutar?

Ela se inclinou novamente para estante e pegou alguns discos que estavam no compartimento onde se encontrava a vitrola.

Mostrou para ele, eram discos velhos e todos de música clássica.

– Você só tem esses, não tem nenhum mais novo? – perguntou.

– Não, só tenho esses. Gosto de escutar quando estou sozinha. Escolheu um deles e colocou na vitrola. O som monofônico, com um leve chiado, espalhou-se pelo ambiente. Dennis achou melhor comprar uma agulha nova também, por via das dúvidas. Não tinha o costume de ouvir

música clássica, fechou os olhos e tentou se concentrar. Era uma música que já havia escutado antes num desenho animado, começou a rir enquanto lembrava.

– De que você está rindo? – escutou-a falar. Abriu os olhos e viu que ela o fitava com seus olhos azuis.

– Não foi nada, é que essa música me lembrou um desenho a que assisti.

– Desenho?

Ela o olhava com uma cara de quem não tinha entendido nada.

– Você não vê televisão?

– Não, não temos TV em casa.

– É uma espécie de filme, só que feito com desenhos.

Ela ergueu as sobrancelhas tentando imaginar.

– É sério? Você nunca assistiu a um desenho animado?

– Ah, desenho animado... Assisti a *Bela Adormecida* uma vez no cinema.

Dennis achou incrível alguém ainda não ter assistido aos bombardeios diários de desenhos animados e suas repetições na TV. Mas a casa dela era meio pobre de móveis e talvez eles não tivessem condições de comprar uma TV, coitada. Resolveu mudar de assunto.

– Val, amanhã quando comprar o disco será que posso escutá-lo na sua vitrola?

– Pode levá-la emprestado se você quiser – ela disse.

– Então depois você me empresta. O.k.?

– Hum, hum! – ela disse e depois completou:

– Dennis, você poderia me fazer um favor?

– Sim, claro, o que é?

– Amanhã quando vir pode comprar alguns jornais para mim?

– Claro, mas essa banca aí da praça não tem?

– É que está sempre fechada nas horas que tenho tempo disponível. Espere um pouco, vou pegar o dinheiro para que você possa comprar os jornais – e dizendo isso se levantou, demorou alguns minutos e quando voltou trazia algumas notas na mão.

– Será que isto dá? – falou enquanto passava as notas para ele.

Dennis olhou as notas e riu enquanto as pegava. Eram duas notas de quinhentos e três notas de cem cruzeiros. Todas novinhas em folha.

Para quê tudo isso? Vai querer comprar a banca toda? – disse rindo; pegou uma nota de cem e devolveu o resto para ela.

– Essa aqui dá e sobra.

– É que nunca me preocupei em comprar nada, é meu irmão quem compra tudo. Não sei o valor de nada – ela falou rindo, também.

A chuva estiou e Dennis resolveu ir para casa. O irmão de Valquíria poderia voltar a qualquer momento e ela falou que era melhor ele ir embora. Despediram-se na porta da casa. Depois que deu alguns passos, Dennis se voltou e acenou para ela que continuava à porta e Valquíria acenou de volta. Ainda não acreditando que não estava sonhando, ele apertou o passo como se o fato de andar mais rápido pudesse apressar a chegada do dia seguinte.

Amanhã se encontrariam de novo – era só o que lhe passava pela cabeça. Ele estava tão contente que até esqueceu a raiva por terem quebrado seu guarda-chuva de propósito. Afinal se não tivesse se molhado, provavelmente, ela não o teria chamado em casa. Pegou o guarda-

chuva quebrado e o jogou num latão de lixo da praça.

Depois de algum tempo, após ter chegado à sua casa, foi que se lembrou da roupa folgada que estava vestindo. Havia se esquecido completamente; se alguém reparou, não percebeu.

Melhor assim – pensou. – Amanhã deixaria a roupa em alguma lavanderia. Nem pensar em pedir para tia lavar. Ele nunca tinha lavado roupa também, provavelmente não ficaria bom. Aliás, era melhor ele começar a levar suas próprias roupas a uma lavanderia, antes que a tia começasse a falar sobre isso também. Foi até o guarda-roupa e pegou sua mala, abriu o compartimento escondido onde deixava seus documentos e pegou o dinheiro da mesada que vinha guardando. Tirou um pouco e guardou o resto de volta. Além do disco, queria comprar mais algumas coisas. Colocou o dinheiro em sua carteira junto com a nota de 100 cruzeiros que Valquíria lhe dera.

É... Pobres, eles não o são. O irmão é que deve ser mesmo avarento – pensou.

Pegou no guarda-roupa a roupa que iria vestir e deixou em cima da cama, depois colocou a carteira embaixo do travesseiro. Entrou no pequeno banheiro, despiu as roupas emprestadas e as colocou junto com as suas roupas molhadas. Ligou o chuveiro. O jato de água fria escorreu por seu corpo, a sensação não era ruim porque o tempo estava quente. Mas precisava comprar um chuveiro elétrico antes que o clima esfriasse. O banheiro era tão apertado que o vaso sanitário ficava completamente molhado como se ficasse embaixo do chuveiro.

Não podia se esquecer de sempre usar o sanitário antes de tomar banho – Vestiu-se, deitou-se na cama e olhou o relógio, eram quase dez e trinta da noite. Puxou sua bolsa e tirou de dentro um livro que havia comprado no jornaleiro pela manhã. Eram três contos de Sheridan Lefanu, começava com Carmilla. Apagou a luz do quarto e ligou o pequeno abajur que trouxera de casa. Começou a ler. Enquanto lia, pensou que deveria começar a trancar a porta do quarto para evitar surpresas desagradáveis quando voltasse. Meia hora depois, dormia profundamente com o livro caído ao lado da cama.

A noite mal começara para Valquíria. Ainda não tivera nenhuma notícia sobre Adam e ela já sabia que o pior havia acontecido. Teria que se virar sozinha de agora em diante. Ligara o rádio à procura de qualquer notícia, mas não houve nenhuma que lhe trouxesse alguma informação. Talvez nos jornais que Dennis iria lhe trazer houvesse alguma informação. Porém, nesse caso, não seria das melhores. Já haviam falado várias vezes sobre a possibilidade de um dia Adam não voltar.

Existiam duas possibilidades:

A primeira: Ele podia ser morto por alguma vítima que reagisse ou então pela polícia.

A segunda: Era apenas uma esperança em que ela queria se agarrar: Ele podia ter sido preso.

Qualquer uma dessas duas possibilidades seria desastrosa para ela. Se ele não voltasse dentro de poucos dias teria que se alimentar por conta própria. Mesmo que ele estivesse preso em algum lugar, ela não saberia onde procurá-lo e muito menos pedir a alguém para fazê-lo. Teria que dar um jeito de descobrir onde ele estava para ir soltá-lo. Não haveria dificuldade alguma para ela em fazer isso. Havia também, a numeração falsa da placa do carro que ele colocava todas as vezes que saía à caça de alguma vítima. Mas, dessa vez, ele dissera que só ia fazer umas compras e voltaria logo. Talvez não tenha trocado a numeração. Ela não tinha certeza. Em todo caso, procuraria pela placa do carro na seção policial.

Outro ponto a se destacar: ela nunca fizera nada sozinha. Sempre dependera de Adam e,

antes dele, de seu pai. Eles sempre cuidaram dela. Não sabia nada sobre nada. Tinham mais algumas casas em outros lugares e, de vez em quando, mudavam de ambiente, para não chamar muito a atenção. Mas ela não saberia ir para nenhum desses lugares. Tinha a documentação e poderia achar a localização, mas teria que aprender a se locomover sozinha. Além de que, só poderia fazê-lo à noite. Eles não tinham problemas financeiros. O pai tinha deixado posses suficientes, mas, física e mentalmente, ela era uma criança de treze anos, não poderia fazer várias coisas que os adultos faziam para não chamar a atenção. Porém, legalmente era muito mais velha e poderia movimentar todos os seus bens por intermédio de outras pessoas, e era Adam que fazia tudo. Ela não podia confiar em mais ninguém, pelo menos no momento. Decidiu se alimentar antes de deitar, assim teria mais tempo quando acordasse. Não podia ter uma crise de abstinência assim que se levantasse. Tinha que estar lúcida para poder agir. Alimentando-se bem, poderia ficar muito mais tempo sem precisar fazer alguma vítima. O ritmo até agora tinha sido bom; mas, sem Adam, não poderia mais manter o estoque. E ela não tinha condições de fazer estoque algum. Ia ter que sair mais vezes, e qualquer dia desses alguém poderia vê-la, talvez esse fosse o início do fim.

Não queria pensar mais nisso por enquanto. Tinha que relaxar e colocar os pensamentos em ordem. Primeiro tinha que saber o que havia acontecido realmente com Adam e, depois, decidir como agir. Resolveu jogar paciência, pois sempre que jogava conseguia raciocinar claramente. Foi até a estante, pegou um baralho novo e depois o abriu em cima do carpete. Gostava de jogar com cartas novas. Adam sempre comprava vários baralhos diferentes para ela. Tinha muitos baralhos, quando sujavam ou quando ficavam levemente amassados, jogava-os fora. Deitou-se de bruços e começou o jogo de paciência. Tinha bastante tempo para jogar.

* * *

Quando Dennis foi tomar o café da manhã naquele dia, seu tio estava em casa.

– Bom-dia, filho! Como está? Já se adaptou à nova escola? – Olavo perguntou assim que ele entrou na cozinha.

– Já tio, sem problemas. Está tudo correndo normalmente – respondeu.

Durante a semana, ouvira alguma conversa sobre os tios irem à casa de uns parentes no fim de semana. Mas ele, felizmente, tinha aula de educação física como desculpa para não ir.

– Que pena que você tem aula hoje, senão poderia ir conosco na casa da irmã de Gertrudes – disse o tio.

– É infelizmente tenho aula. Mas não tem problema tio, em outra oportunidade, quem sabe, eu poderei ir – falou. Na verdade, estava feliz por poder se encontrar tranquilamente com Valquíria mais tarde e além do mais, não estava interessado em ir com a tia a lugar algum. Eles passariam a noite lá e só voltariam no domingo. Para ele estava ótimo, não precisava se preocupar com a hora de voltar.

– Tome conta da casa enquanto estivermos fora. O.k.? – Olavo pediu-lhe.

– Está certo, pode deixar.

Gertrudes, então, falou que deixaria o almoço e o jantar prontos na cozinha. Ele deveria comer e depois deixar tudo arrumado. Estava falando com ele de forma amável, mas seus olhos o fulminavam quando o tio não podia ver.

Otavinho passou em direção à sala e falou com ele.

– Você não vai mesmo com a gente, Dennis?

– É, Otavinho, não posso, fica para a próxima.

Dennis subiu para o quarto e foi preparar sua mochila para a aula de educação física. Viu pela janela quando saíram. Sentiu um alívio, não era nada contra o tio e o primo, mas se sentiu bem por estar só.

Hoje como só haveria aula de educação física na parte da manhã, não haveria merenda. Resolveu levar o almoço numa marmita e comer por lá mesmo, assim, poderia ir direto ao centro comercial sem precisar voltar para casa. Desceu até a cozinha e procurou no armário algo que servisse de marmita. Achou um pote de plástico com tampa.

Esse vai servir – pensou.

Lavou e secou o vasilhame. Abriu a tampa da frigideira que estava em cima do fogão; havia um ovo frito, colocou-o na marmita. Pegou a panela de arroz e quando a abriu pensou ter se enganado de panela, pois dentro havia só uma crosta grossa de arroz queimado. Largou a panela em cima do fogão, procurou na geladeira e no forno, mas não havia mais nada.

Pegou novamente a panela de arroz, abriu a tampa e olhou enraivecido, aquilo havia sido arroz, mas se queimara por completo. Ela havia tirado a parte boa e deixara para ele a crosta queimada.

Seu almoço e jantar iam ser aquilo: arroz queimado com ovo frito? – pensou irritado. É, realmente, aquela desgraçada não ia deixar as coisas fáceis para ele, já podia perceber.

Foi até a geladeira pegou mais um ovo e o fritou, depois o colocou junto com o outro no pote. Abriu o cesto de lixo e jogou fora o arroz queimado. Compraria pão e refrigerante na padaria. À noite, poderia ir numa lanchonete com Valquíria. Lavou bem a panela e deixou pendurada para secar. Não ia dar motivos para ela falar mal dele para o tio. Ia tomar cuidado de agora em diante, tinha que andar na linha, não podia baixar a guarda.

Olhou mais uma vez se não havia esquecido nada. Foi quando notou o rádio despertador em cima do armário. A tia o usava todos os dias para escutar um insuportável programa matinal sertanejo. O apresentador, um sujeito tão insuportável quanto o programa, ficava falando um monte de asneira e depois gritava uns nomes ridículos. Dennis detestava tomar café da manhã e ficar escutando aquela merda.

Sem pensar duas vezes, pegou o rádio, colocou-o dentro da pia e ligou a torneira. Depois balançando o rádio, tentou secá-lo, o máximo que fosse possível. Enrolou um pano de prato na mão, afinal não queria ser eletrocutado, girou o botão de ligar e ficando o mais longe que pôde, ligou o fio na tomada.

O rádio funcionou normalmente.

“Putaquepariu”! – pensou contrariado.

Pensou em abrir o rádio e arrancar alguma peça fora, mas não tinha nenhuma ferramenta à mão. Viu então o alto-falante do rádio coberto pela telinha protetora e teve uma ideia. Pegou um palito de dente e fez vários furos no alto falante. Ligou o botão novamente e o som, dessa vez, foi apenas uma chiadeira insuportável. Contento com o resultado secou mais um pouco o rádio e o colocou de volta em cima do armário.

Isso é por minhas revistas, sua desgraçada – pensou.

Se ela o acusasse de ter danificado o rádio, negaria até a morte. O tio acreditaria nele dessa vez. Olhou mais uma vez em volta.

O.k., agora está tudo em ordem – falou consigo mesmo.

Fechou a porta e saiu. No caminho, deixou as roupas na lavanderia. Depois foi ao jornaleiro comprar os jornais que Valquíria lhe pedira; comprou quatro tipos diferentes de

jornais e foi até a casa dela. A casa estava completamente silenciosa. Tocou a campainha e esperou um pouco, tocou outra vez, não houve resposta.

É... Realmente ela não está – pensou enquanto colocava um a um os jornais pela abertura de correspondência da porta, colocou também um saquinho plástico com o troco. Bisbilhotou um pouco em volta da casa e depois conformado com a ausência dela, foi para a escola.

* * *

O que Dennis não gostava na aula de educação física, eram os exercícios de resistência. Principalmente quando o professor mandava os alunos correrem pelas ruas, fora da escola. Ele sempre ficava por último. Geralmente, não alcançava o resto do grupo, e quando passava quase se arrastando e sem fôlego, outros garotos que encontrava pelo caminho faziam chacota dele.

– Olha lá, o otário!

– Corre, abestalhado!

Riam e gritavam com ele. Alguns aproveitavam para lhe dar “cascudos” na cabeça e sair correndo. Mas isso não era privilégio da nova escola, sempre fora assim, mesmo antes na outra escola. Por isso, detestava aula de resistência nas ruas e detestava educação física. Depois, quando chegava quase morrendo, com os pulmões estourando, o professor ainda o fazia dar várias voltas na quadra da escola. Quando havia qualquer tipo de competição na escola como vôlei, basquete ou futebol, geralmente, ele era o último a ser escolhido, porque era péssimo e desajeitado e só o escolhiam quando não havia mais ninguém para completar algum dos dois grupos.

No próximo ano, quando entrar para o colegial, se tiver escolha, não vou fazer educação física – pensou.

No final da aula, enquanto a maioria dos alunos fazia fila para usar os chuveiros do vestiário, pegou o lanche e foi comer nas mesas do refeitório.

Pensou como as coisas eram engraçadas – até o ano anterior sempre tinha um ou outro colega com ele planejando o que iriam fazer depois da aula. Aonde iriam e que tipos de brincadeira fariam. Isso quando não levavam calção de banho para, após a aula, ir direto para a praia.

Lembrou-se de uma vez em que ele e mais dois colegas da sétima série tinham ido à praia depois da aula. O mar estava bravio nesse dia e, em um determinado momento, uma onda mais forte o arremessou para fora, fazendo-o derrubar um homem que passava na beira da praia. O homem tinha ficado nervoso e quis bater nele. Mas os dois amigos vieram socorrê-lo, se juntaram e deram uma surra no sujeito. Fugiram correndo de lá e nunca mais voltaram àquela parte da praia. Ele também não sabia nadar e se os pais soubessem dessas idas à praia após as aulas, com certeza, não iam gostar de forma alguma.

Lembrou-se então do primeiro dia de aula, logo após o falecimento dos pais. Tinha chegado atrasado à primeira aula e quando entrou levou um susto quando a professora lhe deu os pêsames. Foi então que reparou que todos pareciam estar olhando para ele. Sentiu-se como se estivesse andando com uma melancia pendurada no pescoço. Ainda não estava acostumado com sua nova condição de órfão. Mas logo tudo voltou ao normal; ele, porém não se sentia disposto para diversões e quando podia passava no cemitério onde os pais estavam. Quando estava se aproximando o dia de sua viagem para São Paulo, voltou a sair com os colegas, pois precisava se divertir, a fim de esquecer-se um pouco de sua tragédia. Na sua nova cidade, no

ABC, só conhecera Valquíria, e tinha trocado uma meia dúzia de palavras com Benito.

Acabou de comer e voltou para o vestiário. Os chuveiros já estavam desocupados. Deixou sua bolsa e a sacola com a marmita vazia em um dos armários, pegou a toalha e a roupa que ia vestir e foi para o chuveiro. A parte do vestiário, onde ficavam os chuveiros, estava escura em um ou outro ponto pela infiltração de água. Também faltavam vários azulejos que cobriam metade da parede. Chuveiro mesmo, na concepção da palavra, só havia um, o resto eram apenas canos que saíam da parede. Tirou o calção e a camiseta e pendurou-os no suporte para toalhas. Na saboneteira, incrustada na parede, havia um resto de sabonete com vários tipos de cabelos. Ele trazia sempre o seu próprio sabonete. Girou a torneira e sentiu um arrepio quando a água fria escorreu do cano e caiu por cima dele. Enquanto tomava banho, podia escutar a algazarra que alguns alunos faziam do lado de fora, também escutava conversas entrecortadas e risadas de alguns que ainda estavam no vestiário. Quando acabou seu banho, já não havia mais ninguém lá dentro. Pegou o calção e a camiseta e colocou-os numa sacola plástica junto com a toalha e o sabonete que trouxera. Vestiu a roupa e foi pegar suas coisas no armário.

Quando chegou perto do armário, sentiu um cheiro desagradável. Abriu a porta e o odor insuportável de fezes saiu numa lufada de dentro de seu armário. Tirou sua bolsa rapidamente e olhou tentando ver de onde vinha o mau cheiro. Só havia a sacola com a marmita de plástico. Olhou dentro da sacola e viu que a marmita antes vazia continha agora alguma coisa de cor marrom. Não precisou abrir para descobrir o que era; tinham defecado dentro do pote plástico. O pote ainda estava quente quando o pegou. Sentiu o vômito subir até a boca. Correu para o vaso sanitário mais próximo e jogou a sacola com o pote de fezes no cesto de papel abarrotado. A golfada de vômito lavou toda a privada que não tinha tampa e depois escorreu pelo chão. O cano de descarga e a parede também tinham sido alvo dos seus engulhos. Quando se sentiu melhor, pensou em limpar a sujeira toda, mas desistiu.

Dane-se! Não vou limpar porra nenhuma – pensou enquanto olhava a parte de dentro da privada. Seu vômito era a coisa mais limpa que havia por lá. Pegou um resto de papel higiênico que, por sorte, havia no banheiro e limpou alguns respingos que tinham caído em sua roupa e no tênis. Sua garganta e a boca ainda tinham o gosto amargo do vômito, foi até a pia e lavou o rosto e fez um gargarejo com água da torneira.

Quando saiu do vestiário, ainda havia vários alunos na escola. Num canto da cantina, que estava fechada, viu Alex junto a Edu e dois outros alunos. Olhavam em sua direção disfarçadamente e riam.

Foram esses miseráveis – pensou. Mas não poderia afirmar isso com certeza porque não viu. Não adiantaria falar nada na diretoria, não ia acontecer nada. Escutou a gargalhada deles quando saía pelo portão da escola.

Como ainda tinha muito tempo, resolveu pegar um ônibus e ir ao centro comercial. Teria que comprar outro pote plástico para que Gertrudes não usasse a falta dele como desculpa para lhe atormentar ainda mais a vida. Queria comprar também o chuveiro elétrico. O presente para Val ia deixar para mais tarde quando estivesse com ela. Mas queria dar uma pesquisada antes, afinal era a primeira vez que daria um presente a uma garota e não tinha ideia do que comprar. Pensou em comprar roupas, mas não queria que ela ficasse ofendida.

Bom... – Teria que botar o cérebro para funcionar e pensar em alguma coisa.

O ônibus que ia pegar se aproximava, deu sinal, subiu e sentou-se ao lado da janela. Quando o ônibus passava por uma rua próxima à escola, viu Alex e Edu indo embora. Edu o

viu no ônibus e cutucou Alex, apontando em sua direção com a cabeça. Ambos voltaram a gargalhar.

Uma Vida Solitária

Quando Valquíria despertou, o dia ainda não tinha escurecido por completo. Viu os jornais que pedira a Dennis, ao lado da porta, pegou-os rapidamente, sentou no sofá e começou a procurar. No primeiro jornal que pegou não achou nada, assim como no segundo. No terceiro, uma notícia lhe chamou a atenção.

SUSPEITO DE DUPLO ASSASSINATO MORRE EM FUGA

Um homem não identificado, suspeito de ter assassinado duas pessoas ontem próximo a uma boate, na região central de São Caetano, morreu em um acidente após o carro que dirigia uma Kombi branca tipo furgão com placa de Campinas AH 2725, que se verificou ser falsa, cair de um precipício na estrada que liga São Caetano a Santo André. O veículo caiu pelo despenhadeiro durante uma fuga que perpetrava após ter sido abordado pela viatura policial, que encontrou o corpo de uma das vítimas próximo ao local onde o veículo do suspeito estava parado. O primeiro corpo encontrado foi identificado como sendo de Antônio Belmiro Lopes, de 25 anos. Outros dois corpos totalmente carbonizados foram encontrados nos destroços do veículo. A polícia suspeita que um dos corpos seja da segunda vítima, Paschoal Bonavides Soares, de 28 anos, que segundo informações acompanhava a primeira vítima já identificada, na hora do ocorrido. Os corpos foram encaminhados para o IML local e continuam as investigações para determinar a identidade do suspeito ou algum fato que venha esclarecer o caso.

As lágrimas que escorreram de seus olhos eram vermelhas tintas de sangue; e ela chorou como não chorava há muitos anos.

Era Adam, não havia dúvida alguma. Adam, seu irmão e protetor, a sua outra parte. Nunca mais o veria, estava acabado. Sua boca começou a tremer, seu corpo se dobrou e o pranto continuou em soluços, seus olhos embaciados brilhavam com as lágrimas que não paravam de correr manchando seu vestido de vermelho. Chorou até a exaustão secar o que havia para chorar. Enxugou o resto das lágrimas no vestido, levantou-se e foi para o seu quarto. Despiu o vestido. Não usava nada por baixo por que não tinha o que usar. Não tinha muitas opções de roupa também. Nunca saía, não precisava ir ao banheiro, nem suava. Não lembrava quando fora a última vez em que tomara banho, nem costumava mais pentear os cabelos. A roupa só as trocava quando sujavam ou rasgavam. E era Adam quem as levava na lavanderia de vez em quando. Adam insistia em levá-la algumas vezes para fazer compras, mas ela não ligava mais para nada. Sua vida se limitava a dormir e se alimentar, era o tédio sem fim. Não sabia por que insistia nessa existência sem sentido.

E agora perdera Adam. Teria que dar um jeito de reaver seu corpo. Talvez Dennis pudesse descobrir onde ficava o tal IML. Ela iria buscá-lo assim que descobrisse. Tinha que agir rapidamente antes que dessem um fim ao corpo de Adam. Jamais se perdoaria se isso acontecesse.

Jogou o vestido num canto e pegou o primeiro que viu e o vestiu. Olhou-se no espelho da penteadeira, procurando por algum vestígio de sangue no rosto. Foi para a sala e viu as horas

no relógio da parede, eram quase 6 horas. Olhou pela fresta da cortina, ainda não estava completamente escuro, mas já não havia problema, o sol tinha desaparecido por trás das montanhas e só o reflexo de sua luz iluminava o resto do dia. Já havia se alimentado antes de deitar, então ainda tinha bastante tempo até a próxima crise de abstinência. Procurou alguma coisa para calçar, achou uma sandália. Não sabia o que havia sido feito de seus calçados, talvez estivessem jogados em algum lugar ou os esquecera na outra casa. Precisava comprar mais alguns.

Abriu a porta e olhou para rua a sua volta, as luzes da praça começaram a acender. Trancou a porta e ficou sem saber o que fazer com a chave. Entrou outra vez e deixou-a pendurada num gancho na parede, saiu fechou a porta e bastou desejar para que a fechadura travasse. Teria que arranjar alguma desculpa caso Dennis voltasse com ela, ele poderia estranhar, diria então que esqueceu a porta aberta. Caminhou até a praça e sentou-se no banco. Alguns minutos depois, Dennis chegou.

Dennis viu Valquíria sentada no banco da praça, notou que ela estava com um vestido diferente. Porém, parecia velho e, como o outro, lembrava os que sua avó vestia. Não combinava com uma garota de 13 anos. Vinha pensando que deveria agir mais como os garotos de sua idade. Tinha que perder a timidez. Aliás, ter feito amizade como uma garota, assim como ele fizera com Valquíria, era um sinal que isso já estava mais que na hora de acontecer.

Ela não deve ter namorado! – pensou. Queria pedir para que namorassem, mas ainda não tinha coragem suficiente para isso.

Caminhou até onde ela estava sentada.

– Olá – falou quando chegou próximo a ela.

– Oi – Valquíria respondeu.

Dennis ensaiara várias vezes beijá-la no rosto, afinal é uma coisa comum entre amigos, não é? – pensava. Porém, ali diante dela novamente faltou coragem. Ficou por um instante parado sem saber o que fazer.

Valquíria pareceu perceber alguma coisa.

– O que foi? Aconteceu alguma coisa? – ela perguntou.

Não sabendo o que dizer ele respondeu:

– Não é nada, mas você parece estar triste, aconteceu algo?

– Não, também não é nada. Só estou preocupada com meu irmão que precisou viajar com urgência – ela disse, mentindo.

– Foi alguma coisa grave? – Dennis insistiu.

– Não, nada demais foi resolver assuntos de família, só fiquei um pouco preocupada.

– Bom então vamos? Você tem certeza que não quer pegar um ônibus? – Dennis disse.

– Não, prefiro ir andando. Tudo bem para você?

– Sem problemas.

Saíram andando pelo caminho que Dennis sempre fazia quando voltava para casa e em menos de cinco minutos estavam passando em frente da casa dele.

– Eu moro aqui – ele apontou a casa. – Na volta vamos passar em minha casa?

– Mas e seus parentes? – Ela perguntou, preocupada com a exposição em excesso.

– Não se preocupe, hoje estou sozinho em casa. Eles saíram e só voltam amanhã.

– Então está bem, vou conhecer sua casa – ela disse.

Os dois seguiram caminhando, o céu estava estrelado e a temperatura amena.

– Val, você é daqui de Santo André?

– Não, eu nasci em Santos no litoral paulista. Mas nos mudamos para cá há algum tempo eu e meu irmão.

– Eu me mudei para cá faz uns dois meses e ainda não conheço nada. Talvez você possa me mostrar alguns lugares.

– Quem? Eu? Mas eu não conheço nada. Só andei próximo de casa. Essa é a primeira vez que vou a algum lugar – ela disse rindo.

– Sério? Mentira vai... – Dennis falou incrédulo.

– Não é mentira, eu nunca saio de casa. Não tive ainda oportunidade, acredite – ela falou séria.

– Então faz pouco tempo que vocês se mudaram para cá, é isso?

– Não, já faz mais de um ano. Talvez seja difícil para você compreender, eu só não costumo sair, apenas isso.

– Então você não tem amigas, amigos... namorado? – a última palavra teimou em sair, quase ficou presa em sua boca, mas escapou por fim ilesa.

– Não, você é a primeira pessoa com quem falo em muito, muito tempo – continuou séria.

– Verdade? Então podemos aproveitar e conhecer tudo por aqui juntos, não é?

– Eu não sei se seria uma boa ideia, minha vida é muito complicada.

– Mas o que pode haver de complicado em sermos amigos ou em passear?

– Está certo, mas vamos aos poucos, está bem?

– O.k., combinado – Dennis falou contente com o rumo que a amizade deles estava tomando.

Uma lufada de vento mais forte pegou-os de surpresa, fazendo com que Valquíria segurasse a mão de Dennis. Ao sentir o contato da mão dela na sua, seu coração acelerou, pareceu querer saltar fora do peito, se houve alguma dúvida quanto a pedi-la em namoro, já se dissipara por completo. Precisava ter coragem; não poderia deixar passar a oportunidade.

Caminharam assim por algum tempo de mãos dadas. Dennis internamente era o retrato da felicidade. Logo chegaram à avenida perimetral e ele apontou para a loja aonde iriam. Era um prédio bem grande com o formato abaulado, diferente do normal. A loja era uma espécie de Shopping Center, pois nela havia de tudo. Chegaram a uma das entradas principais onde havia uma daquelas portas de vai e vem. Dennis empurrou a porta para que pudessem entrar e sentiu Valquíria soltar sua mão. Voltou-se rapidamente e ela estava parada diante da entrada.

– O que foi? – perguntou sem entender o que havia acontecido.

– Será que podemos mesmo entrar? – ela falou parecendo muito preocupada.

Dennis achou engraçado ela se preocupar com isso.

– Claro que podemos entrar, é uma loja, qualquer pessoa pode entrar aqui. Venha, vamos entrar – estendeu-lhe a mão para que ela segurasse.

Ela pareceu ainda hesitar um pouco.

– Desculpe-me, se pareço estranha, mas eu o avisei que nunca saio de casa, não estou acostumada e não me sinto bem entrando em lugares desconhecidos.

– Não, você não parece estranha. Não se preocupe com isso, está bem?

– Sim, está certo. Mas você não se incomodaria em me convidar a entrar? – Ela disse com

um sorriso acanhado.

Dennis empurrou a porta de vidro e fazendo uma mesura falou: – Tenha a bondade de entrar senhorita!

Entraram na loja, rindo com a brincadeira. Dennis a puxou pela mão e foram em direção à seção de discos.

– Venha, vamos ali – ele falou enquanto caminhavam. A seção de discos era enorme. Havia vários corredores com estantes repletas de long-plays e compactos, com os últimos lançamentos e também sucessos mais antigos. Dennis foi direto à seção de pop--rock, e procurou por Elton John. Achou vários discos e, no meio deles, o que estava procurando: “*Elton John, Greatest Hits – 1974*”.

Só havia um *long-play*, por isso, tratou logo de pegá-lo por via das dúvidas.

Valquíria olhava tudo admirada. Dennis se aproximou dela, levando o disco consigo.

– Vou levar este aqui – falou enquanto mostrava o disco para ela. Valquíria olhou o disco, mas não conhecia nem o cantor nem as músicas.

– Se você quiser, pode escolher um para você – ele falou.

– Não obrigada, não me interessei por nenhum.

– Posso lhe dar um presente? – ele disse.

– Um presente para mim? Por quê?

– Porque... Porque... Você tem que prometer que não vai ficar chateada.

– E por que eu ficaria chateada?

– Hum... Promete primeiro que não vai ficar.

– Está bem... Prometo.

Não poderia falar para ela que achava seus vestidos antiquados e fora de moda, além de desgastados pelo uso. Nenhuma garota o perdoaria, só se ele estivesse louco para cometer uma bobagem dessas. Além do mais, se ele quisesse namorá-la deveria ser mais esperto.

– É que vi uma garota parecida com você vestindo uma roupa... Bom... – as palavras teimavam em não querer sair.

– Aí, pensei em lhe dar de presente uma roupa igual – ele disse, mentindo.

Valquíria sorriu.

– Não precisa ficar com vergonha por causa disso – disse. – Sabe... Eu não tenho me importado muito com roupas ultimamente. Eu posso aceitar seu presente, mas fico preocupada em você gastar seu dinheiro.

– Não, eu quero realmente comprar, venha – disse e a arrastou até o caixa para pagar o disco; aproveitou também para comprar uma agulha apropriada para a vitrola de Valquíria. Depois foram até seção de roupa feminina jovem.

– Aqui você pode escolher qualquer coisa que gostar – disse.

Ela olhou em volta, andou de um lado a outro, tirou algumas camisetas da prateleira, colocou de volta e depois veio até ele.

– Você não falou que havia visto uma garota vestindo algo que você gostou? Então não quer me mostrar o que era? – disse.

– Está bem... – disse Dennis, balançando a cabeça afirmativamente.

Na verdade, Dennis tinha ficado várias horas no centro comercial, vendo o que as garotas vestiam. Olhou em volta e viu, em uma prateleira, um manequim, vestindo uma blusa branca de

manga curta com alguns detalhes. Várias garotas trajavam algo parecido pela manhã. Mostrou para Valquíria que pegou uma camiseta. Mais à frente havia uma calça com algumas pregas e laços, e que ia apenas até o joelho, Valquíria também pegou uma. Dennis mostrou o provador e falou que ela poderia experimentar a roupa ali dentro. Alguns minutos depois ela saiu.

– E então, ficou bom? – falou enquanto dava uma volta em torno de si mesma.

– Está ótimo – ele respondeu.

– Obrigada pelo presente – ela disse e caminhou em direção a ele.

– Temos que pagar primeiro, você vai ter que tirar de novo.

Ela riu, e voltou para dentro do provador. Quando ela saiu, ele lhe disse:

– Vamos ao setor de calçados? O que você acha de comprar um tênis?

– Tênis?

– Sim, um calçado igual a este que estou usando – apontou para seus pés. Lembrou-se então de que fora da aula de educação física, ainda não vira nenhuma garota usando tênis na rua.

– Ah, acho que garotas não gostam muito desse tipo de calçado – disse.

– Hum, parecem confortáveis – ela disse, olhando com interesse para o tênis que Dennis calçava.

Dennis pagou as roupas e depois foram até a seção de calçados onde ela escolheu um modelo de tênis baixo e colorido. Saíram caminhando pela loja e quando passavam pelo setor de cosméticos Dennis pediu para que ela esperasse um pouco, entrou na seção e depois voltou trazendo uma sacola.

– O que é isso? – ela perguntou.

Dennis ia responder alguma coisa, mas caiu em si, comprara num impulso, ao passar em frente à seção. Mas agora pensando bem, cometera uma tremenda bobagem. Qualquer garota não falaria nunca mais com ele. Parecia que ele só conseguia fazer besteiras nesse dia. Ficou sem jeito sem saber direito o que dizer.

– Sabe... É... É que quando fui ao banheiro da sua casa naquele dia, notei que não tinha sabonete. Então comprei sabonete, xampu, condicionador, escova e creme dental. Pensei que talvez você tivesse dificuldades em sair para comprar, como aconteceu com os jornais.

– Eu estou fedendo? – ela falou enquanto tentava cheirar o próprio corpo.

– Não, não é isso, desculpe-me não foi essa minha intenção... – como pôde ter sido tão estúpido – pensou se recriminando.

Valquíria percebendo o embaraço dele colocou suavemente sua mão sobre a dele.

– Dennis, escute. Você disse-me que somos amigos, não foi?

Ele balançou a cabeça confirmando.

– Então vamos combinar uma coisa, está bem? Não precisa ter vergonha ou se preocupar em falar nada para mim, nem ter receio de me perguntar nada também. Talvez eu faça a mesma coisa com você, ou precise de sua ajuda. Como lhe falei, meu irmão precisou viajar para longe, foi resolver alguns assuntos de família e vai demorar em voltar, eu fiquei sozinha.

– Você está sozinha em sua casa?

– Sim, estou só. Eu falei para você que nunca saio de casa, não conheço nada, e é verdade. Talvez você possa me ajudar, se você puder, é claro.

– Claro que posso, pode contar comigo, vou ajudá-la no que você precisar.

– Obrigada, eu não sei muito sobre as coisas que a maioria das pessoas fazem, então não

vou ficar zangada se você me perguntar ou me falar qualquer coisa, por mais estranho que possa parecer; ou, por exemplo, comprar sabonetes e dentifrícios para me presentear. Está bem assim?

– Está bem. Mas você não está fedendo. O.k.?

– O.k. Entendido – ela sorriu.

Valquíria tentou se lembrar de quanto tempo fazia que não se importava com mais nada. Não conseguiu. Não se preocupava mais com a aparência nem com roupas, estivera muito desleixada; afinal não tinha mesmo aonde ir. Precisava mudar isso imediatamente. Teria que comprar mais roupas e, principalmente, mandar lavá-las. Mas não sabia exatamente o que deveria fazer. Na verdade, deixara Adam cuidar de tudo e agora sem ele teria que se virar. Talvez Dennis pudesse ajudá-la com alguma coisa da vida cotidiana.

– Mas, por outro lado, seria isso justo? – pensou. Sua vida era amaldiçoada, ela não tinha o direito de envolvê-lo nisso. Estava acontecendo alguma coisa errada com ela ultimamente, se sentia diferente. Estava gostando de ter conhecido Dennis, de sua companhia. Mas sabia que se ele descobrisse o que ela era de verdade, iria desprezá-la, e com toda razão. Teria nojo dela, pior ainda, teria medo. Ela jamais faria algum mal a ele; todavia, deveria ficar preparada para o seu desprezo.

– Você não está com fome? – Dennis perguntou para ela – Que tal se a gente fosse comer numa lanchonete?

– Obrigada pelo convite, mas não posso aceitar. Eu não como fora de casa, tenho uma dieta especial – disse, e era verdade, porém, sentiu-se como se estivesse mentindo.

– Mas você pode comer se quiser, eu faço companhia enquanto você come.

– Verdade? E refrigerante você pode beber?

– Não, não posso beber também, me desculpe, realmente não posso. Espero que você possa compreender.

– Está certo. Mas, posso perguntar por que não pode?

– É uma doença rara que tenho, mas não precisa se preocupar não é nada grave, não vou morrer por causa disso, também não precisa ficar com medo que não é transmissível – disse com um sorriso.

As compras que fizeram couberam numa única sacola que Dennis carregava. Passaram em uma padaria onde Dennis comprou alguma coisa para comer.

– Vamos voltar por outro caminho que quero lhe mostrar algo – disse a Valquíria.

Atravessaram a passarela e seguiram por uma avenida um pouco mais movimentada que a rua que tinham vindo. Há alguns metros adiante, chegaram a um cinema. O nome do cinema escrito em letras grandes piscava em um painel luminoso. Os cartazes internos mostravam a sessão que estaria passando no dia seguinte, domingo. O filme era “Vampira” com David Niven no papel principal. Não era filme de terror e sim uma comédia romântica.

– Vamos assistir a esse filme amanhã? – perguntou.

Valquíria olhou os cartazes e achou engraçado – Você e suas histórias de vampiro – disse e depois continuou. – Sabe... Faz muito, muito tempo mesmo, que não vou a um cinema; na última vez em que fui, assisti com meu irmão e nossa governanta a um filme chamado “Viagem ao Centro da Terra”.

– Nossa! Você falando assim até parece que foi há uns vinte anos – disse Dennis, rindo.

Valquíria riu também e depois falou:

– Posso vir assistir com você, mas qual é o horário?

– Deixe-me ver... Amanhã às oito horas da noite – Dennis disse. – Está bem para você?

– Nesse horário está bem, vamos assistir ao filme.

Saíram do cinema e desceram a avenida principal em direção à casa de Dennis e, alguns minutos depois, estavam em frente ao portão da casa.

– Venha, vamos entrar um pouco para que você possa conhecer onde moro – Abriu o portão e subiram até o quarto. Ele colocou a sacola de compras no chão, pegou a chave no bolso da calça, destravou a porta, entrou e acendeu a luz. Valquíria ficou parada diante da porta.

Dennis se virou e a viu, parada do lado de fora.

– O que foi?

– Você poderia me convidar a entrar? – disse

Ele achou engraçado.

– Claro entre, por favor, a casa é sua, mas não olhe a bagunça – disse rindo.

Valquíria entrou. Dennis apontou a cama dizendo para ela sentar. Ela então se sentou aos pés da cama e se recostou na parede. Dennis largou a sacola no chão ao lado da cama e, sentando ao lado dela, tirou o tênis com os pés, se espreguiçou e rolou na cama encostando-se na parede. Ela tirou as sandálias se encostou mais na parede, ficando perto dele. Olhou Dennis nos olhos e alisou seu rosto com as costas da mão.

Estava em conflito com suas emoções, gostava da companhia dele, mas não achava direito fazer o que estava fazendo.

Dennis começou a falar:

– Essa casa é do meu tio e eu moro aqui de favor, depois que os meus pais morreram no ano passado.

– De favor? Como assim?

– É o que a mulher do meu tio vive me dizendo. Na verdade, foi ideia do meu tio trazer-me para cá. Mas a mulher dele não gostou; minha presença é um incômodo para ela. Disse-me claramente que me envenenaria se eu continuasse aqui, eu até achei melhor voltar, mas, agora, não quero mais.

– O que você pretende fazer?

– Não sei ainda, mas tenho que arranjar alguma solução.

– Dennis escute: você nunca deve subestimar ninguém, tome cuidado, está certo?

– Hum, hum! Ele concordou, balançando a cabeça, depois falou: Val..., E seu irmão? Essa viagem dele vai ser demorada?

– Sim parece que vai – ela disse séria.

– Então você está sozinha mesmo?

– Sim, somos apenas eu e meu irmão, lembra-se?

– E essa sua família, não tem ninguém que possa cuidar de você?

– Depois que nosso pai faleceu, nossa família se resume apenas a nós dois.

– Bom, eu posso ajudá-la quando você precisar.

– Obrigada – ela falou e descendo ao chão, olhou embaixo da cama.

– O que foi? – Dennis perguntou.

– Não foi nada, só estou vendo se dá para me esconder aqui embaixo se sua tia chegar de repente.

Começaram a rir e Dennis então disse.

– Não se preocupe ela não vem aqui quando estou em casa.

Valquíria o olhou por alguns instantes e depois falou:

– Dennis, você sabe como eu posso fazer para ir a algum lugar à noite em caso de emergência?

– Ir aonde, por exemplo?

– Agora que meu irmão viajou se de repente precisar ir a um hospital, não saberei o que fazer.

– Você pode chamar um táxi.

– Sim, mas como faço para chamar um?

– Você pode ligar para informações da telefônica e pedir o número de algum táxi que atenda à noite.

– Eu não tenho telefone em casa – ela disse.

– Você pode vir aqui em casa ligar.

– Hum, hum! Mas se for uma emergência? E também não quero incomodar seus parentes.

Dennis pensou na cascavel da tia, e no quanto ela podia reclamar se ele trouxesse alguém à noite para usar o telefone.

– Espere um pouco – ele disse. Saiu e, alguns instantes depois, voltou, trazendo um papel.

– A telefônica me passou esse número de uma companhia de táxi que atende à noite aqui na região. Você pode ligar de um orelhão – disse, entregando o papel a Valquíria; foi até o guarda-roupa e, remexendo numa bolsa, trouxe algumas fichas telefônicas que comprara há muito tempo, quando precisava ligar para os pais. Já havia verificado que as fichas serviam nos telefones da redondeza. Entregou-as a Valquíria.

– Use essas fichas para ligar do orelhão lá da pracinha em frente a sua casa – disse.

– Obrigada – ela falou agradecida.

Ficaram conversando por algum tempo, e depois resolveram voltar para a casa de Valquíria.

Quando Valquíria abriu a porta seus temores haviam sido infundados, pois Dennis não percebeu a falta da chave, ela entrou e acendeu a luz. A luz forte e as paredes pintadas de branco deixavam o ambiente bem iluminado. Dennis entrou e se sentou no sofá. Deixou a sacola que trazia em cima da poltrona. Valquíria se aproximou dele.

– Dennis você não estava com fome? Pode comer se quiser e não se preocupe comigo.

– Você vai trazer sua dieta especial para a gente comer junto? – ele perguntou enquanto retirava o pacote com o lanche de dentro da sacola.

– Não. Pode comer à vontade, pois você se assustaria só de ver minha dieta – ela disse rindo.

– Por quê? Você come alguma coisa nojenta nessa sua dieta?

– Mais ou menos, acredite você não ia gostar.

– Está certo, então vamos deixar esses seus remédios de lado.

Ela gostou da definição que Dennis deu a sua dieta: remédios, sim era seu único remédio.

– Mas, o que nós vamos fazer? – perguntou para Dennis.

– Vamos jogar algum jogo. O que você tem?

– Bom eu gosto de baralho, mas tenho também damas, xadrez, dominó e outros jogos.

– Vamos jogar baralho, você sabe jogar truco? – Dennis perguntou.

– Truco? Não, não sei, não conheço.

– Eu lhe ensino, é divertido. Vamos escutar o disco que comprei enquanto a gente joga?

Valquíria pegou a vitrola na estante e deu para Dennis. Ele trocou a agulha que estava gasta pela nova que havia comprado. Colocou o disco para tocar e a voz de Elton John inundou o ambiente. Ela trouxe dois baralhos novos e sentou-se no carpete diante dele.

Dennis começou a explicar as regras do jogo.

– Neste jogo, apenas um maço de cartas é suficiente – ele disse, pegando um dos baralhos e tirando o plástico protetor.

– Só vamos precisar das cartas, ás, dois, três, dama, valete e rei. Ela escutava atentamente. Vamos aproveitar duas cartas: “dez” para fazer a contagem de pontos que cada um fizer, e mostrou para ela como contar. Explicou que a dama vinha antes do valete e a sequência de cartas mais fortes, começava por três, e depois dois, ás, rei, valete e por fim dama. Embaralhou as cartas, mandou-a cortar, deu três cartas para ela, pegou três e virou uma carta do baralho restante e explicou que a carta seguinte àquela virada seria a mais forte e dentre essas cartas a mais forte seria a de paus, seguida pela de copas, espada e ouro. Por fim, explicou a importância do blefe. Começaram então a jogar e, em pouco tempo, Valquíria já estava ganhando dele facilmente. Jogaram várias partidas até cansarem.

Escutando a música que tocava na vitrola, Dennis perguntou se Valquíria sabia dançar.

– Não, nunca dancei. Minha vida mudou antes do meu primeiro baile – ela respondeu.

– Eu também nunca dancei – ele falou. – Eu ia aos bailes na vizinhança. Mas não tinha coragem de chamar nenhuma garota para dançar. Ficava só olhando enquanto os outros dançavam.

– Quer tentar? – ela disse.

– É a sério mesmo?

– Sim, você não quer aprender?

Ele balançou a cabeça, concordando.

– Que música iremos dançar? – Valquíria perguntou. Enquanto ajoelhada pegava a capa do disco que Dennis havia comprado e escolhia aleatoriamente uma das músicas.

As notas do piano seguidas da voz de Elton John cantando “*Don't let the Sun go down on me*”, ecoaram pela sala. Dennis ficou em frente à Valquíria e a pegou pela mão, ajudando-a a se levantar. Segurou-a pela cintura desajeitadamente e entrelaçou sua mão direita na mão esquerda dela. Valquíria procurou suavemente a nuca dele com a outra mão. Desajeitados, a princípio, repetiram a mesma música várias vezes e depois de algum tempo dançavam razoavelmente.

Passava das dez e meia da noite quando Dennis foi embora. Valquíria pediu-lhe para tomar cuidado; combinaram mais uma vez o encontro do dia seguinte, e então se despediram. Depois que ele saiu, ela o seguiu de perto sem que ele percebesse, acompanhou-o até que entrasse em casa. Ela havia decidido que iria protegê-lo, não queria que nada de mal lhe acontecesse.

Depois que voltou para casa, lembrou-se de Adam e a tristeza tocou fundo em seu peito, era o seu último elo com o passado. Não poderia jamais cometer esse erro novamente. Adam morrera por culpa dela, por causa de sua passividade e agora tinha que dar um jeito de recuperar seu corpo. Foi até a cozinha e fez o ritual com os recipientes plásticos, enquanto bebia pensou que isso também iria acabar. Depois de se alimentar, foi para o quarto de Adam,

pegou uma caixa no guarda-roupa, uma espécie de cofre e apanhou várias cédulas. Foi até a garagem, pegou uma bolsa grande dobrável e um saco plástico preto grande, que Adam usava de vez em quando para se livrar dos eventuais corpos.

Que ironia – pensou triste. – Agora ele próprio ia fazer uso de um.

Foi até o orelhão da praça e ligou para o número que Dennis lhe dera. Alguns minutos depois o táxi chegou.

O motorista estranhou uma menina daquela idade tomando um táxi, sozinha, à noite.

– Você está sozinha menina? – disse o motorista quando Valquíria se sentou no banco traseiro.

Ela, todavia, não tinha tempo a perder e, enquanto o motorista aguardava a resposta, olhou-o diretamente nos olhos. O brilho intenso que emanava daquele olhar fez com que o homem se esquecesse de tudo. Nada mais importava, sabia apenas que precisava obedecer.

– Leve-me até o IML local – ordenou.

Era quase meia-noite quando o táxi parou próximo ao prédio do IML. Era longe, teria que usar o táxi para voltar. Ela era muito rápida e poderia voltar correndo, mas não queria arriscar. Ainda havia muita coisa a ser feita antes do amanhecer. Poderia também se perder no caminho o que seria uma catástrofe.

– Vai me esperar aqui – ordenou ao taxista que apenas olhava o infinito.

Valquíria se encaminhou até o prédio do IML, precisava descobrir uma maneira de entrar e achar o corpo de Adam. Apesar do adiantado da hora, a entrada principal estava muito movimentada com alguns carros de polícia e várias pessoas. Provavelmente algum caso de violência, acidente ou qualquer coisa do tipo. Não poderia entrar por ali.

Caminhou em volta do prédio, procurando outra entrada. Viu luzes saindo de uma porta de vidro lateral, foi até a porta que estava aberta, mas não poderia entrar sem ser convidada e não havia ninguém por perto. Deu a volta pelos fundos, pois, com certeza, haveria alguma saída de funcionários. Achou o que deveria ser uma entrada de serviços ou provavelmente onde despachavam os corpos liberados para serem retirados. Podia sentir o cheiro peculiar de morte que permeava o ambiente. O corpo de Adam deveria estar por ali em algum lugar. O local parecia tranqüilo; aproximou-se da entrada e viu um homem sentado no que parecia ser um balcão de atendimento. Ele estava entretido com alguma coisa, uma revista talvez e não notou sua presença.

Precisava que ele a convidasse a entrar antes de hipnotizá-lo. Bateu com os dedos no vidro da porta aberta para chamar a atenção do homem. Ele olhou em sua direção.

– O que está fazendo aí menina?

– Moço preciso de sua ajuda! Posso entrar?

– O que aconteceu? Aqui não é lugar para crianças.

– Por favor, posso entrar?

– Entre, vou chamar alguém... – Não chegou a concluir o que ia dizer, porque, de repente, dois clarões azuis confundiram seus pensamentos. Esqueceu-se por completo o que havia acontecido. Sabia apenas que precisava obedecer incontinenti tudo que lhe fosse ordenado. Sua existência se resumia apenas na obediência à sua ama e senhora, precisava cumprir suas ordens imediatamente e estava ansioso por isso.

– Sabe onde estão os dois corpos do acidente com uma Kombi que caiu do abismo entre São Caetano e Santo André ontem de madrugada?

Ele não sabia, apenas verificava a papelada de saída dos corpos liberados. Mas não seria problema, poderia descobrir isso facilmente. Aliás, poderia fazer qualquer coisa que lhe fosse ordenado, daria sua vida por isso.

– Descubra onde estão sem levantar suspeitas e volte aqui.

O homem saiu rapidamente e Valquíria procurou algum lugar para se esconder por via das dúvidas. Alguns minutos depois, o homem voltava.

Parou diante dela, feliz por ter cumprido sua missão. Não precisaria falar nada, sua senhora entenderia que ele não havia falhado.

– Leve-me até os corpos – ordenou.

O homem começou a caminhar e ela o seguiu de perto. Passaram por imensos corredores; ao longe, pôde ver algumas salas iluminadas e pessoas, mas a maioria das luzes estava apagada e provavelmente não poderiam vê-la. O homem parou diante de uma sala com duas portas de aço enormes. Uma das portas se abriu. Valquíria se escondeu por trás de um balcão que havia no corredor.

Um homem vestindo um jaleco branco saiu da sala, segurava algo em uma das mãos, parecia uma prancheta. Olhou por alguns instantes o outro homem parado em frente à porta e, rindo, falou:

– Mas que cara é essa, Walter? Tá parecendo um zumbi, precisa descansar, hein – riu mais uma vez. – Aproveita que hoje as coisas estão tranquilas por aqui e tira um cochilo. Deixa que eu seguro sua barra aqui fora. – Bateu a mão de leve no ombro do homem, saiu caminhando e depois desapareceu por entre os corredores.

Valquíria saiu de trás do balcão e o homem abriu a porta para que ela entrasse.

Por dentro, a sala mal iluminada lembrava um centro cirúrgico. Numa das mesas, havia um corpo coberto por um lençol e ao lado, as duas mesas metálicas estavam vazias. O homem continuou caminhando até os fundos onde havia uma sala com várias gavetas enormes. Foi até uma das gavetas e abriu, depois abriu outra gaveta ao lado.

– Fique vigiando a porta – ordenou ao homem, que saiu rapidamente e se plantou em frente às portas na sala ao lado.

Ela foi até uma das gavetas que o homem abriu, lá havia um corpo totalmente carbonizado. Mas não era Adam, podia sentir isso. Sua atenção foi atraída para a outra gaveta, pôde sentir mesmo fracamente a presença do irmão. Apesar de estar totalmente irreconhecível, todo queimado e de estar congelado, era Adam, podia senti-lo. Mais uma vez as lágrimas começaram a sair de seus olhos. Mas não tinha tempo a perder, abriu a bolsa e tirou o saco plástico de dentro, pegou o corpo endurecido do irmão e o envolveu com plástico e depois o colocou na bolsa. Fechou as gavetas e se encaminhou até a porta que o homem vigiava fielmente.

– Abra a porta e, se não houver ninguém à vista, volte para sua portaria. Daqui a dez minutos, vai acordar e não se lembrará de nada. Agora vá! – ordenou.

O homem abriu a porta e saiu caminhando calmamente como se nada houvesse acontecido.

Valquíria pegou a bolsa sem nenhum esforço e verificando mais uma vez a segurança, saiu rapidamente, passou pelo homem que caminhava resolutamente, atravessou pela porta de vidro aberta e sumiu na noite.

Do lado de fora, continuou cautelosa, afinal uma criança carregando uma bolsa enorme próximo ao IML chamaria a atenção, principalmente, quando dessem por falta de um dos

corpos. Caminhou com cuidado até onde o táxi a esperava, abriu a porta de trás e colou a bolsa com o corpo de Adam no banco traseiro. Sentou no banco da frente e ordenou que o motorista a levasse de volta.

Em uma rua próxima a sua casa, pediu ao motorista que parasse. Não sabia quanto custaria a corrida, então pegou as notas que trouxera e as deixou no banco ao lado do motorista. Duas notas de quinhentos e algumas de cem cruzeiros.

– Daqui a dez minutos, vai acordar e lembrará apenas que levou uma mulher até o centro da cidade. Ela foi generosa deixando o troco para você. Agora vá – ordenou.

O homem ligou a seta do táxi e foi embora calmamente. Valquíria pegou a bolsa e saiu rapidamente.

Ainda não eram duas horas da manhã quando chegou à casa. Foi direto à cozinha e abrindo o incinerador colocou o corpo de Adam envolto no saco plástico. Fechou a porta, ligou o incinerador e chorou. Antes das cinco horas da manhã o processo já havia se completado. Retirou a gaveta de aço inox do incinerador, e depositou as cinzas cuidadosamente em um vaso de porcelana que era de sua mãe. Tomou cuidado especial para que não sobrasse nenhuma partícula. Um dia levaria as cinzas de Adam para ficarem junto ao pai e à mãe no jazigo da família em Santos.

Levou as cinzas de Adam para o quarto onde ele dormia em vida e trancou-as no guarda-roupa que ele usava. Ao longe, escutou o canto de um galo anunciando o alvorecer. Foi para o seu quarto trancou a porta, despiu-se e se deitou, deixando o estrado da cama cair suavemente. Alguns minutos depois, dormia um sono profundo.

A Primeira Namorada

Já era bem tarde quando Dennis acordou no dia seguinte. Reparou que seus tios haviam chegado. Olavo já havia ido dormir por causa do serviço à noite. Quando Gertrudes o viu, falou sobre a comida no lixo.

– Você não comeu por quê?

– Estava queimado – Dennis respondeu.

– Não acha que está com muito luxo, não? Lá na sua terra tem muita gente que sem ter o que comer, come até lagartixa quando encontra – falou ironicamente.

Dennis estava começando a perder a paciência, mas ainda se controlava para não enfrentá-la diretamente.

– Vê se faz alguma coisa para ajudar. Vá até a padaria comprar pão – disse, entregando-lhe o dinheiro – Não quero saber de troco em balas ou caixa de fósforos – avisou.

Ultimamente, os estabelecimentos comerciais estavam com falta de moedas. Então passavam balas, caixa de fósforos ou qualquer coisa semelhante como troco para os clientes.

Quando ia saindo, Otavinho perguntou se poderia ir junto com Dennis até a padaria. A princípio, ela não gostou muito da ideia, mas depois assentiu e falou para Dennis:

– Tome cuidado com o menino. Não deixe lhe acontecer nada, a responsabilidade é toda sua!

Saíram e no caminho Otavinho começou a perguntar o que Dennis iria fazer naquele dia.

– Dennis, o que você vai fazer hoje? Vai a algum lugar?

Dennis não queria dizer que ia ao cinema, porque queria ficar a sós com Valquíria, mas sabia que a mãe dele não o deixaria ir. Além do mais, a sessão era à noite, às oito horas, com certeza, ela não deixaria.

– Bem Otavinho, eu vou ao cinema mais tarde. Mas acho que você não pode entrar porque a sessão é noturna.

Otavinho não falou nada e assim foram até a padaria; dessa vez, o caixa devolveu o troco sem problemas. Voltaram para casa. Dennis tomou seu café da manhã e subiu para seu quarto. Alguns instantes depois, ouviu Gertrudes que o chamava, parecia irritada com alguma coisa.

– Escute aqui, quem mandou você falar que vai levar Otavinho ao cinema? Tem que falar comigo primeiro, ele tem mãe, só por causa disso ele não vai.

– Mas eu não falei isso – Dennis disse.

– Como não falou? Está insinuando que meu filho é mentiroso? Já não basta o incômodo de sua presença, ainda vem trazer desarmonia para nossa família? Ele não vai com você e pronto.

Dennis não quis prolongar esse bate-boca sem sentido. Voltou para o seu quarto e se preparou para sair. Ainda era muito cedo, mas queria sair dali o mais rápido possível. Desceu as escadas e se dirigiu ao portão.

Quando Otavinho o viu sair, abriu o berreiro a chorar e a espernear. Gertrudes então começou a dizer: – Não está vendo que não sou eu? É por causa dessa peste que você não vai – dizia para o menino que se desmanchava em lágrimas.

O garoto continuava a chorar sem parar. Com a confusão, Olavo, que estava dormindo, acordou e veio ver o que estava acontecendo. Viu Dennis cabisbaixo no corredor, Otavinho

desesperado a chorar e Gertrudes, espumando de raiva, falava sem parar.

– Mas que diabo está acontecendo aqui? – perguntou. Não se pode nem mais dormir em paz!

– A culpa é desse seu sobrinho, que vive importunando o menino – Gertrudes vociferou.

– O que foi Dennis, o que houve? – o tio perguntou.

– Mas eu não fiz nada.

– Agora se faz de desentendido – Gertrudes retrucou.

O berreiro de Otavinho continuava sem trégua. Irritado Olavo mandou-o parar de chorar e como não teve resultado, pegou o chinelo e bateu em Otavinho que correu para dentro de casa tentando engolir o choro. Olavo não falou nada e entrou. Gertrudes olhava Dennis com os olhos faiscantes. Falou entre dentes de maneira que só ele pode escutar:

– Você vai me pagar por isso. Espere só para ver – entrou e bateu a porta. Dennis se virou e foi embora.

Dennis estava tremendo de raiva. Não acreditava que precisava passar por isso. Tinha que dar um jeito de sair daquela casa, sair de perto daquela víbora. Tentou se acalmar; ainda era muito cedo para o encontro com Valquíria. Decidiu então ir até centro comercial, subiu a rua até o ponto de ônibus e pegou o primeiro que passou e, meia hora depois, estava andando no calçadão repleto de lojas do centro comercial. Sentiu fome, apesar de ter tomado o café da manhã bem tarde. Resolveu entrar numa pastelaria chinesa à sua frente. Sentou no balcão, olhou o cardápio na parede, feito com letras coloridas de plástico que podiam ser trocadas. Pediu uma coxinha, um pastel de palmito e um guaraná. Gostava do tempero do restaurante chinês e da coxinha que era oca por dentro com pouco recheio.

Enquanto comia, pensava no que poderia fazer para sair daquela casa. O problema é que era menor de idade, e o tio responsável legalmente por ele e não sabendo o motivo, não iria permitir. Poderia falar a verdade para o tio, mas talvez essa não fosse a melhor solução. Também não queria mais voltar para João Pessoa. Tinha que pensar melhor no assunto e arranjar uma solução adequada. Não suportava mais ficar perto daquela mulher. Se continuasse lá, ia acabar enlouquecendo.

Depois que saiu da pastelaria, resolveu passar em uma loja de bicicletas. Queria ver uma “Caloi 10”. Seu pai ia lhe dar uma de presente de aniversário no ano anterior, mas logo em seguida aconteceu o acidente. Ele queria apenas ver a bicicleta, não tinha intenção de comprar, porque não poderia ir de bicicleta para a escola e, na situação em que estava na casa do tio, era melhor ter o mínimo de bagagem possível.

Quando chegou à loja viu a bicicleta em destaque em um *stand*. Era bonita demais, toda branca com as partes cromadas cintilantes. Examinou-a detalhadamente, olhou a catraca quádrupla, a coroa dupla, o câmbio. Tudo perfeito, como ele imaginava. Assim que resolvesse sua situação compraria uma igualzinha àquela do *stand*.

Começou a lembrar com saudades de sua vida há um ano. Voltava da escola ao meio-dia, sua mãe o esperava com o almoço pronto, fazia a lição e depois ia brincar com os colegas da vizinhança. A vida era tão tranquila. Recordou-se da mãe assistindo a novela e de seu pai, geralmente tão sério, nas vezes em que brincava com ele quando não estava lendo algum livro. Dennis achava que tinha herdado o gosto pela leitura do pai, apesar dele não gostar das histórias em quadrinhos que Dennis lia. Mas Dennis também gostava de um bom livro. Havia lido todos os autores indicados nas aulas de literatura, José Lins do Rego, Monteiro Lobato, até Machado de Assis que, no início achara rebuscado demais, chato, caíra na sua predileção.

Lera Dom Casmurro várias vezes, tentando descobrir em que parte da história aquele amor juvenil havia se transformado em tão amargo final. Não havia motivos para o pai se preocupar, os quadrinhos eram só uma pequena parte de um todo, pois no final tudo caminhava como deveria ser, ele não era mais burro que os outros porque lia gibis. Lembrou-se de tudo com muitas saudades; tinha sido feliz e, hoje, sentia muita falta dos pais. E agora aquele transtorno, ainda bem que conheceria Valquíria.

Eram quase seis horas quando o ônibus que havia tomado parou em frente à praça, desceu e caminhou até a casa com as trepadeiras. Tocou a campainha, e a escutou perguntar:

– Dennis é você?

– Sim, sou eu – respondeu.

Ouviu o som da fechadura girando, uma pequena fresta na porta se abriu e ele pôde ver os lindos olhos azuis a fitá-lo. Ela abriu a porta para que ele pudesse entrar. Depois que ele passou, ela saiu de trás da porta dizendo:

– Que tal? Estou bem assim?

Deu uma volta em torno de si mesma para que ele pudesse vê-la melhor. Vestia a roupa com que a presenteara no dia anterior. Ela estava linda, até seu cabelo encaracolado tinha sido bem escovado. E dessa vez, num impulso, beijou-a no rosto e pôde sentir o perfume do xampu e a fragrância do sabonete em seu corpo. Era a mesma Valquíria, porém, muito mais linda.

– Como você está bonita – disse admirado.

– Obrigada. Estive pensando se a gente não poderia voltar àquela loja mais uma vez. Eu gostaria de comprar algumas roupas, porque já quase não tenho outras para trocar.

– Claro, vamos sim. Poderemos ir amanhã, depois da escola.

– Não tem nenhum problema para você?

– Não, problema algum, combinado... E então vamos?

Ela concordou e saíram. Valquíria se virou para trancar a porta e, novamente, não mais que um instante, a chave se transformava mais uma vez em um elefante de proporções medonhas. Na verdade, nas noites em que Adam não estava e ela perambulava a esmo pelas ruas, saía pelos fundos da casa e se esgueirava pelos telhados, nunca se preocupara em abrir ou fechar portas. Era natural que sua casa permanecesse bem trancada, estando ela dormindo ou ausente não poderia correr o risco de alguém tentar entrar. Sair para passear como qualquer pessoa era uma sensação do qual ela já havia se esquecido.

O impasse não passara despercebido a Dennis que interpretando de outra forma comentou:

– Todas as garotas que conheço sempre carregam uma pequena bolsa consigo, para guardar as quinquilharias que carregam.

– É mesmo? – ela falou – E que coisas são essas "quinquilharias"?

– Bom, eu vi a bolsa de minha mãe algumas vezes. E lá havia de tudo, chave, carteira, documentos, batom, maquiagem e um monte de outras coisas.

– Eu não tenho tanto coisa assim para levar – ela riu – E o que é batom?

– Você não sabe o que é batom? É algo que as mulheres passam nos lábios para deixá-los realçados.

– Ah, *lipstick!* – ela disse – Eu nunca usei, não tive mãe nem irmãs em minha casa; e a senhora Hudson, nossa governanta, não usava maquiagem.

– Deixe-me levar as chaves para você – disse pegando a chave da mão dela.

Saíram caminhando de mãos dadas. Dennis só conseguia ouvir o tique-taque de seu coração apaixonado e para seus olhos bastava a formosura dela ao seu lado; conseguiu voltar a si a tempo de mudar de rumo, não queria passar em frente à casa do tio, já bastava de confusão por um dia, escolheu outro caminho e continuaram o passeio.

O filme foi muito engraçado. David Niven fazia o papel de um Drácula já idoso, por isso, o filme tinha outro título alternativo “Old Drácula”. Valquíria achou tudo muito engraçado. Durante o filme, ela lhe fez várias perguntas que, embora sussurradas, com certeza, incomodaram as pessoas ao lado. O filme era antigo e não tendo muita gente no cinema, Dennis resolveu mudar de lugar e ir para um fila de cadeiras vazias. Ele pensou em comprar pipocas, mas lembrou-se de que ela não comeria, então resolveu não comprar nada. Eles ficaram o tempo todo de mãos dadas e, quando se soltavam, ela procurava novamente o aconchego da mão dele, e isso o encheu de coragem.

Tem que ser hoje – decidi.

As luzes do cinema se acenderam enquanto os créditos finais do filme ainda estavam passando. Eles se levantaram e seguiram a fila de pessoas que se dirigiam à saída.

Em frente ao cinema, havia uma praça e, ao lado, um pequeno estádio de futebol. Atravessaram a rua e foram até a praça que era toda arborizada. Muitas pessoas estavam passeando por lá, na sua maioria, casais de namorados. Escolheram um banco vazio e sentaram. Dennis nervoso esquecera tudo que havia planejado. Segurou-lhe as mãos desajeitadamente e disse de uma vez:

– Val, você não quer namorar comigo? – Seu rosto ficou vermelho, queria olhar nos olhos dela, mas não tinha coragem.

– Namorar? Como assim? – ela disse – O que a gente precisa fazer para namorar?

Dennis podia ver em seu olhar a dúvida estampada, esqueceu o próprio nervosismo e falou:

– Namorar é quando duas pessoas se gostam e resolvem ficar juntas. É como fazer um pacto, eles prometem ficar juntos para sempre.

– Dennis, você gosta de mim?

– Sim, gosto muito.

– Escute... Você gostaria de mim mesmo que eu não fosse uma garota comum?

– Sim, eu gosto de você assim como você é.

– Não, você não sabe quem eu sou – ela disse com uma ponta de tristeza.

– Não me importa quem você é, eu gosto de você – ele insistiu.

– Você está iludido apenas com minha aparência, quando descobrir o que sou vai me odiar.

– Não! Nunca, prometo que vou amá-la aconteça o que acontecer.

– Não me prometa nada, por favor, pois existe uma coisa que não posso lhe dizer ainda. Mas quando você souber se ainda gostar de mim... – Não completou a frase.

Dennis sentiu vontade de perguntar o que tanto a preocupava, mas resolveu respeitar o silêncio dela.

– Tudo bem, mas me diga uma coisa apenas, você gosta de mim também?

– Mais do que gosto de mim mesma – foi a resposta.

– Então podemos namorar?

– Sim...

Dennis lentamente aproximou seu rosto e encostou seus lábios nos dela. Valquíria, surpresa,

o viu aproximar o rosto, mas correspondeu ao beijo, fechou seus olhos quando viu que ele mantinha os dele fechados.

Ele nunca havia beijado nenhuma garota em toda sua vida, não tinha certeza do que deveria exatamente fazer, mas lembrou-se das conversas com os outros garotos e das brincadeiras que fazia beijando frutas, espelhos ou qualquer outra coisa que fingia ser sua namorada. Sentiu o corpo de Valquíria apertado ao seu corpo, seu rosto encostado no dela e o gosto de sua boca. Sentiu-se desajeitado com o movimento das línguas, mas encorajado por ela repetir tudo que ele fazia. Sentiu a fragrância de seus cabelos, e como era agradável tocá-los. Ainda estavam abraçados quando escutaram passos que se aproximavam.

– Seus pirralhos o que pensam que estão fazendo aí?

Olharam assustados na direção da voz, um policial os observava de modo desaprovador.

– Isso é lá hora de criança estar na rua? Vão andando, vamos rápido, vão embora para casa.

– Sim senhor – disse Dennis, segurando Valquíria pela mão.

O policial ficou olhando enquanto eles iam embora.

Vejam só uma coisa dessas, essa molecada já pensa que é gente – pensava enquanto os olhava sair – Esse garoto não deve ter nem 12 anos, e a menina então? Onde esse mundo vai parar...

Dennis e Valquíria corriam e riam sem parar.

Já passava das dez horas quando chegaram de volta à casa dela. Dennis resolveu voltar logo para casa; não queria dar nenhum motivo extra para Gertrudes falar dele. Despediu-se de Valquíria e combinaram ir à loja no dia seguinte. Novamente, ela o acompanhou secretamente até em casa. Depois voltou para sua solidão.

No dia seguinte, no caminho da escola, quando passou em frente à casa de Valquíria, um caminhão da companhia elétrica estava parado em frente da casa. Ele olhou, mas parecia que não havia ninguém em casa como sempre, continuou seu caminho para a escola.

Na volta da escola quando chegou à casa de Valquíria, ela o esperava na praça. Beijaram-se timidamente e Dennis então perguntou:

– Aconteceu alguma coisa?

– Tentei acender as luzes quando escureceu e não funciona, você poderia ver para mim?

– Ah, então era isso... – disse – Hoje de manhã, quando passei por aqui a caminho da escola, havia um caminhão da companhia elétrica em frente da sua casa. Acho que cortaram sua luz.

– Ehhh, mas por quê?

– Não será por falta de pagamento?

– Não sei, é meu irmão quem cuida dessas coisas, eu nunca me preocupei com isso.

Dennis a acompanhou até a casa. Valquíria abriu a porta e entraram. Estava tudo às escuras. Valquíria acendeu uma vela que já estava grudada em um pires. Levou Dennis até o sofá, e deixou a vela em cima da mesa, acendeu outra e foi até o quarto nos fundos. Entrou no quarto que era de Adam e voltou trazendo uma caixa de papelão. Abriu a caixa e entregou para que Dennis pudesse ver. Ele examinou o conteúdo, tirou alguns papéis de dentro e mostrou para Valquíria.

– Há algumas contas atrasadas aqui: três contas de luz, três contas de água e o IPTU.

– Ela olhou a papelada, e falou.

– Acho que meu irmão esqueceu-se de pagar; o que posso fazer?

– Bom, eu posso ir ao banco amanhã antes da escola e pagar para você. E depois ligar para companhia elétrica anunciando o pagamento para que eles venham religar a luz o mais rápido possível. Mas acho que a luz só voltará no final do dia ou no dia seguinte. Está bem para você assim? Vai haver algum problema?

Ela se lembrou do congelador, e do conteúdo que ainda daria para vários dias, porém, se descongelasse, ela não poderia mais usá-lo. Talvez só lhe restasse mais um dia ou dois, no máximo. Claro que mais cedo ou mais tarde iria acabar, todavia, não pensou que seria tão cedo assim.

– Não, não tem problema algum, só vai estar tudo escuro. Ela mentiu.

– Se você tiver medo de ficar sozinha no escuro, pode ficar lá em casa hoje. No entanto, teremos que tomar cuidado para ninguém perceber.

– Eu vou se você quiser, e não se preocupe ninguém me verá.

– Vamos então para minha casa.

Valquíria assoprou uma das velas apagando-a, depois se virou para Dennis.

– Então, por favor, amanhã você faz o pagamento dessas contas por mim?

– Sim claro – ele respondeu.

– Obrigada. Quanto vai precisar em dinheiro?

Dennis pegou as contas e fez uma soma rápida.

– Acho que uns trezentos cruzeiros serão suficientes.

– Tem ainda algumas compras que quero fazer, vou pegar o dinheiro – ela disse.

Valquíria voltou trazendo algumas notas que entregou para Dennis, ele as pegou e contou dez notas de quinhentos cruzeiros novinhas em folha.

– Nossa tudo isso? Não é perigoso você guardar tanto dinheiro em casa?

– Bom, até agora meu irmão sempre cuidou disso e nunca houve problema algum.

– Ah, e por falar nisso... – Dennis abriu sua bolsa e tirou uma sacola que estava bem dobrada.

– É a roupa do seu irmão que você me emprestou. Já mandei na lavanderia. Obrigado.

Valquíria pegou a sacola, lembrou-se com saudades de Adam; ele não ia mais precisar da roupa mesmo. Deixou a sacola em cima da mesa. Precisaria se preocupar com várias coisas de agora em diante, e lavar a roupa seria uma delas.

– Dennis, como faço para usar essa lavanderia?

– É fácil, tem uma aqui perto de sua casa, logo depois da padaria, parece-me que fica aberta até as oito da noite. Você leva a roupa suja lá e pega no dia seguinte. Quando você tiver roupa suja para lavar a gente vai até lá e eu lhe mostro como fazer.

– Acho que vou precisar lhe pedir muitas coisas – disse isso, aproximou-se e segurou mão dele entre as suas.

Saíram de casa e se dirigiram mais uma vez ao *Shopping Center*. Quando lá chegaram, Dennis lhe falou para que tivesse cuidado na hora de pagar, não devia deixar à mostra todo o dinheiro que estava levando. Poderia ser perigoso e talvez quisessem assaltá-los depois.

Valquíria fez muitas compras. Comprou todo tipo de roupa que havia: vestidos, saias, sapatos e sandálias. Levou um guarda-roupa completo. E depois perguntou a Dennis:

– Você sabe onde tem roupa de baixo?

– Roupa de baixo?

– Sim... Essas coisas que as garotas usam por baixo da roupa – ela disse.

– Ah, sim... Acho que fica mais à frente.

Dennis levou-a até a seção de *lingerie*; ficou sem jeito no meio da seção, não sabia o que mostrar, então falou para Valquíria perguntar à vendedora. Enquanto isso ficou observando-a de longe, arriscando um olhar de vez em quando em sua direção.

Valquíria foi até onde a vendedora estava e falou:

– Eu queria comprar roupa de baixo.

– Sim, meu bem e o que você quer exatamente? – a vendedora perguntou.

– Não sei ao certo, você pode me ajudar?

– Claro, minha querida, qual a sua idade e sua altura? Você sabe o manequim que veste?

– Tenho treze anos, o resto eu não sei.

– Está bem querida venha comigo.

A vendedora com muito tempo de experiência, já estava acostumada com as dúvidas que garotas pré-adolescentes como Valquíria tinham. Levou-a até o setor infanto-juvenil onde, com certeza, haveria alguma coisa apropriada para o tamanho de seu corpo.

Valquíria escolheu alguns. Ao longe, Dennis reparou que ela estava escolhendo peças com motivos infantis demais para sua idade. Mas resolveu não falar nada. Ela acabou de fazer as compras e foi em sua direção.

– Já comprou tudo? – perguntou assim que ela chegou.

– Gostaria de comprar umas bolsas e acho que já está na hora de aprender a usar um “lipstick”, o tal do batom – disse.

Dennis segurou-a pela mão e foram até o setor de bolsas e acessórios onde ela escolheu uma bolsa minúscula e outra um pouco maior. Depois foram ao setor de maquiagem, onde ela pegou três tipos diferentes de batom. Ao final das compras, havia sacolas demais para que pudessem voltar andando. Dennis falou que deveriam pegar um táxi, dessa vez Valquíria concordou.

Quando chegaram à casa, ela acendeu as velas que estavam em cima da mesa. Largou as sacolas no chão pegou a bolsa que tinha comprado e colocou os batons dentro. Perguntou para Dennis se ele queria levar a vitrola emprestada. Ele disse que era melhor não levar. Deixaria o disco com ela e escutariam juntos quando ele viesse vê-la. Ela pediu para que ele esperasse um pouco, e indo até a cozinha olhou o congelador. Já estava descongelando, não havia mais a camada branca de gelo e os recipientes plásticos já na estavam tão endurecidos assim. Resolveu se alimentar naquele momento e depois quando voltasse consumir o máximo possível. Mesmo assim, a maioria ficaria inutilizada.

Diabos! – pensou frustrada.

Pegou os recipientes que havia deixado no armário e bebeu cuidadosamente para não se sujar. Ia ser estranho voltar com alguma mancha de sangue no rosto ou na roupa. Depois que tomou o conteúdo do vasilhame, sentiu-se melhor. Ainda não estava com fome nem havia perigo da crise de abstinência aparecer repentinamente. Mas, por causa do corte da energia, queria aproveitar o que fosse possível até o fim do estoque. Além disso, pretendia estar sempre saciada na presença de Dennis. Lavou os recipientes cuidadosamente, e depois pegou um espelho de mão na gaveta do armário e aproximou bem a vela para que pudesse ver direito. Parecia tudo em ordem. Voltou até a sala onde Dennis a esperava.

Eram quase onze horas quando seguiram para a casa de Dennis. Uma rua antes da casa, Dennis combinou com ela que iria à frente para ver se estava tudo bem, e ela viria em seguida. Ele seguiu em frente, chegando à casa, abriu o portão, viu que todas as luzes estavam apagadas. Subiu as escadas e tudo certo, foi até seu quarto, quando ia abrir a porta levou um susto porque Valquíria já estava lá. Quase não a viu, estava quase invisível na sombra entre a parede e a porta. Ele abriu a boca, espantado, ia falar alguma coisa. Ela pôs o dedo indicador em frente à boca, fazendo o sinal de silêncio. Ele abriu a porta, acendeu a luz e entraram.

– Como conseguiu chegar aqui tão rápido?

– Corri bastante – ela respondeu.

– Mas não vi você passar por mim.

– É que sou rápida, você não percebeu.

Ele ficou mais intrigado ainda, mas deixou para lá.

– Amanhã, teremos que acordar bem cedo e sair antes que eles acordem – disse para Valquíria.

– Não se preocupe, pode dormir tranquilo. Antes de você acordar, eu já terei ido embora.

– Não, não precisa ser tão cedo assim.

Se achegando bem próxima a ele, encostou sua mão em seu rosto e alisando sua pele carinhosamente disse:

– Não precisa se preocupar! Está bem?

Ele concordou com a cabeça; ela então o puxou para mais próximo ainda e o abraçou.

– Temos que falar baixo para não acordar ninguém – Dennis disse.

– Não se preocupe, pois a mulher e o menino já estão dormindo profundamente.

– Como sabe?

– Pude escutar, quando passei no corredor.

– Nossa! Você deve ter a audição muito boa, eu não escutei nada.

Valquíria apenas sorriu.

Ele tirou o tênis, colocou-o num canto da parede e se sentou na cama, disse-lhe para ficar à vontade. Ela descalçou o tênis também, encostou-o ao lado do dele e também sentou na cama.

Olharam-se e ela sorriu para ele, pegou a bolsinha que trazia pendurada pelo ombro abriu e tirou algo de dentro.

– Agora o senhor vai me ensinar a usar esse tal de batom!

– Eu?... Não sei como se usa isso. Só sei que as garotas passam nos lábios. – e, se levantando, foi até a porta do guarda-roupa, abriu-a porque dentro havia um espelho grudado na metade da porta.

– Elas olham no espelho e passam o batom nos lábios – disse gesticulando.

Valquíria se levantou e foi para perto dele, tirou a tampa do batom. Examinou-o em detalhes, viu o pino que deslizava, pressionou-o e a ponta afilada saiu.

Olhou-se no espelho, encostou o batom nos lábios e passou; o resultado não foi lá essas coisas. Dennis riu e foi pegar papel higiênico no banheiro para que ela limpasse a boca.

– Experimente você passar em meus lábios – ela disse, entregando-lhe o batom.

Ele tentou passar o batom da maneira mais suave que pôde, enquanto ela fazia um biquinho com os lábios, mas o resultado foi pior que o anterior. Fizeram ainda mais algumas tentativas, sem sucesso.

– Você tem certeza de que as garotas usam isso aqui? – ela lhe perguntou.

– Usam sim. Se você treinar mais um pouco acabará aprendendo. Nos filmes, as garotas usam também para deixar mensagens no espelho da penteadeira para os namorados. Ele falou.

Valquíria pegou o batom e escreveu no espelho.

– Dennis.

Pegando o batom da mão dela, ele escreveu em baixo.

– Valquíria

Ficaram escrevendo e apagando até só restar do batom o invólucro.

Dennis pegou no guarda-roupa um pijama e uma toalha e entregou para ela.

– Se quiser tomar banho, pode ir agora; eu tomo depois.

Acendeu a luz do banheiro, a do pequeno abajur da cama e apagou a luz do quarto, deixando o ambiente à meia-luz. Sentou na cama e encostou-se à parede. Valquíria foi até o banheiro e, talvez, o achando pequeno demais, para surpresa de Dennis, começou a se despir ali mesmo na frente dele. Ele ficou envergonhado, mas ela parecia não se importar nem um pouco. Não vestia nenhuma roupa de baixo. Ficou completamente nua, pegou a toalha, entrou no banheiro e fechou a porta. Dennis ainda boquiaberto lembrou que depois que ela saísse, o banheiro ia estar completamente molhado e ele teria que se trocar do lado de fora na frente dela. Levantou-se rapidamente tirou a roupa e vestiu um calção que usava para dormir. Assim ficaria mais fácil se trocar dentro do banheiro. Alguns minutos depois, Valquíria saiu do banho. E, como antes, não se importou com a presença dele, terminando de se enxugar, passava a toalha nos cabelos. Dennis ainda não tinha visto uma mulher de verdade nua. Não que se pudesse dizer que Valquíria já era uma mulher por completo. Seu corpo era de uma garota que acabara de entrar na puberdade. Seus seios mal tinham começado a crescer, em seu púbis os pelos ainda muito ralos só se destacavam por causa de sua pele clara. Os quadris, porém, tinham a curvatura que diferenciavam as meninas das moças.

Quando tinha uns onze anos, Dennis havia pegado uma revista no quarto do pai. Dentro da revista, muitas fotos de mulheres nuas. Ele levou a revista escondida para a escola e mostrou para os colegas. Um dos garotos rindo, disse que aquela revista não mostrava nada. Chamou-o para ir a sua casa que ele ia mostrar o que era mulher nua de verdade numa revista que era do irmão mais velho. Depois da aula, Dennis foi até a casa do garoto, que o mandou esperar ao lado da casa.

Alguns minutos depois, ele voltava com uma revista escondida em baixo da camisa. Foram para os fundos da casa e escondidos atrás de uma árvore o garoto lhe deu a revista para que olhasse. Era uma revista com fotos coloridas de qualidade excelente. Mostrava dois homens e duas mulheres, uma jovem e outra já mais velha. Estavam numa espécie de sala onde faziam uma festa a quatro. Já na página seguinte estavam todos nus. Os homens tinham pênis enormes e faziam sexo com as mulheres em todas as posições imagináveis. As fotos ampliavam cada parte detalhadamente. Dennis na época já sabia alguma coisa sobre sexo. Porém, aquela maneira nua e crua de ver o ato sexual tinha sido chocante para ele. Quando começou a ver a revista até havia ficado excitado inicialmente, mas, depois, começou a se sentir mal, enjoado. Lá não havia nada de romântico, era tudo muito grosseiro. Em um das fotos, os pelos púbicos, já embranquecidos, da mulher mais velha, aparecendo em detalhes, fizeram com que ele se lembrasse da avó. Começou a pensar se os pais também faziam aquelas coisas. Devolveu a revista para o garoto e foi embora chocado.

Naquela época, a informação que se tinha sobre sexo, era só a que se obtinha com os colegas. Sexo era tabu, uma coisa feia, que os homens podiam fazer, e as mulheres que faziam eram desavergonhadas ou prostitutas. Mulheres tinham que casar virgens. Dennis sabia que era preciso fazer sexo para que os bebês pudessem nascer. Mas a ideia geral, que a sociedade passava na época, era que a mulher que se escolhia para casar devia fazer sexo sem participar ativamente. Fazia sexo para satisfazer os desejos do marido em prol do santo advento da maternidade. Conforme foi crescendo e obtendo mais informações, sua opinião sobre esse assunto mudou. Porém, o tabu da virgindade era cultuado e todo garoto queria se casar com uma garota virgem. Assim como as garotas, mesmo as mais saídas, que tinham vários namorados ou se divertiam bastante ainda, sonhavam em se casar virgens. Ele estava em meio a esses pensamentos quando a voz de Valquíria o trouxe à realidade:

– O que você está olhando aí, heim?

Pego de surpresa, ficou sem jeito, como alguém pego em flagrante delito. Ela se cobriu com a toalha. Ele ficou vermelho, quis explicar que não estava olhando, que não fora sua intenção olhar.

Mas ela estava brincando e, rindo, atirou a toalha em cima dele, depois começou a vestir o pijama que ele lhe dera.

Dennis tinha ficado excitado com suas lembranças e também com a nudez de Valquíria, mas não queria que ela percebesse. Pegou a toalha e foi rapidamente para o banheiro, trancando a porta. Começou a tomar banho, mas não resistiu à tentação, não poderia voltar para o quarto daquele jeito. Estava em meio as suas tentações eróticas, quando escutou Valquíria bater na porta e falar baixinho:

– Deeeenniiiiis, por que você está demorando?

Enxugou-se rapidamente, vestiu a roupa, e já mais bem-disposto saiu. Ela estava deitada na cama ao lado da parede. Ele pegou uma coberta fina e deu para que ela se cobrisse, depois entrou embaixo da coberta e ficou de frente para ela.

Valquíria o abraçou e o fitou nos olhos. Dennis a envolveu suavemente com os braços. O calor de seu corpo; a maciez de sua pele por baixo do tecido fino do pijama; o perfume de seus cabelos; o cheiro de sua pele, recendendo a sabonete perfumado; a respiração suave dela de encontro a seu rosto. Tudo era uma sensação nova e inebriante que o deixara excitado novamente, mas ao mesmo tempo envergonhado. Nunca estivera tão próximo a uma garota e mesmo assim não teria coragem de tomar a iniciativa. Abraçou-a mais intensamente e ficaram se fitando nos olhos por um longo tempo.

– O que foi? – Valquíria sussurrou.

– Você vai me amar para sempre?

– Por toda a eternidade, juro.

– Verdade?

– Sim, eu juro – ela disse e o beijou suavemente.

Ficaram abraçados um longo tempo até que Dennis adormeceu por fim.

Valquíria velou seu sono até pouco antes do amanhecer.

Quando chegou à sua casa, Valquíria foi direto ver o congelador; estava completamente descongelado. Nem frio estava mais. Não ia poder beber mais nenhum dos recipientes quando acordasse. Ainda estava saciada, não conseguiria tomar quase nada. O resto estava perdido. Num acesso de raiva, jogou o recipiente na parede que estourou sujando tudo em volta de

sangue. Arrependeu-se de ter feito isso. Tinha que limpar rapidamente porque já estava amanhecendo. Dennis poderia ver quando viesse à noite. Pegou balde, pano, água e um produto à base de amoníaco e limpou tudo antes que ficasse seco e mais difícil de limpar. Lavou o pano na pia. Verificou mais uma vez se estava tudo limpo. Bebeu o conteúdo de um recipiente, depois de outro, não conseguiu tomar o terceiro, teria que se livrar do resto. Ainda bem que o gás não havia sido cortado, ligou o incinerador e jogou todos os recipientes dentro, junto com os panos que usara na limpeza. Em alguns minutos, tudo estava acabado. Sentiu-se péssima fazendo isso, era um desperdício. Tanto trabalho perdido, trabalho que Adam tinha tido, além das vidas desperdiçadas; era uma lástima. O dia começou a amanhecer. Saiu apressada para seu quarto. Trancou a porta, deitou-se e se cobriu completamente, ficando na escuridão total. Alguns minutos depois, o sono profundo tomava conta de todo seu corpo.

Quando Dennis acordou na manhã seguinte, Valquíria já tinha ido embora. Ficou chateado, gostaria de tê-la acompanhado.

Por que não o acordou? – ficou pensando.

Viu o pijama, que ela vestia, dobrado ao pé da cama. Levantou-se e notou a porta do guarda-roupa aberta, no espelho uma mensagem escrita a batom.

Você virá me ver hoje à noite?

Vou esperá-lo ansiosamente.

Vou amá-lo por toda a eternidade.

Val.

Ele sorriu, não cabendo em si de felicidade.

Antes de ir para a escola, pagou as contas atrasadas de Valquíria, ligou para a companhia elétrica, que lhe informou que a luz seria religada ainda no mesmo dia. No caminho para a escola, passou na casa dela e colocou as contas e o troco pela abertura de correspondência da porta. Girou a fechadura, estava trancada. Olhou em volta, foi até a garagem, também estava fechada. Deu mais uma olhada em volta, parecia não haver ninguém em casa. Resolveu ir embora, saiu caminhando em direção à escola.

O que será que ela fica fazendo todos os dias a essa hora? Onde será que ela está? Se não conhece ninguém, como disse, e nunca vai a lugar algum. É estranho – pensou.

Olhou as horas e resolveu apertar o passo para chegar tranquilamente antes da primeira aula.

O dia passou sem nada de especial. A professora de inglês, Elizabeth tratava-o de maneira diferente. Sentia que lhe dava mais atenção e era mais paciente com ele do que com o resto da classe. Não sabia o motivo, mas, por um lado, era uma coisa boa em meio às dificuldades que ele havia encontrado ao chegar. Decidiu que não ia comer a merenda da tarde na escola. Ia comprar um lanche ou algo parecido na padaria perto da casa de Valquíria. Talvez encontrasse com ela voltando de algum lugar. Ia prestar atenção enquanto esperava.

Quando chegou à padaria, pediu um “bauru” e uma Coca-Cola. Sentado no balcão da padaria, enquanto comia, olhava atentamente a rua na direção da casa de Valquíria. Acabou seu lanche e resolveu esperar na praça. Sentou-se no banco ao lado da banca de jornal, como sempre fazia. Olhou as horas, ainda era cedo, geralmente, Valquíria só se encontrava com ele depois das seis da tarde. Pegou o livro com os contos de Sheridan Lefanu que trazia dentro da bolsa e resolveu ler até que ela chegasse. Se é que já não estava dentro de casa. Ia esperar um pouco e depois tocaria a campainha. Estava entretido com o livro quando escutou uma voz

conhecida.

– Olha só quem tá aí... o pau de arara!

Dennis virou-se, eram Alex e Edu, e vinham em sua direção.

Diabos – pensou.

Aproximaram-se de Dennis que continuou sentado no banco.

– Que você está fazendo aqui Paraíba? Lendo um livrinho é? Deixe eu ver – disse Alex.

Dennis tentou guardar o livro rapidamente, mas Alex foi mais rápido e segurou o livro por uma das pontas com força. Dennis soltou o livro para que não rasgasse. Alex pegou o livro e o folheou.

– Hum, historinha de terror. Não tem medo não? Rapazinho valente!

Alex jogou o livro em cima do banco. Dennis o pegou e guardou na bolsa.

– Sabe a gente queria falar mesmo com você. Não é mesmo, Edu?

– É sim, a gente estava mesmo lhe procurando. – o outro disse.

Alex continuou:

– Viemos propor um negócio irrecusável para você. Soubemos que andaram aprontando para cima de você lá na escola. Sendo um cara novato no pedaço, essas coisas acontecem mesmo. Mas se você for nosso protegido ninguém vai ousar lhe importunar. Não é Edu?

– É sim, com certeza – disse Edu, rindo.

Dennis ficou desconfiado – Que conversa era aquela? Foram eles mesmos que fizeram tudo, esses desgraçados! – pensou contrariado.

Alex continuou:

– Sob nossa proteção, você poderá andar à vontade sem ser importunado por ninguém, porque nós vamos estar de olho. Só que nós não trabalhamos de graça, isso tem um preço, mas não se preocupe é uma merreca. Não vai fazer diferença para um cara endinheirado como você.

– Um passarinho contou para gente que você é um cara cheio da nota, tem uma poupança gorda – Edu disse.

Dennis ficou intrigado, como eles podiam saber sobre sua poupança?

A irmã mais velha de Alex trabalhava no banco onde haviam aberto a conta-poupança em nome de Dennis, vendo o nome da escola na ficha cadastral, comentara em casa sobre o assunto.

Alex continuou:

– O valor é quarenta cruzeiros, vinte para mim e vinte para meu amigo Edu.

Dennis se irritou ao ouvir tanta besteira, já não bastava persegui-lo, agora queriam até cobrar pedágio.

– Não vou pagar nada – falou se levantando.

Edu foi para cima de Dennis e o empurrou contra a porta da banca de jornal.

– Me solta, porra! – Dennis gritou.

Edu o segurou pelos cabelos e bateu sua cabeça contra a porta de aço da banca de jornal.

– Perdeu a noção de perigo, pau de arara filho de uma puta? É melhor pagar, se é que você sabe o que é bom para você.

– Não vou pagar porra nenhuma, vocês querem me roubar, seus filhos da puta?

– Quem é ladrão seu puto? – Alex disse, indo para cima de Dennis.

– Repete, seu porra.

Acertou uma joelhada no estômago de Dennis que se curvou gemendo. Edu aproveitou para pegar-lhe a carteira que estava no bolso de trás da calça, abriu-a e verificou o conteúdo.

– Olha só, duzentos paus. O pau de arara está mesmo cheio da nota.

– Dessa vez vai pagar dobrado para ver se larga a mão de ser otário. Se a gente tivesse lhe roubando, levava tudo. Só vamos pegar cem, sessenta vai ser pela desfeita – Alex disse.

Fez sinal para Edu que tirou uma nota de cem cruzeiros e depois jogou a carteira em cima de Dennis. Em seguida, Edu enfiou a mão no bolso tirou um canivete retrátil, acionou a lâmina e, pegando novamente Dennis pelos cabelos, encostou-a no seu rosto e disse:

– Agora escute bem, isso aqui é uma dívida que você tá pagando pra gente. Se ficar falando o que não deve por aí, vamos lhe pegar pra valer. Entendeu?

Desceu a lâmina até o bolso da camisa com o brasão da escola e, num movimento brusco, o rasgou de dentro para fora. Depois empurrou Dennis contra a banca de jornal.

– Tá avisado – disse Alex.

Saíram caminhando como se nada tivesse acontecido.

Dennis pegou sua carteira no chão, limpou-a e a colocou no bolso. Ainda estava com falta de ar por causa da joelhada. Segurou com as duas mãos o estomago e se dobrou de novo, para aliviar um pouco a dor. Sentou-se no banco, tentando recuperar o fôlego.

* * *

Fazia algum tempo que Valquíria havia se levantado. Escutou vozes do lado de fora, olhou pela janela no exato momento em que Alex dava uma joelhada em Dennis. Escutou tudo que falavam, e uma raiva incontida se apossou dela. Sua vontade era ir lá fora e acabar com os dois. Mas isso não seria uma coisa inteligente, não podia fazer isso. Além do mais, assustaria Dennis. Resolveu, então, agir de outra maneira. Viu Edu rasgar o bolso da camisa de Dennis com o canivete. Ainda estava sem roupas, voltou apressada ao quarto e vestiu um de seus antigos vestidos. Foi até a cozinha e saiu pela porta dos fundos. Pulou em cima do muro, alcançou o telhado e passou para casa vizinha, andou por cima do telhado até avistar a rua lateral, desceu pelo muro e pulou para a rua. Caminhou na direção que eles deveriam seguir e, em alguns instantes, os alcançou. Ficou seguindo-os de perto, esperando uma oportunidade.

– Edu, pera aí que vou tirar “água do joelho” – Alex disse, enquanto ia para trás de um quiosque que havia na calçada. Edu ficou parado, esperando Alex voltar.

Rápida, Valquíria aproximou-se dele por trás e lhe acertou um soco na nuca que o fez cair desmaiado. Silenciosamente, arrastou-o para um beco próximo e o largou no chão. Vasculhou seus bolsos atrás do canivete que o vira usar contra Dennis. Em um dos bolsos, encontrou a nota de cem cruzeiros que haviam tomado dele, e no outro o canivete. Acionou a lâmina, que saltou brilhando. Certificou-se, mais uma vez, de que não havia ninguém por perto. Levou a lâmina até o pulso esquerdo de Edu, e pressionando-a com firmeza, cortou o pulso fazendo o sangue escorrer em profusão. Não conseguindo resistir à visão do sangue pulsante que escorria, jogou fora o canivete e agarrou o pulso ferido. Encostou sua boca no corte, e bebeu. Uma onda de prazer invadiu seu corpo que estremeceu. Há muito tempo não experimentava beber assim direto do manancial da vida. Beber em recipientes não se comparava a isso, uma sensação ímpar, maravilhosa. Quase não resistiu a tentação de rasgar o braço com seus dentes, mas precisava conter-se, pois não podia deixar marcas visíveis. Bebeu até se saciar, não queria matá-lo por enquanto, poderia ainda ser salvo se fosse socorrido a tempo.

– Deveria acabar com você, desgraçado – disse num sussurro.

Escutou a voz de Alex, procurando por Edu.

– Edu, cadê você, onde se enfiou cara, tá de brincadeira?

Largou o braço imediatamente que caiu ao chão fazendo um barulho seco. Segurou-o pelo cós da calça e enquanto o arrastava, pensou em pegar o outro na próxima oportunidade. Se fizessem mais algum mal a Dennis, acabaria com os dois de vez. Atirou-o para fora do beco como se fosse um saco de lixo. Ele caiu no meio da calçada de forma esquisita, desengonçado como um boneco de pano, o sangue ensopando-lhe a roupa. Valquíria recuou até o fundo do beco, subiu no muro, alcançou o telhado e desapareceu na escuridão.

Alex chamava por Edu quando escutou um barulho atrás de si. Virou-se e viu Edu caído no chão como se tivesse sido atirado para fora do beco. Estava todo ensangüentado. Pensou então que estivesse morto.

Não queria gritar – não, ele não gritaria – mas foi involuntário. O berro saiu do fundo de sua garganta e ele começou a correr. Quem quer que tenha feito aquilo, ainda podia estar por perto. Correu o quanto pôde até encontrar um lugar movimentado. Entrou na padaria ainda gritando, assustando as pessoas em volta. A polícia chegou alguns minutos depois e a ambulância logo em seguida.

Valquíria entrou em casa novamente pelos fundos. Tirou a roupa manchada de sangue e a escondeu, foi até o banheiro e se olhou no espelho, estava toda suja. Limpou-se o quanto pôde, pois tinha sangue nas unhas, no rosto, no braço. Passou uma escova fina. Lavou os braços. Olhou-se no espelho mais uma vez, até ficar satisfeita. Vestiu uma roupa nova e correu até a porta, Dennis ainda estava sentado no banco. Abriu a porta e caminhou até onde ele estava sentado. Segurou-o pela mão e disse:

– Desculpe a demora, acordei atrasada.

– Não tem problema – ele disse, ainda sentindo o estômago doer.

– Venha, vamos entrar. Está tudo bem com você? – ela perguntou, sabendo que não estava.

– Tudo ótimo, sem problemas – foi sua resposta.

Fingindo pegar alguma coisa no chão, ela entregou-lhe a nota de cem cruzeiros que pegara no bolso de Edu.

– Isso aqui é seu?

Dennis sorriu, pois os desgraçados deixaram cair a nota que haviam lhe roubado.

No momento em que Valquíria abria a porta da casa, Alex chegava gritando na padaria. Ela trancou a porta rapidamente e Dennis que nada escutara deixou sua bolsa no chão encostada na parede. Ele parecia triste. Queria dizer-lhe para não se preocupar, ela o protegeria. Aproximou-se dele e o abraçou por trás, depois sussurrou no seu ouvido:

– Amo você...

Depois o beijou no rosto carinhosamente. Dennis se virou de frente para ela. Já estava se sentindo melhor, perguntou-lhe então:

– O que vamos fazer hoje?

– Vamos jogar truco? – ela falou de imediato abrindo um sorriso.

– Está bem, então vamos jogar.

Valquíria foi buscar o baralho. Dennis sentou-se no carpete. Ela voltou, sentou-se em frente a ele e lhe passou o baralho.

– Dennis, obrigado pela luz, está funcionando de novo – ela falou.
– Que bom, ainda bem que eles trabalharam rápido.
– Sim.
– Val... – ele falou enquanto separava o baralho.
– Sabe... é que passo todos os dias aqui em frente a sua casa no caminho da escola e a casa me parece vazia. Você vai a algum lugar?

Ela o olhou. Sabia que aos poucos ele iria estranhar muita coisa e um dia descobriria a verdade. E talvez nesse dia ele a odiasse. Mas não podia fazer nada, ele não compreenderia.

– Eu fico em casa dormindo – disse... Lembra que lhe falei que não sou uma garota normal? Por causa da minha doença, tenho insônia à noite e durmo durante o dia. Mas tenho um sono muito pesado e mesmo que você me chame eu não vou acordar.

Sou muito complicada; ainda tem certeza de que quer me namorar mesmo assim?

– Só por causa disso? Mas, não juramos amor eterno?

Ela concordou, mas sabia que não seria bem assim quando ele soubesse a verdade; resolveu não se preocupar por enquanto.

Começaram a jogar. Dennis deu o baralho para que ela cortasse e depois distribuiu as cartas. Virou uma das cartas: dama. Olhou suas cartas, valete de ouro; valete de espada; três. Valquíria jogou um ás na mesa. Se ele chamasse truco ela correria, resolveu jogar o três e depois trucar.

– Truco! – Dennis falou.

A resposta foi imediata.

– Joga.

Ele jogou o valete de paus; ela fez uma cara sem graça e jogou um ás.

– Na próxima eu lhe pego – disse ela.

Valquíria pegou o monte de cartas, embaralhou algumas vezes, distribuiu e virou uma carta... Rei.

As cartas de Dennis eram ás de paus, três e dama; jogou o três.

– Truco – Valquíria falou.

– Joga – Dennis retrucou.

Valquíria cortou o três dele com um ás de espada e jogou um valete.

– Dennis ficou sem saída, usou o ás de paus para matar o valete.

Sua dama foi cortada sem piedade por um três.

– Sortuda – disse.

Dennis embaralhou e deu as cartas para que ela cortasse, distribuiu e virou uma dama. Suas cartas eram um rei, três de ouro e três de copas. Jogou o três de ouro na mesa.

Valquíria gritou: – TRUCO!!!

Dennis aceitou.

Ela jogou um valete de espadas para matar o três de ouro dele e depois jogou uma dama de copas na mesa.

Ele cortou a dama com o rei de paus e gritou:

– Seis!

– Nove! – foi a resposta dela.

Dennis jogou o três de copas que perdeu pela primeira partida para o três de paus que ela

jogou.

– Ah, ah, ah! – Eu não disse que o pegava – Valquíria disse zombando dele.

Ficaram jogando até por volta das dez da noite, quando Dennis começou a bocejar.

– Está com sono? – Ela perguntou e, se levantando do carpete, foi sentar-se no sofá.

– Venha, deite-se e encoste sua cabeça aqui – falou para ele indicando suas pernas. Dennis obedeceu; ela pousou uma das mãos em cima de seu peito e com a outra alisou seus cabelos. Olhou-o fixamente nos olhos. Dennis sentiu a força que emanava daqueles olhos e, em instantes, a sonolência tomava conta de seu corpo; tudo em volta se apagou só existia o azul profundo... Estava perdido em um oceano sem-fim, o céu sem nuvens, desabando sobre o mar, num convite a fechar os olhos pesados, de tanto sono e, então, se perdeu na escuridão total.

"Ele estava de novo com seus pais; tinham ido a um grande circo com palhaços, animais, a banda tocando o velho clássico "Entry of the gladiators", muitos balões, pipoca, amendoim, risadas, muita alegria e diversão. – Um flash de luz, outra cena – O espetáculo chega ao fim, pessoas, carros, uma estrada noturna. O rosto sorridente de sua mãe a fitá-lo. *Mãe... Mãe?* – Nova cena – A escuridão é completa, barulho, o mundo girando, girando; metal retorcido, vidro espatifado e novamente, a escuridão, dor, lágrimas e o cheiro forte de cravos."

Um tremor percorreu o corpo de Valquíria interrompendo o transe. Lágrimas escorreram de seus olhos manchando o rosto de Dennis de vermelho, que ela enxugou, suavemente.

– Dennis, acorde. Já é tarde, é melhor você voltar para casa.

Dennis acordou assustado, levou alguns segundos para se lembrar onde estava, levantou-se e olhou o relógio, já passava das 11 horas.

– Já é bem tarde, é melhor eu ir embora – ele disse enquanto se levantava do sofá.

Valquíria o acompanhou até a porta. Ele pegou a bolsa que estava encostada na parede perto da porta.

– Amanhã você virá me ver? – Valquíria perguntou.

– Claro, venho sim. Você tem alguma coisa especial para fazermos? – ele perguntou enquanto se virara na direção dela.

– Talvez a gente possa ir à lavanderia.

– O.k., combinado. – disse, enquanto levava o rosto próximo ao dela. Encostaram os lábios levemente.

– Tchau. – disse antes de sair.

– Tchau – ela respondeu e ficou olhando ele ir embora. Depois como sempre o seguiu até em casa.

O Mal Súbito

Gertrudes tinha estado ocupada boa parte do dia.

Dias antes, houve um problema de intoxicação alimentar, causado por enlatados de patê de fígado num supermercado da região. O caso saiu no noticiário, pois várias pessoas passaram mal e duas crianças morreram. Justamente nesse período, ela havia comprado duas latas do patê no tal mercado.

Quem sabe esses não estão contaminados também – pensou.

Guardou as latas do patê onde ninguém pudesse ver. Estava preparando uma maionese e iria usar os patês.

Se tiver sorte, isto vai dar uma boa dor de barriga ou, quem sabe, uma diarreia.

Se der azar, talvez, o encosto do sobrinho do marido morresse, mas aí seria uma infelicidade. Ela não seria culpada dele ser guloso. E como ela poderia saber que os ingredientes da maionese estavam estragados? Não, não seria culpa dela. Seria uma fatalidade. Colocou dois ovos no liquidificador juntou um pouco de sal e deixou-os bater bem. Abriu a tampinha do liquidificador e foi colocando o óleo aos poucos enquanto continuava a bater. Colocou o sumo de limão e mais um pouco de sal. Que pena, ela não poderia experimentar depois que ficasse pronto, mas ia ficar bom, tinha certeza. Deixou bater mais um pouco e a maionese ficou pronta. Deveria se parabenizar, a maionese parecia muito gostosa, o cheiro também estava delicioso. Abriu uma das latas e começou a preparar o seu próprio patê. Guardou a outra lata. Ia deixar bem escondida, talvez precisasse usá-la qualquer dia desses de novo. Olhou para o recipiente onde havia colocado o patê que acabara de fazer. Teria que tomar cuidado para Otavinho não ver, senão ele ia querer comer. De manhã, esconderia a manteiga e só deixaria como opção o patê para ser passado no pão. Depois tinha que dar um jeito de se livrar de tudo antes que Olavo chegasse do serviço. Foi dormir com aquela sensação que criança tem quando, ganhando um presente de Natal, e mal pode esperar o dia seguinte para poder abri-lo.

Dennis acordou no dia seguinte cedo como sempre, foi até a padaria e comprou pão e leite, deixou na cozinha e subiu mais uma vez para o seu quarto. Viu o ônibus escolar, que levaria Otavinho à escola, passar. Esperou mais um pouco e desceu para tomar o café da manhã. Como sempre, Gertrudes não estava na cozinha, o que era um alívio para ele. Sentou-se à mesa, pegou uma caneca, colocou café, leite e mexeu com a colherzinha, o café já tinha açúcar. Na mesa, havia um pote com patê. Procurou a manteiga e não achou, olhou na geladeira e também não estava. Ia comer o patê mesmo. Abriu o pão francês e passou uma porção do patê. Comeu.

Até que não está mal – pensou.

Acabou de tomar seu café e subiu para seu quarto. Estava pensando em matricular-se num curso de inglês que vira no centro da cidade. Assim ia poder finalmente ter uma desculpa para ficar fora de casa o dia todo. Estava se preparando para sair, quando começou a sentir alguma coisa estranha, parecia que tinha ficado cansado de repente. Começou a sentir uma dor forte no estômago e náuseas. Achou melhor sair do quarto, sentiu dor de cabeça e tontura. Caminhou para a escada e começou a descer, sua vista escureceu e quando já estava alcançando o último

degrau seus joelhos dobraram-se e ele despencou escada a baixo.

Gertrudes estava dentro de casa, arrumando o quarto de Otavinho e ouviu um barulho do lado de fora como se alguém tivesse caído. Foi até a cozinha e, olhando pela porta, viu Dennis no chão ao pé da escada.

Mas que droga – ela pensou.

Não esperava que o resultado fosse tão rápido assim – Todavia, o que ela estava esperando afinal? Já deveria estar preparada, talvez não acontecesse nada ou talvez acontecesse o pior. Tinha que pensar rápido, porque já estava quase na hora de Olavo chegar do serviço. Pensou em dar um sumiço no patê, mas pensou direito e achou que não seria uma boa ideia. Afinal ela não teria culpa se a porcaria da lata de patê de fígado estava estragada. Teria? Como poderia saber? Se o pior acontecesse, a polícia poderia achar estranho o sumiço do patê. Era melhor ela agir como uma tia preocupada com o mal-estar repentino do sobrinho. Foi até onde Dennis estava caído e se agachou perto dele e encostando a mão no seu braço o sacudiu.

– Dennis o que houve? Você está bem?

Dennis abriu os olhos e pôde ver Gertrudes ao seu lado. Queria falar alguma coisa, mas a dor no estômago o impediu e só conseguiu soltar uma espécie de grunhido rouco. Gertrudes escutou o som do carro de Olavo estacionando. Levantou-se e correu até o portão antes que ele guardasse o carro. Apesar de tudo estava assustada, não com a saúde de Dennis, mas com o fato de seu plano ter ido além do desejado. Chegando à escadaria da frente, gritou para o marido:

– Olavo, Olavo... Venha rápido.

Olavo olhou para o rosto da mulher que estava no alto da escada de entrada, mas, meio sonolento, demorou em atinar o que ela queria. Apesar de já trabalhar por vários anos no período noturno, ainda não havia se acostumado, não era um notívago. Gertrudes continuava agitada em cima da escada.

– Olavo! Venha rápido.

Ele subiu apressadamente os degraus da escadaria ainda sem saber o que havia acontecido. Avistou Dennis caído no chão, se contorcendo e apertando o estômago. Correu até onde o sobrinho estava caído.

– O que houve? – perguntou à Gertrudes.

– Não sei – ela respondeu. Escutei um barulho e quando saí ele estava caído aqui.

Dennis se contorcia.

– Dennis o que houve? O que está sentindo?

Olavo perguntou, tentando descobrir o que se passava com o sobrinho. Mas Dennis só conseguiu dizer que estava sentindo fortes dores. Olavo levantou o sobrinho e ajudado por Gertrudes o levaram para dentro de casa. Deixaram-no deitado no sofá. Gertrudes balbuciava alguma coisa sobre ele ter comido demais, pois a única coisa diferente no café era o patê que ela havia preparado. Olavo pegou o telefone e ligou para a emergência, explicou que o sobrinho parecia estar com uma intoxicação alimentar grave. A ambulância chegou alguns minutos depois. Levaram-no imediatamente para o hospital, pegaram também uma amostra do patê para análise. Olavo não estava em condições de ir com Dennis no momento, precisava dormir um pouco e depois, quando acordasse, iria até o hospital. Gertrudes teve que ir no seu lugar. A princípio, não havia gostado muito da ideia, mas, pensando bem, era melhor saber os resultados em primeira mão e ficar preparada para qualquer contratempo. Entrou na

ambulância e enquanto via os enfermeiros prestarem os primeiros socorros a Dennis, ia representando o seu papel de tia preocupada.

Fizeram uma lavagem estomacal em Dennis e pelo quadro que apresentava lhe aplicaram um antídoto contra a toxina do botulismo. O diagnóstico foi dado como intoxicação pelo bacilo *clostridium botulinum* e depois reconfirmado pelo exame com a amostra do patê. Por se tratar de um problema de saúde pública, a Secretaria de Saúde foi informada. Um policial veio fazer algumas perguntas à Gertrudes: queria saber o que havia acontecido, e informações onde adquirira o patê. Ela disse que não se recordava, mas que deveria ter sido em algum dos três supermercados da região, onde ela sempre fazia compras mensalmente.

Tudo uma grande chateação – ela pensava.

Dennis ficaria bom de novo, só precisava de alguns dias de molho no hospital.

Hum... Afinal não tinha sido nada de mais – resmungava consigo mesma. Resolveu dar uma passada no quarto do estrupício.

Quem sabe ele não ficava internado o mês todo? Não, ela não teria uma sorte dessas – Já estava totalmente despreocupada, não havia nenhuma suspeita contra ela. Tinha passado tudo como uma grande fatalidade e no final ia acabar tudo bem.

Entrou no quarto onde Dennis estava internado. Era um quarto para duas pessoas, mas ele estava sozinho. Estava deitado e usava uma máscara para respirar, mas seria por pouco tempo porque ele já estava bem melhor.

Que lástima! Vai só tirar umas férias! – ela pensou.

Dennis estava acordado; ela chegou perto dele. Não havia mais ninguém no quarto, ela havia verificado.

– Está vendo o que você fez? Você é guloso demais, dá nisso aí. Fica aí, dando preocupação para seu tio. Ele trabalha a noite toda e quando chega do serviço, ao invés de descansar, tem que ter uma preocupação desta.

Dennis a olhava, já estava se sentindo melhor. Já podia respirar com mais facilidade e a dor no estômago tinha passado. Só estava um pouco cansado. Uma suspeita passou-lhe pela cabeça... – Será que a tia tinha alguma coisa a ver com a sua indisposição súbita? Mas deixou de lado essa idéia; ela não seria capaz de fazer uma coisa dessas, pensou.

– Seu tio, virá mais tarde. Se precisar de alguma coisa, fale para ele. Não o deixe preocupado, ele tem que trabalhar à noite. Afinal, tem uma família para manter, não é como você que não precisa se preocupar com nada. Depois que sair do hospital, é melhor dar um jeito de voltar para sua casa no nordeste. Talvez você venha a passar mal de novo se ficar por aqui. Acho que você não se deu bem com os temperos daqui.

Dizendo isso, ela se virou e saiu. Dennis a seguiu com o olhar até ela desaparecer. Já não tinha tanta certeza sobre ela não ter nada a ver com o seu incidente.

* * *

Os jornais daquela manhã traziam estampada a notícia do que havia acontecido com Edu na noite anterior:

ESTUDANTE É ATACADO EM SANTO ANDRÉ

Um estudante do primeiro grau foi atacado de forma hedionda quando voltava da escola com um colega da mesma classe, ontem por volta das sete horas da noite na Vila Pires. O estudante teve um de seus pulsos cortados e foi encontrado desfalecido. A vítima, que já se encontra fora de perigo e está em observação no hospital geral, assim como o amigo que o

acompanhava, não soube explicar o ocorrido. O colega de classe informou à polícia que a vítima desapareceu de repente e quando o encontrou já estava desfalecido. A vítima também deu por falta de uma pequena quantia em dinheiro que carregava consigo. O delegado responsável pela investigação descarta a possibilidade de simples tentativa de latrocínio pelas circunstâncias envolvidas no caso. Promete aumentar o policiamento na região até que tudo seja esclarecido.

No 14º Departamento de Polícia, o delegado responsável conversava com um dos investigadores.

– Então, o que acha?

O delegado Valdecir perguntava ao investigador Gomes que acabara de entrar na sua sala. Estava sentado em sua mesa e tomava café num copinho de papel descartável. Achava que o copinho tinha gosto de cola e o café tinha gosto pior ainda. Gomes se serviu do café na cafeteira e falou.

– Não sei... Estou achando esta história muito esquisita. Esses dois não são flor que se cheire. Ambos já têm algumas passagens pelo juizado de menores por baderna, furto, drogas. Mas não temos nada de concreto o suficiente para mandá-los para a FEBEM. Agora aquela história da “mijada” bem na hora que o outro sumiu, também é muito estranha.

– É, mas o tal do Eduardo parece ter certeza de que não foi o outro, chamado Alex, quem fez o serviço – disse Valdecir.

– Pode ser... Mas esse negócio de cortar o pulso não é natural, não é comum, cheira à vingança. É como se quisessem deixar um aviso. Esses dois fizeram alguma coisa que alguém não gostou, então resolveram dar uma lição neles. Eles devem estar envolvidos em alguma coisa – Gomes falou.

– É, também acho, e agora vão começar a nos aporrinhar com essa história de aumentar patrulhamento e coisa e tal, tudo besteira. É só deixar avisado à rapaziada para dar uma prensa mais dura nos vagabundos da região, alguma coisa vai acabar saindo.

– Também acho – Gomes concordou.

O Acerto de Contas

Valquíria pegou uma carta da pilha do baralho que estava jogando paciência e colocou na primeira fila da esquerda. Olhou o relógio na parede. Faltavam cinco minutos para as oito horas. Dennis não havia chegado ainda; achou estranho, pois ele falou que viria.

Talvez tivesse acontecido alguma coisa.

Resolveu ir até a casa dele. Abriu a porta de casa e olhou a praça à sua frente onde Dennis costumava ficar, estava vazia. Foi andando pela rua pelo caminho que Dennis costumava fazer ao voltar para casa. Alguns minutos depois, chegou à frente da casa de Dennis. Observou bem tudo a sua volta. Subiu rapidamente pelo muro e silenciosamente desceu no corredor. A luz da sala estava apagada, mas uma espécie de luz clara brilhava em seu interior, havia um som que parecia sair do mesmo lugar que a luz. Era o aparelho de TV. A mulher e a criança estavam na sala. Subiu em direção ao quarto de Dennis. As luzes estavam apagadas. Dennis não estava lá dentro, experimentou a fechadura, estava destravada. Empurrou a porta levemente que se abriu, mostrando o interior. Estava um pouco desarrumado, o que não era comum, pois Dennis gostava das coisas bem arrumadas. Não ia tentar entrar, porque não conseguiria. Mesmo Dennis tendo falado que ela poderia entrar à vontade, sem ele estar presente isso não seria possível. Experimentou passar a mão por entre o vão da porta aberta, sua mão ficou comprimida contra o nada como se houvesse uma grossa parede transparente. Então resolveu deixar para lá. Subiu novamente pelo muro e desceu até a rua e ficando em frente ao portão tocou a campainha.

Otavinho olhou pela janela do quarto e viu uma menina na frente de casa.

– Mãe é uma menina que está tocando a campainha – disse.

– Vá até a escada e pergunte o que ela quer. Se for esmola diga que não tem – Gertrudes falou, sentindo-se incomodada bem no meio de sua novela.

Otavinho abriu a porta da sala, foi até a escada e olhou atentamente para a menina que esperava pacientemente. Era muito bonita e estava vestida normalmente. Não parecia ser uma pedinte.

– Pois não? O que deseja? – Perguntou por fim.

Valquíria olhou para o garoto e falou: – Eu queria falar com o Dennis. Ele está?

– Ah, o Dennis ficou doente. Ele está no hospital – Otavinho respondeu.

Valquíria franziu o cenho – Doente? Como assim? O que aconteceu com ele? Você pode me dizer, por favor?

– Vou chamar minha mãe, espere um instante – falou e, logo em seguida, saiu gritando: – Maaanhê! Ela está procurando o Dennis.

– Mas que droga – Gertrudes pensou, nem a novela a gente pode mais assistir em paz – Levantou--se e foi até a parte de cima da escadaria e, olhando para Valquíria, disse:

– Sim, pois não?

– Estou procurando pelo Dennis – ela falou mais uma vez.

– Sim, mas quem é você?

– Eu estudo junto com Dennis – Valquíria mentiu.

– O Dennis comeu demais, passou mal e teve que ser internado no hospital – Falou

rispidamente.

– A senhora não poderia me ensinar onde fica o hospital para que eu possa ir visitá-lo?

Gertrudes olhou para a garota, deu de ombros e depois falou que esperasse um pouco. Entrou escreveu o nome do hospital e o quarto onde Dennis estava e mandou Otavinho entregar para a garota. Depois voltou a assistir a sua novela. Otavinho voltou ao topo da escadaria com o pedaço de papel nas mãos.

– Pode vir pegar aqui, por favor? – falou para Valquíria.

Ela olhou para Otavinho e tendo uma ideia disse:

– Posso entrar? – Ela não precisava de permissão para entrar no lado de fora da casa, mas resolveu pedir permissão para entrar na casa.

– Quem sabe não serviria para alguma coisa? – pensou.

– Claro pode entrar – Otavinho respondeu.

Valquíria abriu o portão e subiu as escadas. Otavinho entregou--lhe o papel com o endereço do hospital. Valquíria olhou o papel e guardou-o no bolso da calça. Olhou para Otavinho e falou:

– Se eu não entender alguma coisa e precisar voltar, posso entrar outra vez?

– Claro, pode entrar sim – Otavinho falou.

– Então você me permite entrar em sua casa?

– Sim, pode entrar. Você é colega de Dennis não é?

– Sim sou. Muito obrigada, então, tchau – ela disse e se virou para ir embora.

– Tchau – Otavinho respondeu e ficou olhando ela ir embora.

Valquíria voltou correndo para casa pegou a bolsa e o dinheiro e foi até um ponto de táxi entre a praça e a padaria. Ainda era cedo e havia dois táxis parados no ponto. Sem ter o que fazer, os motoristas conversavam banalidades e tomavam café de uma garrafa térmica que a cada dia um ficava responsável de encher. Aproximou-se de um deles, mostrou o papel com o nome do hospital e perguntou se podia levá-la até lá. O homem olhou para ela, e perguntou:

– Você vai sozinha até lá menina? E seus pais?

– Meu pai está internado, preciso ir vê-lo. Poderia me levar até lá, por gentileza?

– Você tem como pagar a corrida? – ele perguntou.

Ela tirou uma nota de cem cruzeiros da bolsa e perguntou se seria suficiente. O motorista abriu a porta do fusca do lado do passageiro, o banco da frente havia sido retirado para não levar muita gente e também para facilitar a entrada para o banco traseiro. Valquíria entrou e sentou-se. O motorista fechou a porta do carro, fez um aceno para o outro motorista que ficou, contornou o carro pela frente, entrou, ligou o taxímetro e saiu.

O táxi a deixou em frente ao hospital na entrada para visitas. Ela não sabia se poderia entrar. O hospital era público, mas ela só poderia entrar se a porta estivesse aberta. Era uma porta daquelas que volta a fechar depois que se passa. Não ia poder passar por ali, tinha que esperar alguém para entrar junto. Resolveu procurar outra entrada. Deu a volta e mais à frente havia a entrada do pronto-socorro, estava aberta e algumas pessoas entravam e saíam.

Ia entrar por ali e depois se informaria com alguém como chegar até o quarto onde Dennis estava. Entrou pela porta aberta, olhou em volta. Algumas pessoas estavam sentadas à espera de atendimento. Uma mulher com uma menininha no braço que chorava sem parar e a mãe tentava acalmá-la; do outro lado, um grupo de pessoas estava numa conversa animada, parecia

que nada de grave havia acontecido com eles. Um senhor de idade esperava a vez para ser atendido. Havia mais algumas pessoas sentadas nas cadeiras de espera. Sentiu o cheiro de doença, de morte, que vinha de outras alas do hospital misturado ao cheiro de remédios e desinfetantes. Naquela ala, o cheiro de sangue também era muito forte. Valquíria viu um balcão de atendimento e foi até lá.

– Por favor, meu irmão está internado aqui como faço para vê-lo? – mostrou o papel para a atendente.

A atendente olhou o papel depois falou.

– A ala de internações é do outro lado. Mas o horário de visitas já está encerrado, e crianças não podem vir desacompanhadas. Você terá que voltar amanhã com um responsável – disse.

– É mesmo? Que pena... Tem alguma saída por lá? – apontou na direção que ela havia falado que era a ala de internações.

– Sim, você segue reto por esse corredor e logo mais à frente, onde tem outro balcão de atendimento, fica a saída.

– Obrigada.

Valquíria saiu na direção que a moça lhe indicara. Olhou o número do quarto de Dennis no papel, terceiro andar, quarto 302. Não vendo ninguém por perto, subiu a escadaria em direção ao terceiro andar, rápida e silenciosamente e, na saída do terceiro andar, parou e escutou atentamente, tudo estava tranquilo. Olhou em volta mais uma vez, ninguém no corredor. Procurou pelo quarto 302, era o próximo. Chegou frente ao quarto; havia uma porta de correr instalada na entrada. Ela empurrou a porta que correu para o lado esquerdo. Olhou dentro do quarto onde havia duas camas, uma estava vazia e na outra viu Dennis deitado. Ela o chamou sussurrando:

– Dennis! Dennis!

Dennis que estava cochilando, abriu os olhos e a viu, parada em frente à porta.

– Dennis, diga que posso entrar – ela sussurrou mais uma vez.

– Val!... Entre – ele falou contente em vê-la. Sua voz ainda estava baixa, mas ele estava bem melhor. Já não estava usando a máscara para respirar e já não sentia dores. Estava apenas tomando soro de uma bolsa plástica que balançava num pedestal em cima de sua cabeça. O soro gotejava lentamente e corria por uma fina mangueira enfiada em seu braço esquerdo. Ele se levantou e sentou-se à beira da cama. Valquíria entrou, fechou a porta e correu até ele.

– Dennis o que aconteceu? Ela falou sussurrando enquanto o abraçava.

– Ainda não sei direito – disse.

– De repente, comecei a passar mal hoje de manhã. Mas como você veio até aqui? Como soube onde eu estava? Eu fiquei preocupado por não poder avisá-la.

– Fui até sua casa e perguntei por você. Peguei o endereço e cheguei até aqui. Mas o horário de visita já acabou, então entrei escondida. Não podem saber que estou aqui.

Riram em cumplicidade.

Falavam baixo para não chamar a atenção, o hospital estava bem silencioso àquela hora.

– Mas você vai ficar internado até quando? – ela perguntou

– Não sei, talvez amanhã eu já possa sair porque já estou me sentindo melhor. Meu tio veio hoje de tarde e me falou que o médico conversou com ele que meu estado não é preocupante e que vou receber alta logo.

– Por favor, fique bom logo, está bem? Mas eu venho todos os dias enquanto você estiver aqui. Venho à noite e entro sem que ninguém me veja. Eles vêm muito aqui verificar como você está?

– À noite, as enfermeiras de plantão devem passar de vez em quando para olhar os pacientes. Mas, sem problemas, dá para você ficar enquanto puder. Todavia, vou ficar preocupado se você voltar muito tarde para casa.

– Não se preocupe eu volto de táxi e desço em frente de casa, não há problema algum – ela disse, sabendo que era a mais pura verdade.

– Mas agora fiquei muito preocupada, se acontecer alguma coisa com você, eu não vou ficar sabendo. A gente tem que ter uma maneira de se comunicar.

– Você não tem telefone em sua casa não é mesmo?

– Não, não tenho. Acho que vou precisar comprar um. Você sabe como posso conseguir um?

– Bom, saber eu sei, mas é caro e complicado. É melhor esperar seu irmão voltar.

A lembrança de Adam a fez sentir uma tristeza repentina, agora estava realmente só. Não queria que Dennis também desaparecesse de sua vida.

– Está bem, depois eu vejo como fazer isso – ela disse.

Dennis assentiu, balançando a cabeça, e depois começou a pensar em outra coisa. Afinal ia ter que voltar para casa logo e agora suspeitava que Gertrudes fosse responsável pelo seu mal-estar repentino.

– Val... Eu desconfio que aquela mulher tenha colocado alguma coisa na minha comida hoje de manhã, e me fez passar mal.

– Como assim? A mulher do seu tio?

– Sim, ela mesma. Pois já havia falado que ia me envenenar. E hoje estava muito estranha, depois veio mais uma vez me falar que eu devia ir embora. É claro que não tenho certeza se ela realmente fez isso, mas estou muito desconfiado. E agora mais do que nunca preciso dar um jeito de sair daquela casa.

– Dennis escute, eu estou morando sozinha e aquela casa é minha, eu poderia até deixar você ficar comigo, mas tem o problema com meu irmão – disse.

Ela não queria mentir para ele. Mas nesse caso não tinha outro jeito, como ela ia explicar o fato de ficar dormindo o dia todo trancada a sete chaves? Depois haveria outras coisas que ele estranharia; não daria certo.

– Não, não é isso. Não estou insinuando que me deixe morar em sua casa. Do mesmo jeito que devo satisfações a meu tio, sei que você deve a seu irmão. O meu problema não é uma casa para morar, e sim poder ficar sozinho. Meu tio não sabe nada sobre o que acontece em casa. Não quero fazer confusão entre ele e a mulher, não por causa dela, que não vale nada. Mas meu tio é uma boa pessoa e o intruso na verdade sou eu. Ele vai achar estranho me ouvir falar em morar sozinho, vai querer saber o motivo, não iria permitir. A não ser que eu tenha uma boa desculpa para isso.

– E o que você pretende fazer? – ela perguntou.

– Não sei ainda, mas de agora em diante vou ter que tomar cuidado com tudo, principalmente com o que for comer – ele disse.

Ficaram conversando por algum tempo até Dennis ficar preocupado com o avançado da

hora, pois era perigoso para uma garota andar sozinha tão tarde assim.

– Está bem, vou embora agora e amanhã eu volto mais cedo. O.k.? – Valquíria disse.

– Combinado. Fico esperando você amanhã outra vez. Mas tome cuidado, se alguém vir você entrando, vão barrá-la. Então eu vou ficar sem saber se você veio ou não.

– Não se preocupe com isso, virei sem falta, eu prometo.

Ela se aproximou dele e o abraçou por alguns segundos. Depois, se afastando, encostou os lábios rapidamente nos dele e saiu. Abriu a porta cautelosamente e olhou em volta, ninguém à vista. Antes de fechar a porta, acenou para Dennis que acenou de volta. Ela saiu pelo corredor e desceu o lance de escadas até o térreo, parou no último degrau, escutou atentamente. Estava tudo silencioso. Olhou em volta. Não havia ninguém. Caminhou até a entrada de visitas. O balcão de atendimento estava vazio e as luzes já estavam apagadas. Dirigiu-se até a saída, a porta não estava trancada, abrindo-a, saiu para a noite lá fora.

Fora do hospital, a escuridão era quebrada pela luz das luminárias em frente à calçada. Valquíria procurou por um ponto de táxi, deveria haver algum por perto. Ela caminhou alguns minutos e a rua deserta ia ficando cada vez menos iluminada por causa das árvores e pela falta de postes de iluminação que iam ficando cada vez mais escassos. Resolveu voltar por onde tinha vindo e procurar na direção contrária. Achou um ponto de táxi, porém, não havia nenhum carro parado, àquela hora não deveria haver muitos clientes mesmo com o hospital ao lado. Resolveu procurar uma rua mais movimentada. Começou a pensar que para sua própria segurança deveria conhecer mais a cidade. O táxi em que viera gastou cerca de meia hora de sua casa até o hospital, então ela poderia até voltar andando se fosse preciso, mas não sabia exatamente onde estava.

– E se não conseguisse voltar para casa até o amanhecer? – pensou. Tinha que ficar mais atenta; dessa vez, ia prestar mais atenção no caminho de volta.

Quando Dennis melhorasse, ia falar para passearem mais pela cidade. Talvez ela devesse começar a andar de ônibus por via das dúvidas. Chegou numa avenida mais movimentada, continuou andando. Passaram vários carros, alguns ônibus. Viu um táxi se aproximando, fez sinal e o táxi encostou. Era um carro diferente do anterior, ela não entendia muito de carros. Esse tinha porta na parte de trás. Ela abriu a porta traseira e entrou. Falou o endereço da Praça em frente a sua casa e pediu para que a levasse até lá.

–Você está sozinha minha filha? – o motorista perguntou.

Ela respondeu que tinha vindo visitar o pai no hospital.

– Tome cuidado, viu! É muito perigoso para uma menina de sua idade andar sozinha tão tarde da noite.

– Vou tomar cuidado. Obrigada – disse.

O taxista ligou a seta e saiu; meia hora depois; Valquíria chegava a sua casa.

Valquíria deixou sua bolsa em casa e saiu novamente, tinha um plano que ia pôr em prática. Quando Dennis lhe falou sobre o que a tia havia lhe feito, uma raiva se apossou dela. Tinha certeza absoluta de que fora a mulher quem o envenenara. Pôde sentir toda a maldade que emanava dela quando conversaram há algumas horas. A mulher era do tipo maligno, não se importava com ninguém, só consigo mesma, Dennis tinha escapado por sorte, mas a sorte geralmente não bate duas vezes na mesma porta. E ela ia cuidar para que nada de mal acontecesse com ele de novo.

Chegou à frente do portão da casa e apesar do avançado da hora, não queria correr o risco

de ser vista por alguém. Escalou o muro agilmente e desceu no corredor. Verificou se havia alguma atividade dentro da casa. Pôde escutar que a mulher e a criança dormiam.

Ótimo – pensou.

Foi até a porta da sala, que se abriu com um clique, bastou desejar.

Lembrou-se do pedido que tinha feito ao garoto:

– “Você me permite entrar depois se eu precisar?”

– “Sim claro, pode entrar, você é amiga de Dennis não é?” – foi o que ele havia respondido.

Abriu a porta e quando passou a mão pelo vão, não havia nenhum empecilho que impedisse sua entrada. Entrou silenciosamente.

A casa estava às escuras, com exceção de uma luz fraca que passava pela fresta das portas dos dois quartos. Valquíria fechou a porta e se dirigiu para o quarto dos fundos. Abriu a porta e viu que o garoto dormia profundamente, saiu e fechou a porta novamente. Dirigiu-se então para o quarto onde a mulher dormia. Entrou... Uma luz fraca, amarelada de um abajur em cima da cabeceira da cama, iluminava o quarto, deixando-o numa quase penumbra. A mulher dormia atravessada na cama de casal. Valquíria pôde escutar o ronco baixo que ela emitia ao respirar.

Gertrudes acordou de repente assustada com alguma coisa estranha... Havia alguém no quarto. Abriu os olhos e levou alguns segundos para se acostumar à penumbra. Aterrorizada, vasculhou o quarto à procura do que a havia despertado. Seu coração quase saltou quando percebeu uma sombra estranha ao seu lado. A garota, que tinha vindo perguntar por Dennis há algumas horas, estava ali de pé ao lado de sua cama.

O susto passou e deu lugar à indignação.

Mas, que atrevida! Seria algum roubo? Ou o sono do sobrinho do marido desconfiado do que ela tinha feito, tinha dado a chave para essa garota vir bisbilhotar alguma coisa? – pensou.

Sentiu a raiva tomar conta de si. Ia dar uma lição nessa atrevida e depois chamaria a polícia.

Viu os olhos da garota faiscarem como chamas azuis.

Ia gritar bem alto, acordaria a vizinhança inteira se fosse preciso.

Tentou gritar, mas não conseguia emitir nenhum som. Tentou se levantar, e percebeu horrorizada que não podia se mexer. Estava paralisada. Conseguia enxergar, pensar, mas não conseguia mexer um dedo. Era como se um peso estivesse em cima dela. Sentiu um calafrio e um medo enorme quando viu aquela coisa em forma de criança, pegá-la sem esforço algum como se fosse feita de isopor e arrastá-la quarto afora pela escuridão da casa.

Gritou internamente, pedindo por socorro. Mas sua boca parecia ter sido costurada com fios de aço, não se mexia. A coisa passou pela cozinha, arrastando-a e, olhando em volta, pegou uma faca que estava em cima da pia.

Gertrudes quis espernear, gritar. Mas não obteve resultado algum, seu corpo não mais a obedecia.

O monstro a carregou para dentro do banheiro e trancou a porta.

Não... Não... O que ela vai fazer? Socorro, alguém me ajude!... – pensava desesperadamente, enquanto observava inerte a menina colocá-la sentada na privada.

Viu aterrorizada o demônio infantil pegar seu braço direito e encostar lhe a faca no pulso. A dor da lâmina rasgando, abrindo seu pulso num corte profundo foi insuportável, sua boca se

abriu num esgar mudo, seus olhos fitaram os olhos azuis da coisa e então a escuridão tomou conta dela e não sentiu mais nada.

A visão do sangue em profusão a escorrer pelo braço da mulher levou Valquíria à loucura, mas precisou se controlar. Não podia se sujar nem sujar nenhuma outra parte da casa. Levou sua boca à ferida aberta e sugou todo o sangue que precisava até se saciar. Largou a faca e limpou a boca com mão. Soltou o braço da mulher, que despencou, fazendo uma poça de sangue no chão. Levantou-se e tomou cuidado para não pisar no sangue. Trancou a porta do banheiro e saiu silenciosamente. Fechou a porta da frente que travou a um desejo seu e então emitiu uma ordem mental: – *Acorde!*

Os gritos de Gertrudes ecoaram pela noite, acordando a vizinhança.

Valquíria escutou os gritos atentamente, precisava que a mulher não morresse. Não que estivesse preocupada com ela, poderia tê-la matado, porque não passava de um ser desprezível. Mas queria que ela sobrevivesse por causa de Dennis. Não queria que ele se sentisse culpado, caso algum dia viesse a descobrir que fora ela quem tinha atacado a mulher. Além disso, tinha um plano que se funcionasse, ia deixá-lo livre de uma vez por todas de sua perseguição.

Viu acenderem-se as luzes das casas vizinhas. Subiu rapidamente pelo muro e sumiu na escuridão da noite.

* * *

Olavo esperava ser atendido pelo médico responsável do caso de Gertrudes. Estava sentado na sala de espera numa ala diferenciada do setor de atendimento de rotina e também da emergência. Ainda estava atordoado, não sabia o que havia acontecido. Recebera um telefonema da polícia em seu trabalho durante a madrugada e teve que voltar para casa. Lá chegando, o caos lhe esperava. Gertrudes já não estava, tinha sido levada de emergência numa ambulância. Os vizinhos tinham escutado os gritos e chamaram a polícia. A porta tinha sido aberta por Otavinho que chorava assustado. Foi preciso arrambar a porta do banheiro e lá eles encontraram Gertrudes caída sem forças, totalmente enfraquecida pela perda de sangue que escorria pelo corte no pulso direito, a seu lado, caída no chão, a faca de cozinha. Havia perdido muito sangue e por sorte não morreu. Balbuciava coisas sem sentido e foi levada de imediato para o centro de emergência. A polícia fez uma busca na casa e, a princípio o caso, foi considerado como tentativa de suicídio.

Nunca lhe passou pela cabeça que Gertrudes pudesse um dia tentar se suicidar. Depois que a polícia foi embora, precisou limpar a casa toda. Levou Otavinho para a casa da cunhada e pediu que tomasse conta dele por algum tempo, enquanto ele resolvia a situação e pensava no que ia fazer. Teria muita coisa para resolver naquele dia. Em apenas um dia, sua vida se transformara num caos, primeiro o incidente com Dennis e agora isso. Gertrudes tinha sido levada para o mesmo hospital onde Dennis estava internado. Olavo teve ainda que passar na delegacia para prestar depoimento.

Lembrou-se da conversa que teve com o delegado logo depois que prestou depoimento.

– Sr. Olavo Santana? Tenha a bondade de sentar, o delegado Valdecir falou, apontando-lhe uma cadeira, assim que entrou em sua sala.

Era uma sala apertada para a quantidade de coisas que lá havia; na mesa, à sua frente, fora colocado um vidro sobre o tampo com a intenção de deixá-la mais apresentável, mas, ao contrário, deixava ainda mais visível as manchas de dedos e a poeira que embaçavam o vidro.

O delegado começou a falar.

– Bom, Sr. Olavo o que posso lhe adiantar é que no caso de sua esposa não temos muita coisa a acrescentar. Fizemos uma investigação preliminar e o que pudemos constatar é que não há possibilidades de alguma pessoa estranha ter entrado na sua casa. Não foi encontrado nenhum sinal de uma terceira pessoa. Nenhuma das entradas foi forçada e sua esposa foi encontrada no banheiro que estava trancado por dentro. Havia sangue por toda parte. Não há possibilidades de alguém fazer aquilo e passar despercebido.

Ele escutara atentamente.

– Outro fato nos chamou a atenção – continuou – um sobrinho seu, que mora em sua casa, teve uma intoxicação alimentar no mesmo dia pela manhã e inclusive ainda continua internado.

– Sim, é verdade – concordou.

– Bom, encontramos evidências que nos levam a crer que sua esposa tenha envenenado intencionalmente o garoto.

Ficara boquiaberto, pensara não ter ouvido direito.

– Desculpe, mas não posso acreditar numa coisa dessas. O que leva a polícia a fazer uma acusação tão grave assim?

– Na verdade, foi por um acaso total. Veja bem Sr. Olavo, se tivesse havido um espaço de tempo grande entre os dois incidentes, provavelmente, tudo passaria despercebido. Entretanto, aconteceram praticamente no mesmo dia. Um simples incidente de intoxicação alimentar não é caso de polícia. Porém, há poucos dias, várias pessoas foram contaminadas e duas morreram. É um caso sério de saúde pública e estava sendo investigado quando aconteceu o incidente com seu sobrinho. Recebemos o depoimento do enfermeiro que cuidou de sua esposa que ela em delírio contou o que fez. E então, durante a investigação que fizemos em sua casa, encontramos outro exemplar do produto contaminado. O caso do material contaminado no supermercado foi amplamente divulgado pela imprensa e, após o incidente, todo o lote recolhido. Não há nenhuma justificativa plausível para o produto estar tão bem guardado daquela maneira. Levando em consideração o que nos foi relatado pelo enfermeiro, e o fato de ninguém mais em sua casa ter sido contaminado, acreditamos que se trate de um caso de envenenamento premeditado.

– Mas não é possível – havia dito ainda incrédulo.

– Infelizmente, tudo leva a crer que tenha ocorrido dessa maneira. Em razão do estado de saúde de sua esposa, eu indicaria que procurasse um tratamento médico apropriado. Posso lhe adiantar que, com certeza, sua esposa poderá ser indiciada por tentativa de assassinato no caso do seu sobrinho. É claro que no estado mental em que ela se encontra e dependendo do resultado dos exames clínicos, as consequências podem ser minimizadas. Mas, sinceramente, para a segurança de sua família, é melhor procurar ajuda médica para sua esposa. Dizendo isso, o delegado deu a entender que havia encerrado a conversa.

– Agradeço a sinceridade, vou procurar agir da melhor maneira possível – recordou as palavras que dissera ao delegado.

Tinha agradecido mais uma vez e se retirado.

Ainda na sala de espera do hospital, Olavo tentava imaginar o que poderia ter acontecido com Gertrudes. Lembrou o passado e, pensando bem, não podia ter certeza de que ela levava uma vida normal. Seu relacionamento com ela se pesasse bem os prós e contras, sobravam mais contras. Conheceu-a quinze anos antes e se apaixonou perdidamente. Mas ela nunca lhe

correspondeu como ele desejava e ele, apaixonado, fizera de tudo para conquistá-la. Lembrava que seu relacionamento com ela nessa época sempre fora inconstante, e que ela sempre arranjava um ou outro motivo para terminarem. Ela nunca o procurou e se ele não estivesse sempre atrás dela provavelmente não se encontrariam. Na realidade, chegaram a se casar mais pela insistência dele, pois achava que depois que se casassem conseguiria conquistá-la aos poucos.

Mas estava enganado, sempre o tratou como se ele merecesse ser punido por tê-la feito casar-se com ele. Não conseguia lembrar--se de nenhum momento de carinho espontâneo dela. Apenas do mau humor constante, da falta de confiança, das mesquinhas. Ao contrário do que planejava, ele é que aos poucos fora perdendo todo o amor que tinha no início. E hoje só continuavam juntos porque era mais fácil manter as aparências. O filho, logicamente, também pesava nessa decisão.

Por isso, fora deixando o tempo passar... Começara a sair com outras mulheres, nada de especial, apenas sexo. Entretanto, agora tinha que tomar uma decisão. É claro que ele também tinha sua parte de culpa nessa história toda, todavia, não se sentia mais na obrigação de manter essa relação unilateral. O momento não era oportuno para uma separação, ia esperar que ela melhorasse, mas definitivamente não conseguiria mais viver ao lado dela.

Estava em meio a seus pensamentos quando a atendente o chamou.

– Sr. Olavo! O doutor já vai atendê-lo.

Olavo entrou na sala e fechou a porta de vidro com cuidado. O doutor Mathias levantou-se atenciosamente.

– Sr. Olavo – disse cordialmente e estendeu-lhe a mão.

– Muito prazer! – disse Olavo apertando-lhe a mão e, logo em seguida, sentando-se na cadeira em frente à mesa do médico. O doutor Mathias aparentava ter uns sessenta anos, seus cabelos brancos bem penteados para trás e sua roupa impecável lhe davam uma aparência distinta, de acordo com a posição que ocupava como responsável da ala de psiquiatria geral do hospital geral.

– Obrigado por me receber, sei que o senhor é muito ocupado – disse.

– Não se incomode por isso, faz parte do meu trabalho – doutor Mathias falou, enquanto folheava uma pasta com os dados de internação de Gertrudes.

– Bom senhor Olavo, ainda não temos condições de dar uma avaliação precisa sobre o estado de sua esposa. Ela ainda está em recuperação, a perda de sangue foi muito grande, correu um sério risco de vida. Mas ainda não podemos dizer se haverá sequelas. Por outro lado, o estado de saúde mental de sua esposa só poderá ser avaliado melhor daqui a alguns dias. Peço então que tenha um pouco mais de paciência. Assim que tivermos maiores detalhes, entraremos em contato.

Olavo assentiu; tinha pensado fazer algumas perguntas, mas agora achava desnecessário.

– Queira desculpar tê-lo feito perder seu tempo por nada. Mas ainda havia alguns procedimentos que precisavam de sua autorização. Por isso, gostaria que o senhor assinasse alguns papéis referentes à internação de sua esposa. Se puder, por favor, passe depois no atendimento para cuidar disso.

– Claro, vou fazer isso – apertou mais uma vez a mão do médico, agradeceu, levantou-se e saiu.

Sua preocupação agora era com Dennis e Otavinho. Ia aproveitar para visitar Dennis. Ainda

estava surpreso, não conseguia acreditar que Gertrudes pudesse ter feito uma coisa dessas ao Dennis. Tinha tomado para si a responsabilidade de cuidar do sobrinho e a própria mulher fazia uma coisa dessas. Deu-se conta de repente que sua fraca estrutura familiar tinha se desintegrado. Otavinho poderia ficar por uns tempos na casa da cunhada.

Dennis, contudo, já ia receber alta, e voltaria para casa no dia seguinte, e ele precisava voltar ao serviço. Dennis era quase um rapaz, entenderia a situação. O problema maior era o que Gertrudes havia feito ao seu sobrinho, e ele, Otavio precisaria cuidar disso também.

De volta ao saguão principal do hospital, dirigiu-se à ala de internações, pegou o elevador, apertou o botão do terceiro andar, desceu no corredor, andou até o quarto 302, e abriu a porta. Dennis estava recostado na cama, tinha nas mãos uma revista de palavras cruzadas. A ponta de tédio que tinha no rosto sumiu de imediato num sorriso quando viu o tio entrando, largou a revista em cima da mesinha de cabeceira ao lado da cama. Dennis se levantou e sentou na beira da cama.

– Olá Dennis, como está se sentindo hoje?

– Já estou melhor. Disseram-me que já vou voltar para casa amanhã.

– Sim, é verdade, me falaram isso também – disse o tio.

Por dentro, não sabia o que dizer. Afinal não era fácil falar algo que nem ele mesmo acreditava. Sentia-se culpado também, sempre estivera ausente, pois ou estava dormindo ou trabalhando. Depois que o trouxera para vir morar com eles, quase não o vira. Em verdade, usara o serviço e a falta de tempo para ficar longe de casa, principalmente, de Gertrudes. Trouxera o sobrinho depois da morte do irmão e da cunhada porque achou que seria melhor para Dennis e para Otavinho também ter uma companhia. A mulher não apreciara muito a ideia, mas pensou que depois ela acabaria entendendo. No entanto, como no casamento, ele a tinha subestimado mais uma vez. Pensando exclusivamente em si mesmo, tinha fechado os olhos ao que acontecia a sua volta. Precisava fazer alguma coisa para compensar o sobrinho pelo erro que ele, Olavo, havia cometido.

– Dennis, talvez você não saiba ainda, Gertrudes foi internada às pressas hoje de madrugada por tentar se suicidar.

Dennis o olhava incrédulo.

Ficou sem jeito, foi até o canto da parede, pegou uma cadeira, trouxe para perto de Dennis e se sentou. Pigarreou, tentava coordenar as ideias, até que disse:

– A polícia também acha que você passou mal por culpa dela. E eu não sei o que dizer para você sobre esse fato lamentável. Gostaria de poder fazer alguma coisa para reparar o que ela lhe fez. Porém, no momento, a única coisa que posso aconselhar é que tome mais cuidado de agora em diante – Olavo disse.

– É verdade tio? Ela tentou se suicidar?

Dennis estava surpreso, poderia esperar qualquer coisa de Gertrudes, menos que pudesse dar cabo da própria vida.

– Quanto a me envenenar, ela me disse por duas vezes que o faria.

– O que? Ela lhe disse isso? Isso é verdade?

Isso confirmava o que ainda era uma suspeita da polícia e que ele ainda custava a acreditar... Sim, custava a acreditar.

Interiormente, esperava que essa possibilidade fosse descartada, e que a polícia chegasse à conclusão de que tinha sido um mero acidente. Queria acreditar que a mulher não fizera

aquilo. Que esses anos todos por pior que tivesse sido o relacionamento entre eles, o mal-estar era apenas entre os dois, coisas de casal. Mas ela fazer aquilo com Dennis para atingir a ele, Olavo, só mostrava que ela sempre fora uma desequilibrada ou então não passava de uma pessoa totalmente desprezível.

– Mas por que você não me falou sobre isso Dennis?

– Eu não queria incomodá-lo, tio. A tia queria que eu voltasse para João Pessoa e eu me sentia um intruso. Cheguei de repente, e ela tinha razão de se incomodar. Não queira ser a causa de atrito entre ela e o senhor. Por isso, achei melhor não falar nada.

– Dennis, você é meu sobrinho. Não é nenhum intruso. Você ter vindo de repente foi uma situação de emergência. Seu pai faria a mesma coisa por meu filho e por mim. Gostaria que sempre se lembrasse disso. Se eu tivesse sabido dessas coisas antecipadamente talvez o pior pudesse ter sido evitado.

– Por favor, de agora em diante, não deixe de me falar nada que seja importante, está bem?

– Está certo, combinado – Dennis disse.

– Amanhã, virei buscar você por volta das duas horas. Você vai ter alta depois do almoço, e eu vou dormir um pouco depois do trabalho e assim que acordar virei lhe buscar. Está certo?

– O.k.! Vou estar pronto quando chegar – Dennis disse.

Estava se sentindo aliviado porque ia deixar o hospital e também porque o tio agora sabia o que ele vinha passando.

– Vamos ter que nos adaptar por uns dias até a situação voltar ao normal. Deixei o Otavinho na casa de minha cunhada Beatriz e ele vai ficar lá por algum tempo. Você sabe que eu trabalho à noite e você vai ficar sozinho. Estou pensando em contratar alguém para fazer os serviços domésticos por enquanto até a situação se normalizar.

– Tio, por mim não precisa se preocupar, já que o Otavinho não vai estar em casa; com a comida e a roupa eu sei me virar, já estava fazendo isso – disse.

– Em todo caso, eu vou pensar em como vamos resolver isso. Está bem?

Dennis concordou balançando a cabeça.

– Agora preciso voltar, por que vou trabalhar à noite. Amanhã conversaremos melhor. Mas não se preocupe, ela não vai mais importuná-lo, não vou permitir. Então até amanhã meu filho – dizendo isso, alisou a cabeça de Dennis e foi embora.

No caminho, ia pensando que sua separação de Gertrudes era um fato decidido, entretanto, ainda restava um longo caminho a ser percorrido até que tudo se resolvesse. Dias difíceis o aguardavam.

O Dia da Caça

O delegado Valdecir estava sentado numa das mesas na calçada de um bar próximo à delegacia. A seu lado o investigador Gomes acabava de tomar o café que ambos tinham pedido à garçonete logo depois de almoçarem. Geralmente, eles vinham almoçar quando o bar já estava encerrando o horário do almoço; isso, claro, quando eles tinham tempo. Nessa hora, os clientes eram escassos e, em sua maioria, as mesas estavam vazias. Valdecir pegou o maço de continental no bolso, bateu-o na mão esquerda, fazendo a ponta de um cigarro saltar fora. Pegou o cigarro com os lábios. Tirou do bolso uma caixa de fósforos que havia pegado de brinde em algum lugar que nem se lembrava mais, acendeu o cigarro e deu uma baforada prolongada. Tomou o último gole de café que já tinha esfriado.

– E então? Conseguiu mais alguma coisa sobre o caso da tal Gertrudes?

Gomes acabou de tomar o seu café e colocou a xícara na mesa.

– Não encontramos nada de especial. Tudo se resume ao que já sabemos. O marido estava trabalhando à noite. O sobrinho do marido estava internado no hospital com intoxicação alimentar que acredito tenha sido ela a causadora. Em casa, estavam ela e o filho de dez anos. Sem possibilidades de haver uma terceira pessoa envolvida.

– Já foi possível pegar o depoimento dela?

– Ainda não, estamos em contato com o hospital. Assim que o estado de saúde dela melhorar, vamos fazer o depoimento, talvez amanhã ou depois.

– Você acha que pode ter alguma ligação desse caso com aquele outro do garoto com o pulso cortado?

– Acho difícil, pois, mesmo que a mulher estivesse louca de pedra, não acredito que ela tivesse condições de fazer aquilo sozinha.

– Também pensei isso. Mas temos que eliminar todas as possibilidades. Vamos ficar de olho naqueles dois. Acho que ainda vai sair alguma coisa desse mato. Chamaram a garçonete e mandando colocar a despesa na conta, voltaram para a delegacia.

* * *

Dennis já estava entediado sem ter nada para fazer, quando viu a porta se abrir lentamente. Do lado de fora, a silhueta inconfundível de Valquíria se iluminou com a luz que saiu do quarto. Assim que o viu, um sorriso aflorou em seu rosto.

– Entre logo antes que alguém veja você aí fora – disse ele, sorrindo.

Ela fechou a porta, caminhou até ele, empurrou-o suavemente na cama, caiu por cima dele, e o beijou demoradamente. Valquíria rolou para o lado da cama. Ficaram os dois olhando para a luminária no teto do quarto.

– Amanhã, depois do almoço, eu vou voltar para casa – disse.

– Que bom! – Valquíria falou.

– Todos já estão sabendo que foi minha tia quem tentou me envenenar. Parece que ela tentou se matar ontem de madrugada. É engraçado... Eu não acho que ela faria isso de forma alguma. Bem, pelo menos não preciso me preocupar mais com ela.

– Agora você está livre daquela víbora, ela não vai poder fazer mais nada a você.

– Nem posso acreditar que me livre dela.

– Dennis... Quando você vai voltar à escola?
– Acho que depois de amanhã.
– Mas você já está se sentindo melhor? Você acha que já pode voltar?
– Hum... Já estou bem melhor. No primeiro dia, eu me sentia estranho, parecia que havia muitas partes do corpo dormentes. No dia seguinte, senti-me um pouco melhor. Hoje, contudo, não sinto mais nada: não sinto nenhuma dor, nem disenteria. Estou com fome. Essa comida do hospital é muito ruim. Queria comer um sanduíche com bastante maionese, ketchup. Mas não vou poder comer coisas gordurosas, temperadas ou doces por pelo menos uma semana.

– Faça tudo direitinho para se curar de vez. O.k.? – ela disse.
Apesar de ela mesma não saber o que era gostar de comer esse tipo de coisa.
– Você vai ficar sozinho em casa agora?
– Agora estou só: meu primo vai ficar na casa da tia dele, e meu tio, como sempre, trabalhando à noite. Ele só chega pela manhã e vai dormir.

– Então posso visitá-lo?
– Pensei que você nunca ia falar isso.
Os dois começaram a rir.
– Amanhã, a gente podia fazer alguma coisa, pois já estou cansado de ficar nesse quarto, quero andar um pouco.

– Tem certeza de que não haverá nenhum problema para você?
– Sim, estou bem melhor, não sinto mais nada.
– Então eu vou ficar lhe esperando lá em casa – ela disse.
Ficaram conversando até mais tarde, combinaram que Valquíria dormiria na casa de Dennis no dia seguinte. Então, por volta das onze horas, Valquíria resolveu ir embora para não preocupá-lo.

Saindo do hospital, foi até o ponto de táxi. Porém, como no dia anterior, não havia nenhum. Por isso, resolveu ir até a avenida onde havia conseguido um na primeira vez que tinha ido visitar Dennis. A rua estava movimentada, mas nem sinal de táxi. Continuou caminhando até que, de repente, surgiu um, com a luz de desocupado acesa. Fez sinal com a mão. O carro parou em frente a ela. Era um fusca branco, estava equipado com rodas de alumínio e pneus bem menores que o normal. Para Valquíria, aquilo não dizia nada, porém, era um velho truque para que o taxímetro rodasse mais. O taxista olhou pela janela aberta do passageiro e perguntou a Valquíria:

– Vai para onde garotinha?
– Vila Pires, Avenida Dom Pedro I
– Está sozinha?
– Sim – respondeu.
O taxista esticou o braço e abriu a porta do fusca, que também não tinha o banco dianteiro de passageiro. Valquíria entrou e sentou-se. O taxista fechou a porta, ligou o taxímetro na bandeira dois e saiu.

Valquíria reclinou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos. O vento fresco que soprava em seu rosto e o ronronar do motor lhe davam uma sensação agradável. Fechou os olhos e começou a pensar em Dennis, e de como sua vida estava mudando depois de conhecê-lo. Começara novamente a gostar de coisas que já não se importava mais. Aliás, não se

lembrava de ter feito nada de que gostasse há muitos anos. Desde que o conheceu sentia-se outra pessoa. Claro que Adam sempre se preocupava com ela, mas ele era seu irmão. Com Dennis era diferente, algo novo, não sabia explicar o que sentia. Depois que o conheceu, o tédio e a sensação de inutilidade desapareceram como que por milagre. Até esquecia-se de quem era, e esse era o problema. Não podia enganar a si mesma, a fome viria lembrar-lhe quem era. Estava brincando de ser uma menina comum. Entretanto, seria Dennis quem ia sair machucado dessa brincadeira, se ela não pusesse um ponto final em tudo.

Olhava distraída a paisagem noturna que passava pela janela do táxi. Tinha prestado atenção no caminho, nas vezes que pegara táxi para ir e voltar do hospital, já se acostumara. Quando passou pela loja em que tinha ido fazer compras com Dennis, sabia que logo estaria em casa.

O táxi, todavia, continuou avançando pela avenida principal, mas não entrou na Avenida D. Pedro I. Em vez disso, seguiu em frente e passou por várias ruas estreitas sem iluminação, parou por fim em um terreno abandonado onde havia alguns contêineres velhos. O motorista desligou o motor do carro e se virou para Valquíria.

– Por que parou aqui? Aconteceu alguma coisa? – Valquíria perguntou estranhando o local.

– Não é nada benzinho, tenho certeza de que você vai gostar bastante – falou, enquanto saía do banco da frente e avançava para cima dela.

Segurou com força sua blusa e tentou arrancá-la num puxão à medida que subia em cima de suas pernas, tentando imobilizá-la com seu corpo. Pega de surpresa Valquíria levou alguns segundos para esboçar qualquer reação. Quando entendeu que ele tentava atacá-la, empurrou-o com toda força no espaço vazio onde faltava o banco dianteiro. O homem caiu e bateu a cabeça no painel do carro, ficou furioso.

– Ah, agora eu vou acabar com você sua cadela – falou, espumando de raiva. Ia mostrar a essa vadiazinha o que era bom para ela.

Valquíria voou para cima dele que tentou socá-la com o punho direito. Mas ela segurou facilmente seu braço e o prendeu no assoalho. O outro braço do homem havia ficado preso embaixo do seu corpo quando caíra. Ela o imobilizou ficando por cima dele que não entendia como uma garotinha daquelas tinha tanta força.

Ele esbravejava e movimentava a cabeça sem parar.

– Me larga sua cadela, eu vou foder você, sua filha da puta – dizia.

Com a mão direita, ela empurrou a cabeça dele fortemente contra o assoalho do carro e cravou-lhe os dentes no pescoço. O homem soltou um urro de dor, enquanto ela cuspi fora pedaços da carótida que havia arrancado, deixando um buraco enorme por onde o sangue jorrou. Completamente descontrolada pela visão do sangue, encostou a boca na ferida aberta e sugou. O cheiro de suor misturado com o de cigarro que emanava dele e sua força tentando escapar, aumentaram sua fome.

O homem gritava e se debatia, mas era inútil, uma força tenaz o imobilizava por completo. O ritmo de seu coração foi diminuindo até não passar de um fraco sussurro. Começou a agonizar e logo entrou em estado de choque sem compreender o que acontecera. Sua visão se turvou e totalmente enfraquecido não ofereceu mais resistência alguma.

Valquíria se sentiu saciada, levantou a cabeça e respingos de sangue escorreram por seu queixo e pescoço, sujando sua blusa. O sangue continuava a escorrer pela ferida no pescoço do homem caído, ele ainda respirava e tinha convulsões, mas logo morreria. Ela se inclinou

por cima dele, e segurando-lhe a cabeça com as duas mãos, num movimento brusco, arrancou-a fora do corpo.

Jogou a cabeça no assoalho.

Tateou o bolso da camisa dele à procura dos cigarros, sabia que deveria haver uma caixa de fósforos ou isqueiro. Não achou. Então, levantou-se, procurou pelo carro e achou os fósforos no porta-luvas. Procurou por sua bolsa e a encontrou, caída no banco traseiro.

Saindo do carro, procurou alguma coisa que servisse a seus propósitos. Abriu o capô traseiro, mas lá havia apenas o motor, fechou-o com força. Abriu o capô dianteiro e achou o que queria: um galão plástico de cinco litros e uma pequena mangueira enrolada.

Apesar de não entrarem em detalhes sobre as muitas vítimas feitas durante todos esses anos, evitar suspeitas sobre perda de sangue ou ferimentos estranhos nas vítimas era um assunto constante entre ela e Adam. Saber como eliminar suspeitas era crucial.

Procurou o que deveria ser o tanque de gasolina – Estava trancado – o que não era problema algum para ela. Girou a tampa com força e a trava quebrou facilmente. Colocou a mangueira dentro do tanque e aspirou com cuidado – não queria vomitar – a gasolina escorreu para dentro do galão plástico que ela deixou encher até transbordar. Arrancou a mangueira da boca do tanque e a jogou dentro do carro. Espalhou gasolina por todo carro, principalmente, em cima do cadáver. Jogou o galão vazio para dentro e fechou a porta. Afastou-se um pouco, riscou um fósforo e jogou-o dentro da caixa que se incendiou; jogou a caixa em chamas sobre o carro e o fogo se alastrou. Em alguns segundos, labaredas tomaram conta do veículo por completo. Saiu rapidamente e tomou o caminho de volta para casa. Alguns minutos depois escutou a explosão, seguida do clarão das chamas que podiam ser avistadas de onde estava.

– Estava feito – pensou.

Quando chegou à sua casa, foi direto ao banheiro, despiu-se e tomou um banho. Esfregou-se bem, tentando tirar todas as manchas de sangue que havia, lavou bem os cabelos e depois se examinou no espelho. Enxugou-se, vestiu uma roupa limpa e juntou as roupas sujas, separou apenas as que estavam manchadas de sangue. Olhou as calças que tinha usado há pouco e viu que tinha apenas uma pequena mancha, porém, a blusa não tinha jeito. Pegou todas as roupas com sangue e queimou-as no incinerador. Tinha que ser mais cuidadosa e não se sujar tanto assim – pensou. Verificou mais uma vez a pilha de roupas sujas, afinal não queria que Dennis ou alguém da lavanderia encontrasse acidentalmente alguma mancha suspeita.

Estava se sentindo melhor. Pensou que ia ser mais difícil se alimentar depois que Adam se fora. Tinham combinado sempre escolher para vítimas as pessoas potencialmente más. Porém, nunca se importou em perguntar se ele fazia o que combinaram ou se tinha dificuldades em cumprir essa promessa. Nunca quis incomodá-lo, pois já era o bastante ele fazer todo o serviço sujo por ela. Mas ela tinha encontrado facilmente esse tipo de pessoa ultimamente. Conseguia distinguir quando uma pessoa era boa ou tinha má índole. Logo no início, quando adquirira essa doença, se martirizava ao ter que tirar uma vida, relutava até o último momento, e quando já não podia mais se controlar com a crise de abstinência, destruía o que restava de sua sanidade mental. E o pior de tudo, era estar nesse estado e ter que se recolher, porque o dia não tardava a raiar. Na noite seguinte, quando acordasse, estaria completamente enlouquecida, atacaria qualquer um que aparecesse. É claro que mesmo nesse momento jamais faria mal a quem gostava como seus pais, seu irmão, ou Dennis. Assim como a alguém que ela soubesse ser querido dessas pessoas. Mas perdia qualquer escrúpulo ou bom-senso, e poderia

fazer coisas impensadas, e isso, com certeza não seria boa coisa. Com o passar do tempo, se rendeu à sua condição e aceitou sua natureza predatória. Poder fazer sua escolha entre a escória do mundo era um alento. Entretanto, deixou de se preocupar com isso, foi então que Adam começou a cuidar de tudo por ela.

Os tempos, todavia, mudaram, e agora Adam se fora. Estava sozinha, precisava sobreviver por sua própria conta. Alimentar-se não seria o maior problema, pois já fizera isso antes. Mas não saberia viver só. Suportara o tédio de sua vida amaldiçoada, por causa de seu pai e de Adam. Contudo, agora, não tinha ninguém. Dennis aparecera de repente em sua vida, no entanto, ele não sabia o que ela era, e não passava de um garoto. Mesmo que ela com seus trinta anos, não passasse de uma menina de treze anos. E isso era um maldito contrassenso que a enlouquecia.

Antigamente, quando ainda era apenas uma menina comum, vivera superprotegida numa redoma. O mundo a sua volta se resumia a Adam, seu pai, a governanta, senhora Hudson, e alguns empregados da casa. Isso logo mudaria, pois ia ficar moça, surgiriam pretendentes, casaria e constituiria sua própria família, como acontecia com as mocinhas de sua época. Mas esse logo, nunca aconteceu e passou todos os dias de sua vida reclusa. Não sabia mais como era a vida que as pessoas levavam. Não sabia nada sobre o amor e sobre o sexo.

Sobre o amor, ia começar a experimentar agora, pois se sentia apaixonada por Dennis. Não parava de pensar nele, queria abraçá-lo, protegê-lo, estar com ele, dar sua vida por ele. E se isso não fosse amor nada mais faria sentido.

Sobre sexo, sabia apenas que um homem e uma mulher se amavam, se casavam e tinham filhos. Lembrava-se de ouvir histórias sobre isso; mas não sabia exatamente o que acontecia e ninguém falava nada para ela. É claro que ela suspeitava e tirara suas próprias conclusões, entretanto, não sabia de verdade. O que sabia era apenas o que havia lido em livros. Porém, saber não é sentir e ela se lembrava de sensações diferentes, um estremecimento, um arrepio bom ao tocar partes do seu corpo, ou quando brincavam, ela e Adam, explorando as diferenças que cada um possuía. Sensações que atualmente só encontrava paralelos na ânsia de se alimentar. Depois disso, já havia ficado sem roupa várias vezes em frente a Adam, e não sentiu mais nada de diferente, achava natural. Sabia que os adultos não tiravam suas roupas na frente dos outros, e isso era relacionado ao sexo. Ultimamente, porém, Adam a mandava vestir-se quando por acaso ficava despida em sua presença, pensou tratar-se de coisas de adulto. Contudo, no outro dia, quando tomou banho na casa de Dennis e ele a viu sem roupa, foi a primeira vez em muitos anos que notou alguma coisa diferente. E ele estava envergonhado por causa disso. Hoje também quando aquele homem do táxi tentou atacá-la, ela não sabia exatamente o que ele queria. Mas ele tinha tentado tirar a sua roupa. E quando ela o derrubou e subiu por cima dele para imobilizá-lo, sentiu alguma coisa dura entre suas pernas. Dennis também tinha ficado assim. Porém, ele tentou esconder, mas o homem do táxi a atacou da mesma maneira que ela atacava as pessoas quando precisava se alimentar. Quando ficara abraçada a Dennis, naquela noite, também sentira algo diferente, novamente uma sensação boa, eletrizante, que percorreria todo seu corpo. Precisava descobrir o que era aquilo que se passara entre eles. Tinha certeza de que isso estava relacionado a amor e a sexo, e queria descobrir, queria experimentar. Se ela for sincera talvez ele não se sinta envergonhado e possam conversar. Sim, talvez essa seja uma boa ideia. – pensou.

Pegou seus baralhos e, deitada de bruços no carpete, começou a jogar paciência.

A Primeira Vez

Olavo tinha ido buscar Dennis no hospital e, por volta das três horas da tarde, ele já estava em casa. O tio precisava ir trabalhar, mas estava preocupado com ele. Olavo contratou uma senhora das redondezas para cozinhar para ambos. Ela fazia o almoço e o jantar durante a semana, apesar de Dennis ter falado para não se preocupar com isso, pois saberia se virar sozinho. A primeira coisa com que se preocupou ao chegar a casa foi com seu quarto que havia deixado aberto. Subiu correndo as escadas e abriu a porta que não estava trancada, mas, para seu alívio, tudo estava em seu lugar. A segunda coisa que fez foi tomar banho e trocar de roupa, já não aguentava mais o cheiro de hospital, que lhe parecia impregnar toda a roupa. Depois desceu até a sala e assistiu TV, queria procurar um bom programa para assistir à noite com Valquíria, já que ela não tinha o costume de ver TV.

– Será que não haveria algum programa interessante ou filme? – pensou enquanto girava o seletor, procurando algo de bom para assistir. Viu que às nove horas passaria um filme de terror na Record, era a “Maldição da lua cheia”, um filme de lobisomem.

– Será que ela gosta de filmes de terror? Já que não gostava das revistas...

Faltavam alguns minutos para as seis horas da tarde quando chegou à casa de Valquíria; ia tocar a campainha, mas a porta se abriu antes e o rosto dela surgiu sorridente.

– Entre – ela falou enquanto abria a porta.

Ele passou e ela voltou a trancar a porta, correu até ele e o abraçou por trás.

– Que saudades... – murmurou.

– Mas nos vimos todos os dias! – ele disse.

– Sim, mas agora você está aqui comigo.

Nada do que havia acontecido com ele importava mais, pois só o fato de ter conhecido Valquíria tinha valido a pena.

– Vamos levar suas roupas na lavanderia e depois vamos para minha casa?

– Sim, vamos.

– Hoje você dorme comigo lá em casa?

– Posso ficar com você, mas como da outra vez tenho que voltar para casa cedo.

– Está certo, mas me acorde dessa vez está bem?

– Está certo. Mas, pode ficar deitado, não precisa vir comigo, você deve descansar.

– Já descansei demais.

– Não seja teimoso.

Ela foi até o banheiro, e quando voltou trazia duas sacolas cheias de roupas.

– Val... – ele começou a falar.

– Hum! O que foi? – ela perguntou enquanto colocava as sacolas no chão e o fitava.

– A lavanderia não lava roupas íntimas. Só as roupas comuns.

– Ah é? E onde vou lavá-las? – ela falou, olhando suas roupas íntimas saindo pela boca da sacola.

– Você mesma deve lavar.

– É mesmo? É que nunca lavei roupa nenhuma.

– Bom, eu aproveito quando vou tomar banho e já lavo as minhas.

– Hum! Parece trabalhoso – ela disse.

– Você pode também comprar uma máquina de lavar, mas custa bem caro e vai precisar de um encanador que a instale.

– Parece complicado! É melhor, então, eu me esforçar um pouco! – disse, fazendo uma cara de cansada.

Saíram caminhando de mãos dadas enquanto Dennis carregava a sacola com as roupas. Foram primeiro à lavanderia e, depois, ao mercadinho. O que preocupava Valquíria era se poderia entrar facilmente ou não, mas tanto a lavanderia quanto o mercado eram públicos e as portas ficavam bem abertas. Ela poderia entrar sem problemas, não precisaria de convite.

– Dennis! Quero comprar alguma coisa para você. Porque nunca tenho nada em casa para lhe oferecer – ela disse.

– Não precisa se preocupar com isso.

– Mas eu quero – ela disse

– Está bem! Compre refrigerantes então e coloque-os na geladeira.

Valquíria lembrou-se de que precisava verificar bem a geladeira, não poderia deixar nada estranho lá dentro; se ele soubesse o que ela guardava lá antes, talvez jamais usasse a geladeira para nada. Riu consigo mesma com o descabimento da preocupação, pois se ele descobrisse uma coisa dessas, usar ou não a geladeira seria o menor dos problemas.

Compraram refrigerantes e tiveram que pagar pelas garrafas. Dennis carregou a sacola e Valquíria segurou sua mão enquanto saíam. A dona do mercadinho lançou-lhes um olhar desaprovador enquanto os via se afastar.

– Esse mundo está perdido – pensou enquanto balançava a cabeça.

Quando finalmente chegaram à casa de Dennis, passava das 8 horas, entraram pela porta da cozinha, a senhora que o tio contratara havia deixado o jantar pronto e voltaria no dia seguinte antes que ele saísse para a escola. Dennis entrou e acendeu a luz. Valquíria ficou parada na soleira da porta. Dennis lembrou-se.

– Pode entrar Val.

Ela entrou, ele pegou a sacola que ela trazia e deixou em cima de uma cadeira.

– Você realmente não vai comer nada? – ele perguntou.

– Não. Você sabe que não posso. Mas lhe farei companhia.

Dennis ainda estava em tratamento e só poderia comer coisas leves. Valquíria ficou olhando enquanto ele comia; depois que acabou, lavou a louça e pôs para secar – morar sozinho trazia muitas responsabilidades – ela pensou enquanto o olhava.

Foram para a sala, ele ligou o televisor preto e branco. Ainda faltavam alguns minutos para o início do filme. Girou o seletor de canais e parou em um noticiário. Ao ouvir as notícias transmitidas daquela maneira, Valquíria ficou interessada.

– Quando eu ainda era pequena tínhamos um aparelho de TV em casa, mas não gostava de assistir. Mas agora, pensando melhor, talvez seja uma boa ideia ter um em casa – disse.

Será que não vão fazer imagens coloridas como no cinema? – continuou.

– Já existem aparelhos coloridos, mas a maioria da programação ainda é em preto e branco.

– Acho que vou querer comprar um desses para mim. Será que a gente não podia voltar àquela loja?

– Eu não vou ter muita coisa para fazer por esses dias, então, poderemos ir – Dennis disse –

Mas deve custar muito caro, e provavelmente vai ser entregue em outro dia, você vai precisar estar em casa.

– Não podemos trazê-lo nós mesmos?

– Se tiver para pronta entrega, poderemos trazer de táxi. Mas vai custar muito caro.

– Não se preocupe com isso – ela disse.

– É mesmo? Que bom!

O filme começou, era a história de um homem que, atacado por um lobisomem, se transformava em lobisomem também. A parte mais assustadora do filme era quando o homem tendo ido com o filho pequeno para uma casa de campo na floresta, ao se transformar em lobisomem tentava pegar o filho que fugia durante toda a noite. No final, ele era morto pelos habitantes locais.

Depois que o filme acabou, foram para o quarto de Dennis. Ele apagou tudo, fechou a porta e subiram. Depois que Dennis entrou e acendeu a luz do quarto percebeu que Valquíria já estava lá dentro.

– Que bom que você já se acostumou a entrar sem convite – falou brincando.

– Você já me convidou antes.

– Desculpe, estou brincando eu só gostaria que você soubesse que não precisa fazer cerimônia comigo.

– Por favor, tenha paciência comigo e com minhas manias. Quando você me conhecer de verdade tudo isso vai acabar. Eu mesma me confundo e não sei quando posso ou não entrar em um lugar em que já estive.

– Isso eu posso entender, minha avó, mãe do meu pai que ainda está viva, começou com pequenas manias: precisava verificar várias vezes se a porta estava realmente fechada ou olhar muitas vezes embaixo da cama para ver se não havia ninguém escondido por lá. Não seria melhor você procurar um médico enquanto ainda é cedo?

Valquíria riu e disse não se preocupe, pois não é grave a esse ponto, é só uma pequena mania. Você pode relevar por mim?

– Vou pensar – ele disse, rindo e foi fechar a porta.

– Não preciso falar para você ficar à vontade, não é? – disse enquanto se dirigia ao banheiro para escovar os dentes. Deixou a luz do banheiro acesa.

Valquíria tirou um pijama da sacola e uma toalha.

– Gostaria de tomar banho – disse.

– Pode passar na minha frente. Depois eu tomo – Dennis falou enquanto ia até a cabeceira da cama. Ligou o abajur, apagou a luz do quarto e sentou-se. Valquíria começou a se despir, depois se cobriu com a toalha e entrou no banheiro. Dennis a olhou por uns instantes. Ainda não sabia lidar com essa situação, ficava envergonhado. Depois que ela entrou no banheiro, tirou a roupa vestiu um calção, deitou-se na cama e se cobriu com o lençol. Alguns minutos depois Valquíria saiu do banho enrolada na toalha. Apagou a luz do banheiro e foi até a cama. Ficou em frente a ele e o olhou nos olhos. Ele se encostou mais para o lado da parede e engoliu em seco.

– Dennis...

– Sim? – ele disse tentando disfarçar seu nervosismo.

– Olhe para mim – disse, deixando a toalha cair.

Ele já a tinha visto despida ao se trocar, mas agora ela estava ali, bem diante dele, completamente nua. Encabulado, tentou desviar o olhar.

– Por favor, olhe para mim, não há do que se envergonhar.

Ele a olhou nos olhos.

– Olhe-me por inteira, por favor!

Ainda encabulado, desceu lentamente os olhos pelo corpo de menina que começava a ter formas de mulher. Os seios pequenos, a pele clara, o ventre chato; os pelos ralos, mas escuros de seu púbis; a curvatura de suas coxas, os tornozelos e os pés muito pequenos. Ela então se deitou na cama e se cobriu com o lençol. Virou-se para ele e disse:

– Pode me dizer o que você sente? O que acontece quando me vê assim? – falou em voz baixa, num sussurro.

Ele queria falar, mas sua boca teimosa selou seus lábios, impedindo-o de exprimir o que sentia. Valquíria procurou a mão dele embaixo do lençol e entrelaçou seus dedos.

– Somos apenas nós dois, não há nada o que temer ou se envergonhar.

– Eu não sei o que dizer – ele sussurrou para ela.

– Diga só o que você está sentindo, simplesmente isso. Preciso entender o que se passa também comigo.

– Você não sabe mesmo?

– De verdade? Eu não sei – falou sincera.

– É a primeira vez que gosto de alguém, isso nunca havia acontecido comigo antes.

– Mas o que você quer saber exatamente? – ele disse, sem saber por onde começar nem o que dizer. – Eu também não sei nada sobre isso.

– Pode começar, dizendo o que sente ao ver-me despida.

Ele queria encontrar palavras que exprimissem o que estava sentido. Vasculhou suas recordações, procurando ajuda. Mas o que encontrou não explicava nada. Eram apenas lembranças de menino, sensações estranhas ao ver por baixo das saias levantadas das garotas, ou nas raras oportunidades em que vira partes mais ousadas da anatomia do corpo feminino.

– Eu não sei o que dizer. Não sei explicar o que sinto. Sei apenas que você mexe comigo; me faz desejar você e querer ser desejado por você. O que mais quero é que a gente se una e se complete.

Ela encostou seus lábios nos dele, depois o puxou para perto de si. E ele se deixou levar no abraço, sentiu o aconchego do corpo dela junto ao seu.

Ela passou a mão suavemente no rosto dele.

– Quer fazer comigo? – sussurrou.

Ele ainda não havia pensado como seria sua primeira vez. Um calafrio tomou conta de seu corpo, o coração disparou, suas mãos ficaram geladas. Não sabia o que deveria fazer, nem por onde começar. Ficou apavorado. Gaguejou alguma coisa para ela sem saber exatamente o que estava dizendo.

– Se você quiser, eu quero – ela sussurrou.

Percebendo que ele estava em pânico, abraçou-o mais forte e o beijou.

Ele retribuiu o abraço e sentiu o calor de sua pele nua contra a dela. Uma corrente elétrica pareceu percorrer seu corpo quando sentiu a firmeza dos seios pequenos contra o seu peito. Quis tocar cada linha daquele corpo, sentir cada curva. Sentir o perfume e a maciez da pele.

Descer por suas pernas, desvendar em carícias os segredos encerrados em seu sexo. Descobriu-se atrevido ao percorrer, destemido, caminhos desconhecidos, guiado por um instinto que não sabia possuir. Sentiu o corpo dela tremer de prazer, sua respiração acelerar e o ritmo de cada pulsação aumentar em harmonia com as dele, unidas pelo contato dos corpos.

Era uma sensação nova e maravilhosa para Valquíria. Há muito tempo que havia se concentrado apenas em viver dia após dia, esquecendo-se de quaisquer resquícios dos sentimentos antigos. Conformara-se em sua reclusão, como se mais nada existisse; como se não houvesse nada além daquilo. Mas, agora, era como se recuperasse o tempo perdido. Estava descobrindo o que era gostar, amar, proteger. Amar era dar a própria vida a quem se ama. Entregar-se de corpo e alma. E o resultado disso era a descoberta de coisas novas. Seu corpo reagira com estímulos que lhe eram desconhecidos. Quando encostara seu corpo nu ao corpo dele, seu corpo estremeceu. E, quando ele a tocara, foi como se um vulcão adormecido despertasse dentro dela. E era uma coisa boa demais. Em meio a seus devaneios, escutou Dennis sussurrar alguma coisa para ela.

– Sim, sim, sim... – Respondeu entre suspiros que tentava controlar em vão. Sentiu o peso do corpo dele sobre seu corpo. Conduziu-o enquanto ele tentava, desajeitado, se encontrar no corpo dela. As sensações se confundiam, sentiu o mesmo frenesi que sentia ao se alimentar, tentou se controlar, não queria machucá-lo. A sensação vinha num crescendo, abraçou-o com força. Não ia conseguir controlar-se, seu corpo se sacudiu em um tremor. Soltou os braços que o envolviam e segurou o colchão com as duas mãos, rasgando-o quando o clímax chegou por fim. Sua respiração acelerada, aos poucos, foi voltando ao normal. Tudo isso ocorreu em poucos minutos e foi maravilhoso.

Dennis estava muito excitado e mesmo quando Valquíria o ajudou a encontrá-la, sentiu dificuldades em fazê-lo; quando finalmente conseguiu, a sensação foi demais para ele, não conseguiu se controlar. O clímax veio numa onda de prazer que, depois de quebrar-se violentamente no ancoradouro, voltou suavemente para a imensidão do mar.

Valquíria o beijou carinhosamente. Ficaram abraçados por um tempo, um tempo infinito.

– Desculpe... – Dennis falou. Sentia-se envergonhado. Tinha sido sua primeira vez e não tinha conseguido se controlar. Achava que tudo havia sido rápido demais.

– O que foi? – Valquíria sussurrou. Ele parecia chateado e ela não conseguia entender a razão.

– Não consegui me controlar, e eu queria que fosse uma coisa boa para você também.

– O que você está falando seu bobo? Foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Segurou o rosto dele com as duas mãos e o beijou repetidas vezes.

– Verdade? Jura?

– Claro que sim; foi muito bom. Nunca senti isso antes, foi maravilhoso.

Dennis ficou mais tranquilo.

Ficaram abraçados ainda por um bom tempo, até que, cansado, Dennis adormeceu tranquilamente. Valquíria ao seu lado velou seu sono.

Quando deu quatro e meia da manhã, como havia prometido Valquíria o acordou.

– Dennis, acorde! Tenho que ir embora, logo vai amanhecer.

Ele abriu os olhos assustado, levou alguns segundos para se acostumar à situação. Ia se levantar.

– Não, você deve descansar – ela disse. – Olhe para mim.

Ele fitou seus olhos, e ela então lhe falou: – Você vai voltar a dormir, já amanheceu. Não há com o que se preocupar, posso voltar tranquila. Está vendo? Você deve descansar para se recuperar mais rápido. Volte a dormir!

Sentindo as pálpebras pesarem, Dennis encostou a cabeça no travesseiro e voltou a dormir profundamente. Valquíria puxou o lençol e o cobriu. Saiu e encostou a porta que se trancou num clique quando a chave girou por dentro. Olhou para o horizonte, ainda era noite, mas, ao longe, os primeiros sinais da aurora tingiam o céu de vermelho. Tinha que se apressar. Ainda não precisava se alimentar, pois, no dia anterior, tinha se alimentado o suficiente. A quantidade que havia tomado, sobretudo por ser direto da fonte, poderia mantê-la por vários dias. Dali a três dias mais ou menos, antes do amanhecer, entraria em crise. Então até no máximo a meia-noite do terceiro dia deveria alimentar-se, para ter uma margem segura. Além disso, teria que ir um pouco mais longe da próxima vez. Precisava variar de região. Subiu no muro, pulou para a rua e saiu rapidamente.

Tinha sido uma noite maravilhosa, a melhor de sua vida. Será que não haveria uma maneira de não precisar matar pessoas para sobreviver? Seria perfeito, seria quase normal. Poderia sonhar em ficar com Dennis. Mas lembrou-se de outro problema... Dennis iria crescer, ficaria adulto, envelheceria. Porém, ela ficaria para sempre como estava. Para sempre uma criança de treze anos. Mas e se Dennis ficasse como ela? Sentiu-se horrorizada, mesquinha por pensar isso. Como ela podia pensar uma coisa dessas? Dennis jamais iria querer virar o monstro que ela era. Mais do que isso, não podia desejar que ele vivesse no inferno em que ela vivia. Não, ela o amaria para sempre mesmo quando ele envelhecesse. E quando ele morrer, ela morreria junto.

Quando chegou em sua casa, o dia começava a clarear. Fechou rapidamente a porta e correu para a escuridão do seu quarto. Travou todas as fechaduras, tirou a roupa e vestiu o pijama que havia levado para a casa de Dennis. Ainda podia sentir o cheiro do corpo dele. Deitou-se e enquanto esperava o sono chegar, continuou a pensar. Dennis não tinha segredos em relação a ela, abrira sua casa, sua alma para ela. Não seria natural ela dizer que o ama e fechar sua porta para ele. Estavam íntimos demais e não poderia ficar por muito tempo escondendo o que fazia durante o dia. Por mais que relutasse em admitir, era um “vampiro”. Era esse o nome que se dava ao monstro que ela era. Gostaria de não ter segredos para Dennis, mas esse era terrível demais. Talvez fosse demais para ele. Decidiu que, se o perdesse, daria cabo de uma vez por todas com sua maldição. Não suportaria mais a solidão. Se o perdesse, iria para um lugar bem distante, onde não poderia voltar para casa a tempo de se proteger do amanhecer. Viraria um monte de cinzas. Tinha que resolver isso. Enquanto pensava, sentiu a letargia tomar conta de seu corpo e depois veio a escuridão total.

Quando Dennis acordou algumas horas depois, lembrou-se de Valquíria ao acordá-lo e de como já estava claro quando ela saiu. Mas por que não a acompanhou? Como podia ser tão indiferente? Justo com ela que fazia tudo por ele. Como pôde voltar a dormir? Devia ser efeito dos remédios que estava tomando. Lembrou-se da noite anterior, sua primeira vez, foi complicado. Ainda bem que Valquíria tinha sido compreensiva com ele. Mas, no final das contas, tinha sido tudo perfeito. Ele já não era mais virgem. Viu a porta do guarda-roupa aberta. E, no espelho, escrito com batom em letras vermelhas:

Vou amá-lo por toda a eternidade.

Estarei lhe esperando à noite.

Escutou alguém tocar a campainha. Vestiu-se rapidamente e desceu. Era a senhora que tinha vindo para preparar o almoço e o jantar para ele e para o tio.

* * *

O delegado Valdecir recostou-se na cadeira. Acendeu seu continental sem filtro. Deu uma longa tragada e bateu o cigarro no cinzeiro de vidro, já cheio de pontas. Quando era garoto, sonhava em entrar para a polícia, defender a lei e a justiça.

–Hum, lei e justiça..., quanta besteira – pensou.

O que o aguardava era uma velhice miserável, com uma aposentadoria insignificante. Isso se algum delinquente não estourasse seus miolos num momento de distração. Apagou o cigarro no cinzeiro e deixou a ponta entre os restos de cigarro. Um cheiro de cigarro velho invadiu o ambiente. A porta do gabinete rangeu nas dobradiças quando o investigador Gomes entrou na sala.

– Precisava dar um jeito nesse barulho irritante – Valdecir pensou.

Gomes puxou a cadeira e sentou-se em frente a ele.

– E então, o que conseguiu descobrir?

– Tivemos sorte, apesar do fogo e da explosão foi possível tirar as impressões digitais da mão esquerda que estava por baixo do corpo. Conseguimos identificar o cadáver do táxi – Gomes falou enquanto puxava o maço de cigarros do bolso da camisa.

– Chama-se Edson Oliveira, era foragido da justiça. Tinha prisão decretada por estupro. Um caso comprovado e suspeito de mais uns dois casos na região da Freguesia do Ó – pegou um cigarro, colocou na boca, acendeu com um fósforo que depois balançou e jogou no cinzeiro da mesa de Valdecir.

– Pode ter sido vingança? – Valdecir perguntou.

– Essa hipótese é bem provável. A tampa do tanque de gasolina foi encontrada intacta a alguns metros do local. Dentro do carro, havia restos do que provavelmente era um tanque plástico e mangueira, usados para tirar a gasolina do próprio carro e incendiá--lo. A cabeça fora arrancada do corpo, o que indica que já estava morto antes do incêndio. Fora isso, mais nada pôde ser apurado.

– Hum! Se for vingança, menos mal. Esse vagabundo teve o que merecia. Agora o problema è: e se não for? É muito estranho... Vários casos misteriosos numa mesma região. E a mulher, a tal de Gertrudes? Já tiraram o depoimento dela?

– Sim, estivemos ontem no hospital. Ela já podia falar, mas não dizia coisa com coisa. Ou está maluca ou é esperta demais, querendo se livrar da acusação de tentativa de assassinato contra o sobrinho do marido.

Valdecir escutava atentamente.

Gomes continuou: – Estava alterada, falava numa garota que o sobrinho havia mandado para matá-la. Disse que estava dormindo e acordou com a tal garota em seu quarto. A garota a arrastou para o banheiro e cortou seu pulso. Falou ainda que, horas antes, a tal garota havia passado perguntando pelo sobrinho e que ela havia informado o endereço do hospital onde o sobrinho estava internado. Um monte de coisas sem sentido.

Valdecir coçou a cabeça. Era natural que numa cidade como aquela, os distritos policiais estivessem cheios de ocorrências. Mas as últimas ocorrências eram de crimes fora do comum, que chamava a atenção da imprensa. E todas no distrito dele, os superiores o estavam

pressionando. Tinha que ter algum resultado para apresentar.

- Se ela estiver perturbada não poderia ter atacado o outro garoto na rua?
- Definitivamente, acho que não. Ela envenenou o sobrinho e depois tentou se suicidar. Isso é certo. Talvez esteja perturbada sim. Mas, quanto a ter atacado o outro garoto na rua, acho muito difícil, creio que não foi ela.
- Bom, vamos torcer para que não aconteça mais nada estranho.

Uma Descoberta Aterrorizante

A volta à escola, foi muito diferente do que Dennis imaginara. Ninguém estava sabendo nada do que acontecera a ele. Pensavam que precisou faltar porque estivera doente. Levou o atestado médico à secretaria. A professora Elizabeth veio particularmente perguntar se ele já estava melhor. Agradeceu e foi para a sala de aula.

Ótimo, é melhor assim – pensou.

Já o caso de Edu, era notório por ter saído nos jornais. Só ele não sabia, tomara conhecimento da história naquele dia. Escutara o comentário entre os outros alunos.

Então foi na noite em que eles o haviam roubado. Vai ver que foram roubar mais alguém e tinham se dado mal. Azar o dele, bem feito – pensou.

Alex estava na escola, mas nesse dia não o importunou. A primeira aula do dia foi de educação moral e cívica. Era uma das matérias que Dennis não gostava. Nesse dia o professor falou sobre a ditadura militar e o “Ato Institucional n. 5” ou simplesmente “AI-5”, como era conhecido. Dennis, assim como a grande maioria da população, não tinha noção exata do que era a ditadura. Algumas pessoas falavam bem, outras falavam mal e ele não se importava muito. Um dia, quando ele estivera na casa de seus padrinhos, o padrinho, que era militar aposentado, estava comentando com sua mãe:

– Essa corja fica falando em democracia, democracia. Mas a democracia deles era fazer o pessoal ir votar na ponta da arma.

E falava de sua participação na Revolução de 1930. Dennis escutava tudo interessado, mas não sabia exatamente sobre o que ele estava falando. Na sua experiência de vida de 14 anos, a vida lhe parecia sem problemas. Fora o fato de ter perdido os pais e as consequências que isso lhe trouxe, o mundo lhe parecia uma maravilha. O noticiário sobre pessoas passando fome, analfabetismo e outras coisas, parecia-lhe acontecer distante, em outro planeta. Não conseguia entender em que ponto tudo isso poderia interferir em sua vida.

O professor falava sobre o AI-5 de uma maneira revoltada. Explicava que era um artifício que a ditadura militar arranjara para se perpetuar no poder, dizia empolgado:

– Com esse ato, o presidente da República tem poder para mandar prender qualquer cidadão sem precisar de nenhum motivo especial, uma ação totalmente arbitrária... Bom, é melhor eu parar por aqui porque as paredes podem ter ouvidos – disse.

Quando finalmente soou o sinal, anunciando o fim das aulas, Dennis pegou sua bolsa e saiu apressado para se encontrar com Valquíria.

Valquíria estava decidida a comprar o aparelho de TV. Foram novamente até o shopping center e ela escolheu um modelo portátil, colorido. O aparelho custou muito caro, cinco mil e oitocentos cruzeiros. Antes de saírem de casa, ela havia perguntado para Dennis quanto precisaria para comprar a TV, ele não tinha certeza, mas sabia que não seria barato. Ela trouxe uma bolsa de couro duro que mais parecia uma caixa quadrada. Abriu a tampa e dentro havia alguns envelopes com documentos. Puxou o compartimento com os envelopes que saíram facilmente. Embaixo outro compartimento com jóias: anéis, pulseiras e colares.

Dennis ficou pensando se seriam bijuterias. Se fossem de verdade, deveria ter uma fortuna ali. Ela tirou também o compartimento das joias e, no último compartimento, havia um pacote

de cédulas de quinhentos cruzeiros dobradas: eram nove pacotinhos de dez cédulas e um com algumas notas retiradas, deveria ter quase uns cinquenta mil cruzeiros. Outro maço com notas de cem cruzeiros, algumas notas de dez cruzeiros. Dois talões de cheques. Ele viu o nome gravado no talão de cheques – Valquíria Strathis.

– É seu nome que está gravado no talão de cheques? – perguntou a ela.

– Sim, é – ela respondeu.

– Mas você pode movimentar conta em bancos sendo menor de idade?

– Não tenho a menor idéia; foi meu irmão quem fez para mim. Eu, na realidade, nunca usei. Mas, voltando ao valor do aparelho de televisão, quanto você acha que devo levar em dinheiro?

– Não tenho certeza, mas talvez custe mais que cinco mil cruzeiros.

Ela pegou dois pacotes – dez mil cruzeiros.

– Será que é suficiente?

– Acho que sim – ele respondeu. Ainda estava surpreso por ela ter tanto dinheiro guardado em casa.

* * *

Depois das compras, voltaram de táxi para casa, levando a TV. Era o último modelo da Phillips, colorido, portátil, de cor preta com controles deslizantes. Dennis improvisou um local em frente ao sofá, ligou o fio na tomada, esticou a antena retrátil e ligou a TV. O som e a imagem surgiram perfeitos. Experimentou todos os canais.

– Parece bom – ele falou, virando-se para Valquíria.

Sentou-se no sofá ao lado dela. Dessa vez, Valquíria se deitou e colocou a cabeça nas pernas de Dennis. Ficaram assistindo a programação até tarde. Por fim, Dennis acabou cochilando, trocaram de posição e ele acabou dormindo no colo de Valquíria. Ela resolveu não acordá-lo, daria um jeito pela manhã.

Quando o dia amanheceu, Valquíria o despertou antes que ela mesma precisasse dormir. A casa era bem iluminada pela luz elétrica, mas, quando se apagava a luz, ficava numa escuridão total, mesmo durante o dia. Lá fora, o dia amanhecera resplandecente e já estava bem claro, teria que tomar cuidado quando fosse abrir a porta para ele sair. Dennis esfregou os olhos, foi ao banheiro e depois lavou o rosto. Olhou o relógio, eram quase seis da manhã.

Voltou à sala, Valquíria o abraçou demoradamente, depois olhando para ele falou:

– O dia já amanheceu e já está bem claro, mas tome cuidado ao voltar para casa, está bem?

Ele assentiu, encostaram levemente os lábios num beijo suave e Dennis, se desvencilhando do abraço, caminhou até a porta. Valquíria ficou apenas olhando, sem se aproximar.

– Por favor, feche para mim depois que passar, o.k.?

– Está bem, tchau.

– Tchau, você virá à noite?

– Sim, sem falta.

A sonolência começou a chegar vagarosamente. Assim que ele saiu, trancou a porta, apagou a luz e saiu apressada para seu quarto.

– Hoje fora a primeira vez que Dennis ficara com ela até o raiar do dia. Tinha que tomar mais cuidado, pois estava se arriscando. Tinha se acostumado com a presença dele. O único momento em que não pensava em Dennis era quando estava dormindo, aliás, nesse momento

não pensava em nada. Mas assim que acordava já sentia saudades, queria estar perto dele. Qualquer dia desses ia passar da hora e acabaria adormecendo na frente dele, ou pior, ia acabar perdendo o momento certo de se alimentar. E isso não seria nada bom. Sua vida não era um conto de fadas, pelo contrário. Estava indo tudo muito bem por enquanto, mas estava construindo um castelo de areia na beira do mar. Um dia uma onda mais forte varreria seu sonho e ela ia ficar só outra vez.

Entrou no quarto, trancou a porta, despiu-se rapidamente, deixando a roupa pelo chão. Deitou-se confortavelmente e sentiu o sono chegar aos poucos e tomar conta de todo seu corpo; alguns minutos depois, dormia profundamente.

* * *

Depois de sair da casa de Valquíria, Dennis resolveu passar na padaria próxima. Enquanto estava na fila, viu Benito entrando na padaria. Quando Benito viu Dennis perto do caixa aproximou-se.

– Oi, Dennis. Não sabia que você morava aqui perto.

– Oi, moro aqui perto sim, mas geralmente vou à outra padaria.

– Ah, por isso, que nunca lhe vi. Mas mudando de assunto, você já tem grupo para o trabalho de história? – Benito perguntou.

– Não, ainda não tenho nenhum grupo. Em verdade, ainda não me enturmei na classe. Estava realmente pensando como ia fazer...

– Então, se quiser, pode entrar no nosso grupo. Somos quatro por enquanto: eu, a Marta, a Ângela e o Marcos. Se você quiser participar, vamos nos reunir amanhã de manhã lá em casa.

– Sério? Pô, da hora. O que preciso fazer?

– Espere um pouco, vou comprar pão e já lhe mostro onde fica minha casa.

O garoto foi até o balcão de atendimento e Dennis ficou esperando. Quando acabou de fazer a compra, Benito se aproximou e saíram, voltando em direção à escola. Enquanto caminhava, Benito começou a falar.

– Você viu que chegou um parque de diversões no Jardim do Estádio?

– Não, não sabia. É um parque grande?

– Ainda não fui ver, estou pensando em ir no domingo. Mas já está funcionando. Falaram que tem até montanha-russa. Durante a semana começa a funcionar depois das seis horas da tarde.

– Legal! Acho que vou lá dar uma olhada. Você sabe exatamente onde fica?

– É fácil, só pegar o ônibus pro Jardim do Estádio, ele passa em frente ao parque. Mas não fica muito longe daqui de casa, devem ser uns dois quilômetros.

– Então lá de casa deve ser mais perto ainda – Dennis comentou.

Chegando à primeira travessa da rua, onde ficava a padaria, Benito parou na esquina e indicou uma casa, amarelo-claro, que distava uns vinte metros de onde se encontravam.

– É a segunda casa à esquerda. Amanhã às nove horas, combinado?

– O.k., combinado então.

Dizendo isso, despediram-se e Dennis voltou para casa.

Nesse dia, à noite, Dennis ficou com Valquíria até quase meia-noite, assistindo TV, e ela o convenceu a voltar para casa, afinal ele tinha que estudar também. Era melhor descansar, eles teriam ainda muito tempo para se encontrar. Combinaram ir ao parque de diversões no dia

seguinte.

Na manhã seguinte, um pouco antes das nove horas, Dennis pegou seu material e foi à casa de Benito. Foi o primeiro a chegar. Logo em seguida, as duas garotas chegaram juntas e, por último, Marcos. Na escola, Dennis fizera amizade apenas com Benito. Por isso, o trabalho de história seria uma boa oportunidade para conhecer melhor os outros alunos do grupo. Deveriam falar sobre os jardins suspensos da Babilônia, e Dennis ficou encarregado de preparar a parte visual. Ficaram planejando como fariam o trabalho até as onze horas e combinaram outro encontro para a semana seguinte, em que cada um traria sua parte na tarefa. Despediram-se e Dennis foi para casa almoçar antes da aula. Uma das garotas, a Ângela, morava na mesma direção que Dennis, os dois voltaram conversando.

* * *

Naquela noite, Dennis chegou cedo à casa de Valquíria e ficou esperando enquanto ela se trocava. Quando ela apareceu estava linda demais, com uma roupa diferente e até com adorno nos cabelos. Ele não podia acreditar que ela era sua namorada.

– O que foi? – ela disse com um sorriso.

– Você está estonteante! Ainda não acredito que estamos namorando.

– Não seja bobo.

Ela se aproximou e o beijou levemente, depois falou: – O parque fica muito longe daqui?

– Não muito, indo de ônibus chegaremos bem rápido.

Valquíria concordou, precisava aprender a andar de ônibus caso não conseguisse pegar um táxi com facilidade. Tinha algo que a incomodava, teria que se alimentar sem falta nessa noite. Portanto, não poderiam ficar juntos até tarde. Teria que inventar alguma desculpa depois do parque, para que Dennis voltasse logo para casa. Pretendia ir a algum lugar distante, precisaria de tempo para voltar até o amanhecer. Ia ser a primeira vez, em muitos anos, que saía ela mesma à procura de uma vítima que pudesse saciar sua sede de viver.

– Deveria ter deixado o parque para o dia seguinte – pensou.

Esse era o sacrifício a ser pago por flertar com uma vida normal, pois, em algum ponto, sempre toparia com o inferno vindo cobrar a sua parte.

– Mas tudo bem, daria um jeito dessa vez – pensou. Afinal também estava ansiosa para conhecer o tal parque de diversões. Há muito tempo, quando ela e Adam ainda eram crianças, tinham ido algumas vezes a um desses parques. Tinha sido divertido e era uma das lembranças boas que guardava consigo.

Eles saíram, caminhando de mãos dadas. Pegaram o ônibus em um ponto próximo à casa de Dennis.

Quando o ônibus chegou, Dennis fez sinal para que parasse. Subiram pela porta traseira. Valquíria ia prestando atenção em todos os detalhes para saber o que fazer quando precisasse andar sozinha. Passaram pela roleta e Dennis pagou as passagens. O ônibus não estava muito cheio. Escolheram um assento vazio próximo à porta de saída e Valquíria, sentada ao lado da janela, olhava entretida a paisagem que passava rapidamente pelo vidro embaçado. O parque não ficava muito longe e alguns minutos depois já podiam avistar as luzes da roda-gigante, brilhando na escuridão da noite. Mesmo antes de descer do ônibus, já se escutava o barulho animado dos brinquedos em movimento, o burburinho das pessoas e a música ecoando pelos alto-falantes colocados em pontos estratégicos. Valquíria viu o carrossel e quis dar uma volta. Dennis comprou os bilhetes e ficaram esperando pela vez na fila. Entregou os bilhetes para o

porteiro que sorriu enquanto abria a porta para que entrassem. Subiram no carrossel e Valquíria escolheu um cavalo branco e Dennis ficou ao seu lado em um cavalo negro. Valquíria parecia extasiada com o brinquedo. Dennis estava feliz por ela estar feliz, mas achava o carrossel um brinquedo muito bobo. Foram depois à roda-gigante, a visão da cidade do alto, à noite, era esplêndida. Quando desceram, ele quis experimentar o ringue de patinação. Valquíria sabia andar de patins muito bem e mostrou o que ele deveria fazer. Após vários tombos, Dennis já conseguia dar algumas voltas sem cair. Combinaram voltar mais algumas vezes para que ele pudesse aprender mais.

Ficaram passeando pelo parque, admirando todas as atrações que lá havia. Dennis parou em frente a uma barraca de jogos e quis experimentar derrubar alguns brindes na lona, jogando bolas coloridas; eram três tentativas. Enquanto ele jogava, Valquíria viu um carrinho de pipocas. Lembrou-se de como ela e Adam gostavam de pipocas antigamente. A senhora Hudson sempre preparava para os dois nas tardes de domingo. Era uma lembrança boa.

– E há quanto tempo ela não se lembrava das coisas boas que viveu? – pensou. Decidiu ir até o carrinho e comprar um saquinho.

– Com manteiga e sal ou caramelizada? – perguntou o pipoqueiro.

– Manteiga e sal – ela respondeu.

– Saltando uma pipoca na manteiga no capricho para a linda mocinha – o homem disse com um sorriso, enquanto lhe entregava a pipoca.

Valquíria pagou e agradeceu, depois voltou até onde Dennis estava, e entregou-lhe o saquinho de pipocas.

– Para você – disse com um sorriso.

Ele pegou a pipoca e ofereceu a ela, apenas para não perder o costume.

– Hum! Você sabe que não posso – ela disse.

Ele então lhe estendeu o brinde que havia ganhado, acertando uma das bolas. Era um chaveiro com um morcego de plástico risonho de asas abertas.

Ainda ficaram por mais algum tempo passeando pelo parque e depois resolveram voltar para casa, caminhando. O luar num céu sem nuvens deixava a noite muito clara. Seguiram, brincando animadamente pela avenida principal deserta. Estavam entretidos com a conversa amena sobre o parque de diversões, quando Valquíria percebeu passos que pareciam segui-los. À medida que caminhavam, os passos ficavam mais rápidos, eram dois homens que se aproximavam. Dennis ainda sem nada perceber andava tranquilamente a seu lado. Passaram pela escola e viraram a esquina do cemitério. Foi só nesse momento que ele percebeu a presença dos dois homens que se aproximavam de maneira suspeita. Segurou a mão de Valquíria com mais firmeza e apressou o passo, o suor começou a gotejar de sua testa, a casa de Valquíria ainda estava longe e eles não haviam passado nem pela metade do cemitério.

Um dos homens começou a falar:

– Ei, ei, que pressa é essa? Aonde vocês vão assim com essa pressa toda? – disse.

Estavam bem próximos e um deles, chegando-se ao lado de Valquíria, falou-lhe algumas gracinhas. Depois passou à frente e parou entre o muro do cemitério e uma árvore que havia na calçada, tentando bloquear o caminho.

Tinha o sorriso frouxo na boca, por causa de dois dentes da frente que lhe faltavam. Era loiro, e de estatura média. Vestia calça jeans, uma blusa com capuz e estava de tênis. Estava com as duas mãos enfiadas numa espécie de bolso canguru na frente da blusa.

O que ficara atrás era negro, alto e forte. O cabelo estilo *black power*, bem arrumado, sem um fio sequer fora do lugar. Também vestia calças *jeans*, uma camiseta creme com gola rolê e calçava um tênis *all star*. Ambos aparentavam ter por volta de vinte anos. Dennis percebeu que fitavam Valquíria com interesse.

Segurando a mão de Valquíria, Dennis saiu da calçada e continuou caminhando pela pista. O sujeito que ficara atrás, num pulo, segurou Valquíria pelos cabelos, fazendo-a soltar a mão de Dennis.

– Espere aí... Calminha – Falou zombeteiro, enquanto fitava Valquíria com olhos sedentos.

– Larga ela! – Dennis gritou, indo para cima dele tentando soltá-la. Sentia-se impotente e com medo, mas não poderia ser covarde. Foi impedido pelo loiro banguela que o empurrou para o lado.

– Qual é irmão, fica aí quietinho que vai ser melhor para você – disse.

Dennis tentou enfrentá-lo, quis dar-lhe um soco, mas não estava acostumado com brigas. O loiro banguela o dominou facilmente, deu-lhe outro empurrão que o fez cair num dos adornos pontiagudos do portão do cemitério, rasgando a camisa, não se machucando seriamente por pouco. Valquíria fez um movimento tentando se soltar, mas o homem a segurou com mais força e começando a explorar-lhe o corpo, falou para o banguela:

– Vai, alemão tá esperando o que? Dá logo um jeito nesse pivete pra gente se divertir com a gatinha.

Dennis estava assustado, mas não podia permitir que machucassem Valquíria. Enfurecido, soltou um rugido de raiva e avançou para cima do alemão, mas este o golpeou com o pé no estômago, fazendo com que caísse novamente ao chão. A dor explodiu em seu abdômen, sentiu falta de ar, mas não podia desistir, tinha que salvar Valquíria, ia se levantar de novo. Viu então o alemão tirar alguma coisa do bolso canguru, um canivete, que brilhou na escuridão ao ser acionado. Avançou para cima de Dennis e tentou golpeá-lo no estômago. Mas Dennis se esquivou num impulso e a lâmina passou de raspão, rasgando-lhe a camisa, fazendo um filete de sangue escorrer. Assustado, Dennis passou a mão no corte, sentiu-se perdido, porque, provavelmente, não conseguiria se esquivar de outro ataque.

Nesse instante, um som oco de algo se quebrando, se fez ouvir. Instintivamente seus olhos se viraram na direção do som e o que viu foi aterrorizante. O sujeito de penteado *black power* caía encostado ao muro, a cabeça completamente esfacelada. O penteado, antes impecável, agora num formato esquisito, torto, amassado contra o muro, estava salpicado de vermelho. Os olhos esbugalhados saltados fora da órbita faziam do seu rosto uma careta medonha, a camiseta parecia ter sido tingida de vermelho vivo.

No instante seguinte, viu Valquíria voar para cima do alemão. A arma, que ele segurava, rolou pelo chão, quando ela dobrou seu braço num formato esquisito. Dennis viu Valquíria derrubá-lo ao chão e depois cair por cima dele. Sem entender nada do que acontecia, escutou sons estranhos, de algo sendo sorvido. Continuava vendo Valquíria agachada por sobre o homem e quando ela lentamente ergueu a cabeça, viu sangue escorrer por sua boca e queixo, pingando em sua blusa. No pescoço do homem caído, uma enorme ferida sangrava em profusão; ficou paralisado de terror e quando a fitou nos olhos ela irrompeu num choro convulsivo.

– Está vendo? Agora, você sabe o que eu sou – disse por entre suspiros e soluços.

Dennis não conseguia emitir nenhum som.

– Vá embora Dennis – ela gritou – Por favor, vá embora, e nunca mais me procure. Agora você já sabe, é isto o que sou.

Dennis levantou-se, usando as grades do portão como apoio. Não conseguia dizer nada. Olhava para ela que continuava ainda sentada por cima do homem que já não se debatia, com a cabeça abaixada, soluçava sem parar. Ele não sabia o que fazer.

Valquíria se arrependera do que fizera. A fome insaciável, a crise de abstinência iminente e a visão do sangue a fizeram perder o controle, mas agora era tarde demais. Podia ter hipnotizado os marginais e acabado essa história de outra maneira; podia hipnotizar Dennis e fazê-lo esquecer o que vira, mas estava cansada disso tudo. Não foi assim que planejara que acontecesse, mas era o melhor a ser feito, acabar com tudo de uma vez por todas. Tinha que tomar uma decisão drástica, ele precisava ir embora imediatamente antes que aparecesse alguém. Ela não queria que ele fosse envolvido.

Gritou enfurecida:

– Vá embora agora Dennis. Antes que eu faça a mesma coisa com você.

Ele quis balbuciar alguma coisa, mas ela o interrompeu histérica.

– Não quero machucar você, mas, se não for embora agora, não respondo por mim.

Assustado, Dennis saiu correndo. Correu o mais que pôde até chegar a sua casa. Subiu as escadas apressado, entrou em seu quarto e chorou, chorou o que não havia chorado em toda sua vida. Tirou a camisa rasgada e a jogou no chão. Estava todo sujo e com os braços ralados além da dor proveniente do corte de raspão que levara. Entrou no chuveiro e se esfregou com força como se quisesse apagar os vestígios do horror que havia presenciado. Deitou-se na cama e ficou esperando que Valquíria aparecesse e dissesse que nada daquilo tinha sido verdade. Queria acordar ao lado dela e descobrir que tinha batido a cabeça ao cair de algum brinquedo no parque de diversões, talvez uma queda feia ao cair dos patins e sonhara com tudo aquilo. Mas nada acontecia, continuava bem acordado e podia lembrar-se de tudo.

Deus faça que não seja verdade, por favor – implorava por um milagre, esquecendo-se nesse momento de que não acreditava em Deus. As lágrimas começaram a sair de seus olhos novamente, e chorou até não poder mais e, cansado, acabou dormindo.

Acordou cedo no dia seguinte, estava com um gosto amargo na boca. Nada de Valquíria, nenhuma mensagem no espelho, nada. A lembrança da noite anterior voltou repentinamente, o hematoma no estômago, a ferida no lado esquerdo e a camisa rasgada jogada ao chão estavam ali para lembrá-lo de que não havia sido um sonho o que acontecera na noite anterior.

Um vampiro... Aquela garota doce por quem tinha se apaixonado, era um vampiro. Então era por isso que ela nunca comia nada. Era por isso também que nunca tinha se encontrado com ele antes do anoitecer. Apesar de já ter dormido com ele aqui em seu quarto, ou melhor, quem dormira tinha sido ele. Ele nunca tinha visto o quarto dela. Era por isso que a casa parecia abandonada durante o dia. Ela deveria estar dormindo em seu caixão.

Sim, era isso... Aquele quarto nos fundos que sempre estava fechado deveria ser uma espécie de mausoléu. Tinha ainda aquela história de não poder entrar nos lugares sem ser convidada, como tinha lido nos livros. Como ele pôde não desconfiar de tantos indícios?

Levantou-se rapidamente, pegou a camisa rasgada no chão amassou-a bem e jogou no cesto de lixo. Queria esquecer tudo que acontecera. Trocou de roupa rapidamente.

Ainda bem que não precisaria ir à escola. Por causa de sua doença, estava liberado das aulas de educação física.

Ótimo pelo menos isso – pensou.

Queria voltar ao local onde tinha acontecido tudo na noite anterior. Provavelmente, já tinham descoberto os corpos.

O que será que está acontecendo por lá?– ia imaginando, enquanto abria o compartimento secreto da mala.

Arrependeu-se de não ter comprado a bicicleta. Mas ia dar um jeito nisso hoje. Pegou todo o dinheiro que tinha guardado e colocou na carteira. Desceu apressado pelas escadas. A senhora que preparava a comida para ele e o tio não viriam nesse dia. Podia sair sem se preocupar com isso também. Trancou o portão e saiu fazendo o caminho que percorria todos os dias ao ir para a escola.

Parou em frente à casa de Valquíria, tudo parecia como antes. Estava tudo tranqüilo. Examinou a casa como já fizera várias vezes. Estava trancada e nenhum sinal de sua moradora.

Claro, está dormindo escondida do sol.

Olhou mais alguns instantes e saiu em direção ao cemitério. Quando estava próximo ao local da noite anterior, viu uma aglomeração, justamente onde deveriam estar os corpos. Havia três viaturas da polícia interditando a passagem e muitos curiosos em volta. Resolveu não se aproximar mais, voltou caminhando até a praça e esperou até passar o primeiro ônibus para o centro da cidade.

* * *

O delegado Valdecir estava possesso, pois era mais um caso estranho na sua jurisdição.

– Diabos! E dessa vez com dois mortos – comentava com o investigador Gomes.

– São dois vagabundos que não irão fazer falta nenhuma. Todavia, o que chama a atenção é o jeito como foram mortos – disse.

– Tudo leva a crer que o primeiro a ser morto foi o beicola. Se o tivessem atropelado ou jogado o carro em cima dele contra o muro ainda dava para entender. Mas, não, simplesmente o amassaram inexplicavelmente contra a parede. O revolver 38 ainda na cintura mostrava que fora pego de surpresa. Provavelmente, tentavam assaltar algum incauto e foram surpreendidos por alguém que não gostou do que faziam.

– Já no caso do alemão, não dá para entender porque ele não fugiu enquanto o outro era morto. Quebraram seu braço e arrancaram-lhe a cabeça fora do corpo. A perícia ainda está examinando para saber como foi que fizeram tamanha carnificina sem deixar marca alguma. Isso não é trabalho de nenhum desses justiceiros “pés-rapados” que andam por aqui, é uma coisa diferente. Poderiam ao menos usar um método comum, e não fazer essa desgraceira toda – disse jogando a ponta de cigarro no chão e a pisando com o calcanhar.

Gomes ficou em silêncio, só sabia que não queria estar na pele do delegado. A imprensa ia fazer alarde e, provavelmente, o governo do estado ia cair em cima dele, pressionando-o por uma solução imediata do caso.

Valdecir saiu em direção aonde os peritos examinavam os corpos. Gomes saiu logo atrás dele. Um dos peritos o chamou e mostrou algo que havia sido encontrado em cima de um dos cadáveres.

– Não poderia ser do alemão? – disse.

– Sim. Essa hipótese também é viável, mas minha opinião é que nosso assassino deixou cair por engano.

Valdecir olhou com interesse, era um pequeno chaveiro de plástico com a figura de um morcego sorridente.

A Verdade Nua e Crua

Dennis comprou a bicicleta. Deveria estar feliz por isso. Mas, em verdade, não tinha nada para comemorar. A bicicleta ia servir apenas para que pudesse se locomover mais rápido. Decidiu andar pela cidade para clarear suas ideias.

Afinal, o que ela queria com ele? – tentou recordar os acontecimentos desde que a tinha conhecido. Tinha sido ela que começara a falar com ele, mas depois foi ele que tinha ido procurá-la.

Teria sido alguma espécie de encantamento que lançou sobre mim? – E por quê? Queria meu sangue?

Mas já fazia quase dois meses que se encontravam e ela nunca lhe fizera mal algum. Pelo contrário, sempre fora muito atenciosa para com ele. Além disso, ela havia mudado bastante, pois, nos primeiros encontros, ela parecia uma pobre menina de rua. Mas ultimamente estava completamente mudada – continuou pensando.

Lembrou-se do que ela havia falado na noite anterior.

– “Agora você já sabe quem sou”.

– Lembrou-se também do que ela havia falado quando a pediu em namoro.

– “Quando você souber quem realmente eu sou”.

Então era isso que ela queria dizer... Mas a história deles não podia acabar assim, dessa maneira. Além do mais, ele gostava realmente dela. Mas ela matava pessoas!... E bebia o sangue!

Droga... O melhor a fazer era esquecê-la. Voltar para João Pessoa. Mas não podia ser assim, queria falar com ela mais uma vez. Mesmo que corresse risco de vida. Lembrou-se de mais uma coisa:

E o tal irmão? Seria irmão mesmo ou seria outro vampiro? E por que tinha desaparecido de repente? – Eram muitas perguntas sem respostas. Tinha que vê-la, e ia ser hoje mesmo – pensou. Resolveu ficar andando pela cidade de bicicleta até o anoitecer.

Antes mesmo de escurecer, Dennis já havia chegado à casa de Valquíria. Ficou na praça, esperando até que anoitcesse, tinha passado em casa antes para deixar a bicicleta. Quando o sol começou a desaparecer no horizonte, ele decidiu ir até a casa, aproximou-se da porta e tocou a campainha. A resposta foi imediata.

– Dennis é você? – escutou a voz dela por trás da porta.

– Sim... Sou eu.

– Vá embora – escutou-a dizer.

– Não... Não vou embora assim dessa maneira. Preciso falar com você antes.

Escutou a fechadura sendo destravada e a porta se abriu. Estava ansioso, tinha pensado muitas coisas para esse encontro. Não sabia direito como deveria agir.

– Seria a aparência dela aquela que ele estava acostumado a ver ou sua verdadeira forma era a de um monstro horrendo?

Um emaranhado de dúvidas ia se formando em sua cabeça como se a descoberta de uma verdade que já existia há muito tempo pudesse mudar alguma coisa, apenas com o passar de uma noite. Mas de uma coisa tinha certeza, não sentia nenhum medo. O único fato que o

incomodava era o detalhe de “morte” e “assassinato”, fazer parte do mecanismo de existência da vida que ela levava. Tentou deixar esse detalhe em algum canto remoto de seu cérebro.

Quando a porta se abriu, a voz de Elton John ecoava pelo ambiente, ela escutava o disco que ele havia comprado.

– Entre, por favor – ela falou, enquanto abria caminho para que ele pudesse passar.

Enquanto passava pela porta seus olhares se cruzaram, e ela então se voltou para fechar a porta atrás dele. Ele quis evitar, mas seu olhar desobediente a examinou de cima a baixo, procurando algum indício que denunciasse o monstro oculto por trás daquela aparência de menina. Valquíria se voltou e o olhou sem dizer nada. Ela parecia triste, mas era a mesma Valquíria de sempre, não havia nela nenhum resquício que pudesse lembrar o que havia acontecido na noite anterior. Vestia uma de suas roupas novas, o cabelo estava resplandecente e estava linda.

– Não pode ser verdade, devo ter enlouquecido ou tido um surto repentino de loucura e imaginado todo o horror da noite anterior – pensou.

– Você está bem? – Valquíria perguntou.

– Hum, hum – ele respondeu.

Ela então continuou.

– Dennis, não tenha medo mim, não vou fazer mal a você. Sei que deve estar decepcionado, mas nada mudou no que sinto em relação a você. Por favor, não tenha medo.

Ele caminhou até o sofá, olhou tudo, tentando descobrir algo que tivesse passado despercebido, mas não havia nada, era a mesma casa de antes. Colocou sua bolsa ao lado do sofá no chão e sentou; ela se sentou em frente a ele.

Ele havia pensado em várias coisas para dizer, mas...

– Você é um vampiro? – foi a palavra que saiu de sua boca.

– Não gosto desse nome, mas acho que é isso o que sou – ela respondeu.

Dennis pensou que talvez tivesse outra reação ao ouvir a confirmação da própria boca de Valquíria, mas, ali diante dela, era como se estivessem falando de outra pessoa.

– Talvez você ache estranho, no entanto, eu nunca me senti isso que você acabou de falar... “vampiro”; eu me sinto apenas uma pessoa comum, apesar de ter que me alimentar de sangue. Eu nunca admiti isso para mim mesma. Contudo, agora, acho que chega de mentiras, vou assumir isso diante de você, vou aceitar a realidade do que sou... É isso mesmo, eu sou um vampiro. Eu mato pessoas e bebo seu sangue. Eu vivo de sangue, e a luz direta do sol me destruirá completamente.

– É verdade mesmo? Então tudo aquilo que aconteceu ontem vai acontecer sempre? – ele perguntou desolado.

– Desculpe, não queria que fosse assim, mas não podia deixar que o machucassem, foi inevitável. Agora você já sabe o monstro que habita em mim. O melhor para você é se afastar; ontem aconteceu aquilo, outro dia acontecerá de novo e você poderá se envolvido nas consequências. Não quero que nada aconteça a você.

– Mas você precisa matar pessoas? Não pode ser de outra maneira?

– Dennis escute. É complicado, e ao mesmo tempo muito simples. Você está acostumado com as regras que os homens criaram, e eu estou além delas. O homem se apossou do mundo com sua inteligência, e controla a vida e a morte dos outros animais. Ele não precisa mais caçar, é só ir a algum mercado e comprar o que precisa para se alimentar. Criam os animais

com o propósito de matá-los e se alimentar deles depois. Esses animais já nascem com seu destino traçado, ser morto, esquartejado, ter seus restos pendurados por ganchos em alguma vitrina de açougue para serem apreciados, escolhidos por aqueles que não têm coragem de matar e, por fim, a panela. Talvez a maioria das pessoas sinta repugnância e não tenha coragem de matar nenhum animal, mas, mesmo assim, compra sua carne morta e se alimenta dela. E é uma coisa muito natural para o ser humano.

Ela fez uma pausa para respirar. Dennis acompanhava tudo calado.

– Para se proteger, o homem criou várias regras e, entre elas, a que proíbe matar qualquer ser humano. Mas e se houvesse outra raça tão inteligente quanto à raça humana, e que se alimentasse dela e essa raça fosse mais numerosa que a raça humana e fizesse suas próprias regras também? Quem estaria certo? Então, nesse caso, voltaríamos aos primórdios, ou seja, à lei do mais forte. E tudo se resume a isso. Eu sou o que sou. E não posso fazer nada contra isso. Os animais soltos na natureza seguem a única regra existente, a da sobrevivência, é matar ou morrer. O homem subverteu essa regra e está no topo da cadeia alimentar sem correr nenhum risco. Mas não estou querendo usar isso como desculpa pelo que fiz. Nem quero me desculpar pelo que sou.

– Quanto a sua pergunta, até poderia não matar, mas preciso me alimentar regularmente. Fiquei aprisionada nesse corpo de criança e não tem muita coisa que possa fazer sozinha. Sempre cuidaram de tudo para mim. Mas agora estou só e tenho que começar do zero, eu não sei exatamente o que fazer. Mas, com certeza, ninguém vai me doar seu sangue de livre e espontânea vontade. Talvez, haja alguma maneira mais simples de se resolver isso. Mas, sinceramente, eu não sei qual é.

– Seu irmão... O que aconteceu com ele, por que precisou ir embora? Era seu irmão de verdade? – Lembrou-se desse fato, enquanto escutava o que ela dizia.

– Sim. Adam era meu irmão de verdade, éramos gêmeos. E ele está morto.

– Gêmeos? Mas como? E morreu assim, de repente? O que aconteceu? Ele também era um vampiro?

– Não. Ele era normal, e éramos gêmeos e morreu por minha culpa. Era ele quem cuidava de tudo. Inclusive de minha alimentação e numa dessas incursões ele acabou morrendo. Lembra quando pedi para você comprar os jornais para mim?

– Dennis assentiu.

– Em um daqueles jornais, havia a notícia sobre um acidente de carro sem sobreviventes e a placa do carro era a dele.

– Mas como sabe se ele morreu mesmo, você foi verificar?

– Sim. Ele realmente está morto, mas já cuidei de tudo e suas cinzas estão bem guardadas. Agora estou só.

– Não está só, você tem a mim – Dennis falou.

– Obrigada, fico muito contente por você pensar assim, mas não quero envolver você em nada que eu venha a fazer.

– Não me importa o que você seja, estamos juntos.

– Dennis o que está acontecendo não é nenhuma brincadeira, não é nenhum filme, é a pura realidade; pessoas vão morrer e eu sou o monstro.

– E animais? Você não poderia sobreviver se alimentando de animais? – Dennis perguntou com alguma esperança.

– Infelizmente, não é assim tão fácil. Já experimentei e o resultado foi terrível. Posso acabar com população de ratos, gatos e cachorros da cidade. Por mais que me alimente, não vai saciar minha fome, apenas me enche o estômago, a fome continua me levando à beira da loucura.

– E uma clínica de doação de sangue para hospitais? Não poderia pegar sangue em uma dessas clínicas? Não seria possível? – Ele falou, querendo realmente ter achado a solução.

– É muito difícil... – ela falou, sem muito entusiasmo. – Como vamos fazer isso, eu e você, duas crianças?

– Deve haver um jeito. Precisamos tentar. Talvez, trabalhando numa dessas clínicas ficasse mais fácil.

– Como vamos fazer isso? Vamos lá todos os dias e dizemos: – Por favor, quero comprar um litro de sangue – ou, então, trabalhando lá dentro roubaríamos alguns litros de vez em quando? Por quanto tempo você acha que isso funcionaria?

– Não sei... Mas tem que haver uma solução – ele disse, não querendo perder as esperanças.

– Dennis, Dennis... Eu até fico aliviada por você ainda estar aqui na minha frente depois de tudo que presenciou... Mas a vida não é esse sonho dourado que você espera. Pode ser que, uma vez ou outra, o que você está propondo funcione. Mas não daria certo – ela disse totalmente pessimista.

– Tem outra coisa que você deve saber – ela disse. – Minha aparência nunca vai mudar; agora nós temos praticamente a mesma idade física e mental, mas daqui a dez anos eu continuarei tendo treze anos e quando você ficar bem velho eu vou continuar como sou agora.

– Você é muito velha?

Um sorriso amargo brincou em seus lábios por trás do rosto triste e, então, então respondeu:

– Já se passaram trinta anos desde que nasci, porém, só tenho treze anos.

– Você quer dizer trinta anos que nasceu para essa sua nova vida? Que você morreu quando tinha treze anos?

– Não, eu nunca morri, sou a mesma de sempre. Faz trinta anos que nasci como uma garota normal e quando tinha treze anos fiquei doente e o tempo congelou para mim.

– Você se transformou em vampiro com treze anos? Mas como foi isso? Outro vampiro mordeu você? – ele perguntou com interesse.

– Não, não foi bem assim. Mas não podemos começar dessa maneira. Espere um pouco, vou lhe mostrar algo.

Dizendo isso, se levantou e se dirigiu para o fundo da casa. Dennis a acompanhou sair com o olhar. Voltou a prestar atenção na canção que tocava na vitrola. Pensou sobre o que ela tinha falado a respeito do passar do tempo. Sentiu sua convicção ir embora. Não havia pensado nessa hipótese.

– O que aconteceria quando ele estivesse velho e ela continuasse a mesma garota de sempre? Aos olhos de outras pessoas, ele passaria com o tempo de irmão mais velho, a pai e, depois, a avô dela. E ela? O que sentiria por ele quando esse tempo chegasse? E se ele se tornasse vampiro também? Nesse caso, ficaria sempre com a mesma idade dela. Mas seriam duas crianças para sempre. Lembrou-se de que teria que matar pessoas para sobreviver.

– Não... Não, ele não queria matar ninguém. Nem pensar nessa hipótese.

Enquanto pensava nisso, Valquíria voltou, trazendo uma caixa. Sentou-se novamente ao lado

dele e, colocando-a em frente a ambos, a abriu. Dentro havia alguns documentos e uma variedade de fotos antigas, a maioria em preto e branco.

– Você poderá entender melhor vendo isso – ela falou, enquanto tirava um envelope grande de dentro da caixa. Puxou um papel de dentro do envelope e o passou para Dennis.

Era uma certidão de nascimento da cidade de Santos, litoral paulista. Certificava o nascimento de uma criança do sexo feminino de cor branca, cabelos pretos e olhos azuis. A data de nascimento era 27 de setembro de 1946, com o nome de Valquíria Strathis, filha de Demétrius Strathis e Valesca Strathis. Ela passou para ele algumas fotos. A primeira era uma foto antiga, em tamanho grande, um pouco maior que uma folha A4 já desbotada e com muitas rachaduras. Mostrava um homem muito sério, alto, magro, distinto, vestindo um terno preto, aparentava ter uns quarenta anos. Dennis sentiu seu coração bater mais acelerado. Ao lado do homem, uma mulher muito bonita em um vestido muito elegante, aparentando ter pouco mais de vinte anos, era a cópia fiel de Valquíria. Trazia ao colo uma menina que Dennis identificou logo como sendo a própria Valquíria. A criança estava também muito bem-vestida, aparentava ter uns três anos. Ao seu lado, em pé, vestido igual ao pai, estava um garoto que Dennis supôs ser o irmão Adam.

Dennis pegou outras fotografias de dentro da caixa, fotos de Valquíria ou do irmão tiradas separadamente. O menino que, a princípio, aparentava a mesma idade, nas fotos seguintes, ia ficando mais velho. Inicialmente, a diferença era quase imperceptível, mas depois era gritante, até que em uma ou duas fotos mais recentes ele estava muito mais velho. Se tivesse uns cinco anos a mais poderia passar por pai dela. Valquíria ao contrário, estava exatamente com a mesma aparência. Em fotos antigas e desbotadas em preto e branco e até em fotos mais recentes coloridas. Era a mesma pessoa passando incólume pelo tempo.

Dennis olhava tudo impressionado e Valquíria fazia poucos comentários, apenas o necessário para que ele pudesse entender a cena. Ela mostrou também vários documentos, algumas carteiras de identidade. Dennis pegou uma delas e examinou com atenção, mostrava uma foto dela aparentando ser mais velha, com a idade normal que ela deveria ter. Outras com a idade alterada para treze, catorze, quinze anos. Vários documentos de propriedades, contas em vários bancos. Ela lhe explicou que precisava desses documentos para movimentar os bens que possuía; em verdade era o irmão que cuidava de tudo. Ela até poderia cuidar disso também, mas, por sua aparência de criança, era evidente que isso seria impraticável. Havia também o problema com o horário, só poderia tratar de qualquer assunto à noite. Por isso, precisava da ajuda de alguém de confiança. Até hoje nunca se preocupara com isso, por causa do irmão, no entanto, de agora em diante ia ter que dar um jeito.

– Mas falando sinceramente não sei por onde nem como devo proceder – ela disse, olhando para ele.

– Você pode contar comigo, vou ajudá-la em tudo que for preciso. Dennis falou.

Ele segurou as mãos dela firmemente entre as suas, afundou o rosto em meio a seus cabelos e sussurrou ao seu ouvido.

– Não me importa o que você seja, eu quero ficar com você. A única coisa que tenho medo é que quando eu ficar velho, como aconteceu com seu irmão, você me abandone, ou, com o passar do tempo, parecer aos outros, que sou seu pai ou seu avô e você não me amar mais.

Ela afastou um pouco a cabeça para que o pudesse olhar nos olhos, depois encostou seus lábios nos dele e o beijou demoradamente; em seguida, afastando a cabeça mais uma vez o

fitou novamente enquanto pensava.

Era uma loucura completa. E ela não podia deixar que ele se envolvesse em sua vida de desgraças.

Ela sabia que ia amá-lo até o último dia de suas vidas. E o que para ela realmente importava não era a aparência física que ele teria daqui a cinquenta ou mais anos, mas sim o que havia por dentro dele, sua alma. Lembrou-se da promessa que fizera a si mesma quando se descobrira apaixonado por ele, mesmo que sua vida fosse eterna, só viveria até o último dia da vida dele. Quando esse dia chegar ela o cremará e, levando suas cinzas apertadas ao peito para o alto de alguma montanha, esperará o dia amanhecer e quando o sol der cabo dela, o vento vai se encarregar de misturar as cinzas deles. E assim ficarão juntos por toda a eternidade.

– Mas não diria isso a ele, pois não tinha o direito de encorajá--lo com promessas e ilusões. Já se pegara várias vezes tecendo um futuro imaginário, tentando arranjar desculpas e enganar a si mesma. Não haveria futuro para os dois. Tinha que deixá-lo ir embora, seguir seu caminho. Não falou nada e o abraçou bem forte. O disco na vitrola parou de tocar. Valquíria se recostou no sofá. Dennis ficou olhando-a e esperou pacientemente até ela começar sua história.

– Você pôde ver pelas fotos que lhe mostrei um pouco do meu passado, que eu era uma pessoa comum, com uma família comum para a época.

Dennis escutava tudo atentamente.

– Estou lhe contando essa parte para que possa entender o quanto minha vida era normal. Não diferenciava em nada da maioria das pessoas. Tínhamos uma vida tranquila e sem preocupações. Como lhe falei, meu pai era um empresário bem-sucedido. Morávamos em Santos e nossa casa era enorme e confortável com muitos empregados. Ficava distante da praia e mais próxima aos morros. Com um jardim bem cuidado e grande onde passávamos o dia brincando, eu e meu irmão. Lembro-me ainda com saudades da casa, sua arquitetura, dos móveis escolhidos com esmero por nossa mãe. Dos nossos passeios pelo jardim, dos piqueniques e das festas animadas que, às vezes, meu pai promovia. Não frequentávamos a escola comum, tínhamos professores particulares que vinham regularmente à nossa casa. E assim íamos levando nossa vida.

Então, um dia, quando viajamos de férias para visitar meu avô na Europa, aconteceu...

A História de Valquíria

Eu tinha acabado de completar 13 anos, e essa era uma viagem que esperávamos ansiosamente, pois já havia passado mais de cinco anos desde a última vez em que visitamos nosso avô. Meu pai havia nascido na Grécia, mas ainda adolescente se mudou para a Inglaterra junto com a família, levado por meu avô. Minha mãe era inglesa e, depois do casamento, meu pai resolveu mudar seus negócios para o Brasil, onde nasci. Eu e Adam tínhamos ido algumas vezes visitar nosso avô, mas depois da morte de nossa mãe, meu pai andara muito ocupado com seus negócios e essa era primeira vez em muitos anos que íamos todos juntos. Por ser meu pai um homem apaixonado pela navegação, a viagem não poderia deixar de ser por via marítima. Saímos do porto de Santos com destino a Lisboa de onde seguiríamos até Southampton. O navio era um transatlântico moderno e meu pai e Adam ficaram em uma cabina enquanto eu a Sra. Hudson, nossa governanta que veio cuidar de mim e Adam depois da morte de nossa mãe, em outra. A viagem foi tranquila e até monótona apesar das festas animadas que eram realizadas no imenso salão principal, onde nós, por várias vezes, fizemos parte da mesa do comandante como seus convidados. Era lá também onde serviam as refeições diárias. Eu e Adam passávamos a maior parte do dia no convés, próximo à piscina e essa é uma das lembranças mais vivas que tenho, porque foram os últimos momentos em que vi o sol em toda sua resplandecência. O balanço do mar sob as estrelas à noite parecia prever o infortúnio do meu destino. E assim prosseguimos nossa viagem até Lisboa onde ficamos hospedados por alguns dias até embarcar no próximo navio que nos levaria à Inglaterra. Quando finalmente chegamos à casa de meu avô, já havia se passado mais de um mês.

A propriedade, onde ficava a casa do meu avô, era enorme: tinha três andares, muitos quartos e várias salas para atividades diversas; parecia mais um grande hotel. Rodeada por jardins e muitas árvores, lembrava um pouco nossa casa no Brasil, porém, de proporções muito maiores. Era uma casa construída para abrigar uma grande família. Mas os moradores se resumiam apenas a meu avô, uma tia mais jovem que meu pai, que ficara viúva cedo e alguns empregados. Tudo continuava exatamente igual à última vez em que tínhamos estado ali, com exceção das pessoas para quem o tempo havia passado. Meu avô sempre brincalhão conosco, apesar da aparência sisuda que demonstrava à primeira vista, já aparentava o peso da idade que tinha aos 80 anos. A chegada de tão esperada visita deixara a casa com uma atmosfera diferente, como se tivesse ganhado uma nova vida. A única irmã de meu pai, Tia Vanessa, perdera o marido cedo e não se casou novamente. Éramos os únicos netos que nosso avô tinha. À noite, para comemorar nossa chegada, haveria um jantar com parentes e alguns amigos da família.> Apesar de não ter feito outra coisa que não fosse descansar, a viagem tinha sido cansativa, por isso, fui me deitar um pouco. O jantar à noite foi bom para rever as pessoas, pena que não tínhamos nenhum primo ou parente de nossa idade. A família atual, na sua totalidade, era composta de adultos, os mais jovens estavam na faixa etária dos vinte anos, para quem não passávamos de pirralhos.

Os dias que se seguiram foram tranqüilos. Recordo-me de acordar de manhã com a melodia suave tocada ao piano por tia Vanessa, da conversa animada à mesa das refeições, de como nosso avô estava feliz com a nossa presença. Eu sentia falta de alguém da nossa idade para

brincar. Lembrei-me de uma menina, chamada Diana, com quem brincávamos nas outras vezes em que visitamos nosso avô, era filha do caseiro e um pouco mais velha do que eu. Passávamos o dia os três juntos, eu, Adam e Diana. Recordo-me de que ficava admirada com uma pinta de nascença que Diana tinha no lado esquerdo do queixo, eram três pequenas pintas juntas que formavam um coração com a ponta de baixo arredondada. Eu sonhava em ter uma igualzinha a dela e vivia desenhando com caneta em meu rosto. O tempo passou e acabei me esquecendo. Não tinha visto Diana desde que chegara e perguntei por ela durante o jantar daquela noite. A resposta que obtive deixou-me muito triste: fazia quase um ano que Diana havia desaparecido misteriosamente e nunca mais se soube nada sobre ela. Foi muito difícil para os pais da garota, mas, com o passar do tempo, acabaram se conformando. Há algum tempo várias crianças e adolescentes desapareciam sem deixar vestígios. Por isso, estávamos terminantemente proibidos de andar sozinhos fora da propriedade e, à noite, nem pensar em sair desacompanhado. A propriedade era bem vigiada por seguranças e também por cães de guarda. Dentro da casa estaríamos protegidos, era o que pensava meu avô. Todos se sentiam seguros e despreocupados, e esse clima de tranquilidade que contagiara a todos fora um grande engano. Nesse dia, o tempo amanhecera chuvoso como se fosse um presságio de mau agouro. Meu pai e meu avô saíram levando Adam junto com eles. Ficamos em casa, eu e minha tia, além da senhora Hudson e os empregados. Tinha sido um dia monótono sem muita coisa para fazer. Li um livro de fábulas dos irmãos Green enquanto escutava minha tia tocar ao piano. Mais tarde, joguei paciência na sala de jogos. E sem muita coisa para fazer fui dormir cedo, logo depois do jantar. Adam, meu pai e meu avô ainda não tinham chegado, deviam ter jantado fora nesse dia. Foram fazer uma espécie de passeio só de rapazes. E esse foi o último momento como pessoa normal de minha vida. No meio da noite, acordei de repente com alguém que me chamava, assim pensei. Não me recordo ao certo que horas deveriam ser, mas, com certeza, todos dormiam. Meu quarto ficava no segundo andar e tinha uma varanda enorme com poltronas e até um pequeno jardim. Ao lado do meu quarto, ficava o de Adam que se interligava com o meu e alguns outros quartos do mesmo andar pela varanda. Pensei ser Adam que estivesse do lado de fora me chamando. Deveria ter achado estranho, pois não era uma voz precisa, e também não era contínua. Era um murmúrio que ecoava dentro de minha cabeça. Sentei-me por entre as cobertas e prestei atenção. O quarto estava às escuras e entrava por entre as cortinas uma réstia de luz refletida da noite lá fora, vinda da varanda. Não havia nenhuma luz direta ligada nas proximidades. Prestei atenção e, dessa vez, escutei novamente alguém me chamando. Mas as palavras não eram nítidas, parecia, em verdade, que só ecoavam dentro de minha cabeça, não sendo um som real. Estava ainda sonolenta e pensei no que Adam estaria fazendo do lado de fora numa hora daquelas. Acendi a luz do abajur, fui até a grande janela de vidro e afastei um pouco as cortinas. Mas nada era muito visível lá fora. Escutei mais uma vez a voz que parecia sussurrar meu nome. Abri a janela e falei em voz baixa o nome de Adam...

Escutei o sussurro mais uma vez:

Valquíria...

Abrindo a janela e saí do quarto. Meus olhos ainda não acostumados com a escuridão lá fora, nada enxergavam... Perguntei mais uma vez por Adam, e me aventurei mais um pouco para fora do quarto. Olhei em toda extensão à minha volta e nada vi. De repente, vi o brilho de alguma coisa que me chamou atenção. Eram dois pontos que faiscavam na escuridão, como

olhos de algum animal. Fitei aqueles olhos e foi como se mergulhasse na escuridão sem-fim. Não me recordo de mais nada, a não ser da escuridão que persistia.

Acordei com uma dor horrível no pescoço, ou melhor, todo meu corpo doía. Estava deitada em alguma coisa que não deveria ser uma cama. Tentei me mover e estava presa. Meu braço esquerdo estava imobilizado por completo, preso fortemente por amarras que não conseguia ver por causa da escuridão. Meu braço direito e as pernas estavam também presos, mas não imobilizados sentia muito frio e o local onde estava deitada era úmido. Um cheiro insuportável de mofo e outros odores inundavam a ambiente. Com medo e também em razão da dor comecei a chorar. Estava muito assustada, sobretudo pelo fato de não saber o que tinha acontecido, ia me deixando cada vez mais em pânico. Podia sentir alguma coisa se mexendo à minha volta e próximo aos meus pés. Ratos... O pavor e o asco me fizeram chorar convulsivamente. Foi quando escutei passos que se aproximavam. O barulho de uma porta se abrindo e a claridade de uma luz fraca invadiu o ambiente. Os ratos fugiram rapidamente. Não podia me virar direito, mas pude ver uma garota se aproximando. Não conseguia distinguir ainda seu rosto. Mas ela falou numa voz calma.

– Psiu! Não faça barulho. Pare de chorar, por favor.

Sua voz e seus gestos, que não denotavam agressão, serviram para me acalmar e, apesar da dor, parei de chorar. Queria lhe perguntar o que havia acontecido comigo e porque estava naquele lugar. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ela se achegou bem próximo de mim e falou num sussurro:

– Escute, fique calma eu não posso lhe ajudar agora, mas vou voltar mais tarde. Entretanto, aconteça o que acontecer, você tem que ser forte e ficar calma. Quando ela ficou frente a meu rosto, senti algo familiar, não tinha certeza, todavia, certamente, eu já a conhecia de algum lugar. Foi quando uma pinta suave em forma de um coração arredondado me chamou a atenção.

– Diana? – eu falei surpresa.

Mais surpresa ficou ela ao me ouvir dizer seu nome...

– Você sabe quem eu sou? Mas como? Quem é você? Eu não a conheço.

– Da casa dos Strathis. Eu sou neta do dono da casa. Seu pai é caseiro do meu avô e nós já brincamos juntas com meu irmão nas outras vezes que vim aqui – eu falei. A visão de pessoa tão conhecida me fez esquecer por alguns segundos a situação em que me encontrava.

– Valquíria, a menina do Brasil? Você é Valquíria? – ela me perguntou ainda com uma fisionomia que demonstrava surpresa.

Respondi afirmativamente e ela pareceu entristecer de repente enquanto falava.

– Meu Deus! Então o demônio também pegou você?

– Eu ainda não sabia o que havia acontecido comigo e não entendi exatamente o que ela quis dizer naquele momento.

Diana voltou a falar.

– Escute Valquíria: eu não tenho muito tempo, preste bem atenção no que vou lhe falar. Infelizmente já é tarde para ajudar você. Mas, quando eu voltar, ao anoitecer, terei mais tempo para conversar. Eu não posso soltar você agora, porque o demônio iria desconfiar. Talvez ele venha aqui ver como você está. Todavia, ele não deve saber que nos conhecemos, senão ele pode decidir destruir você.

– Eu não compreendia o que ela queria dizer. Ele quem? Que demônio?

Ela percebeu que eu não estava entendendo nada e suplicava por alguma explicação.

Então me falou:

– Escute, Valquíria: por favor, confie em mim, já vai amanhecer e tenho que sair. Vou lhe explicar tudo mais tarde, mas agora, por enquanto, tente prestar atenção no que vou lhe falar, pois é muito importante, sua vida depende disso. O demônio a que me referi é um velho e, quem sabe, ele venha até você mais tarde, talvez eu o acompanhe. Em hipótese alguma, ele deve saber que nos conhecemos. Por isso, é possível que eu precise ser um pouco rude com você quando ele estiver por perto. Perdoe-me se tiver que agir assim, mas vai ser necessário. Ele tem poderes especiais. Portanto, evite até de pensar que nos conhecemos. Pense na dor que está sentindo ou tente se concentrar no medo que você sentia instantes atrás. Isso deve funcionar. Depois que ele sair, eu voltarei.

Dizendo isso, foi até o canto e trouxe uma espécie de garrafa de cerâmica, tirou algo do vestido e me falou.

– Beba. Esse remédio é para diminuir a dor. Vai se sentir um pouco sonolenta, mas é melhor assim, descanse o quanto puder até o anoitecer. Não se preocupe com os ratos, pois eles já não podem fazer mal a você. E, dizendo isso, colocou o remédio em minha boca e inclinando minha cabeça me deu a água para beber. O gosto era horrível. Repousando suavemente minha cabeça no encosto de palha, ela desapareceu, deixando atrás de si a escuridão. Eu estava completamente atordoada sem saber o que pensar. E quando a manhã surgiu com o sol brilhando no horizonte, o quarto onde eu estava não ficou mais claro por causa disso, contudo, era perceptível a claridade que emanava vinda de fora. Comecei a sentir certa sonolência e, por fim, adormeci.

Acordei algum tempo depois sem saber quanto tempo havia se passado, mas era evidente que a tarde chegava ao fim, pois a escuridão era completa. Meu corpo e, principalmente, meu pescoço ainda doíam um pouco, entretanto, era uma dor mais branda, talvez, fosse efeito do remédio que havia tomado. Meus braços também formigavam por causa da posição incômoda em que me encontrava. Não se passou muito tempo e comecei a escutar barulhos de alguma coisa sendo arrastada e passos distantes. O chiado dos ratos que estavam por perto e a umidade do catre onde era mantida me incomodavam. Deveria estar apavorada, mas a visita inusitada de Diana me deixou mais calma e confiante como se a salvação de algum infortúnio fosse coisa certa e eu não tivesse nada a temer. Não sei por que me sentia assim, afinal as condições eram totalmente estranhas! Para qualquer pessoa em sã consciência, aquilo só poderia ser um pesadelo. Os passos arrastados se aproximavam e eram diferentes dos de Diana. Então, minha autoconfiança se dissipou por completo e comecei a ficar com medo. Os passos ficavam cada vez mais próximos. Escutei o som da porta se abrindo, mas não conseguia ver nada, a não ser os olhos da noite anterior que brilharam na escuridão. Tomada por um calafrio repentino do pavor que estava sentindo, comecei a choramingar.

Uma voz rouca e grave ecoou pelo quarto numa entonação que denotava impaciência e muito pouco costume em ser desobedecida.

– Cale-se! – gritou irado – Senão calar-se arranco fora sua língua.

Assustada, com tal demonstração de fúria, calei-me de imediato. O coração parecia querer saltar pela boca. Uma luz vinda do corredor iluminou fracamente o quarto e logo Diana entrava pela porta escancarada. Pude ver então a face do monstro que me raptara e, para a minha grande surpresa, um rosto meigo, quase sedutor, de um velho simpático, era o que se

apresentava à minha frente. Poderia ser a imagem cândida de um papai-noel bondoso, para mentes ingênuas como a minha; ou um maduro Dom Juan galanteador, com promessas de saciar os desejos mais proibidos que pudessem habitar as mentes sedentas por aventura de mocinhas sonhadoras. Mas aquela aparência sedutora, contrastava com os gestos rudes, com o som que sua voz emitia. Depois de todos esses anos, desconfio que uma bela aparência para atrair e enganar suas vítimas faz parte do processo de transformação no vampirismo. Se não fossem suas palavras e gestos, eu não sentiria medo algum daquele ser que estava ali na minha frente.

Sem dar mais nenhuma atenção para mim, ele se voltou para Diana e ordenou que cuidasse para que eu estivesse pronta o mais rápido possível para alguma coisa que na hora eu não entendi direito o que era. Falava com ela como os senhorios falavam aos escravos nas histórias que havia lido. E sem dizer mais nada, se retirou rapidamente do aposento, andando de uma maneira firme, que também contrastava com a idade que aparentava ter.

Diana concordava com tudo de maneira servil, e continuou parada por algum tempo até que o barulho de seus passos desaparecesse completamente na escuridão da noite. Então, ela veio em minha direção e colocando a lamparina numa mesinha improvisada ao lado da cama onde eu estava, começou a desamarrar as correias que me prendiam.

– Ainda está sentindo muita dor? – perguntou-me, enquanto desprendia as amarras de minhas pernas.

– Ainda dói um pouco, mas não está tão forte como antes – respondi.

– Valquíria, eu sei que você tem muitas dúvidas e deve estar completamente desorientada com os acontecimentos recentes, por isso, vou tentar falar tudo que souber para que você possa entender que está acontecendo.

Escutei-a, enquanto eu me sentava na cama e esfregava os braços e pernas, tentando melhorar um pouco o formigamento que tomava conta de meus membros por completo.

– Diana o que aconteceu com você? Por que está aqui? Ouvei de meu avô que você desapareceu de sua casa faz quase um ano. Seus pais ficaram muito tristes e estão inconsoláveis até hoje. Todos pensam que você morreu – eu lhe disse, já me sentindo um pouco melhor.

– Valquíria está é uma história muito longa que vou contar a você em detalhes. Espere um pouco, vou me certificar se o demônio realmente foi embora.

E, dizendo isso, correu até a porta, desaparecendo e voltando alguns segundos depois.

– Ele já se foi, podemos conversar com tranquilidade. Temos várias horas até que ele retorne – disse.

Diana começou falando que, infelizmente, ela não poderia mais me salvar do infortúnio, pois era tarde demais e eu havia sido contaminada pelo demônio, que era como ela se referia ao homem que eu vira poucos instantes antes. Eu ainda não sabia o que havia me acontecido e o que isso representaria na minha vida daquele dia em diante. Apenas escutava tudo sem muita preocupação, achava que só o fato de Diana estar ali ao meu lado, não devia haver nada de tão preocupante assim. Ela então começou sua história.

– Valquíria você já ouviu falar em vampiros? – foi o que ela me perguntou assim de início.

– Sim, Já li algumas histórias sobre um ser fantasmagórico que chupa o sangue dos humanos – respondi.

– Esse ser existe e é o demônio que acabou de sair daqui. Você foi contaminada, assim

como eu também o fui. Agora eu sou como ele e você também será – parecia dizer isso com um pesar muito grande que só vim a entender o motivo tempos depois.

– A princípio, não senti nenhum choque, porque como você pode ver, mesmo agora é difícil acreditar que alguma coisa diferente tenha acontecido. Não me sinto diferente, não pareço diferente. E, mesmo depois que ela falou, não tive nenhuma reação porque parecia uma brincadeira. Ela percebeu e, segurando meu braço, mostrou-me o lugar onde havia uma incisão, marca de uma agulha ou algo parecido, que deveria ser muito grossa por sinal. Depois continuou:

– Valquíria, eu vou precisar de sua ajuda para que nós duas possamos escapar. Vou lhe contar tudo que aconteceu comigo. Isso vai ajudá-la a entender melhor.

E assim dizendo, ela começou sua narração.

– Há exatos 10 meses, eu tinha ido visitar meus avós na periferia, portanto, não estava com meus pais na propriedade de seu avô. Numas noite, acordei com uma voz que sussurrava meu nome e saí do quarto para a varanda, pensando ser algum dos meus primos. Então, fui raptada pelo demônio Petrus, que é como ele se chama. Perdi os sentidos e quando acordei estava exatamente como você está agora: dolorida, com medo e sem saber nada. Eu e você tivemos sorte, se é que se pode chamar de sorte não ter morrido e continuar numa existência miserável onde a morte faz parte da vida. Havia uma garota naquela época que estava no lugar que ocupo agora. Ela se chamava Ângela e o demônio me criou para substituí-la, assim como ele criou você para me substituir. É assim que ele age. Na época, Ângela não desconfiou de nada e depois de algum tempo ela desapareceu. E é o que vai acontecer comigo quando você já estiver acostumada com sua nova vida e totalmente à mercê de Petrus. E, futuramente, ele pretende fazer a mesma coisa a você. Ele engana os seus vassallos, que é como nos trata; somos meros escravos ao sabor de sua vontade, e recebemos em troca um quinhão de alimento e sobrevida por um curto espaço de tempo. Ele não confia em humanos, o que é natural: por isso, sempre transforma alguém em vampiro. Ele só escolhe meninas jovens como eu e você, ainda crianças, porque, mesmo depois transformadas, trazemos em nós a criação que tivemos; o direcionamento para a passividade e obediência aos pais e maridos, diferente do que é ensinado e do que se espera de garotos. Nós, meninas, somos condicionadas desde que nascemos a sermos mães dedicadas e esposas servis e isso é o que basta aos propósitos da coisa. É como a corrente que prende o elefante desde filhote, ele é condicionado a ficar preso naquela corrente e mesmo depois de adulto, com força suficiente para arrebentar as amarras que o prendem, não se liberta; assim como ele, nós temos também essa amarra psicológica. Ele precisa ter alguém para ajudá-lo a se proteger. Mas não mantém o servo por muito tempo, receando que descubra muita coisa, que nada tem a temer e de que pode ser tão forte quanto ele. Então ele nos transforma para servi-lo por certo período e depois, quando acha conveniente, cria outro e destrói o antecessor. Entretanto, sempre transforma todas suas vítimas em vampiro, por ser mais fácil se livrar do corpo. Ele mantém a vítima presa por alguns dias no calabouço e se alimenta dela assim como eu tenho que me alimentar dessas vítimas também.

– Sinto muito, sei que é horrível, todavia, é inevitável – ela disse, mas não parecia tentar se desculpar.

Quando a vítima está nas últimas, ele a contamina com seu sangue maldito e a deixa se transformar. Por volta da segunda noite, o novo vampiro continua preso no calabouço. Acorda

faminto, em estado de inanição e em crise de abstinência. O calabouço tem uma abertura móvel no teto, nessa noite, antes do amanhecer, a claraboia é aberta e o novo vampiro recebe toda a luz do sol quando este desponta no horizonte, sendo totalmente incinerado numa autocombustão. E, assim, a vítima desaparece completamente da face da terra, nunca mais sendo encontrada por seus entes queridos. Conosco, entretanto, foi concedido um tempo extra, uma sobrevida miserável a ser usufruída no limbo, porque fomos suas escolhidas para escravas.

Eu continuava a escutar tudo impassível, ainda não me dando conta do que me esperava. Era como escutar uma história de malogros acontecida a outras pessoas enquanto estamos tomando chá quente ao lado da lareira, sentimos muito pelo acontecido, mas é uma coisa que está distante de nós. Só que aquilo estava acontecendo comigo, acho que já era efeito da contaminação. É a única explicação que posso ter.

Diana continuou.

– Mas, com sua ajuda, pretendo acabar com tudo isso. Há muito tempo eu venho me precavendo, fingindo ser servil, porém, me preparando dia após dia para me ver livre do jugo desse maldito. Pensava em contar com a ajuda de alguma vítima, no entanto, com você a situação é perfeita. Não podemos perder tempo, pois hoje é o último dia que você ainda poderá vagar livremente à luz do dia. Infelizmente, tem que se preparar, pois, amanhã ao anoitecer, você será igual a mim, sem mais nenhuma condição de levar uma vida normal.

– Mas se fizermos o que você pretende hoje, não haverá uma possibilidade de cura para mim? – perguntei ainda sem ter noção da real situação em que me encontrava.

– Sinto muito Valquíria, é tarde demais. Depois de contaminada com o sangue do vampiro não existe cura. Só a morte poderá trazer alento.

– Eu queria ficar triste, desesperar-me ou exprimir qualquer reação que demonstrasse o quanto eu estava preocupada, mas, na verdade, não sentia nada. Só vim, a saber, ou sentir a realidade do que me havia acontecido muitos dias depois.

Diana começou novamente a falar, dessa vez, explicando o que deveríamos fazer.

– Ângela, minha antecessora, ficou junto comigo por um mês aproximadamente e, de repente, numa noite em que despertei como todos os dias, ela já não estava mais. Perguntei a Petrus por ela e sua resposta foi que ela havia ido embora. E que eu deveria fazer tudo sozinha. Nessa noite, depois que ele saiu atrás de mais uma vítima, fui até o calabouço e lá encontrei os restos de Ângela, as cinzas ainda tinham sua forma, não existiam mais seus cabelos nem as roupas e a figura estava irreconhecível, mas o anel que usava e que tinha sido presente de sua mãe, ainda estava entre o que havia sido seus dedos. Além disso, o demônio tem uma rotina que adquiriu com o tempo, e não havia feito nenhuma vítima nos últimos quatro dias anteriores e a última vítima foi um garoto que havia sido incinerado dois dias antes. Além do que ele não havia trazido nenhuma garota antes ou nos dias que se seguiram. O demônio não percebeu, mas estava ficando relaxado com sua segurança. Então, descobri qual era o destino que me era reservado.

– Mas por que então você não fugiu? perguntei.

– Ah, eu tentei. Mas veja, esse é o problema, não havia mais para onde ir. É assim que ele nos prende, ele não nos ensina nada, ficamos totalmente à sua mercê. Não sabendo como sobreviver, como posso voltar para minha casa desse jeito? Vou precisar de sangue, não posso andar à luz do dia.

Minha família já sofreu com meu desaparecimento, mas como eles iriam reagir se voltasse um monstro em forma de sua filha? Talvez nos primeiros dias eles ficassem felizes, mas essa felicidade se desmancharia como um castelo de areia na beira da praia nos dias que se seguiriam. Não, minha vida acabou quando fui raptada. Infelizmente, para você está reservado esse mesmo destino infame, pois o processo é irreversível.

Senti pela primeira vez uma tristeza imensa ao pensar que talvez não pudesse voltar mais para minha casa e minha família. Mas Diana logo continuou a falar.

– Várias vezes, fui visitar minha casa durante a noite, posso entrar porque aquele é meu lar. Fico observando o sono de minha mãe, de meu pai, e do meu pequeno irmão. E uma solidão profunda toma conta de mim. Amaldiçoei mil vezes esse desgraçado que me transformou no que sou e decidi que vou destruí-lo mesmo que para isso eu precise também morrer. Tive muito tempo para pensar numa maneira de fazer isso e, planejando todo esse tempo, descobri uma maneira de dar cabo dele. Mas vou precisar da sua ajuda para que possa conseguir e isso tem que ser hoje. Você vai me ajudar?

– Ainda em meu cérebro era difícil pensar ou conceber que aquele ser encantador pudesse ser tal monstro. Mas, lembrando-me das palavras ríspidas que me dirigiu, minha consciência me dizia para confiar em Diana e fazer exatamente o que ela mandasse, pois toda aquela situação era muito esquisita. Concordei de imediato.

– Ótimo! ela disse – vamos nos preparar, deixe eu lhe falar sobre o que vamos fazer. Depois que descobri que Petrus deu cabo de Ângela, passei todos os dias que se seguiram, pensando em uma maneira de fugir e de acabar com o maldito. Comecei, então, a sair todas as noites depois que ele saía. E numa dessas noites, descobri um depósito de pólvora nos arredores do porto. Consegui fazer com que o vigia noturno me convidasse a entrar a primeira vez e, nas noites em que ele está lá, posso entrar livremente. Paulatinamente, fui trazendo pólvora e armazenando aqui, principalmente, onde o maldito dorme. Ele usa a torre que fica na parte de trás dessa construção semiarruinada, que já pertencia a ele antes de ser o vampiro que é hoje. A torre só tem um acesso, que ele fecha com uma enorme pedra. Seria preciso uns quatro homens fortes para poder movê-la, porém, no espaço só cabe uma pessoa o que impossibilita a entrada de mortais comuns. Subindo todo o lance de escadas, chega-se lá em cima. O quarto onde ele dorme também é fechado por outra pedra enorme pelo lado de dentro. Outro detalhe: que toda a passagem até o topo fica banhada pela luz do sol desde o amanhecer até entardecer, o que impede a entrada de outro vampiro e, com isso, ele se sente seguro. Mas eu venho noite após noite, colocando pólvora em toda a extensão da torre. Comecei com pequenas quantidades para que, com seu olfato apurado, ele não desconfiasse de nada. Agora ele já se acostumou com o cheiro da pólvora e não sente mais nenhuma diferença. Tenho certeza disso, senão ele já teria me destruído.

E, me segurando pela mão, disse:

– Venha comigo Valquíria, vou lhe mostrar onde deverá ir e o que terá que fazer.

Ela esperou pacientemente enquanto eu tentava me levantar, estava um pouco fraca e ainda com o corpo dolorido, além de estar com o corpo formigando, em razão da posição que eu havia ficado durante todo o tempo. Tentei andar e cambaleei. Diana me segurou para que não caísse, mas, depois de alguns minutos, me acostumei de novo a andar e a segui, enquanto ela saía pela porta, andando sem pressa. Comecei a sentir fome e uma leve cólica no estômago. Eu não conseguia enxergar direito e Diana pegou um lampião e o acendeu, iluminando o

caminho. Ela me falou que logo eu me acostumaria e não precisaria também de nenhuma luz para andar na escuridão. A construção, que eu não poderia chamar de casa de forma alguma, pois não se parecia com nenhuma casa em que eu já estivesse ido, poderia ser o galpão ou algo parecido de alguma fábrica antiga, porém, sem nenhum maquinário. A poeira e as teias de aranha tomavam conta de tudo. Móveis antigos, já totalmente estragados, espalhavam-se pelos cantos. Com certeza, ali não poderia ser a morada de ninguém. Depois de passar por vários aposentos e corredores, chegamos por fim a uma entrada estreita, que parecia ser uma escadaria. A entrada era suficiente apenas para que duas pessoas ficassem em pé juntas; para nós que éramos crianças não haveria problema, mas já um adulto sentiria dificuldade em ficar parado por muito tempo, pois a posição era incômoda. Logo depois da entrada, uma grande pedra, em forma de círculo e muito pesada, estava encostada, tapando a passagem.

Com certeza, uns quatro homens fortes teriam dificuldade em movimentá-la, como só cabiam duas pessoas de forma apertada, seria impossível movê-la, também não haveria como trazer nenhum maquinário até ali. Sem dúvida nenhuma, ela havia sido colocada quando da construção daquele pavimento. Passando a entrada, uma escadaria estreita levava até a parte de cima. Subimos o equivalente a uns cinco andares. Nesse ponto, Diana parou e se virando para mim começou a dizer:

– Logo a seguir, fica o aposento onde Petrus dorme. Agora escute com atenção o que vou dizer – Você deve vir apenas até aqui – porque quando a manhã desponta no horizonte, precisamos estar protegidos da luz do sol; o sono também é quase que instantâneo. Mas eu não tenho certeza se isso acontece também com ele, pois é muito velho e talvez saiba de coisas que eu não sei ainda. Por isso, você deve esperar até o meio-dia para vir até aqui, pois, certamente, ele estará dormindo o sono dos mortos nessa hora. Eu já tentei várias vezes calcular o tempo do meu sono e sei que durmo, por volta de oito horas, um sono muito profundo do qual não consigo despertar. E, durante as outras quatro horas restantes, não posso reagir nem me mexer, mas tenho consciência do que acontece a minha volta. Entro nesse sono profundo duas horas depois que a sonolência toma conta de mim e saio dele duas horas antes de levantar. Todavia, pode ser diferente com ele. Ele é velho e não sei há quanto tempo se transformou, pode ser que tenha aprendido a dominar o sono ou não precise dormir tanto, por essa razão, você não deve chegar até aquela antessala do quarto onde ele fica, pois a luz do sol não alcança ali, e se ele conseguir levantar-se poderá fazer com que você suba até onde ele está e, então, será o fim. O vampiro tem esse poder mental e pode criar uma ilusão, convencendo você a chegar mais e mais perto; portanto, aconteça o que acontecer, só venha até aqui.

Eu escutava a história sem emitir nenhum comentário. Ela continuou.

– Você deverá trazer alguns pequenos barris de pólvora e deixá-los aqui, uns quatro serão suficientes. Eu vou terminar de esconder alguns dentro do quarto dele, lá já tem o suficiente para explodir a torre inteira. Depois que você deixar os barris, faça um rastilho com o resto até uma distância segura, depois corra e se esconda onde eu durmo. Não vai sobrar pedra sobre pedra e mesmo que ele escape da explosão não escapará da luz do sol – dito isso, ela me chamou de volta.

– Venha vou lhe mostrar o que mais devemos fazer.

Descemos a escadaria até a entrada onde ela começou a dar mais explicações sobre seu plano.

– Quando o sol estiver quase para despontar, eu estarei aqui e, logo após ele subir e trancar a entrada, eu vou lhe chamar. Eu já tenho preparado algumas cobertas bem grossas e vou abrir a passagem para você poder entrar exatamente quando o sol despontar. Petrus, sem dúvida nenhuma, vai escutar a pedra sendo movida, mas não poderá descer e vai ter que dormir e aguardar até o anoitecer, e, então, será tarde para ele. Nesse momento, você não deverá fazer nada ainda, apenas me ajudar a me proteger do sol. Tenho que me cobrir por completo e não vou poder caminhar. Veja, deixei este carrinho já preparado para facilitar você me empurrar até aquela entrada.

Ela falou, apontando para uma espécie de carrinho de mão usada em obras e depois para uma entrada a uns 10 metros da escadaria que levava à pousada de Petrus. Depois disso, caminhou até a entrada e eu a segui.

– Depois que eu entrar aqui, estarei protegida do sol, mas, ainda assim, vou precisar de sua ajuda, pois estarei sonolenta e pode ser que entre em sono profundo de repente. Esta parte do casarão leva a um túnel subterrâneo que sai no cais do porto e vamos ficar escondidas aqui.

Entramos no casarão pelo lado oposto onde eu estava presa. Esta parte da casa não mudava muita coisa em relação à escuridão, poeira e entulho. Entramos em um quarto e Diana foi até um dos cantos e levantou o tapete que estava preso a um alçapão que ela abriu. Descemos por uma escada improvisada. Vi que estávamos dentro de um túnel. Era mais largo do que a escadaria que levava ao quarto de Petrus, mas o cheiro de mofo e umidade que impregnava todo o ambiente era quase insuportável. Um pouco mais adiante, Diana parou em frente a uma entrada na parede, que mais parecia um buraco, talvez aberto com a finalidade de construir alguma coisa, mas não estava terminado. Uma porta velha de madeira maciça estava encostada na parede pelo lado de dentro. Diana a usava para fechar a passagem depois que entrava. Havia também um armário antigo ao lado que não era muito grande, mas devia ser pesado e fiquei imaginado como ela tinha feito para trazê-lo até ali embaixo, se é que tinha sido ela quem o trouxera. Depois que entrei Diana, encostou a porta solta na passagem e, em seguida, arrastou o móvel por cima desta, vedando a entrada. Diana usava aquele lugar como quarto se é que se podia chamar aquilo de quarto. No canto, uma cama improvisada, feita com restos do que havia sido uma cama e outros móveis, ficava afastada da parede que estava totalmente mofada pela umidade. Na medida do possível, Diana mantinha o local limpo. Em cima do colchão velho, várias cobertas, suficientes para proteger alguém do frio das geleiras do polo norte; ao lado da cama, uma mala com roupas estava em cima de uma caixa de madeira para evitar o contato direto com o chão molhado. Senti um aperto no coração só em pensar que ela vivia ali naquele lugar. Diana começou a falar, trazendo-me de volta à realidade.

– Depois que eu abrir a entrada, você me ajuda a vir até aqui, entendeu?

– Concordei, apenas, movimentando a cabeça afirmativamente.

– Vou abrir a passagem e imediatamente me cobrir com essas cobertas em cima do carrinho de obras. Desculpe, porém, você vai ter que fazer um pouco de força até a entrada, depois quando passarmos aqui para dentro eu já poderei caminhar, mas o sono vai começar a me dominar aos poucos, por isso, vou precisar de sua ajuda até entrar aqui. Feche a porta e espere aqui dentro. Eu vou me deitar na cama e me cobrir. Não chegue perto de mim depois que eu desfalecer, pois não sei o que posso fazer nesse estado, e pode ser perigoso para você. Fique aqui dentro até o meio-dia quando o sol estiver a pino. Então suba as escadas, levando a pólvora, deixe alguns barris no local que lhe mostrei antes e faça um rastilho de pólvora até a

entrada. Aqui tem uma caixa de fósforos. Acenda o rastilho, corra aqui para dentro e tranque a porta com esse armário. O barulho da explosão pode atrair alguém que esteja nas redondezas, por conseguinte, deve ficar escondida aqui comigo. Aqui fica longe do povoado e, provavelmente, ninguém virá, mas, por via das dúvidas, é melhor se esconder.

Dizendo isso, começou a sair.

– Venha, vamos subir! – disse.

Caminhando até a entrada, continuou a falar.

– Vou lhe mostrar onde está a pólvora.

– Olhei tudo e gravei cada passo do que tinha a fazer e, depois de tudo acertado, voltamos para o quarto onde eu estava presa; ainda era cedo, tínhamos muito tempo até a volta de Petrus. Diana queria me explicar ainda várias coisas; contudo, algo começou a me desconcentrar, percebi que estava com fome. Perguntei à Diana se não havia nada para comer, porque estava ficando com muita fome.

Ela então começou a me explicar que eu deveria me esforçar para tentar não comer nada. Eu não entendi o porquê disso.

– Valquíria me escute atentamente: seu corpo está em metamorfose, você vai ficar como eu sou agora, e não poderá mais comer o que você comia até agora e, no momento, você também não pode se alimentar de sangue; você se encontra no meio-termo.

– Não poderei mais comer comida normal? Alimentar-me de sangue? Que absurdo era esse? – eu pensava alheia a tudo.

Vão ocorrer algumas mudanças nas próximas 24 horas. Fique preparada, talvez sinta dor, fome, medo, mas vai passar. Seu corpo não vai mais processar o alimento que você ingeria até hoje, não vai ter mais as necessidades fisiológicas; nas próximas 24 horas você vai perder tudo que seu corpo não necessitar mais. Portanto, mesmo que tenha muita fome não coma. Não vai acontecer nada assim tão trágico se você comer, porém, será muito incômodo. Acredite! Faça um esforço e se controle; a transformação vai ser mais suave.

– No fundo, eu acreditava que nada daquilo ia acontecer comigo, no final tudo daria certo.

Ficamos conversando por muito tempo até que se aproximou a hora do regresso de Petrus. Voltamos para meu cárcere e Diana me prendeu a cama. Fiquei novamente só na escuridão. Tentei prestar atenção no que acontecia fora de minha prisão, porém, exceto os pequenos barulhos corriqueiros que já havia me acostumado, nada aconteceu. O demônio, que era como Diana se referia ao ser chamado Petrus, não apareceu. Fiquei numa apreensão a noite toda, à espera que algo acontecesse; todavia, não ocorreu nada. Quando estava prestes a amanhecer, escutei passos que se aproximavam, sabia que era Diana. A hora era chegada. Eu estava com uma fome terrível e delirava, pensando nas guloseimas que a senhora Hudson sempre preparava para mim e Adam, minha boca se encheu de água e meu estômago roncou, reclamando.

A porta se abriu e Diana entrou rapidamente e me soltou das amarras, depois que eu estava livre, ela me falou que o dia estava amanhecendo, que ela iria à frente e eu deveria me apressar. Disse também que alguma coisa estava errada porque Petrus não trouxera nenhuma vítima, e eu iria precisar me alimentar de sangue logo depois que a transformação se completasse, o que aconteceria nas próximas 24 horas ou, talvez, ele tivesse mudado de ideia e pretendesse me eliminar. Teríamos que concluir nosso plano sem falta. Ele teria que ser destruído antes do anoitecer.

Depois de falar, ela saiu tão rápido que quase não percebi quando se afastou. Levantei-me, tentando andar rápido, mas minhas pernas formigavam e quase caí. Depois de algumas tentativas, comecei a andar e saí rapidamente. Mesmo antes de alcançar a porta, o nascer do sol já era visível; no horizonte distante, um céu azul resplandecia, indicando que o dia seria muito bonito. Quando finalmente cheguei à escadaria, que levava ao esconderijo de Petrus, o sol da manhã já banhava tudo em volta com sua luz. A pedra da escadaria estava afastada, deixando o caminho aberto. Em um canto, um amontoado de cobertas grossas me mostrou onde Diana se escondera da luz. Apressei-me até ela e, quando tentei levantar o carrinho de obras, não senti peso algum. Pensei que talvez tivesse me enganado, mas quando apalpei as cobertas para me certificar senti o corpo de Diana por baixo delas, talvez eu já estivesse em fase avançada de transformação e minha força tivesse se multiplicado ou, simplesmente, Diana não pesasse mais do que um saco de penas. Peguei-a nos braços e a carreguei até a escuridão protetora do quarto onde ficava o alçapão que levava até o túnel. Fechei a porta e o quarto ficou na mais completa escuridão. Diana saiu das cobertas e pediu-me para auxiliá-la a abrir a tampa do alçapão. Descemos rapidamente para dentro do túnel e depois apoiei Diana, ajudando-a a caminhar, pois ela já estava trôpega. Eu não enxergava nada e me guiava pelos passos que ela dava.

Quando finalmente chegamos ao buraco onde ela vivia, ela entrou e desabou sobre a cama, tentava puxar as cobertas para cima de si, no que a ajudei. Antes de adormecer profundamente, ela disse uma última vez para não me esquecer de nada do que ela havia me falado. Então desmaiou. Puxei mais algumas cobertas para cima dela e me afastei.

O lampião, que ela previamente havia deixado aceso, iluminava fracamente o quarto, lançando sombras por todos os lados. Ainda era muito cedo e eu teria que esperar até o meio-dia para dar prosseguimento ao nosso plano. Estava ficando agoniada dentro daquele lugar escuro e malcheiroso. Além disso, ter ficado esses quase dois dias presa na cama dava-me mais vontade de andar. Pensei na minha família, Adam, meu pai, meu avô; todos deveriam estar muito preocupados, em verdade, desesperados.

Senti vontade de sair correndo daquele lugar, mas onde eu estava? E aquilo que Diana me dissera sobre me transformar em vampiro? Nesse ponto, acho que alguma coisa já havia mudado em mim. Não tinha aquele desespero natural das pessoas de quererem resolver todos os problemas imediatamente, antes, estava calma, como se tivesse a certeza de que tudo se acertaria no momento adequado e não era necessário sofrer antecipadamente.

Tenho certeza sobre esse fato, porque sempre fui uma pessoa diferente, ansiosa, deveria estar totalmente desesperada numa situação como aquela, estaria sofrendo muito por não poder entrar em contato com minha família. Enquanto pensava, a fome começou novamente a me afligir. Não resistindo mais, resolvi sair e procurar algo para comer, talvez encontrasse em algum lugar daquelas ruínas, pois Diana havia me falado que o vampiro alimentava suas vítimas enquanto estavam vivas para que elas durassem o máximo possível. Levantei-me e saí, puxei o armário para a entrada do buraco, deixando uma fresta para que pudesse voltar depois. O armário realmente parecia pesado, mas não senti nenhuma dificuldade em movimentá-lo. Abri o alçapão e saí para o dia resplandecente que fazia lá fora. Este foi meu último contato com a luz do sol. Pena que ainda não estava ciente por completo do que ia me acontecer. Gostaria de ter aproveitado bem esses últimos momentos.

Saí no pátio, mas a fome me fez mudar de rumo e voltar para dentro da casa. Lá, com

certeza, haveria mais chances de encontrar algum alimento. O local, apesar da aparência de abandonado, era bem amplo e mesmo com toda a poeira e os móveis apodrecidos pelo tempo, olhando com mais atenção, era perceptível certo esmero já quase apagado pelo abandono. Quem morou ali certamente tinha bom gosto.

– Seria o demônio Petrus? – esta pergunta ficou sem resposta.

Continuei minha procura. A construção era muito grande: tinha três andares além das partes altas como o quarto de Petrus. Para não perder tempo, resolvi procurar primeiro no térreo, pois se algum dia houve uma cozinha naquele lugar deveria ser lá embaixo. A entrada principal dava para um amplo salão com duas escadas em forma circular que levava ao andar de cima. Ali, certamente, era o local onde se fizeram festas e recepções e lembrava um pouco a casa de meu avô. A cozinha ou copa deveria ficar em algum lugar depois das escadas. Outro fato era que ali também tinha menos poeira, principalmente na parte central. O que indicava que se passava frequentemente por ali. Mais adiante, uma porta dupla me chamou a atenção, pois se houvesse uma copa ou cozinha poderia ser ali. Empurrei uma das portas e entrei; o local não se diferenciava muito do resto da casa, muita poeira e teia de aranha por todos os lados, mas, em um dos cantos, um balcão e um armário estavam um pouco mais limpos, então, dirigi-me até lá. Puxei uma das gavetas do armário e dentro havia apenas uma faca grande do tipo usado para cortar carne ou até mesmo pão, já estava muito enferrujada, todavia, o corte ainda estava afiado. Fechei a gaveta e abri uma das portas do armário, havia uma lata de biscoitos que abri avidamente, mas dentro os biscoitos estavam todos mofados e escurecidos.

Mais ao fundo havia uma caixa que puxei e seu conteúdo era um pão, também mofado e comido, provavelmente, por ratos que entraram por um buraco aberto no fundo da caixa. Havia também algumas embalagens de alimentos prontos, mas todas estavam vazias. Senti de repente o cheiro delicioso de maçãs frescas, minha boca se encheu de água, pude imaginar sua cor vermelha, polpuda, procurei desesperadamente a minha volta onde poderia estar tamanha delícia; minha atenção foi tomada por uma caixa de madeira no chão ao lado do armário. Corri até lá, tirei tampa já sentindo o cheiro delicioso invadir minhas narinas; dentro havia algumas maçãs. Peguei uma e mordi com gosto. Ao lado da caixa de madeira, tinha outra caixa menor com uvas enormes. No balcão, em cima das caixas em um cesto com tampa, descobri um pão de formato arredondado ainda bom para o consumo. Para minha surpresa, a maçã que parecia tão bonita e cheirosa, não era gostosa de forma alguma, na verdade não tinha gosto de nada, era como se estivesse comendo papel. Deixei-a de lado e peguei outra, que também tinha consistência, beleza, muito suco, que escorreu por minha boca quando a mordi, mas sabor, não havia nenhum. Que pena, pensei no momento, não deveriam ser boas. Resolvi comer as uvas que eram bonitas demais, peguei um cacho e sem nenhuma cerimônia devorei várias, sem me importar com as cascas e os caroços, também não tinham gosto de nada. Comecei a examinar atentamente, tanto as uvas como as maçãs, pensando que talvez elas fossem artificiais, um bonito trabalho em cera. Mas eram verdadeiras. Resolvi comer o pão, levei o cesto até a outra bancada e peguei a faca enferrujada, procurei por algum pano para tentar limpar um pouco, não havia. Passei a faca na barra de minha blusa. Depois cortei uma fatia grande do pão. Mordi o pão e comecei a mastigar, mas também não tinha gosto de nada, lembrei-me do que Diana me dissera e concluí que era a isso que ela se referia. Foi totalmente frustrante e minha fome continuava, então, resolvi comer assim mesmo. Devorei por completo todo o pão sem gosto, depois comi uma maçã e um cacho enorme de uvas, que embora, não

fossem saborosos, pelo menos saciaria a fome. Estava ainda pensando nisso quando meu estômago começou a fazer movimentos estranhos e senti uma ânsia de vômito. Saí correndo, tentando não vomitar no chão da casa, o que era uma preocupação sem sentido, em razão do estado de abandono em que se encontrava o local. Não consegui nem passar pelas escadas do salão principal e vomitei tudo ali mesmo. Saí apressada de dentro daquele lugar para tentar respirar um pouco de ar puro. Resolvi caminhar um pouco e, enquanto isso, tentava procurar uma maneira de fugir daquele lugar caso alguma coisa não desse certo nos planos de Diana.

Andei em direção contrária à casa e acabei saindo do local por onde passara anteriormente com Diana. Vi que a propriedade era envolta pelo que deveria ter sido um grande jardim antigamente, mas, no momento, não passava de um grande matagal. Depois das árvores, pude ver um grande muro que parecia cercar toda propriedade. O muro era alto e as trepadeiras se emaranhavam em torno dele. Segui o muro, tentando achar um portão ou coisa parecida. Mais à frente, o achei, imponente, totalmente enferrujado, mas ainda muito resistente, e tudo indicava que havia muito tempo não era aberto, porque, assim como no muro, as trepadeiras se emaranhavam nele sendo impossível abri-lo sem cortá-las, o que também não seria um trabalho fácil dado ao diâmetro das raízes expostas. Eles deveriam usar outro local para entrar e sair dali. Tinha que perguntar à Diana. Lembrei-me então do que ela havia me falado sobre o túnel que levava ao porto. Deveriam sair por ali – pensei.

Um barulho chamou minha atenção e, tentando descobrir o que era, vi um faisão muito bonito que, assustado com minha presença, tentava fugir apressado. Fiquei impressionada com suas cores, com sua bela plumagem, senti uma vontade irresistível de acariciá-lo, de pegá-lo em meus braços. E, não sei como aconteceu, sem que eu mesma pudesse perceber, em um instante, eu já estava segurando-o em minhas mãos. Lembro-me apenas de ter corrido e depois saltado, conseguindo assim agarrá-lo antes que alçasse voo. A ave estava assustada e fez de tudo para se desvencilhar de mim. E quando ela me bicou e me arranhou com suas unhas compridas, senti uma raiva que não era natural em mim, uma vontade de estrangulá-la, de morder aquele pescoço e beber o sangue que ali corria. O sangue quente e palpitante delicioso. De repente, caí em mim...

Beber o que? O que é que eu estava pensando? O que eu estava fazendo?

Olhei para a ave em minhas mãos, o animal lutava por sua vida e, para ela, eu não passava de um predador. Eu não a olhava com olhos de criança, apenas interessada em um lindo bichinho de estimação, e sim com olhos de um animal faminto diante de uma deliciosa refeição. Surpresa e um tanto quanto contrafeita, com medo de mudar de ideia repentinamente, soltei o animal, que fugiu apressadamente por entre a vegetação densa. Fiquei desconcertada com o que acontecera. Eu não estava normal de maneira alguma, aquela pessoa não era eu. Comecei a perceber o absurdo de toda aquela situação e da minha passividade em aceitar tudo naturalmente como se sempre houvesse sido dessa maneira. Um mal-estar súbito se apossou de mim, não sei explicar em palavras. Era como se tudo tivesse ficado muito claro, iluminado. Tive uma sensação de ofuscamento. Era como estar em um vale totalmente coberto de neve num dia de muito sol, ou seja, era uma brancura que ofuscava. Comecei também a sentir um formigamento pelo corpo, uma coceira, uma queimação que melhorou um pouco quando fiquei sobre a sombra das árvores. Pensei no momento que talvez o dia estivesse muito quente, mas eu não sentia calor algum. Era a luz do sol que começava a me afetar.

A fome e o mal-estar me levaram de volta ao quarto de Diana, onde fiquei impaciente por

muito tempo até que chegou a hora de executar minha parte no plano. Saí novamente e fui até onde Diana havia deixado a pólvora. Quando cheguei ao pátio, a sensação piorou; percebi, então que era a luz do sol ao meio-dia, que me incomodava, por isso, corri para me proteger da luz. Peguei com muita facilidade dois dos pequenos barris de pólvora, poderia até levar os quatro de uma vez se o formato deles não fosse incômodo. Subi as escadas rapidamente até onde Diana havia me alertado para não ir adiante. Estava colocando os barris no chão, quando senti uma vontade irresistível de ir mais além, isto é, subir mais alguns degraus e chegar ao topo. Diana estava errada, pensava, pois não podia haver nada de maléfico naquele velhinho. Lembrei-me de meu avô e dos momentos alegres, que passamos juntos, e de como eu queria voltar correndo para minha casa, rever meu pai, meu irmão, ia dar tudo certo. Bastava subir correndo e abrir a porta que tudo ia ficar bem. Não pude mais resistir, subi correndo e esmurrei a porta de pedra fechada, querendo abri-la a qualquer custo. Tentei desesperadamente, mas, para minha sorte, eu não possuía força suficiente para fazê-lo. O encanto se quebrou quando um sentimento de cólera emanou por toda parte, era a máscara que caía. Tudo fora ilusão, lá dentro só havia o velho vampiro demoníaco, esperando o momento exato para ter-me entre suas garras. Desci correndo a escadaria antes que ele tentasse novamente. Relutei muito antes de subir outra vez com o resto da pólvora. Mas, dessa vez, nada houve. Ele havia perdido. Usei o resto da pólvora para fazer um rasilho como havíamos combinado. Acendi o fósforo e o deixei cair em cima do rasilho. Corri o mais que pude e, antes mesmo que eu conseguisse fechar por completo a entrada da cova de Diana, o mundo estremeceu. O barulho foi ensurdecedor, esperei vários minutos até poder sair outra vez. Lá fora, a poeira tomara conta de tudo e não pude ver direito o que havia acontecido. Mas uma coisa era certa, não sobrara nada da torre onde Petrus dormia. Voltei para dentro do esconderijo e esperei algum tempo que, em virtude das circunstâncias, parecia uma eternidade. Sorrateiramente, voltei lá para cima. Mesmo que alguém tivesse vindo até as imediações, teria dificuldades em entrar na propriedade. Em volta do que tinha sido a torre, só havia um monte de entulho. Se Petrus sobrevivera à explosão, deveria estar soterrado embaixo do que restara dela. Mas isso só se saberia mais tarde ao anoitecer, por isso, tínhamos que nos preparar para o pior. Voltei para dentro da cova na parede e fiquei esperando o tempo passar, foi uma longa e árdua espera. Minha fome me torturava a cada minuto e eu estava num desespero sem-fim. Quando o entardecer se aproximou, comecei a me preparar para o caso de Petrus aparecer de repente, ele não nos perdoaria. As primeiras sombras da noite desceram, anunciando o fim do dia, Diana começou a se mexer e, rapidamente, se levantou. Antes que ela me perguntasse qualquer coisa, falei num impulso:

– Fiz tudo como combinamos, e não sobrou nada da torre, mas pode ser que ele esteja embaixo dos escombros.

– Temos que nos proteger caso ele tenha sobrevivido. Venha vamos sair daqui rápido – ela disse, já se arrumando.

Ela empurrou o armário, que fechava a entrada, com tanta força que ele caiu para os lados, em seguida, saiu apressada em direção contrária ao alçapão escondido sobre o tapete. Eu a segui e me surpreendi por não sentir nenhuma dificuldade nisso, apesar de estar totalmente desesperada pela fome que ficava maior a cada instante.

– Bem... Valquíria, é chegada a hora. Você precisa se alimentar e, assim, completar o ciclo de transformação. Vamos cuidar disso em primeiro lugar. Depois temos que voltar e se Petrus

não tiver morrido na explosão ou por ter ficado exposto ao sol, vamos ter que ser fortes o suficiente para acabar com ele.

– Eu apenas concordei, pois confiava nela e faria tudo o que ela me dissesse para fazer, era minha única opção por causa das circunstâncias.

Diana voltou a caminhar rapidamente e tive que apertar o passo para poder acompanhá-la. Caminhamos até sairmos no que me pareceu um ancoradouro ou porto. A saída era fechada por uma grossa grade de ferro que não estava trancada e camuflada por arbustos. Ao longe, se podia ver a silhueta de alguns barcos ancorados, balançando suavemente com a maré que estava calma. O cais estava deserto e as luzes de um ou outro estabelecimento que ainda funcionava lançavam uma pálida claridade a sua volta. Mais que as luzes artificiais, a lua clareava o ambiente com sua luz prateada. Eu estava surpresa por poder caminhar tão rapidamente e acompanhar Diana sem nenhum problema, não sentia nenhum tipo de cansaço ou exaustão. Em verdade, sentia que poderia correr muito mais sem nenhuma dificuldade. Passamos por um bêbado encostado a uma parede, seu cheiro era insuportável, uma mistura de urina, vômito, suor e outras imundícies. Nunca havia sentido nada parecido em uma pessoa. Era como se tivesse encostado meu rosto em sua roupa imunda. Diana não deu muita importância ao homem, assim como ele pareceu não perceber nossa presença, ocupado que estava em esvaziar o conteúdo restante de sua garrafa.

Eu a acompanhava intrigada com o que íamos fazer, apesar de ter no meu íntimo a certeza absoluta do que era. Em um determinado momento, ela parou e fez sinal para que eu ficasse imóvel a seu lado. Tínhamos parado em um beco estreito. À nossa frente havia, não muito longe, uma espécie de bar ou coisa semelhante que parecia movimentado pelo barulho que se podia escutar. Um poste com uma luz pálida iluminava precariamente as proximidades do bar. No local onde estávamos a iluminação era quase nenhuma e as sombras lançadas pelos galpões em volta, iluminados apenas pelo luar, nos deixava completamente invisíveis. Não precisamos esperar muito tempo e um homem acompanhado por uma mulher saiu do bar. A mulher ria bastante e tinha um jeito vulgar, ela praticamente arrastava o homem que parecia embriagado. Eles vieram em nossa direção. A mulher estava com um vestido comprido amarelo-claro já escurecido pelo tempo e pela falta de lavagem frequente. O homem caminhava e, ao mesmo tempo, tentava segurar a mulher, ao que ela fugia, incentivando-o a tentar de novo. Ficaram nessa peleja até chegar bem próximos de onde estávamos, foi então que o homem a agarrou e a encostou contra a parede. Ela continuava rindo e falando coisas que eu não entendia. O homem a beijava pelo pescoço e tentava mexer em suas saias. Instantes depois, outro homem se aproximou furtivamente vindo do bar, a mulher percebeu sua presença, mas continuou como se nada tivesse acontecido. Quando chegou bem próximo, o homem puxou um punhal e pegando a gola do casaco do outro, que ainda nada havia percebido, puxou-o com força derrubando-o ao chão. Este caiu na rua enlameada assustado sem saber o que estava acontecendo. A mulher fingiu estar assustada. O homem caído, irritado, tentou se levantar quando foi atingido por pontapé bem no meio do rosto, fazendo o sangue esguichar de sua boca. Caiu estatelado ao chão enquanto o outro aproveitava para continuar a espancá-lo. Bateu até o outro, todo ensanguentado, ficar inerte; quando percebeu que o homem não oferecia mais perigo guardou o punhal e começou a remexer nas roupas dele, tirando por fim sua carteira. Vasculhou a carteira e pegando algumas notas jogou-a no chão. Dobrou o dinheiro e colocou-o no bolso da calça. Depois, olhando para a mulher, fez

sinal com os olhos para que fosse embora; a mulher saiu apressada e sumiu na escuridão. O homem olhou mais uma vez para o outro que continuava imóvel; deu-lhe um chute no peito que o fez rolar e cair numa poça de lama ao lado da calçada. Depois, com um sorriso de escárnio, saiu caminhando em direção ao beco onde estávamos. Não teve tempo de saber o que lhe aconteceu. Quando passou em frente ao beco, Diana o agarrou tão rápido e bateu sua cabeça contra a parede que ele desmaiou. Eu via tudo e deveria estar completamente apavorada, assustada, horrorizada. Mas, ao contrário, não sei o que havia acontecido comigo, estava ansiosa e por dentro aprovava completamente o que estava acontecendo. Diana me chamou e quando me agachei perto do homem caído, usando apenas suas unhas, num golpe certo, cortou-lhe a garganta, fazendo o sangue jorrar. Eu não precisei de nenhum convite ou sinal da parte dela. Quando vi o sangue vermelho, pulsante, tive a mesma sensação de quando segurara o faisão entre minhas mãos. Era como as guloseimas deliciosas da senhora Hudson, ou melhor, era como oferecer um banquete completo a quem passara vários dias sem comer. Como se tivesse feito isso todos os dias de minha vida, sabia exatamente como devia proceder. Avancei por cima do homem caído e cravei minha boca em cima da ferida aberta. Foi uma experiência indescritível. O sangue descia por toda minha roupa e rosto me sujando completamente. Era uma sensação incrível, algo que nunca sentira antes.

– Hoje posso afirmar que é algo muito próximo ao prazer sexual, uma perda momentânea de consciência, e um arrebatamento quando a saciedade chega – Valquíria disse, olhando nos olhos de Dennis.

– E foi nesse momento que compreendi tudo que me acontecera. Vi imagens passar por minha mente, apenas lembranças. Eu na varanda do meu quarto na casa de meu avô, e os olhos enormes a me hipnotizar. Petrus com seu disfarce de bom velhinho. Eu me aproximei e ele me deu um soco no meio do rosto e desmaiei. Depois, as lembranças eram do quarto imundo onde estive presa. Acordei com uma dor dilacerante, abri os olhos, estava imobilizada por suas garras imundas que me seguravam como tenazes de aço. Ele me mordida no pescoço e com sua boca nojenta sugava meu sangue, não posso descrever o pavor que senti. Quando se saciou, me largou inerte a me esvaír em sangue e se foi. Eu estava desfalecendo e fiquei num estado de semiconsciência por vários minutos, mas percebi alguém se aproximar, era Diana; parecia alterada pela visão do sangue que escorria, veio decidida e segurou-me com mãos não menos fortes que as garras de Petrus; caiu por cima de mim e bebeu de mim. Eu devo ter ficado no limiar entre a vida e a morte e vi Diana saciada se afastar. Sem poder me mover, eu a vi limpar a boca do meu sangue que lhe escorria pelo queixo e empapava sua roupa. Ela então pegou alguma coisa ao lado, era uma seringa hipodérmica. Aplicou a agulha em seu próprio braço e puxando o êmbolo, encheu a seringa com seu sangue. Depois veio até onde eu estava, enfiou a agulha em meu braço e injetou seu sangue em minhas veias. A dor foi lancinante e desmaiei.

Voltei à realidade e me dei conta de que estava fazendo a mesma coisa, minha boca encostada no pescoço de um ser humano, sugando seu sangue. Enojada, me afastei imediatamente, eu havia me transformado na mesma criatura asquerosa que saciara sua fome em mim. Distanciei-me um pouco e fiquei olhando Diana se alimentar no homem caído. Tinha sido ela quem me contaminara com seu sangue. Continuei observando enquanto ela terminava com o homem, ele não tardaria a morrer tal a quantidade de sangue que perdeu. Vi os olhos de Diana brilharem na escuridão, ela limpou a boca na manga do vestido e, num movimento

inesperado, quebrou o pescoço do homem. Arrastamos o corpo até a beira do cais e usando uma corda que pegou de um barco ancorado e um peso de concreto que havia perto, usado provavelmente para amarrar algum outro barco, amarrou o cadáver ao concreto e o atirou ao mar. Enquanto o que restara do homem desaparecia rapidamente entre as águas escuras do ancoradouro, ela me explicou que sempre deveria dar um sumiço nos corpos, mesmo que eles fossem logo descobertos. Evitaria comentários sobre a falta de sangue ou sobre outras mortes semelhantes. Ao regressarmos, deparamos com o outro homem, caído por sobre a poça de lama, a dar sinal de vida. Um gemido abafado saiu de sua boca enquanto ele se mexia. Tentou erguer-se, estava muito machucado, mas ia sobreviver. Não notou nossa presença nem o que havia acontecido a sua volta. Enquanto isso, nós desaparecíamos na escuridão da noite.

A descoberta de que havia sido Diana quem me transformara depois de se alimentar em mim, chocou-me e não sei precisar o que sentia. No caminho de volta, eu a fiz parar e lhe perguntei, totalmente desorientada, porque havia feito aquilo comigo.

Ela me lançou um olhar desolado, não como o das pessoas que não sabendo como explicar o inexplicável usam o argumento da isenção de culpa para justificar algum erro cometido. E então me disse:

– Perdoe-me, Valquíria. Naquele momento, eu não sabia quem você era, mas, mesmo se soubesse, já era demasiado tarde, pois você já estava condenada. Quando nos alimentamos em você, perdeu sangue suficiente para que morresse logo em seguida, e se eu não a contaminasse com meu sangue, o próprio Petrus o faria. Você tinha sido escolhida para esse propósito. Talvez você nunca me perdoe por isso, mas veja minha condição, eu também não tive escolha. Se eu soubesse quem você era quando ele lhe trouxe para seu covil, eu poderia ter lhe poupado. Eu não permitiria que lhe fizesse mal, mesmo que disso dependesse minha vida. Mas você não passava de mais uma vítima como tantas outras que foram trazidas nesse tempo em que estou aqui – foi sua resposta.

Não sei explicar, talvez isso faça parte da transformação que ocorreu em mim. Geralmente, o ser humano comum tem a tendência a dramatizar tudo. Tudo tem muita importância, importância em demasia. E comigo não era diferente. Bastaria uma simples ação ou palavra para desencadear sentimentos de raiva, ciúmes, desconfiança, desapontamento, mágoa entre outros. Mas não foi o que aconteceu dessa vez, o que ela me falou pareceu-me muito coerente, sem necessidade de nenhuma outra explicação. Cheguei mais perto dela, estendi meus braços e a abracei fortemente, e quando ela se afastou seus olhos brilhavam com lágrimas vermelhas; estava tudo certo entre nós.

A nossa volta à propriedade foi cheia de cautela, pois caso Petrus tivesse sobrevivido à explosão da torre poderia aparecer a qualquer momento para se vingar de nós. Todavia, tudo parecia tranquilo, Mas mesmo assim, Diana disse-me para tomar cuidado. Falei para ela sobre o que havia acontecido na torre, de como eu havia tentando abrir a porta desesperadamente.

– Sim, ele tentou influenciá-la, e se tiver sobrevivido vai tentar novamente, mas, dessa vez, vai ser um pouco diferente, você está mais forte e imune a essa influência; na verdade, agora você tem o mesmo poder, apenas precisa saber usá-lo. Ele vai tentar jogar uma contra a outra. Entretanto, mesmo sendo forte, não poderá contra nós duas; fique preparada para isso. Porém, eu acho muito difícil ele ter sobrevivido àquela explosão – ela disse.

Percorremos toda a casa cuidadosamente, dando especial atenção aos escombros da torre. No entanto, não havia nada de anormal à primeira vista.

– Parece tudo normal... Vamos para o quarto; precisamos providenciar um local para você dormir – Diana disse.

Descemos pelo alçapão e nos dirigimos para o nosso quarto, eu já estava me acostumando a chamá-lo assim. Quando estávamos para entrar, Diana parou repentinamente, e me segurou com o braço estendido.

– O que houve? – perguntei.

Já havíamos passado por ali quando voltamos, mas estávamos preocupadas em procurar vestígios da presença de Petrus lá fora. Esquecemo-nos de verificar o quarto. Assim que paramos, Diana dirigiu toda sua atenção para o buraco na parede. De repente, o armário que estava encostado se despedaçou em estilhaços que voaram em nossa direção. Enquanto cada uma se esquivava como podia para não ser atingida pelos destroços do armário, vimos uma figura hedionda emergir para fora do quarto. Era Petrus.

Estava completamente desfigurado. A parte traseira do crânio havia desaparecido, assim como era possível visualizar a falta de alguns dedos em ambas as mãos. Tinha olhos injetados de ódio e muitas cicatrizes visíveis por meio de suas roupas esfarrapadas e sujas de terra. Era a imagem de um defunto que revolvera a terra com as próprias mãos para sair de sua cova. Se a sua aparência anterior me deixava dúvidas quanto a sua índole, a atual combinava perfeitamente com o demônio que ele era. Ele urrou de raiva e partiu para cima de nós que fugimos em direção à parte externa. Não senti, como antes, nenhuma tentativa por parte dele de me dominar mentalmente, ou já não funcionava comigo ou ele estava furioso o suficiente para tentar. Escutei sons guturais que saíam de sua boca escancarada num esgar, dizia alguma coisa sobre acabar conosco. Mas ele já não falava direito, talvez mais um dos efeitos da explosão. Apesar dos ferimentos graves, ele estava ágil e nos perseguia de perto. Eu seguia Diana, corríamos por entre corredores e passagens escuras da construção abandonada. Chegamos a um ponto sem saída e a única opção de fuga era uma porta de ferro por onde entramos e tratamos de fechar imediatamente, mas ele já estava forçando a porta nos impedindo de fechá-la e, com um impulso, a escancarou e entrou no recinto. Afastamo-nos da entrada, mas não havia nenhuma outra saída, estávamos no calabouço. Ele avançou para cima de nós com todas as forças que ainda possuía. Rugia enraivecido e conseguiu encurralar Diana no canto da parede. Eu avancei para cima dele, tentando socá-lo como podia. Ele tentava se desvencilhar de mim e ao mesmo tempo lutava com Diana, querendo dominá-la. Com um urro selvagem, ele me acertou um soco me fazendo voar longe e cair, batendo a cabeça na parede. Eu podia escutar também os gritos histéricos que Diana soltava, tentando se livrar do monstro. Ele conseguiu por fim dominá-la, segurou-a pelo pescoço e bateu várias vezes sua cabeça contra a parede de pedra. Arrastou-a para um dos cantos, onde havia correntes que eram usadas como algemas para prender as vítimas que ele trazia, e prendeu-lhe uma das mãos.

Enquanto tentava me levantar, vi alguma coisa encostada na parede perto de mim, era um grande machado. Peguei o machado e avancei para cima dele que ainda tentava prender a outra mão de Diana. Percebendo meus movimentos, ele se virou em minha direção no exato momento em que desferi um golpe com o machado, usando toda a força que eu tinha. A lâmina cega do machado atingiu-o exatamente no pescoço fazendo sua cabeça rolar para longe enquanto o corpo despencava se contorcendo, caindo para o lado. Olhei o corpo que continuou a se debater ainda por vários minutos até me certificar de que estava realmente tudo acabado. Larguei então o machado e fui até onde Diana estava; ela tentava desesperadamente soltar o

braço preso nas correntes. Disse-me para verificar nos cantos se encontrava a chave do cadeado. Enquanto procurava a chave, uma coisa me chamou a atenção, o céu claro logo acima, começava a amanhecer. A claraboia do calabouço estava aberta, tinha que encontrar rapidamente a chave e libertar Diana para nos escondermos do dia que raiava. Mas a chave não estava em lugar nenhum e já não havia tempo suficiente. Diana então me chamou e me disse para pegar o machado. Eu ainda não havia entendido o que exatamente ela queria fazer.

– Valquíria você vai ter que cortar minha mão bem aqui na junção onde a corrente passa – ela disse.

Eu fiquei parada, imóvel como uma estátua.

– Vamos... Você precisa agir rápido, não há mais tempo. Não vai acontecer nada, acredite em mim, seu eu pudesse eu mesma o faria, mas, como pode ver, não tenho como fazer isso – ela falou.

– Vamos Valquíria, faça...

Aproximei-me com o machado em riste e, mesmo sem muita confiança, encostei-o próximo ao pulso que ela esticava para facilitar o corte. Com um golpe certo, cortei-lhe a mão na altura do pulso que caiu sujando a parede de sangue enquanto ela se desvencilhava da corrente. Não a vi emitir nenhum som ou fazer qualquer movimento facial que demonstrasse dor. Imediatamente ela pegou a mão caída ao chão e, limpando rapidamente da melhor maneira que pôde, levou-a de volta ao pulso, encaixando-a no lugar. Depois, virou-se para mim e disse:

– Venha... Não temos mais tempo o dia já vai raiar.

Então saiu correndo e eu a segui. Antes, porém, lancei um último olhar à figura sem cabeça que jazia caída por sobre o chão empoeirado. Estava lá, inerte, a cabeça enlameada pela poeira que se misturara com o sangue, dando um aspecto ainda mais grotesco. Chutei-a para bem longe do corpo, queria ter certeza de que não precisaríamos mais nos preocupar quando a noite chegasse.

Quando a noite seguinte chegou, Diana e eu acordamos no mesmo instante. Tinha sido o meu primeiro sono diurno desde que me transformara. Estava me sentindo muito bem, diferente, forte. O sono tinha sido recuperador e dormi como nunca havia dormido em minha vida, um sono sem sonhos. Lembrei-me da mão cortada de Diana e fui ter com ela que se levantava. Para minha surpresa, a mão estava normal, uma cicatriz enrugada que envolvia todo o local era o único resquício do que havia acontecido.

– Não se preocupe, amanhã não haverá nem a cicatriz – ela disse.

– Mas não doeu? – perguntei preocupada.

Ela me falou que nós não sentíamos mais dor, exceto a dor por falta de alimentação, e que era para me acostumar. Os últimos resquícios de minha vida de mortal comum iriam desaparecer nas próximas 24 horas. Coisas como necessidades fisiológicas, dor, etc. iriam desaparecer por completo, por isso, eu devia ficar preparada. Falou sobre o sol, e quanto tempo poderia ficar sem alimentação, e a dor da falta desta, que leva à loucura. Disse-me que nosso corpo tinha um alto grau de recuperação e deu como exemplo sua mão. Trouxe-me um espelho e pediu para que eu olhasse meu pescoço atentamente. Olhei e nada vi.

– Pois então, aí havia um grande machucado feito por Petrus quando a mordeu. Em uma pessoa comum, haveria um grande buraco, mas você já se recuperou e nem percebeu – disse.

Mitos e Verdades

Dennis interrompeu o que ela dizia.

– Mas por que ela precisou lhe injetar seu sangue? Não bastava Petrus ter lhe mordido para você virar vampiro? Será que você não morreu e depois acordou transformada?

– A contaminação pelo sangue é o que transforma a pessoa. Se um vampiro atacar alguém, sugar seu sangue e o abandonar, essa pessoa simplesmente morrerá. Mas, para que possa haver a transformação, é necessário que a criatura esteja viva e se contamine com o sangue do vampiro. Eu não me senti à beira da morte, que tinha morrido ou coisa parecida; o sangue dela me contaminou e o ciclo se completou quando me alimentei de sangue pela primeira vez e, assim, gradativamente, fui me transformando no que sou hoje.

– Mas e aquela história dos dois furos no pescoço que são a marca do vampiro? Eu nunca havia reparado em seus dentes, eles crescem quando você vai morder alguém? – ele perguntou interessado.

Valquíria riu, deixando à mostra seus dentes muito brancos, os caninos e o dente logo a seguir, eram pontiagudos e compridos. Não se assemelhavam nem um pouco com os caninos compridos dos vampiros dos filmes, mas pareciam muito afiados e, com certeza, maiores que os das pessoas comuns.

– Dennis, são apenas histórias que as pessoas contam e vão aumentando com o passar do tempo. Veja por exemplo um leão ou outro predador qualquer na natureza. Se um leão, com suas presas enormes e pontiagudas, morder algum outro animal, no local, não ficarão dois furos, pois ele vai arrancar um pedaço. É assim que funciona. Eu posso cortar ou morder e arrancar pedaços de carne, mas não haverá marca de furos em pescoço algum. E meus dentes não crescem e voltam a diminuir de acordo com minha vontade – rindo ela vez um gesto como se fosse mordê-lo.

– Então são apenas histórias... – ele falou e, se lembrando de mais alguma coisa, continuou.

– Mas e quanto ao resto? As cruzes, o alho, o espelho...? Você dorme em um caixão?

Valquíria não se contendo, riu. Depois começou a explicar.

– Quanto ao espelho, você não se lembra de nossa brincadeira com o batom? Por acaso, eu estava invisível no espelho? Em relação às cruzes, são apenas superstições religiosas, pois se me fizessem algum efeito, isso indicaria que tal religião tinha um fundo verdadeiro. Porém, as religiões foram criadas pelo homem que procura no desconhecido resposta para seus medos e dúvidas. Mas, mesmo na minha condição, nunca vi nem o diabo nem Deus. Para mim, eles só existem dentro das pessoas. Agora o inferno eu conheço... Ele existe em forma de fome insaciável. Em relação a dormir em um caixão, venha comigo que vou lhe mostrar o meu caixão.

Dizendo isso, ela se levantou e estendeu-lhe a mão para que ele a segurasse, então o puxou até o fundo da casa onde ficavam os quartos.

Era a primeira vez que Dennis ia entrar no quarto de Valquíria, antes de saber a verdade sobre ela, pensou que, por ser menina, ela fizesse cerimônia em mostrar seu quarto por simples capricho feminino. Mas depois que descobriu sua condição de vampiro, entendeu que por motivos óbvios ela escondia o quarto. Era lá que ficava seu caixão e, provavelmente,

algun outro segredo medonho. Sentiu um frio na barriga quando ela parou em frente ao último quarto e abriu a porta.

Ela entrou e Dennis a seguiu logo atrás. Valquíria acendeu a luz, e ele ficou boquiaberto, não passava de um quarto comum de uma adolescente. Ela olhou para a cara de desapontado dele e falou:

– O que você esperava seu bobo? Uma cripta, caixões? Eu lhe disse que não há nada de especial. Mas vou lhe mostrar uma coisa para tirar esse seu desapontamento. E, dizendo isso, foi até a cama e levantou o estrado do colchão para que ele pudesse ver por dentro da cama.

– Você dorme na parte de baixo da cama?

– Sim, mas é só por uma segurança mínima adicional. Esta casa toda, por si só, já é bem protegida contra o sol, especialmente este quarto, cujas paredes são reforçadas e não há janelas. A única maneira de se entrar aqui é pela porta da frente, que é bem segura. Tudo isso foi meu irmão quem planejou, pensando em minha segurança.

– Então tudo aquilo sobre vampiros não é verdade?

– Bem, na sua grande maioria, são histórias, mas existem coisas que são verdadeiras como, por exemplo, a respeito do sol, ou o fato de precisar de convite para entrar em algum lugar.

– Então você não pode virar morcego nem fumaça para entrar facilmente nos lugares?

Ela riu e continuou:

– Não, não existem coisas fantásticas. Tudo o que existe pode ser explicado, em termos. Eu tenho uma teoria: acho que o vampirismo é causado por um vírus muito antigo, e que acomete algumas pessoas desde antigos tempos. Esse vírus entrou na corrente sanguínea de algum ser humano em alguma época passada e depois foi transmitido para outras pessoas com o tempo.

– Um vírus... Por que você acha isso?

– Porque é transmitido de pessoa a pessoa pelo sangue contaminado. É um vírus muito resistente e autossuficiente que, para continuar a viver, comanda o infectado, como eu, a fazer somente o que é necessário para sua sobrevivência. Esse vírus precisa apenas de sangue humano para sua subsistência. Ele, então, transforma o corpo do infectado para que sobreviva apenas de sangue, e dele retira toda a energia necessária. Por isso, o infectado não precisa mais ingerir nenhum outro tipo de alimento ou líquido e, em razão da total absorção do sangue ingerido, não existe nenhuma necessidade fisiológica. O corpo transformado é super-resistente, elimina qualquer tipo de doença. Assim, como que para sua auto--proteção, o corpo tem o processo de recuperação superacelerado. Se eu me machucar, em questão de segundos, posso me recuperar. Explicando melhor, como no caso de Diana que numa situação extrema teve a mão decepada, e que ao mantê-la pressionada no local, voltou ao normal quase que imediatamente.

Dennis escutava tudo interessado.

– Então existe um fundo de verdade nas histórias contadas! – disse.

– Então você não morre? Nada pode destruí-la?

– Não, não é bem assim. O fogo pode me destruir, assim como água, pois apesar de ser muito resistente se passar muito tempo submersa vou me afogar. Se tiver a cabeça separada do corpo por algum tempo também morrerei. E também, é claro, se me expuser ao sol. Por algum motivo, esse vírus não resiste à luz solar; ele é destruído quando exposto ao sol, porém, antes ele extermina o hospedeiro em uma autocombustão.

Valquíria prosseguiu.

– E como expliquei antes, também não sinto nenhuma dor, com exceção da dor por falta de alimentação. Sou muito forte, tenho a força de várias pessoas e sou muito veloz também. Minha capacidade mental também foi potencializada. Posso hipnotizar uma pessoa ou movimentar coisas leves facilmente só com o pensamento.

– Mas e por que você precisa de permissão para entrar nos lugares? Poderia hipnotizar a pessoa para que ela lhe permitisse entrar no local, não poderia?

– Não, porque em compensação essa força mental também funciona ao contrário. É uma questão psicológica, não é uma questão física. Eu sei que não fui convidada a entrar, então, minha mente cria uma barreira. Não vou poder entrar de maneira nenhuma, não sei o porquê, mas é assim.

– E é só isso, não há mais nada de misterioso, não posso voar, nem atravessar paredes. Não sou um fantasma, sou apenas uma pessoa comum que teve a infelicidade de ser contaminada por uma doença rara. Simplesmente isso.

Ela fez uma pausa como se estivesse aliviada por tirar um peso terrível de cima das costas, mas, olhando preocupada para Dennis, continuou:

– Agora que sabe tudo sobre mim, da minha terrível sina, pode entender porque não podemos ficar juntos. Na verdade, eu precisaria ser muito maligna e irresponsável para deixar esse sonho louco prosseguir. Eu sou um monstro Dennis. Vou cometer muitos e muitos crimes e a vida a meu lado não vai ser um conto de fadas. Eu tenho que ir embora, seguir meu destino e você deve seguir sua vida normal, esquecer que um dia me conheceu. Essa é a coisa mais acertada a ser feita.

Fez nova pausa e prosseguiu:

– Para mim, também é difícil. Você é a primeira pessoa que sabe o que eu sou em todos esses anos. É meu primeiro amigo, meu primeiro amor, a única pessoa por quem bate meu coração. Já não consigo imaginar minha existência sem a sua presença. Mas não vou usar isso como uma desculpa para ficar ao seu lado. Não, de forma alguma, pois não posso permitir que você seja envolvido em meu inferno particular. Antes que algum mal lhe aconteça, é melhor que não nos encontremos mais.

Ela disse isso, movendo os olhos para o chão sem conseguir encará-lo, não queria encorajá-lo com sua tristeza.

Dennis sentiu um nó apertar sua garganta, não queria chorar porque isso não era papel de um quase rapaz como ele. Mas, por mais que repetisse isso a si mesmo, seus olhos desobedientes teimavam em se encher de lágrimas. É claro que não compactuava com assassinato de pessoas, ficara chocado com o que vira na noite anterior; desejava do fundo do seu coração que tudo não passasse de um pesadelo. Queria acordar e encontrar com a linda menina comum dos dias anteriores e os dois dariam muitas boas gargalhadas desse sonho maluco. Mas o fato é que estava muito bem acordado, e se houvera alguma dúvida quanto à veracidade do acontecido, ela própria acabara de dar o golpe de misericórdia no que restava das suas esperanças. Abraçou-se com ela e, rendido, chorou copiosamente.

Tinha pensado em muitas coisas desde a noite anterior. Haveria de ter uma solução. Ela lhe dissera que não precisava necessariamente matar pessoas, mas ninguém lhe daria o sangue de livre e espontânea vontade. Então, mais uma vez, a clínica de doação de sangue passou por sua cabeça. Recompôs-se, enxugou as lágrimas na manga da camisa e disse numa voz que não negava o choro recente:

– Não, por favor, não vá embora! Eu sei que você não tem para onde ir. Está sozinha, não tem mais seu irmão que fazia tudo por você. Vai para onde? Você não tem para onde fugir, vai precisar de alguém que lhe ajude e esse alguém sou eu – disse.

E, tomando fôlego, continuou:

– Eu pensei numa solução que vai de encontro ao que eu sempre quis ser. Desde criança, meu objetivo sempre foi ser médico quando crescesse, e agora tenho um motivo maior ainda para continuar firme no meu propósito. E se construíssemos nós mesmos essa clínica para coleta de sangue? Poderíamos abastecer a maioria dos hospitais, pois sempre escuto falar que a falta de sangue é um grande problema para essas entidades hoje em dia. A Cruz Vermelha faz muita propaganda, incentivando a doação. Quando alguém é internado e precisa de sangue tem que pedir a parentes e amigos que doem para suprir a falta. Uma clínica de doação seria viável; isso resolveria uma parte do problema dos hospitais e a outra parte, uma parte mínima, creio eu, acabaria com todos os seus problemas. Seria tudo legalizado e você não precisaria cometer nenhum crime.

– Seria ótimo, mas, lembrando de novo, somos duas crianças como vamos fazer isso? – ela disse.

– Sim, é verdade, mas nisso pode-se dar um jeito. Com dinheiro, tudo se consegue. Eu não conheço ninguém aqui, mas há o meu tio que é uma pessoa boa, justa e muito correta; eu confio nele, ele pode nos ajudar sem saber exatamente toda a verdade. Ele não precisa saber nada sobre sua condição real. Todavia, para montar alguma coisa desse porte, vai ser preciso muito dinheiro. Eu tenho um pouco, meu avô me deixou para usar no futuro. Mas só poderei mexer depois que completar 18 anos. Tem ainda o que meus pais me deixaram, entretanto, talvez, não seja suficiente.

Apesar de estar pessimista do sucesso do que Dennis propunha, ela percebia a boa vontade sincera dele em tentar ajudá-la e se sentiu feliz por isso; na verdade, ele estar ali na frente dela, depois de tudo que acontecera, já era por si só inacreditável. Talvez até pudesse dar certo, por isso, decidiu apoiá-lo incondicionalmente.

– Não se preocupe com isso Dennis, eu tenho o suficiente, não precisa usar seu dinheiro. Meu patrimônio é suficiente para isso e muito mais. Na verdade, não sei nada sobre finanças, mas Adam sempre me falava sobre isso. Ele me dizia que nosso patrimônio era suficiente para que vivêssemos sempre confortavelmente. No entanto, eu deveria começar a aprender a movimentá-lo antes que chegasse o dia em que ele não estivesse mais aqui. Coitado, acho que nem ele mesmo pensou que esse dia chegaria tão rápido – disse tristinha.

Por tudo que ouvira dela, Dennis achou que havia feito mau juízo sobre o irmão dela. Na verdade, ele sempre a protegera.

Voltaram para a sala, e Dennis sentou-se no sofá. Valquíria sentou ao seu lado, se recostou no braço do sofá e ficou de frente para ele.

– E então o que você acha? – Dennis insistiu.

Ela estava séria, pensou alguns instantes e depois falou.

– Confesso a você que, por causa de todos os anos que venho vivendo nessa condição, estou pessimista. Mas, se funcionasse, realmente seria a solução para uma grande parte de meus problemas. Entretanto, confio em você e acho que a gente pode tentar.

E continuou:

– Mas, escute Dennis, em todos esses anos, nada foi tão fácil assim como você está

propondo. Eu sou assim e vou ter que seguir com meu destino. Por mais que sua ideia funcione, não vai ser para hoje nem amanhã, portanto, meu pesadelo continua; sinto que estou cometendo uma loucura em permitir que você participe dele. Contudo, a gente pode continuar se vendo, porém, vamos ter que criar algumas regras.

– Regras? – Dennis repetiu.

– Sim. Você vai continuar sua vida normal, estudar, se preparar para o futuro; e eu preciso levar a minha, que é muito complicada... Você sabe... Tenho que me alimentar. Mas você não deve se envolver nisso; não queira saber os dias em que preciso me alimentar, não vamos falar sobre isso jamais. Está bem?

– Está certo, não vou querer saber – ele disse.

– Poderemos nos encontrar e ficar juntos até tarde nos fins de semana, mas, durante a semana, você tem aula, precisa estudar; então mesmo que nos encontremos, você deve ir embora cedo. Assim, tentarei não trazer nenhum problema a sua vida. Está bem para você assim?

– Está bem, combinado. Eu concordo com o que você quiser se é para que possamos ficar juntos. E vou consultar meu tio imediatamente para que colocarmos em prática esse nosso plano. Temos que começar o quanto antes – ele disse já mais confortado.

Valquíria se sentia feliz por Dennis estar com ela depois de tudo; ela não suportaria a solidão. Mas, ao mesmo tempo, um travo de tristeza pairava como uma ameaça, ela não tinha o direito de ser feliz. Olhava para ele carinhosamente, tão bonito; um garoto desabrochando para a vida e flertando com o desconhecido e a morte. Por mais que ela tentasse acreditar num futuro, não conseguia.

– Será que ele pensava que poderiam levar uma vida normal? – se perguntava.

Ele ia começar a crescer, se desenvolver, ficar adulto. Ela se lembrava de Adam e mais alguns poucos anos, ele poderia ser seu pai. Ela já havia passado por isso, será que Dennis aguentaria? Suportaria o contraste entre a rotina comum das pessoas normais e a dela, sem poder se apresentar a ninguém, escondida, notívaga? Não, isso não ia dar certo – pensou.

Foi tirada de suas divagações por Dennis que pedia para ela continuar sua história.

– Deixe-me lembrar onde havia parado... – disse; refletiu por alguns instantes antes de continuar.

Assim que a noite surgiu, voltamos ao calabouço para nos certificar de que Petrus havia mesmo sido destruído. O corpo já não estava mais onde o havíamos deixado; em seu lugar o que restara era um monte de cinzas negras, assim como no lugar onde a cabeça havia ficado, dessa vez tínhamos dado cabo dele.

Na segunda noite, quando acordei, Diana estava ao meu lado, eu estava deitada no catre onde ela dormia e as cobertas grossas me cobriam por completo.

– Olá, boa-noite – ela me disse enquanto eu me levantava – agora que somos livres, temos que pensar no que vamos fazer – disse.

– Eu gostaria de voltar para minha casa – eu respondi.

Ela me olhou preocupada e falou:

– Escute Valquíria, lembre-se de que você não é mais a mesma pessoa. Para os seres humanos normais, nós não passamos de monstros asquerosos, e nos matariam sem pestanejar caso descobrissem nossa condição. Porque, para nós agora, eles são o alimento, a presa e nós os predadores. Você vai ter que mudar todos os seus hábitos e também sua forma de pensar,

assim como sua maneira de encarar as coisas. Tem que se esquecer de todos os conceitos que aprendeu, eles são falsos em sua grande maioria e não vão fazer diferença alguma. Mas, uma coisa é certa, você vai ter que se alimentar ou morrer.

Escutando isso, lembrei-me do que havia acontecido no dia anterior.

– Ontem, quase matei um faisão que corria solto aqui por perto. Não posso me alimentar de animais? – eu perguntei com uma ponta de esperança.

Então ela me disse o que eu já lhe falei anteriormente.

– Seria muito bom se isso fosse possível, mas os animais não saciam nossa fome. É como tomar água quando se está morrendo de fome: enche-se o estômago, mas a fome continua lá; nossa fonte de alimento é o sangue humano.

– Mas não quero matar ninguém... – disse-lhe, entre lágrimas.

– Não é essa a questão minha querida, você precisa se acostumar. Os animais selvagens não são maus ou perversos porque precisam matar sua presa para se alimentar. É simplesmente sua natureza, seu instinto de sobrevivência. O mais forte ou o mais inteligente sobrevive. E nós somos fortes e inteligentes. E não precisamos ser perversos. Mas, se isso a ajudar a sentir menos culpa, existem os perversos e maldosos entre os homens, e são muitos. Podemos ser o anjo justiceiro que elimina a parte podre e defender os oprimidos, ou não fazer nada disso e agir naturalmente, se alimentar por- que essa é sua natureza. Você não precisa matá-los, apenas tirar o suficiente para sobreviver. Entretanto, isso pode ser perigoso, pois vão acabar desconfiando de tantos ataques e, um dia, você será descoberta.

– Então não preciso matar ninguém necessariamente? – perguntei com uma ponta de esperança.

O olhar que me dirigiu pareceu-me com o de uma mãe atenciosa a cuidar do filho pequeno inocente quanto às armadilhas da vida.

– Valquíria, até poderia não matá-los; mas a mínima quantidade suficiente para suas necessidades, já os deixaria exauridos. Além do que precisará cortá-los ou mordê-los e isso somado à falta de sangue criaria boatos sobre a nossa presença, o que não seria nada aconselhável de se fazer.

Eu ainda não havia parado para pensar nas consequências do que havia me tornado. Como já repeti várias vezes, não parecia que eu tinha mudado. Contudo, isso foi só no início; logo aprendi com as diferenças.

– Não temos muito tempo – ela continuou a falar.

– Você precisa aprender a se alimentar por si própria. Não pode ficar num estado passivo, é perigoso. Além disso, tem sua família, precisa saber como ela vai reagir a sua nova condição. Não pense que eles vão ficar como se nada houvesse acontecido. Talvez, por ser de uma família rica, seu pai possa contornar a situação até certo ponto. Mas agora você é uma predadora de seres humanos. Sua família vai ter que aceitar sua nova condição e isso é uma coisa difícil. Apesar de tudo, você tem que saber como agir, como sobreviver, se essa for sua vontade. Mas não se esqueça, seremos apenas outros Petrus, nada menos que isso.

Na noite seguinte, quando acordei, estava decidida a voltar para minha casa, procurar minha família, pois tinha certeza de que eles iriam me amparar mesmo que eu fosse um monstro. Percebia já todas as mudanças se completarem, já não sentia desejo da maioria das necessidades fisiológicas. Procurei por alguma coisa que fosse um lavatório, queria lavar o rosto, pentear os cabelos. Senti falta de uma escova dental, mas não havia gosto ruim na boca

nem aquela sensação pegajosa comum logo ao acordar. Na verdade, não havia nenhuma sensação desagradável, sentia-me muito bem ultimamente. Diana não estava no nosso esconderijo; resolvi procurá-la. Saí pelo alçapão e a encontrei, revirando os escombros, à procura de resquícios de qualquer coisa que Petrus, o demônio, pudesse ter deixado e que nos fosse útil em algum momento.

– O demônio... – a palavra saiu da boca de Dennis interrompendo a história de Valquíria.

– Entenda Dennis, é muito difícil para mim, assim como acho que era para Diana usar a palavra “vampiro”. Não nos sentíamos assim, e chamá-lo de demônio era uma maneira de diferenciá-lo de nós por mais estranho que isso possa parecer.

– Sim, desculpe, mas, por favor, continue não quis interromper – Dennis falou.

A Volta ao Lar

Valquíria então continuou:

Comuniquei à Diana o que havia decidido e, nessa mesma noite, ainda cedo, seguimos o caminho rumo à casa do meu avô. Eu sentia um misto de euforia e medo da reação de minha família. Resolvi procurar primeiro Adam, pois, com certeza, o choque seria menor para ele. Levamos cerca de uma hora em nosso passo rápido e sem cansaço até a casa de meu avô. Não tivemos nenhuma dificuldade em passar pelos seguranças, nem pelos cães que sentiam nossa presença, todavia, logo se acalmavam, pois éramos rápidas e passávamos despercebidas ao seu olfato e audição. Fazia cinco dias aproximadamente que eu havia desaparecido e talvez, alvoroço inicial houvesse passado, mas o choque e a tristeza deveriam ser ainda uma constante no clima da casa. Subimos ao segundo andar, onde o quarto de Adam se juntava ao meu pela varanda e ficamos aguardando algum sinal da presença dele. Por volta das 9 horas da noite, escutamos a porta do quarto se abrir e a luz acender. A silhueta esbelta de Adam apareceu pela porta e mesmo que ele já estivesse conformado com a minha ausência, sua fisionomia ainda era triste. Ele fechou a porta, atirou os sapatos, jogando-os longe e se deitou na cama. Eu fiquei admirando-o por alguns instantes e depois toquei levemente meus dedos na vidraça. Adam se levantou num pulo, e olhou intrigado em direção à janela. Mas não conseguia nos ver, então, me aproximei da vidraça para que ele pudesse enxergar melhor. De repente, sua fisionomia mudou não se contendo de alegria em me ver. Num salto, alcançou a janela e a abriu gritando meu nome.

– Valquíria, o que aconteceu? – perguntou enquanto corria a me abraçar e beijar.

– Estávamos todos preocupados e pensávamos que o pior houvesse acontecido. Temos que avisar a todos imediatamente. Eles precisam saber que você voltou – fez menção de sair correndo e eu o segurei pelo braço.

– Adam, espere. Temos que conversar antes, pois tem algo que você precisa saber, necessito de sua ajuda.

Nesse momento, Diana saiu das sombras se mostrando por completo. Adam a olhou intrigado.

– Esta é Diana, a filha do caseiro. Lembra-se dela? – perguntei. Ele a olhou surpreso.

– Mas ela não estava desaparecida também, e há muito tempo?

– É sobre tudo isso que precisamos conversar primeiro, antes de avisar qualquer pessoa da casa, por mais ansioso que você esteja e por mais que possa parecer estranho. Está bem?

Ele concordou um pouco desconfiado, mas, no fundo, estava aliviado por eu estar de volta.

– Venha vamos conversar lá dentro – ele falou, caminhando de volta para o quarto e eu o segui.

Escutei Diana falar.

– Valquíria, espere...

Mas foi tarde demais, eu havia feito um movimento rápido e algo impressionante aconteceu quando tentei passar pelo espaço aberto na janela. Foi como se batesse de encontro a uma parede de concreto invisível. Não houve nenhum som e Adam que estava de costas para mim nada percebeu. Entretanto, com a velocidade que eu vinha, meu corpo foi arremessado para

trás violentamente. O barulho veio depois, quando bati no chão ao cair. Nesse momento, Adam se voltou. Eu ainda estava surpresa sem saber o que havia acontecido. Então Diana explicou:

– Temos que ser convidadas a entrar, lembra-se? – ela disse.

– Mas está é a casa do meu avô onde tenho livre acesso. Você não falou que eu poderia ir e vir onde me pertencesse?

– Sim, mas há um porém. Vou explicar melhor para que você entenda. Uma pessoa tem uma casa e pode ir aonde quiser dentro dela, pois é sua propriedade. Entretanto, se ela hospedar alguém, por mais que a casa seja sua, não poderá entrar no quarto do hóspede sem pedir licença. Só poderemos entrar no quarto se seu irmão nos convidar. Depois que entrarmos a primeira vez, poderemos entrar livremente se quem nos convidou estiver presente. Poderia entrar em qualquer lugar da casa, por ser do seu avô e nos quartos de qualquer pessoa que mora na casa, menos nos quartos dos hóspedes, mesmo que esse hóspede seja seu irmão. É assim que funciona.

Nós duas olhamos ao mesmo tempo para Adam que, é claro, não estava entendendo nada. Eu então quebrei o silêncio que se seguiu.

– Adam, por favor, diga que podemos entrar.

– Vocês não estão brincando, não é? – ele disse, levando a conversa na brincadeira, mas acabou cedendo ao ver nossa seriedade e nos convidou a entrar.

Resumindo a história, contei tudo que havia acontecido a Adam que é claro não acreditou logo de início, o que era natural. Quem em sã consciência acreditaria numa loucura daquelas?

Diana que se mantivera calada todo tempo de repente se virou para mim e falou:

– Venha comigo, vamos ter que mostrar para ele; e puxando Adam pelo braço, arrastou-o tão rápido que ele não teve tempo de saber o que havia acontecido. Pulou da varanda, protegendo-o para que não se machucasse e ficou me esperando embaixo. Eu ainda não estava acostumada com todas essas novidades, e tive receio de pular.

– Pule Valquíria, nada vai lhe acontecer – ela falou, me incentivando.

Fechei os olhos e pulei, e como ela havia dito nada aconteceu. Caí em pé, não senti nenhum impacto ou dor. Ela então se virou e saiu em disparada, carregando Adam consigo. Eu a segui, não sabia exatamente o que ela pretendia, mas comecei a desconfiar quando ela parou em local próximo à guarita onde estava um dos seguranças da propriedade. Ficamos escondidos pelas sombras das árvores e podíamos ver o homem que estava sentado lendo uma revista e fumando tranquilamente. Adam estava irrequieto e contrariado com tudo aquilo, contudo, também estava surpreso e permaneceu calado. Eu me aproximei de Diana e perguntei:

– O que você pretende fazer? Não vai machucar o segurança não é?

– Não se preocupe, ele não vai morrer, se bem que merecia. Quando eu morei aqui, por ser filha de um dos empregados da casa, sempre me tratou mal; e uma vez tentou me violentar, ameaçou me machucar ou a alguém da minha família se contasse a alguém o que havia acontecido – disse.

– Tentou o quê? – perguntei sem atinar com o significado da palavra empregada.

– Deixe para lá – ela respondeu. – Só vou mostrar a seu irmão o que você precisará fazer para sobreviver de agora em diante.

E se dirigindo para Adam, continuou:

– Preste bem atenção, porque isso não é nenhuma brincadeira.

E sem dar tempo à nenhuma reação de Adam, saiu rapidamente. Quem primeiro notou sua presença foi o cão que começou a rosnar, chamando a atenção do segurança; este se levantou desconfiado e, tentando descobrir o que estava acontecendo, caminhou para fora da guarita.

– O que houve rapaz, o que o está incomodando? – indagou para o cão que continuava a rosnar, e enquanto isso vasculhava cuidadosamente tudo a sua volta.

Diana saiu das sombras e se mostrou por completo, o cão ficou mais alvoroçado e começou a latir. O segurança ficou surpreso em vê-la.

– Ora, ora... Quem está de volta. Então você não desapareceu? Que coisa feia, deixar todos preocupados, enquanto sai para se divertir pelo mundo! – disse com um sorriso de escárnio no rosto, caminhando em direção a ela.

Antes mesmo que ele terminasse de falar, Diana voou em cima dele e o derrubou. O cão que estava preso ficou completamente alucinado a latir e rosnar sem parar, enquanto tentava avançar sobre Diana. Com um soco, ela fez o homem desmaiar e depois, com suas unhas, rasgou superficialmente a carne do pescoço dele, de onde o sangue jorrava, porém, sem nenhuma grave consequência. Ela caiu em cima do homem ensanguentado e eu, não resistindo à visão do sangue a escorrer, me descontrolei e fui me juntar a ela, esquecendo-me completamente de Adam, que saiu em disparada diante de tão macabro espetáculo. Diana saiu em seu encalce e eu, que não estava faminta, caindo em mim, larguei o homem desfalecido e sai atrás deles. Logo os outros seguranças chegariam por causa do barulho que o cão estava fazendo. Diana alcançou Adam rapidamente e, em seguida, eu os encontrei. Quando cheguei, Adam falava alterado com Diana.

– Tire as mãos de mim, droga, ou vai querer sugar meu sangue também?

Diana largou seu braço e se dirigiu a mim.

– Está vendo o que a aguarda? Não espere compaixão, todos irão sempre se lembrar do que você é; ou melhor, do que não é mais: um ser humano comum – disse não de forma irritada, mas sim resignada com sua própria condição.

Eu olhei para Adam, ele ainda parecia assustado, e isso que não era de se estranhar em razão das circunstâncias. Olhava-me talvez tentando descobrir onde estava sua irmã dentro da coisa ali à sua frente.

– Adam, sou eu, sua irmã Valquíria, não importa o que tenha me acontecido, sempre vou amar você. Nunca faria mal a você nem a ninguém de casa! Compreenda isso, por favor – eu lhe falei, quase suplicando.

– Valquíria perdoe-me, mas não consegui resistir àquilo. Minha irmã desaparece de casa e retornam vampiros à minha janela. Tive medo, por mais que seja você aqui na minha frente.

Eu não tive palavras para responder o que ele gostaria.

E assim foi o meu retorno para casa. Vi o fim da vida feliz e tranquila que havia levado até então e o que se seguiu foi uma constante solidão, demarcada pela perda, uma a uma, das pessoas que me eram queridas, primeiro meu avô, depois meu pai e agora Adam; e o pior de tudo era que, direta ou indiretamente, era eu a responsável por essas perdas.

Com meu desaparecimento, meu avô que aparentava ser uma fortaleza, desmoronou e teve um infarto. Eu nem cheguei a revê-lo, faleceu alguns dias depois do meu retorno e, por causa da minha condição especial, não pude visitá-lo no hospital onde estava. No seu funeral, usaram a desculpa de grave instabilidade psicológica para minha ausência. Assim como foi usada a mesma desculpa com a polícia encarregada de encontrar o culpado pelo meu

desaparecimento. Nas entrevistas noturnas que vieram me fazer, disse-lhes que havia fugido do cativo e não me recordava de exatamente nada; nem de onde havia ficado aprisionada. Minha nova capacidade de influenciar as pessoas serviu para convencer o investigador do caso, que foi arquivado logo depois sem nenhuma solução.

A viagem de volta ao Brasil foi um pouco mais trabalhosa. Eu praticamente não saía do camarote, mesmo à noite, para evitar quaisquer comentários ou suspeitas sobre minha estranha condição. Quando indagados por alguém da tripulação ou algum passageiro conhecido, falavam da infelicidade de uma rara doença que sua pobre filha, ou irmã havia sido acometida e deveria ficar em repouso absoluto. Infelizmente, durante o percurso, dois passageiros desapareceram misteriosamente o que foi motivo de muita especulação tanto por parte da tripulação quanto dos outros passageiros. Mas, nunca, nada se soube sobre seus paradeiros. Outras vítimas que precisei fazer, felizmente calharam com as paradas ocasionais em um ou outro porto durante a viagem.

Quanto à Diana, sua morte foi um grande choque para mim. Ela, desde o princípio, havia planejado dar cabo da própria existência, não suportou viver na condição de predadora e nem a solidão longe de sua família. Nunca quis se apresentar a seus pais, pois achava que era melhor continuarem pensando que havia morrido. Ficou escondida comigo alguns dias na casa de meu avô. E, na última vez que a vi, o dia estava prestes a amanhecer. Ela veio despedir-se de mim e de Adam. Quando lhe perguntei para onde ia àquela hora – A lugar algum – foi sua resposta.

Quando percebi o que pretendia fazer, era tarde demais, ela pulou a varanda e correu em direção à floresta. Pedi a Adam para tentar segui-la e fazer o possível para dissuadi-la daquela ideia estúpida o quanto antes e salvá-la. Eu mesma deveria ter ido atrás dela, mas sabia que não haveria tempo, porque tinha que me recolher rapidamente, pois o sol já brilhava no horizonte. Ao despertar ao anoitecer, Adam trazia consigo uma pequena caixa de papelão com suas cinzas. Ele a encontrou uma hora depois, ainda na nossa propriedade. Fui, então, até o local onde havia achado os restos de seu corpo, lá havia uma enorme marca de restos de um incêndio; Adam me disse que só encontrou cinzas e que ainda tinham o formato de seu corpo. Era ainda possível ver sua fisionomia, que parecia feliz, mas quando a tocou se desmanchou por completo. Ele recolheu o que pôde e colocou naquela pequena caixa mortuária, o resto o vento cuidou de espalhar. Levamos suas cinzas até o jardim em frente à casa de seus pais e as espalhamos. Foi meu adeus à minha amiga de infância, a única pessoa que realmente podia entender o que se passava comigo; a única que podia me ensinar alguma coisa nessa minha malfadada existência. E, por ironia do destino, mesmo não a culpando por isso, a única culpada da minha desgraça.

Jamais encontrei outro ser igual a nós. Se existe algum outro vampiro, nunca fiquei sabendo. Com certeza, existem, se escondem na sua solidão da mesma forma que eu. Mas nunca encontrei nenhum; nunca tive conhecimento de uma morte sequer suspeita o suficiente para indicar a presença de algum deles. Dessa minha vida, só sei o pouco que aprendi com Diana e depois o que descobri por conta própria. O resto foi só tédio e solidão.

Meu pai nunca soube toda a verdade sobre minha condição, morreu pensando que um grande mal me afligia, causado pelo choque ligado ao meu desaparecimento. Isso o levou a mudar drasticamente o rumo de sua própria vida, culminando com seu abreviamento prematuro. Desfez-se da maioria de seus bens e negócios, começando pela nossa casa,

despediu o que restava dos empregados e nos mudamos para uma casa nova em São Paulo. Passou a dedicar-se exclusivamente a mim. Eu, excluindo o estranho fato de não poder sair durante o dia, na medida do possível, fingia uma vida normal. Adam velava por meu sono e cuidava da minha segurança diurna, convencendo, não sei com que desculpas, o nosso pai do absurdo da situação. Só mesmo o coração de um pai para fazer vistas grossas a uma verdade tão contundente. Passaram pai e filho a cuidar exclusivamente de mim. Havia ainda a senhora Hudson que continuou sendo nossa governanta por algum tempo e, apesar de não saber exatamente o que havia acontecido comigo, nunca levantou suspeitas sobre a minha não alimentação ou minha condição de notívaga. Cuidou de mim e de Adam ainda por alguns poucos anos após nosso retorno ao Brasil, até falecer serenamente, em virtude de sua idade avançada.

Sem rumo

E assim fomos levando a nossa vida. Eu, nos dias em que precisava me alimentar, desaparecia por algumas horas durante a madrugada. Confesso a você que, no início, respeitava religiosamente a razão de não subtrair uma vida inocente. Os facínoras e as pessoas malignas eram os mais fáceis de encontrar; principalmente por também usarem a noite como seu hábitat. Mas isso se tornou extenuante. Houve dias em que voltei para casa sem me alimentar, e ao acordar na noite seguinte enlouquecida de fome, saía à procura de vítimas aleatoriamente, por vezes, quase destruindo a segurança frágil, construída com muito esforço e tempo para manter meu segredo em sigilo.

Então, numa noite dessas em que estava quase a enlouquecer, no caminho de volta, encontrei um garoto. Era um pouco mais velho do que você é agora, talvez tivesse uns dezessete anos. Isso foi nos anos sessenta, não me recordo agora o ano, mas as roupas, os cabelos e os carros eram característicos da época. Estava num desses carros conversíveis que, provavelmente, pegara escondido dos pais. Viu-me caminhando pela calçada e se ofereceu para levar-me em casa. Era muito educado e estava nervoso ao conversar comigo, quero dizer, não parecia galanteador nem atrevido. Talvez quisesse comprovar para si mesmo que podia ser igual aos outros garotos da sua idade, do seu grupo; mas seus gestos e atitudes destoavam de suas pretensões, era só um bom garoto.

Ainda era muito cedo e eu tinha acabado de despertar. Havia saído há pouco tempo de casa e perambulava em um parque próximo. Em algum lugar ali por perto, havia um grande número de jovens reunidos, talvez uma festa ou algo parecido e ele devia ter vindo de lá. Entrei no carro e enquanto dirigia, ele me perguntou várias coisas: se eu estava na festa; meu nome; de onde eu era; falou-me de si. A princípio, conversava timidamente, mas, aos poucos, adquiriu confiança, talvez encorajado por minha atitude aparentemente tranquila e interessada, diferente talvez das garotas do seu convívio que o deviam achar desinteressante. Confesso, entretanto, que pouco prestei atenção ao que me dizia, meu interesse estava no calor que dele emanava, sua timidez ao me abordar deixara-o tenso, sua pulsação acelerada me atraía os sentidos; podia sentir cada vaso sanguíneo sendo percorrido, o ritmo do seu coração a bater; tudo soava como música inebriante aos meus ouvidos. Quando pedi para que parasse o carro ao passarmos em um local discreto, sua tensão foi às alturas, acabando de me enlouquecer por completo. Assim que parou, dominei-o com o olhar, me encostei a ele e segurei-o com uma das mãos enquanto que com a outra inclinava sua cabeça deixando à mostra seu pescoço, a artéria pulsante, viva. Rasguei a pele e perfurei-a com os dentes, mas a ânsia me fez incompetente; a dor quebrou o encanto hipnótico fazendo-o despertar gritando em desespero. Segurei sua boca com uma das mãos, enquanto ele se debatia descontroladamente; mas não era páreo para a força que o subjugava, dominei-o por completo. O sangue jorrou da ferida, abracei-me a ele e bebi seu sangue até me saciar. Senti seu coração enfraquecendo pouco a pouco e quando o larguei não passava de um fraco sussurro aos meus ouvidos. Já não oferecia nenhuma resistência e seus olhos assustados me fitavam numa acusação sem palavras. Morreu logo em seguida, deixando-me como legado transtorno e desespero, dessa vez, completamente ciente do quão desprezível eu havia me tornado. Inclinada por cima dele, beijei-lhe o rosto, implorei-lhe perdão e chorei. Mas os olhos sem brilho negaram-me o perdão, a pele fria

recusou o beijo, indignados pareciam me dizer: Vá embora daqui com sua falsidade, Judas, carrasco.

A cena toda já era por si só aterradora, o sangue encharcava-lhe a roupa e tudo a sua volta; a ferida horrorosa, tal qual boca escancarada, mostrava obscenamente o seu interior mais íntimo. Não tive coragem de fazer-lhe mais ofensas, apenas fechei-lhe os olhos e fui-me embora. Na noite seguinte, Adam veio me indagar a respeito de um crime horrendo ocorrido nas proximidades e que estava sendo noticiado. Não precisei dizer-lhe nada, meus olhos disseram tudo.

Depois disso, não me importei com mais nada, levava a vida de forma mecânica. Alguns meses depois, meu pai faleceu, aumentando ainda mais minha solidão. Depois da morte de nosso pai, Adam vendeu o que restou dos negócios da família. Esta casa aqui foi uma de suas últimas aquisições. No total, devemos ter umas quatro ou cinco casas espalhadas por aí, não sei bem ao certo, o que nos possibilitou trocar de ares de tempos em tempos, evitando ficar um longo período em um lugar só. Assim, corremos menos riscos de nossa presença ser muito notada.

Há alguns anos, tivemos a notícia do falecimento de nossa tia Vanessa por intermédio dos advogados que cuidavam dos bens do meu avô; morreu solitária e a última vez que a vimos foi no enterro de nosso pai, cuja cerimônia, habilmente planejada por Adam, aconteceu à noite para que eu pudesse participar. Quando tia Vanessa faleceu, Adam precisou viajar à Inglaterra por alguns dias para cuidar dos trâmites do funeral e dos bens do nosso avô, que herdaríamos: um pequeno legado a parentes distantes e a devida parte do fisco inglês. Foi a primeira vez que fiquei completamente sozinha, mas não houve nenhum problema, pois Adam foi e voltou de avião, ausentando-se apenas por alguns dias.

Um dia acordei e Adam, que contava pouco mais de vinte anos nessa época, estava no meu quarto, tinha a roupa suja de sangue e, a seu lado, um galão, desses de plástico, cheio de sangue que começava o processo de coagulação. Eu não compreendi a princípio, mas ele me ofereceu o sangue, que tomei imediatamente antes que não servisse para nada e depois fiquei sabendo o que havia acontecido. Um ladrão havia entrado em nossa casa para roubar. Ele havia sondado nossa rotina e entrou, esperando encontrar uma boa quantia em dinheiro ou qualquer coisa que valesse a pena. No início, nós ainda éramos um pouco descuidados, devo admitir. Mas o homem não desconfiou da realidade que se escondia por trás da casa de aspecto comum. E, em um momento de descuido, Adam o acertou e depois o matou. Ele nunca havia feito isso antes e, com certeza, para o resto das pessoas como você Dennis, não matar seres humanos é o óbvio, mas, indubitavelmente, Adam já estava contaminado pelo que eu fazia, pelo menos uma vez por semana, há vários anos. O cadáver estava na sala e nessa época ainda não tínhamos nada preparado para tal situação. Então, colocamos o defunto no carro e o nos desfizemos dele num desfiladeiro próximo. Nunca ficamos sabendo se alguém deu por sua falta; nada foi noticiado. De outras vítimas que fiz, geralmente um ou outro bêbado ou algum malfeitor que encontrei pelo caminho, saía alguma nota nas páginas do encarte policial. E, quando alguma relação de ligação entre as mortes era levantada, mudávamos de casa. Nem me recordo direito quando foi que Adam começou a fazer as vítimas para mim. Talvez você ache estranho o fato de que eu tenha permitido, porém, não se esqueça de que continuo uma criança e ele ficava cada dia mais adulto e, simplesmente, deixar as coisas acontecerem foi o que me restou. E isso é tudo, agora você já sabe toda minha história.

* * *

Ficaram juntos até o amanhecer. Antes de adormecer, Valquíria deu-lhe a chave da porta da frente para que ficasse com ele. Despediram-se na porta do quarto, que ela fechou meticulosamente antes de deitar.

Dennis ainda ficou algum tempo na casa. Quando ficou sozinho começou a refletir sobre os acontecimentos e a revelação que ela lhe fizera. Não estava arrependido de forma alguma da decisão de ficar ao lado dela. Mas as mortes o assustavam; outra coisa que o incomodava era a passagem do tempo. Se tudo desse certo, estaria ele preparado para envelhecer ao lado dela? E ela ia gostar dele quando estivesse velho e imprestável? Claro que sentia sinceridade no que ela dizia. Ela lhe falou a verdade de todo coração, podia sentir isso. Além do mais, ela completara trinta anos de existência solitária. Se ele era o seu primeiro amor em trinta anos, o que é que ele temia? Ser trocado por outro? Mal tinham começado a namorar e ele já estava com ciúmes do futuro dela, pensou. Todos têm que fazer uma escolha na vida algum dia. E ele acabara de fazer a sua. O que os ligava estava muito além de simples paixão.

Decidido, resolveu que era hora de começar a pôr o plano deles em prática. Queria, o mais rápido possível, vê-la longe dos crimes. Já não era mais um garoto, agora tinha responsabilidades por vidas. Ia fazer de tudo a seu alcance para trazer paz à vida dela. O principal, parte financeira, não era problema; então, o resto era fácil. Tinha que começar a pensar numa forma de abordar o tio para que acreditasse no que ele pretendia. Não seria fácil, ele sabia disso. Não podia passar a impressão de que falava coisas sem sentido. Mas que parecia uma história mirabolante, não tinha dúvidas. Teria que ser direto, claro e convincente. Pensar nas vidas que seriam poupadas o ajudaria a não esmorecer; o investimento necessário à mão ajudaria também a convencer o tio. Estava contente, pois conseguia ver luz no fim do túnel para a maioria dos seus problemas, resolveu ir para casa. O tio logo estaria de volta do serviço, hoje ele não trabalharia à noite e, logo que acordasse, conversariam. Quando a noite chegasse conversaria com Valquíria; pediria a ela para fazer os preparativos necessários para o investimento. É claro que havia empresas especializadas em cuidar de toda a parte burocrática, o tio só precisaria estar à frente, sendo responsável pelo projeto. Não precisaria mais trabalhar à noite, ia ser bom para todos. Fechou a porta da casa e saiu. Não percebeu que, ao longe, Alex que estava na padaria o reconheceria e o estava observando desde que saíra da casa.

* * *

O investigador Gomes estava sentado em sua mesa, fumava calmamente o cigarro, tirando longas baforadas. O dia anterior tinha sido estafante. Estava de plantão e o delegado Valdecir tinha sido convocado para uma reunião na Secretaria de Segurança Pública.

– A essa altura, devem estar a arrancar-lhe o couro – pensou.

Nesses momentos, ele se perguntava se toda aquela merda valia a pena, pois qualquer pessoa que leve uma atividade a sério nessa vida, como na história do bandeirante e do corneteiro, que iam à frente nos campos de batalha e eram os primeiros a levar chumbo, assim também poderia acontecer com ele, ou seja, o primeiro a pagar o pato. Ele se achava um policial honesto, cumpridor do seu dever, assim como achava que Valdecir também o era. Concordava que alguém estava exagerando na medida nos acontecimentos recentes, mas pelo que tinha conhecimento só gente que não valia nada tinha se dado mal nessa história; não havia motivo para esse alarde todo. Estava em meio às suas contemplações, quando o avisaram que

alguém procurava o Velasques. Mandou que entrasse.

– Quem seria? – perguntou a si mesmo.

Alguns instantes depois, a porta se abriu e um garoto por volta de 18 anos entrou. Chamava-se Pedro, mas era mais conhecido como Galeguinho. Era irmão de Alemão, morto no dia anterior. Fora apanhado algumas vezes em meio a pequenos delitos, quando ainda era menor de idade; agora na maioridade andava esperto, apesar de Gomes achar ser só uma questão de tempo botar as mãos em cima dele. Se fosse pego dessa vez, as coisas iam ficar feias para ele. Na verdade, não tinham contra ele nada de concreto, mas era sabido que andava envolvido nas falcatuas do irmão. O Velasques, a quem procurava, era um dos investigadores, suspeito de levar propina para “aliviar” várias fraudes. Diferente dos outros como Gomes ou Valdecir, andava sempre com carro último tipo e outras coisas incompatíveis com o salário minguado que recebiam. Mas, como de praxe, não havia nada comprovado, ficando tudo apenas no campo das suspeitas.

– O que foi? Veio se entregar? – Gomes falou com sarcasmo sem esconder a irritação por ter que perder tempo do seu precioso descanso.

– Quero falar com o Velasques – disse o garoto.

– E o que você quer com ele?

– Quero saber quando poderemos recolher o corpo do meu irmão para fazer o enterro.

Gomes desencostou da cadeira, passou a mão no rosto e encarando o garoto falou descontando toda a irritação que sentia.

– Escuta aqui... Está me achando com cara de idiota? Isso aqui por acaso parece o Instituto Médico Legal? Velasques é por acaso médico-legista?

– Pensei que o Velasques poderia adiantar alguma coisa – respondeu o garoto sem se incomodar.

– Senta aí e desembucha logo, qual é a tramoia? – Gomes falou, levantando-se da cadeira e fechando a porta da sala. Passou caminhando de volta, enquanto o garoto, desconfiado, olhava-o com o canto dos olhos.

– O que você tem de tão interessante para contar para o Velasques? Além do mais, ele não está encarregado do caso; portanto, se sabe de alguma coisa sobre as falcatuas que seu irmão estava aprontando, é melhor ir dizendo logo, senão eu vou ficar na sua cola e aí, se eu descobrir qualquer coisa por menor que seja, a situação vai complicar para o teu lado – completou.

O garoto pareceu não ficar intimidado com o que Gomes falava, entretanto, puxando a cadeira, sentou e depois de refletir por alguns instantes falou:

– Que é isso chefia, não há tramoia alguma. Nossa mãe está aflita, quer pôr logo um fim nessa agonia, fazendo o enterro do meu irmão. Procurei o Velasques porque ele é mais conhecido – disse e continuou: - Pode parecer estranho, mas o que a gente pode fazer? Já fui com minha mãe lá no necrotério. Tive que fazer o reconhecimento do corpo. Porém, sobre a liberação ninguém adianta nada. Só ficam falando que o caso está sendo investigado. Você precisa ver a agonia em que minha mãe se encontra. Por causa disso, vim aqui ver se consigo alguma informação concreta.

– Eu sei que meu irmão não era muito admirado por aqui, mas eu quero que o culpado seja preso. Se puder ajudar com alguma coisa: na sexta-feira, à noite, eu estava no parque de diversões, lá no Jardim do Estádio quando o Nenê saiu junto com o beijação.

– Nenê? Quem diabos é Nenê?

– Era como chamávamos meu irmão, o alemão, lá em casa – disse o garoto.

E continuou:

– Como dizia, estava lá na hora em que o Nenê e o beizola saíram, foram atrás de um moleque que estava com uma guria.

– Moleque... Outro garoto? E queriam o que com ele? – Gomes perguntou, imaginando que boa coisa não deveria ser.

– Ah, já isso eu não sei. Mas o beizola tinha ficado interessado na guria. Era uma coisinha linda, tinha uns 14 ou 15 anos: olhos azuis, cabelos negros, compridos e cacheados e um tanto quanto pálida.

– Então eles saíram atrás deles por causa da garota? – insistiu Gomes.

– Olha chefia eu não sei, não estava com eles certo? Se estivesse, acho que não estaria aqui agora na sua frente não é? Além do mais, não sei o que aconteceu, só sei que não ouvi falar de nenhum garoto morto por aí enquanto os dois foram moídos igual paçoca – enfatizou.

– Está certo. Mas esses garotos, você os conhece?

– Não, nenhum dos dois, nunca os vi. A garota, principalmente, se já a tivesse visto me lembraria; com certeza, não os conheço.

– Está certo, mas me fale mais algum detalhe – Gomes insistia.

– Eu já estava na barraca de tiro ao alvo, quando o Nenê e o Beizola chegaram. Ficaram por ali e, alguns instantes depois, o moleque apareceu junto com a guria. Foram até a barraca de derrubar brindes com bolas, jogaram uma parada, ganharam um brinde, que deu para ela, e foram embora. O Beizola não desgrudava os olhos da menina. Quando o garoto foi embora levando a guria, o Beizola conversou alguma coisa com o Nenê, e saíram atrás dos dois. E é só isso que eu sei.

Gomes franziu a testa, tentando lembrar-se de alguma coisa que chamara sua atenção, até que se lembrou:

– Você falou num brinde... Que tipo de brinde?

O garoto puxou alguma coisa do bolso, era um chaveiro e o mostrou para Gomes.

– Igual a esse aqui, parece que naquela barraca só se consegue ganhar essa porcaria.

Gomes olhou interessado para o chaveiro, pequeno, de plástico, com a figura de um morcego sorridente.

* * *

A princípio, Olavo custou a entender o que Dennis estava a lhe propor. Não que não estivesse entendendo o sentido, mas sim os motivos envolvidos. Ele era um homem de 35 anos, e em sua vida nada fora fácil; sempre tivera que batalhar arduamente para conseguir tudo que conquistara e que não era muita coisa. E muitos, apesar de muito esforço, nada conseguiam. Então, um garoto como Dennis, que ele conhecia bem, chegar com uma história daquelas, assim de repente, do nada, era no mínimo de se estranhar.

Contara-lhe que a mãe de uma de suas colegas da escola pretendia montar uma clínica médica e estava precisando de alguém para gerenciar todo o projeto. Dennis conseguira convencer a tal senhora que ele, Olavo, era a pessoa indicada para exercer tal função. Ora, ele não tinha nem o segundo grau completo e, para esse tipo de cargo, existiam milhares de pessoas muito mais capacitadas que ele. Ficava lisonjeado pelo sobrinho tê-lo em tão alta consideração. Mas ele não estava procurando emprego, seu atual serviço era o que almejava e

sabia que seria o máximo que conseguiria na vida. Não era muita coisa, mas o suficiente para ele. Achava-se incompetente para exercer tal função. Não que não fosse atraente a oferta, mas era como sonhar em ir à lua, algumas pessoas até conseguiram ir, porém não era uma coisa para todos. Todavia, na sua frente, havia um Dennis que ele desconhecia: firme, convicto e cheio de argumentos; não era o seu sobrinho de 14 anos. Por fim, concordara em conversarem mais uma vez no dia seguinte, antes de Dennis ir para a escola. Dennis prometia trazer dados mais esclarecedores sobre o assunto.

Não custava nada dar uma olhar com mais atenção na proposta, poderia descobrir se não era algum tipo de golpe ou se não passava de alguma brincadeira – pensou.

Resolveu se preparar para ir buscar Otavinho na casa da cunhada. Iam passar depois no hospital onde Gertrudes estava internada e ver como andava a situação dela. Ela já havia se recuperado do ferimento e da perda de sangue, porém, ainda existia o fator psicológico. Não houvera indiciamento quanto à tentativa de envenenamento de Dennis, o advogado que contratara dissera que o Ministério Público não oferecera denúncia, por falta de provas concretas. Ela logo receberia alta do hospital e voltaria para casa. Na sua cabeça, não havia mais lugar para ela em sua vida; entretanto, não poderia se separar dela assim, dessa maneira. Havia ainda Otavinho, mas o que ela havia feito a Dennis, não dava para ser ignorado, fingir que nada havia acontecido, teria que lidar com essa situação.

Vida Nova

Quando Valquíria acordou na noite seguinte, Dennis já estava na sala, esperando por ela. Por uns instantes, pensou em Adam e sentiu uma ponta de tristeza, mas logo passou. Dennis parecia impaciente em lhe contar tudo o que conversara com o tio.

Mal se cumprimentaram e ele excitado já começou a falar. Valquíria sorriu, colocou a mão suavemente em seus lábios e falou:

– Psiu! Calma, temos bastante tempo. Venha, vamos sentar – disse, levando-o até o sofá.

Sentaram-se e ele riu também. Então, ela falou:

– Pronto. Sou toda ouvidos. Pode começar.

Dennis explicou que falou ao tio sobre a mãe de uma colega que estava precisando de alguém para gerenciar e manter uma clínica médica que ela pretendia construir e que ele o havia indicado.

– E o que ele achou disso? – Valquíria quis saber.

– Ele ficou reticente, como esperávamos certo? É o fator “criança trazendo notícia de gente grande”. Agora precisamos convencê-lo de que é verdade e não brincadeira. Por isso, vim aqui para planejarmos o passo seguinte. Tudo bem para você?

– Sim. Vamos ao segundo passo. Você pensou em alguma coisa? – ela disse.

– Nós dois não conseguiremos convencê-lo facilmente, por faltar um adulto que dê um fundo de veracidade ao plano, mesmo porque ele é o adulto que vai pôr nosso plano em prática. Portanto, precisamos de alguém para dar o *start* em todo o projeto. Você me disse que tem um grande patrimônio herdado de seu pai e de seu avô. Falou-me também que seu irmão cuidava de tudo, porém, pelo que pude deduzir, ele não tinha tempo suficiente para cuidar de um patrimônio tão grande assim; talvez, seja melhor você contratar alguma empresa de advogados ou coisa do tipo para cuidar disso. Você conhece algo no gênero?

– Não sei direito Dennis, não tenho certeza. Como lhe disse anteriormente nunca me preocupei com isso.

– Você não tem documentos que possam indicar alguma coisa?

– Adam ultimamente se preocupava com a possibilidade de um dia eu ficar sozinha, e sei que andou tomando várias providências, caso alguma coisa lhe acontecesse repentinamente. Assinei vários documentos, fomos diversas vezes a cabinas telefônicas onde falei com alguém me passando por mais velha. Mas não me lembro do que foi tratado, porque, realmente, não me interessava por nada; apenas fiz porque Adam pediu. Ele sempre reclamava comigo, pedindo meu interesse nessa parte.

Vou buscar todos os documentos que temos, talvez você encontre algo – dizendo isso, saiu tão rápido que Dennis teve a impressão que desaparecia no ar.

Quando voltou, trazia várias pastas, que colocou sobre o tapete em frente ao sofá, voltou ao quarto e trouxe a caixa de couro já conhecida de Dennis. Passaram algum tempo procurando, até que Dennis achou uma pasta com o nome de uma firma de advocacia: Gibbs & Gibbs Advogados Associados. O endereço era em São Paulo, na Avenida Paulista, havia vários telefones, mas um em especial se destacava dos demais, era para casos urgentes, em cima deste, escrito à mão, o nome “Valquíria”, com uma letra que ela identificou como sendo de

Adam.

– Acho que esse é isso que procuramos – Dennis falou.

– E agora o que devemos fazer? – Valquíria perguntou.

– Agora é saber até que ponto eles podem nos ajudar e se realmente eles administram os bens por vocês.

Planejaram todos os passos e possíveis diálogos a serem discutidos tanto com a empresa advocatícia como o que fariam a Olavo. Checaram todos os pontos e decidiram que estava razoável, o caminho tinha que ser por ali.

– Bem, agora precisamos ligar para a empresa. Será que atendem à noite? – Dennis perguntou.

– Nas vezes em que liguei com Adam, naturalmente, era noite, só não posso lhe garantir que era esse o telefone ou se era a mesma empresa, pois era Adam que, como sempre, cuidava de tudo. Mas de onde vamos ligar?

– Vamos ligar lá de casa, meu tio chegará tarde porque precisa levar meu primo Otavinho de volta à casa de sua cunhada. Mas porque vocês não providenciaram telefone em casa? Parece-me tão essencial a vida que vocês levavam.

– Não sei. Nunca me importei com nada disso, como já lhe falei. Talvez a partir de agora eu descubra os motivos das muitas coisas que Adam fazia, mas todas, com certeza, diziam respeito a nossa segurança.

Dennis concordou.

Quando chegaram à casa de Dennis, foram direto para a sala. Dennis puxou o telefone para perto do sofá e estava preocupado em como Valquíria disfarçaria a voz.

– Não se preocupe com isso – ela disse, tranquilizando-o.

Discou o número e, no segundo toque, o telefone foi atendido.

– Gibbs e Gibbs Advogados Associados, boa-noite – disse a voz no outro lado da linha.

Valquíria olhou para Dennis e então falou:

– Meu nome é Valquíria Strathis.

A voz que saiu era totalmente estranha a Dennis, poderia ser de qualquer pessoa, jovem ou idosa não dava para identificar.

– Boa-noite, senhorita Strathis! Espere um instante, por favor, sua ligação será transferida.

Alguns chiados foram ouvidos; a ligação ficou muda por alguns instantes, então, outra voz foi ouvida.

– Boa-noite, senhorita Strathis! Em que podemos servi-la?

– Vocês sabem quem eu sou? – Valquíria perguntou.

– Sim, sabemos perfeitamente quem a senhorita é.

– Mas como podem ter certeza? Qualquer um poderia ligar.

– Isso é verdade, mas está é uma linha especial, exclusiva para clientes especiais. Qualquer informação é tratada apenas por documentação segura, enviada também por via segura, cadastrada com antecedência.

– Meu irmão, Adam, precisou fazer uma viagem urgente e necessito de auxílio, vocês podem me ajudar?

– Perfeitamente, o senhor Adam Strathis, como seu procurador-geral, nos deu amplos poderes e orientação precisa para assessorá-la em tudo que for necessário.

- Como era feito o contato entre sua empresa e meu irmão?
- Por várias caixas postais, registradas em nome da Srta. Strathis, em diversos estados e cidades ou quando o Sr. Strathis nos contatava diretamente.
- Temos alguma caixa postal na cidade de Santo André no ABC?
- Sim, é onde contatamos o senhor Strathis ultimamente.
- Preciso de um relatório onde conste a relação de todos os nossos bens no Brasil e no exterior e o valor total de nosso patrimônio. Pode conseguir isso imediatamente?
- Certamente, será enviado amanhã mesmo.
- Quanto tempo levará até que chegue aqui?
- O relatório será enviado ao amanhecer diretamente à caixa postal por um de nossos agentes, estando disponível logo pela manhã.
- Mais uma dúvida senhor... Como posso chamá-lo?
- Pode me chamar de Hamilton, senhorita Strathis.
- Senhor Hamilton, pretendo construir uma clínica médica, uma espécie de hemocentro de médio porte para coleta e doação de sangue. Somos leigos no assunto, mas é um projeto de suma importância para nossa família. O senhor pode nos informar agora se nosso patrimônio é suficiente para tal projeto e se empresa pode nos assessorar em todas as etapas?
- Sem problema algum senhorita Strathis, seu patrimônio é suficiente para esse e muitos outros projetos e nossa empresa está apta a lhe dar assessoria ampla em qualquer empreendimento em que pretenda investir o seu capital.
- Incluindo assessoria para escolha do local onde deverá ser construída a clínica, compra de equipamento e contratação de pessoal especializado?
- Exatamente, senhorita Strathis.
- Muito bem, senhor Hamilton. O local deverá ser em Santo André e tenho uma pessoa de confiança da família a quem pretendo dar a direção desse projeto. É uma pessoa sem formação universitária e leiga no assunto, assim como eu, mas é a pessoa que quero que dirija o projeto. Portanto, desejo que lhe seja dada assessoria ampla e completa para que não haja nenhum risco que comprometa o sucesso total e manutenção da obra, mesmo que seja necessário contratar pessoa especializada para esse fim. Quero inclusive que ele tenha assessoria para que possa se desligar do atual emprego imediatamente e se dedicar exclusivamente ao nosso projeto. Uma coisa deve ficar bem clara, tem que ser essa pessoa que vou indicar, não importa as dificuldades que isso possa acarretar.
- Há alguma dificuldade nisso senhor Hamilton?
- Dificuldade alguma senhorita Strathis, tudo será feito rigorosamente conforme o seu desejo.
- O nome da pessoa é Olavo Santana. Enviem-me todos os documentos necessários para que eu possa assinar, assim como todas as informações e documentos para que o senhor Olavo comece imediatamente a trabalhar conosco. Senhor Hamilton, quando receberei esses documentos?
- Aprontaremos toda documentação o mais rápido possível. Encaminharemos os papéis necessários para que a senhorita possa assinar e também todos os documentos que iremos precisar para tornar o senhor Olavo Santana procurador responsável pelo seu projeto; esses papéis serão enviados amanhã junto com o relatório que nos solicitou. Ficaremos aguardando contato do senhor Olavo Santana.

– Senhor Hamilton, em algum momento, será necessária a minha presença ou a de meu irmão para a conclusão do pedido que estou lhe fazendo agora?

– Absolutamente, senhorita, pois temos todos os instrumentos necessários para colocar qualquer projeto que necessite em andamento, precisaremos apenas de sua assinatura inicial; quanto ao resto, trataremos diretamente com seu procurador representante no projeto o senhor Olavo Santana.

– Perfeito.

– Podemos ajudá-la em mais alguma coisa senhorita?

– Não, obrigada, por hora é só isso. Boa-noite!

– Boa-noite, senhorita.

Quando Valquíria desligou o telefone, Dennis estava impressionado. Não escutara o que fora dito do outro lado da linha, mas tudo estava completamente claro para ele. Em instante algum, reconheceu a menina de 13 anos à sua frente; naquele momento, ela possuía todos os 30 anos de sua existência. Quando comentou isso com Valquíria, ela riu e disse que sabia atuar quando se fazia necessário.

– Você pode pegar a correspondência para mim no correio amanhã? – Valquíria perguntou a Dennis.

– Acordarei cedo e irei à agência central dos correios, antes de ir para a escola.

– Obrigada. Espere um pouco, vou até em casa e já volto, pois acho que sei onde está a chave da caixa postal.

Dizendo isso, ela o beijou e saiu tão rápido que pareceu se desvanecer em sua frente. Alguns minutos depois, já estava de volta. Entregou-lhe a chave da caixa postal e disse-lhe que não precisaria levar os documentos até a casa dela, ela viria no dia seguinte logo que anoitecesse.

Subiram para o quarto de Dennis, antes que Olavo chegasse.

– Agora precisamos cuidar de seu tio – Valquíria disse, assim que entraram no quarto.

– O que você pretende fazer? – Dennis perguntou intrigado.

– Nada de mais, apenas vou induzi-lo a fazer o que precisamos. Não temos tempo a perder, e seu tio, pelo que pude entender, não vai acreditar facilmente nessa história toda. Quando ele chegar, fique aqui, deixe-me cuidar disso sozinha, certo?

– Mas não vai precisar machucá-lo não é? – Dennis falou preocupado.

– Não, não se preocupe. Confie em mim, está bem?

Por volta das dez horas, Olavo chegou. Guardou o carro na garagem, subiu as escadas, fechou o portão. Estava abrindo a porta de casa, quando um barulho chamou sua atenção. Pensou ser Dennis. Virou-se na direção do quarto onde ele dormia, e então um vulto veio em seu encontro. Ficou intrigado, não parecia Dennis, ia perguntar quem era, o que queria, quando os olhos do vulto brilharam e um clarão fez com que esquecesse por completo tudo que estava prestes a fazer, sabia apenas que precisava escutar e obedecer.

– Abra a porta e entre Olavo – Valquíria ordenou.

Ele entrou e Valquíria o seguiu. Dennis havia permitido sua entrada e estava em casa.

Ela encostou a porta da cozinha e, se virando para Olavo, mandou que sentasse. Ele puxou uma cadeira e sentou-se à mesa, ela ficou em frente a ele.

– Vai receber uma oferta de emprego irrecusável, trazida por seu sobrinho Dennis. Vai

esquecer qualquer outra coisa e se dedicar exclusivamente a isso. É a chance de sua vida, vai agarrá-la com unhas e dentes. Quando eu contar até três, irá direto para quarto dormir, quando acordar vai esquecer que me viu.

– 1, 2, 3.

Olavo se levantou e saiu em direção a seu quarto. Valquíria saiu, travou a porta e subiu para o quarto de Dennis.

– E então? – Dennis perguntou, assim que ela entrou.

– Tudo certo. Amanhã quando você trazer a papelada ele vai entender que é uma coisa importante. Ele vai nos ajudar.

– Como você fez isso?

– Eu apenas o convenci. Só isso. Agora tem uma coisa, ele não se lembrará que me viu.

Ficaram conversando por mais algum tempo e depois foram dormir.

Dennis estava deitado de costas para Valquíria que o abraçava delicadamente enquanto ele começava a sentir o sono chegar.

– Dennis... Está acordado?

– Hum! Sim... – murmurou.

– Como combinamos, não vá a minha casa durante a semana, sempre que for possível virei aqui dormir com você. Está bem?

– Está certo...

– Val...

– Sim?

– Por que vocês viveram sempre reclusos, se podiam resolver isso de uma maneira tão simples como fizemos hoje?

– Não sei Dennis, só posso lhe dizer que as coisas não são fáceis como aparentam. Mas prometo, vou me esforçar de agora em diante. Está bem?

– Sim..

Valquíria o apertou delicadamente em seus braços e beijou seus cabelos. Dennis fechou os olhos e adormeceu. Antes que o sol surgisse no horizonte, Valquíria se levantou, vestiu sua roupa, pegou um de seus batons, foi até o pequeno guarda-roupa e escreveu no espelho: Amor eterno.

Saiu num passo rápido, pois o sol não tardava. Em algum lugar próximo, um galo cantou, anunciando a aurora. Quando chegou à sua casa, entrou rapidamente em seu quarto, trancou todas as fechaduras despiu-se e se deitou em sua cama, fechando-a com o estrado. O sono, então, começou a dominá-la. Sentia-se feliz, pela primeira vez, pois havia muitos anos sonhava com um futuro, um futuro normal, no meio de pessoas normais.

* * *

Galeguinho entrou na oficina mecânica do Paraná, era uma oficina de fundo de quintal. O terreno em volta repleto de sucata de carro, a maioria totalmente enferrujada não servia para absolutamente nada. Além de conserto de automóveis, eventualmente, ali também funcionava como desmanche clandestino. Um pequeno galpão, ao lado da oficina, era usado como escritório; no fundo do galpão, separado por uma porta, ficava um reservado onde dois bancos retirados das sucatas serviam de sofá e uma tábua grossa sobre algumas rodas velhas servia de mesa.

O espaço restante era tomado por uma estante de ferro verde desbotado, onde havia algumas caixas empoeiradas e coisas sem utilidade. Empilhadas pelos cantos, peças velhas sujas de graxa retiradas de motores e algumas ferramentas esquecidas estavam espalhadas aleatoriamente; uma pequena geladeira capenga, escorada por um tijolo onde a ferrugem comera o suporte, tinha apenas algumas garrafas usadas de uísque barato cheias de água; e o que não poderia faltar: o velho calendário de borracharia com a garota seminua do mês grudado na parede.

Galeguinho, às vezes, ajudava Paraná na oficina, principalmente, quando aparecia algum carro para desmanchar. Carros em sua maioria trazidos por Alemão e Beiçola. Agora, sem os dois, Paraná estava pensando onde iria arranjar um substituto bom o suficiente para suprir a demanda que estava aumentando, além do que ultimamente Velasques estava apertando no pagamento da propina.

Paraná precisava sair para buscar algumas peças e pediu a Galeguinho que desse uma olhada na oficina, enquanto ele estivesse fora.

– Volto no fim da tarde, os estudantes estão aí – disse, se referindo a Alex e a Edu.

– Olha lá, não quero nenhuma confusão aqui na oficina está certo? – dizendo isso, caminhou até a Kombi que deixara estacionada no lado de fora e saiu.

– Sem problemas chefia, pode deixar – Galeguinho falou, enquanto olhava Paraná se afastar.

Galeguinho passou pelo escritório e foi até a sala nos fundos, avistou Edu sentado num dos bancos com as pernas esticadas por sobre a mesinha improvisada.

– Fala aí, mano – disse, assim que entrou.

– Cadê o Alex?

– Foi lá fora, ao banheiro.

– Pô, esse cara não sai do banheiro, parece véio, meu – disse isso e riu da própria piada.

Nesse instante, Alex entrou pela porta do escritório.

– Que é que vocês estão falando aí de mim? Pô!

– Nada não meu, fica frio – Galeguinho riu.

– Mas o que você quer com a gente, tem alguma coisa boa aí para nós? – Alex perguntou.

– Coisa boa eu sempre tenho – depois foi até a estante e, de costas para os dois, desatarraxou a ponta rosqueada de um dos cantos e de dentro tirou um saquinho plástico que jogou para Alex.

– Tem seda aí, enrola um prá gente.

Alex abriu o pacote, retirou a erva, pegou um papel de uma caixa em cima da mesa e começou a enrolar o baseado. Galeguinho, enquanto olhava seus movimentos, disse o seguinte:

– A “parada” é a seguinte: Vocês estão sabendo do meu irmão e do Beiçola, que na última sexta-feira se deram mal, não é?

– Pô cara! Ficamos sabendo sim – Edu disse.

Pois é, eu estou querendo pegar quem fez o trabalho neles, vou acabar com esse filho da puta. Meu irmão podia não ser uma das melhores pessoas do mundo, mas era um cara legal – disse.

Nesse ponto, os dois ouvintes tinham suas dúvidas, todavia, ficaram calados.

– Está certo, mas o que a gente tem com isso? – Alex perguntou.

- Eu acho que vocês têm muito a ver, sim, principalmente, o Edu.
- Eu?! – Edu falou surpreso.
- Escutem primeiro a história, depois vocês vão entender. Eu estava na barraca de tiro ao alvo lá no parquinho no Jardim do Estádio, sabe qual é, né?
- Sei, sei – disse Edu.
- Foi então apareceu aquele moleque... ; aquele lá, pô! Que vocês “cagaram” na marmitta dele, noutro dia.
- Ah, o pau de arara Dennis – Alex falou, rindo.
- Pois é, esse mesmo. Ele chegou com uma garota, eu nunca a tinha visto por aqui; tinha uns 14 ou 15 anos, olhos azuis, cabelos negros; coisinha linda mesmo. Fiquei pensando como podia um babaca daqueles estar com uma garota dessas. Ficaram por ali algum tempo e, quando foram embora, meu irmão e o Beißola saíram atrás deles; o Beißola ficou parado na menina e queria dar um “pega” na guria. O resto vocês já sabem o resultado: no dia seguinte, os dois apareceram moídos. Coisa feia mesmo – disse.
- Não me diga cara, mas você quer dizer o quê? Que foi o pau de arara que acabou com seu irmão? – Alex disse incrédulo.
- Não sei cara. Mas, por acaso, vocês não tinham acabado de dar um “arrepio” nesse pivete e logo em seguida lhe pegaram de jeito e cortaram sua mão Edu?
- Sim, é verdade, mas não acredito que aquele “trouxa” tenha capacidade de fazer isso tudo não, meu. Aquele moleque é um otário – Edu falou.
- Pode ser, mas escuta só o que o Velasques me contou: Passados alguns dias, depois do que lhe fizeram Edu, o moleque foi internado no hospital central com sintomas de envenenamento; a tia dele foi suspeita de ter colocado alguma coisa na comida.
- Tá e daí? – Alex disse impaciente.
- Daí cara que na mesma noite cortaram a mão da tal tia como fizeram com a sua. Levaram a mulher para hospital, pensando que ela tinha ficado maluca e tentara matar o sobrinho e depois se matar. Mas quando conseguiram tirar alguma informação dela sobre o que havia acontecido, imagina só o que ela falou? Disse que foi atacada por uma menina que havia passado algumas horas antes, perguntando pelo sobrinho que estava internado; ela deu-lhe o endereço do hospital onde ele estava e a garota foi embora. De madrugada, acordou com a garota dentro do quarto; disse que tal garota a arrastou até o banheiro e depois usando uma faca cortou-lhe o pulso e a deixou sangrando. É claro que continuaram pensando que ela estava louca de pedra, mas olha só a descrição que ela fez da tal menina: entre 14 e 15 anos, aproximadamente um metro e meio, olhos azuis, pele branca e cabelos negros.
- Pô meu, para com isso, que coisa de doido! Provavelmente, ela viu a garota com o pau de arara e inventou essa história – Alex disse.
- É, pode ser, porém, veja só a coincidência: primeiro vocês dão uma prensa no moleque e, uns 15 minutos depois, alguém pega o Edu para valer; a mulher envenena o dito cujo e, passadas algumas horas, quase acabam com ela; e, por fim, meu irmão e o Beißola foram “arrepiar” o moleque e se deram mal de verdade.
- Alex acende o baseado, dá uma tragada forte e passa para Edu. Galeguinho continua falando.
- O moleque não foi, porque no caso da tia estava internado; mas tem alguém que não gostou do que fizeram a ele e pegou pesado. E eu quero pegar esse filho da puta que matou

meu irmão.

Edu olha a brasa acesa brilhar, enquanto dá uma puxada, segura a fumaça e passa a vez para Galeguinho.

– Essa brincadeira é meio perigosa mano – Alex diz.

– É não sei não... – Edu completou por sua vez.

Galeguinho pegou a “guimba” e antes de fumar falou:

– Pô meu... Vocês vão dar pra trás? O sujeito quase lhe matou, Edu; se a gente der um fim nesse desgraçado não vai pegar nada para gente não.

– Não sei não – Alex disse confuso. – Quem fez aquilo com o Alemão e o Beißola é um sujeito perigoso demais.

– É – pode ser – Galeguinho disse. – Mas nós vamos estar preparados, esperando, não vai ser de surpresa como foi com os dois; além do mais vamos pegar o tal Dennis como refém.

Continuaram por algum tempo comentando os prós e os contras do plano. A ponta do baseado começou a ficar quente demais para se segurar com os dedos. Galeguinho pegou uma caixa de fósforos e tirou o resto dos palitos deixando-os em cima da mesa. Prendeu a “bituca” numa das extremidades, fechando a caixa levemente e levou outro lado à boca, puxando a fumaça com força. Era um desperdício deixar uma erva tão boa daquelas sobrando.

– Tive mais uma ideia... – Galeguinho disse – A tia já tentou dar um fim no garoto, se a gente a envolver nessa história, a culpa pode sobrar para ela, caso aconteça alguma coisa a ele.

De repente, a ideia parecia boa demais e acometidos de uma crise de riso, os três caíram na gargalhada.

O Plano

Ainda não era muito tarde quando bateram na porta do quarto, Dennis abriu a porta e Valquíria sorria para ele do outro lado. Antes que ele pudesse exprimir qualquer reação, ela entrou rapidamente o agarrou e beijou, fechando a porta atrás de si.

– Nossa, há quanto tempo – Dennis falou, rindo.

– Eu também estava morrendo de saudades.

Valquíria foi até a cama e se sentou. Dennis pegou um envelope pardo, grosso, que estava em cima do criado mudo e entregou a ela.

– Como combinado, quando passei no correio o envelope já estava lá na sua caixa postal – disse.

Valquíria pegou o envelope e começou a abrir.

– Não tem problema que eu veja? – Dennis perguntou, enquanto se sentava ao lado dela

– O meu maior segredo você já conhece – ela falou, afagando-lhe a mão.

Havia vários papéis dentro do envelope: alguns que ela precisava assinar e enviar para os advogados; outros que precisava assinar e passar para que Olavo também os assinasse; alguns que Olavo precisava preencher e as orientações de como deveria proceder. Com a ajuda de Dennis, olhou e assinou todos os documentos, separou os que precisava enviar imediatamente para os advogados e colocou-os num envelope já previamente selado para retorno. Em outro envelope, colocou os documentos a serem repassados a Olavo.

– Você pode colocar no correio e entregar também para seu tio, por favor? Desculpe-me por todo esse trabalho – Valquíria disse.

– Você sabe que não é trabalho algum – Dennis falou.

Por fim, sobrara apenas o envelope que continha as informações que Valquíria solicitara. Dentro deste, todo seu patrimônio era detalhadamente explicado: o patrimônio líquido atual, as aplicações em diversas áreas, as propriedades no Brasil e no exterior e muitos outros detalhes que nem ela nem Dennis entenderam. O montante de seu patrimônio era avaliado em oitocentos milhões de dólares.

– Quanto é oitocentos milhões de dólares? – Valquíria perguntou

– Não faço a menor idéia. Só sei que é muito dinheiro – Dennis disse. – Com certeza, dá para construir mais de uma clínica para doação de sangue.

Uma sombra no rosto de Dennis não passou despercebida à Valquíria.

– Houve alguma coisa? – ela perguntou.

– Hoje cedo, meu tio me falou que minha tia vai voltar para casa depois de amanhã. Eu disse a ele que não gostaria de ficar mais aqui junto com ela. Que seria melhor eu me mudar provisoriamente, talvez para um pensionato familiar ou coisa parecida. Ele, a princípio, relutou, não achou uma boa ideia. Mas eu disse que não confiava mais em ficar perto dela. Tinha receios que ela tentasse mais alguma coisa. Ele acabou por fim concordando. Entretanto, eu ainda não sei o que vou fazer, porém, terei que agir rápido, pois daqui a dois dias ela estará de volta.

– Pensionato familiar? O que exatamente é um pensionato? – Valquíria quis saber.

– Pensionato ou pensão é um lugar onde o dono aluga quartos para outras pessoas,

geralmente, mais de uma pessoa por quarto. Você paga o valor determinado e tem direito à cama, à comida e à roupa lavada. É mais ou menos isso – Dennis disse.

– A gente não ia poder mais se encontrar como agora – Valquíria disse. – Vamos mudar os planos então, e se você for morar lá em casa? Você finge que vai para o tal pensionato, mas, na verdade, vai lá para casa. Continuamos com as regras que combinamos, ou seja, durante a semana a gente vai estar junto é claro, mas você vai estudar e dormir cedo.

– Tudo bem assim para você? – Dennis perguntou?

– Sim. No entanto, vamos respeitar as regras, está bem? Eu ainda sou o que sou e você não deve se envolver em nada que eu venha fazer, certo?

– Está certo, combinado. Mas como faremos? Quando posso mudar?

– Se quiser, pode mudar agora – Valquíria disse.

– Então, amanhã, quando for entregar os documentos a meu tio, direi a ele que vou me mudar para uma pensão,. Contudo, ele vai querer conhecer onde vou morar.

– A gente dá um jeito nisso também, sem problemas. Você procura o tal pensionato, faz os acertos necessários e depois fica lá em casa.

– Então, está bem. Não tenho muita coisa para levar, posso fazer isso amanhã – Dennis disse.

* * *

Galeguinho e Edu estavam em frente ao hospital geral. Velasques passara todas as informações sobre a tal Gertrudes a Galeguinho. A princípio, ele quis saber qual era o interesse dele na tal mulher; mas ele inventara um desculpa qualquer e Velasques deu de ombros, afinal não era nada importante. A mulher já ia ter alta e voltaria para casa. Entraram sem nenhum problema no hospital, pois era hora de visita. A mulher estava sozinha no quarto. Galeguinho deu duas batidas de leve na porta e escutou uma voz de dentro mandar entrar.

Galeguinho abriu a porta e entrou seguido de Edu, fechando-a outra vez depois que passaram. Gertrudes estava deitada na cama e olhou desconfiada sem saber quem eles eram.

Quem são vocês? O que querem aqui? – disse se levantando da cama.

– Dona Gertrudes não é? Meu nome é Pedro e esse aqui é meu amigo Eduardo. Nós estudamos no mesmo colégio do seu sobrinho Dennis – disse Galeguinho.

– O que vocês querem aqui? – Gertrudes disse se sentindo incomodada ao ouvir o nome de Dennis.

– Por favor, Dona Gertrudes não se altere, escute primeiro o que temos para falar. Queremos dizer que acreditamos na sua versão sobre o que aconteceu na sua casa – e se virando para Edu disse: – Mostra para ela, Edu.

Edu levantou o braço e mostrou a cicatriz do corte no pulso.

Gertrudes olhou espantada, a lembrança da faca cortando seu pulso, voltou a sua mente.

– Está vendo Dona Gertrudes, aconteceu o mesmo conosco – Galeguinho disse.

– A garota tentou matar vocês também? – Gertrudes disse já mais interessada.

– Não foi bem assim. Deixe-me explicar – Galeguinho disse.

– Podemos nos sentar? – perguntou.

– Sim, podem sentar.

Cada um pegou uma cadeira que estava encostada nos cantos e se aproximaram de Gertrudes que se deitara outra vez na cama, cobrindo-se até o pescoço. Galeguinho então

começou a falar o seguinte:

– Quem nos falou sobre a senhora foi o investigador Velasques e, por isso, viemos procurá-la.

– Mas o que vocês querem de mim afinal de contas? – ela perguntou ainda intrigada.

– Veja bem dona Gertrudes, vou contar primeiro nossa história, aí então a senhora entenderá.

– Seu sobrinho Dennis, tinha uma dívida com meu amigo aqui Eduardo e com outro amigo nosso o Alexandre. Os dois se encontraram com ele após a aula e cobraram o pagamento da dívida; seu sobrinho se recusou a pagar e insultou meus amigos. Veja bem, dona Gertrudes, eles são boas pessoas, mas se irritaram com o comportamento abusado do seu sobrinho e foram um pouco longe, dando uma prensa mais rigorosa nele. Alguns minutos depois, quando meu amigo Eduardo aqui ficou sozinho, foi pego de surpresa por alguém que ele não viu; foi covardemente agredido por trás e depois cortaram o pulso dele como pode ver. Isso se deu um pouco antes do que aconteceu com a senhora.

Gertrudes interessada, escutava tudo, mas começou a ficar alterada.

– Foi aquela garota, aquele demônio; e esse Dennis não é nada meu, é sobrinho do meu marido. Não vou querer mais ele em minha casa, quero que vá embora.

– Calma Dona Gertrudes, se a senhora colaborar conosco poderemos ajudá-la a se livrar dele – disse Galeguinho e continuou falando:

– Até agora não havia para nós nenhuma relação entre o acontecido ao meu amigo aqui e o que ocorreu à senhora. Porém, na última sexta-feira, estava no parque perto de casa e seu sobrinho apareceu por lá acompanhado de uma garota de olhos azuis, cabelos negros, aparentando uns 15 anos.

– É ela! É o demônio que me atacou – Gertrudes falou descontrolada.

– Nesse dia, meu irmão e um amigo estavam lá no parque comigo e quando falei para eles sobre a dívida não paga ao meu amigo aqui, eles resolveram ter uma conversa com o sobrinho do seu marido; foram atrás dele e da garota. No dia seguinte, meu irmão e o amigo foram encontrados mortos atrás do cemitério; um teve a cabeça arrancada e o outro foi esmagado contra o muro.

Gertrudes ficou em pânico e começou a balbuciar coisas sem sentido. Galeguinho, então, tentou acalmá-la.

– Fique tranqüila, dona Gertrudes, nós estamos aqui e, como pode ver, acreditamos na senhora. Vamos dar um jeito nesse monstro, todavia, precisamos da sua ajuda.

– O que eu posso fazer por vocês? – ela perguntou, cobrindo a boca com o lençol, e o terror estampado nos olhos.

– Acreditamos que o monstro ou essa garota, seja lá o que for, está protegendo seu sobrinho e vamos precisar usá-lo como isca para pegar o tal monstro. Soubemos que a senhora vai ter alta amanhã e gostaríamos de contar com sua ajuda – Galeguinho disse.

– O que eu preciso fazer?

Infelizmente, o sobrinho do seu marido não vai cooperar e vamos ter que induzi-lo a fazer o que precisamos. Mas, veja bem, é por um bom motivo, ele está protegendo e sendo protegido por um monstro miserável que mata pessoas sem piedade. E, talvez, na pior das hipóteses, aconteça o pior a ele, pois não podemos garantir nada.

– Contanto que nada aconteça a meu filho ou a meu marido! – Gertrudes disse.

– Temos que pegá-lo em sua casa, antes que saia para a escola; não queremos ser vistos na rua.

– Mas e se vocês forem vistos lá em casa?

– Ninguém vai ver; tomaremos cuidado, mas, em todo caso, fingiremos um assalto para não haver nenhum problema para a senhora.

Nesse tempo todo, Edu não falara nada, apenas escutara; e não gostou de vários pontos que ouviu sobre o plano, principalmente, em se envolver em assalto, sequestro ou dar um sumiço no tal garoto Dennis; entretanto, já estava envolvido até o pescoço e queria pegar o tal sujeito que lhe atacara.

– Precisamos que nos mantenha informados para que possamos agir. Estamos pensando em depois de amanhã, podemos contar com a senhora? – Galeguinho perguntou.

– Está bem, vou ajudar. Depois de amanhã é o dia exato, normalmente, meu marido está em casa na parte da manhã porque trabalha à noite, mas justamente nesse dia vai a São Paulo resolver uns assuntos da empresa e meu filho está na casa de minha irmã – Gertrudes disse. – Não havia outra solução, tinha que se livrar do encosto do sobrinho e do monstro que o protegia, e esses rapazes acreditavam nela. Era a providência divina agindo – pensou.

Olavo estava sentado na sala de espera de um luxuoso escritório em um prédio na Avenida Paulista. Recebera uma credencial que entregara na recepção e esperava para ser atendido. Sentia-se como um peixe fora do aquário desde o momento em que parou seu fusca 74 no estacionamento do prédio, pois lá só havia carros caros ou importados. Agora a sensação continuava. Ele era apenas um funcionário, de uma grande empresa é claro, mas apenas um simples funcionário; nunca almejara nada maior do que isso. Antes se achara ambicioso por tentar galgar um bom cargo na empresa, porém, nada se comparava a isso.

Quando Dennis lhe falara sobre essa oportunidade, ele não acreditara. Desdenhou do sobrinho por achá-lo ainda muito jovem, o que era uma coisa natural em razão das circunstâncias. Contudo, depois que Dennis lhe mostrara toda a documentação, não sabia explicar por que, mas todas suas desconfianças desapareceram como num passe de mágica. Era como se visualizasse uma oportunidade ímpar, que não podia ser desperdiçada. Teve um vislumbre e pôde entender a seriedade do assunto. Só não conseguia imaginar como o sobrinho pudera ter tão estreitas relações com pessoas desse nível, e em tão pouco tempo. Todavia, podia ver claramente, como num rio de águas límpidas, que seu futuro estava ali. Sentia-se estranho, pois, normalmente, rejeitaria tamanha responsabilidade por se achar despreparado. Mas algo dentro de si o impelia, dava confiança, sussurrava aos seus ouvidos, “você pode, você pode”!

A secretária tirou-o de suas meditações.

– Senhor Olavo Santana, o Dr. Hamilton já vai atendê-lo; ele o espera em sua sala.

Olavo se levantou e caminhou até o local indicado.

* * *

Dennis acordara cedo nesse dia, tinha dormido na casa de Valquíri. Já comunicara ao tio sua decisão de sair de casa antes que a tia voltasse. Como imaginara, ele ficou preocupado, mas conseguiu convencê-lo. Ficar em uma pensão familiar seria mais seguro, por via das dúvidas. E agora ia buscar o que restou de suas coisas, apenas algumas roupas. Se possível, não gostaria de encontrar com a tia. Era só pegar suas coisas e nunca mais voltar àquela casa. Seus assuntos de agora em diante seriam apenas com o tio, e relacionados ao hemocentro que

construíam para Valquíria. Antes, porém, precisava fazer algumas compras no centro e, na volta, antes de ir para a escola, passaria uma última vez na casa do tio.

Por volta das onze horas, Gertrudes estava impaciente. Ficara sabendo, por uma conversa com Olavo, que o estorvo do sobrinho havia se mudado para outro lugar.

– Diabos, isso vai atrapalhar os planos – pensou.

Sabia que ele haveria de voltar para buscar o resto de suas coisas, mas não tinha certeza de quando isso seria. Estava pensando justamente em ligar para os rapazes, avisando sobre a mudança de planos, quando escutou um barulho no portão em baixo. Foi até a janela do quarto e viu Dennis entrar, correu até a sala e ligou para o telefone do rapaz, o tal Pedro havia lhe dado.

– Alô... – disse, quando atenderam do outro lado – ele acabou de chegar, tem que ser agora – dizendo isso, desligou o telefone e voltou para o quarto. Ficou observando a rua pela janela. Cinco minutos depois, uma Brasília vermelha parou próximo de sua casa. Àquela hora, a maioria das pessoas estava trabalhando e uma ou outra dona de casa, que porventura não tivesse saído, provavelmente, estaria ocupada em seus afazeres domésticos. Ninguém notaria nada de estranho.

Três rapazes saíram da Brasília e se dirigiram até o portão de sua casa. Subiram as escadas sem fazer barulho e ela abriu a porta da sala para que entrassem. Era o Pedro, o Eduardo e mais um que ela não conheceria.

– Ele está lá em cima em seu quarto, mas deve descer logo, pois tem que ir para a escola – ela falou.

Eles concordaram e ficaram esperando. Alguns minutos depois, Dennis descia as escadas do seu quarto sem nada desconfiar; quando passou pela porta da cozinha, Galeguinho saindo de repente, acertou-lhe um forte golpe na cabeça, fazendo-o desmaiar.

– Vem, vamos embora! – Galeguinho gritou para os outros que saíram logo em seguida.

– Edu, vai até o portão e avisa quando não tiver ninguém por perto – Galeguinho continuou.
– Dona, vem com a gente.

– Eu preciso ir? – Gertrudes indagou.

– Não quer saber o que vai acontecer com a garota monstro? Vem com a gente – Galeguinho disse.

Edu fez sinal que o caminho estava livre. Gertrudes pensou em não ir, não queria, era melhor ficar, mas Galeguinho, segurando-a pela mão, arrastou-a até o carro. Enquanto isso, Alex e Edu carregavam Dennis até a Brasília. Logo em seguida, saíram em disparada.

* * *

Quando Olavo saiu do prédio onde ficava o escritório da Gibs & Gibs assessoria, sentia-se outro, era o diretor do Hemocentro Strathis. Ainda não podia acreditar em tudo que estava acontecendo, era como tirar a sorte grande. Quando entrou na sala do Dr. Hamilton, assessor da tal senhorita Valquíria Strathis, não sabia o que o esperava, sabia apenas que estava preparado para fazer, independente de não saber nada sobre o assunto em questão. Mas, para sua surpresa, eles sabiam exatamente quem ele era, e explicaram que iria ser treinado para poder executar a função para a qual estava sendo designado. A única condição era se ele, Olavo, estava realmente disposto a executar tal tarefa; e isso ele estava. Teria que se dedicar à nova função imediatamente e nem precisaria passar no seu atual emprego para pedir demissão, pois eles cuidariam de tudo. Assustou-se com o valor que já haviam depositado em

sua conta-corrente a título de salário e bonificação especial para início imediato, quinhentos mil cruzeiros. Sua vida ia mudar, conseguia visualizar um futuro melhor; poderia agora se separar de Gertrudes sem maiores traumas, pagaria uma pensão justa para ela e, pronto, estaria livre. Precisava encontrar-se urgente com Dennis para lhe agradecer. Seu sobrinho não era mais uma criança, tornara-se um homem responsável. Olavo estava feliz.

* * *

Galeguinho levou Dennis para a oficina do Paraná, que estava ausente nesse dia. Se ele soubesse o que estavam aprontando na sua oficina, não ia gostar nada.

Já passavam das duas da tarde e o garoto continuava desmaiado.

– Pô meu, acho que você bateu forte demais! Será que o desgraçado morreu? – Edu perguntou.

– Não, ele está respirando, você não está vendo? Agora para de falar que ele pode acordar a qualquer momento, e ele não sabe quem eu sou, mas vocês dois ele conhece, então coloquem as máscaras e fiquem calados – Galeguinho disse.

Gertrudes, escondida no escritório, apenas esperava a conclusão de tudo.

Dennis acordou com uma forte dor de cabeça e os braços também lhe doíam, estava sentado e preso pelos pulsos por trás da cadeira. A consciência começara a lhe voltar e ele quis entender o que estava acontecendo. Olhou em volta, era um lugar escuro, não podia enxergar direito. Viu três vultos a sua frente.

– O que está acontecendo? Quem são vocês? – perguntou assustado.

– Queremos saber onde está a garota ou o matador, seja lá o que for – Galeguinho falou para Dennis, demonstrando impaciência.

– Garota? Matador? Do que é que vocês estão falando?

Galeguinho chegou mais perto de Dennis e, segurando-o com força pelos cabelos, disse:

– Não se faça de idiota! Você sabe de quem estou falando. Não se lembra dos dois que vocês mataram na sexta-feira?

– Eu não matei ninguém. Está maluco? Não sei do que vocês estão falando.

Galeguinho, enraivecido, empurrou Dennis com cadeira e tudo até o canto da parede.

– Escuta aqui palhaço, pensa que somos idiotas? Nós sabemos que você anda com uma garota e que ela ou alguém ligado a ela, anda pegando pesado, arrepiando pra valer pessoas por aí; e, na sexta-feira passada, mataram dois amigos nossos. Agora vai abrindo o bico aí e contando onde ela está, senão nós acabamos com você aqui mesmo.

– Não sei do que você está falando, não conheço garota nenhuma – continuou Dennis.

Galeguinho bateu a cabeça de Dennis com força na parede e viu quando Alex, que continuava com o rosto tampado, fez um sinal para ele. Largou e Dennis e saíram os três em direção ao escritório onde Gertrudes escutava tudo.

– O que foi? – Galeguinho perguntou impaciente para Alex.

– Acho que sei onde a tal garota mora, encontramos com ele várias vezes numa pracinha logo depois do cemitério e, no domingo passado, vi quando ele saía de uma das casas em frente à praça. Era bem cedo e parecia que ele tinha dormido por lá.

– Se ele dorme por lá, deve ter a chave, senão vamos ter que arrombar a porta – Galeguinho disse.

Voltaram para o reservado onde Dennis estava e enquanto Edu e Alex o imobilizavam,

Galeguinho vasculhou seus bolsos e encontrou um pequeno molho de chaves.

– Deve ser isso aqui – Galeguinho falou.

– Vamos então para a tal casa.

Colocaram uma mordaca na boca de Dennis, que não parava de espernear e dizer impropérios. Depois enfiaram um saco de papel grosso em sua cabeça, em seguida, amarraram seus pés e mãos e o enfiaram de volta na Brasília. Galeguinho arrastou Gertrudes de novo junto com eles.

Quando chegaram à praça, já passavam das 5 horas da tarde. Alex apontou a casa e pararam o carro bem em frente. Edu desceu e experimentou as chaves que havia pegado no bolso de Dennis. A porta abriu facilmente.

Galeguinho mandou Gertrudes, que estava no banco da frente, ficar esperando dentro do carro. Depois de verificarem que não havia ninguém por perto, arrastaram Dennis, que estava deitado no vão entre o banco de trás e os da frente, e o levaram para dentro da casa.

Galeguinho tirou um revólver calibre 38 da cintura e ficou apontando para Dennis, enquanto entravam cuidadosamente na casa. Alex e Edu colocaram as máscaras de volta, cobrindo o rosto e Galeguinho arrancava o saco que cobria a cabeça de Dennis e empurrando-o, derrubou-o ao chão. Alex empunhava um porrete e Edu trazia um canivete com a lâmina à mostra. A casa parecia vazia e não tinha muitos móveis também. Um aparelho de TV novo destoava do resto das coisas que pareciam bem usadas

Galeguinho não tirava o revólver da cabeça de Dennis. Enquanto isso, Alex e Edu vasculhavam a casa. Foram até a cozinha e abrindo a porta verificaram que lá fora, no quintal, não havia nada. Olharam o banheiro e o quarto de Adam, onde Dennis havia dormindo e, exceto algumas roupas e um vaso de porcelana sem importância, não encontraram nada de especial. O outro quarto estava trancado.

Galeguinho arrancou a mordaca da boca de Dennis, enquanto isso Edu e Alex retornavam.

Galeguinho, Alex acho que ela está no último quarto – Edu disse.

Alex? Alex e Edu? – Dennis disse.

– Porra! Você tinha que abrir essa sua boca – Galeguinho falou irritado com Edu.

– Agora vamos ter que dar um jeito nessa porra desse moleque, caralho – Galeguinho falou irritado e, se virando para Dennis, disse:

– E então, a sua amiguinha está dentro daquele quarto, não é?

– Não sei de nada do que vocês estão falando – Dennis insistiu.

Galeguinho se voltou para Edu e Alex e mandou arrombarem a porta do quarto. Eles fizeram várias tentativas sem sucesso.

– Não dá meu, parece que a porta é de aço puro e não tem fechadura pelo lado de fora – Alex disse.

– Como é que abre a porta? – Galeguinho perguntou para Dennis.

– Já disse que não sei de nada.

Alex deu um chute no estômago de Dennis, que estava caído no chão, fazendo-o se retorcer de dor.

– Quer brincar com agente, é?

– Não vai dizer como se abre a porta? – Galeguinho continuou.

Dennis continuou calado, apenas se retorcia com a dor no abdômen.

– Emprresta esse canivete aí Edu – Galeguinho disse.

– Então, sua amiguinha, ou seja lá quem for, gosta de cortar o pulso dos outros, não é mesmo? Pois vamos lhe dar o mesmo remédio.

Levantou Dennis que estava com as duas mãos amarradas nas costas e o empurrou por cima do dorso do sofá.

Dennis desesperado começou a se debater.

Alex o segurou e fez sinal para Edu também ajudá-lo a imobilizar Dennis; Edu estava indeciso, não havia pensado que as coisas chegariam a esse ponto.

Porra, Edu ajuda a segurar o moleque, caralho – Galeguinho gritou com ele.

Sem alternativa, Edu ajudou Alex a imobilizar Dennis.

Galeguinho segurou uma das mãos de Dennis e, pressionando o canivete no pulso, fez um corte profundo.

Dennis gritou de dor, Galeguinho segurou o outro braço e fez a mesma coisa. O sangue começou a escorrer em profusão. Alex e Edu largaram Dennis e se afastaram perplexos, a coisa tinha ido longe demais. Dennis, se contorcendo, caiu por cima do sofá. Galeguinho se aproximou mais uma vez, com um empurrão o fez rolar pelo sofá e depois cair no chão.

– É melhor aparecer logo seja lá você quem for, senão seu amiguinho aqui vai morrer! – Galeguinho começou a gritar pela casa, empunhando o revólver.

Os cortes foram profundos e Dennis, perdendo sangue rapidamente, começou a ter convulsões, podia ver os vultos dos seus três agressores à sua frente enquanto sua visão se escurecia. A última coisa que escutou foi um estrondo, um barulho metálico, como o de uma porta de aço sendo arremessada contra a parede. Então veio a escuridão total, e a inconsciência tomou conta dele.

Dentro do carro, Gertrudes esperava impacientemente, e o dia começou a escurecer, dando lugar à noite. Ouvia um estrondo vindo de dentro casa e, logo em seguida, tiros e gritos horríveis, muitos gritos, agonizantes. Pensou em fugir, tinha que sair o mais rápido possível dali. Ia abrir a porta do carro, mas a porta da casa se abriu antes e viu surgir lá de dentro, olhos azuis brilhantes, incandescentes. Como da outra vez, seus membros não lhe obedeciam, um calafrio percorreu seu corpo, quis gritar, mas não tinha voz. A porta do carro foi arrancada e jogada longe, garras poderosas a envolveram, ela, então, perdeu os sentidos.

* * *

A polícia foi chamada, no dia seguinte, pela vizinhança que achou suspeito o carro parado sem uma das portas e a casa com a porta escancarada. Lá dentro, o espetáculo era digno de um filme de terror. Corpos despedaçados por todos os cantos. Os legistas conseguiram reconstituir três dos corpos que foram identificados como de dois estudantes, sendo que um deles havia sido vítima recentemente de um estranho ataque, enquanto estava junto com o outro estudante também morto. O terceiro corpo foi identificado como sendo de um conhecido delinquente juvenil. Em local específico, uma grande quantidade de sangue indicava a existência de uma quarta vítima fatal que está desaparecida. A única testemunha foi uma mulher encontrada dentro da casa em estado de choque e completamente enlouquecida. Ela está sendo considerada a principal suspeita desse crime e de outros acontecidos recentemente que, coincidentemente, envolve cada uma das vítimas. A casa onde aconteceram os crimes, por estar abandonada, acredita a polícia, era usada pelos delinquentes como esconderijo, mas nada foi encontrado que comprovasse tal suspeita. Os administradores do imóvel estão sendo

contatados para que possam retomar a pose do mesmo.

Para o delegado Valdecir, a mulher, a tal Gertrudes, tinha cometido todos os crimes em um acesso de loucura. Indagado como explicaria o fato das vítimas terem os membros e cabeças arrancados, disse que exames feitos mostravam que o apoio usado para segurar os membros se encaixava perfeitamente nos contornos de uma mão humana. Quanto à força necessária para isso, estudos indicam que pessoas em estado de loucura podem possuir uma força sobre-humana. Além disso, existe uma quarta vítima que está desaparecida e que a quantidade de sangue perdida encontrada no local, deixa, sem sombra de dúvidas, prova concreta quanto a seu óbito. Sobre essa vítima ainda, que se suspeita ser o sobrinho do marido da acusada, existem provas irrefutáveis de ela que tentou envenená-lo em data recente. Seguindo o modus operandi, chega--se a uma conclusão: todos esses crimes se interligam, deixando um rastro sangrento, resultado da fixação doentia da acusada em perseguir o sobrinho do marido. Se condenada, a principal suspeita dos crimes, por razões de desequilíbrio mental, pode não ser enviada ao cárcere comum, mas, com certeza, vai passar o resto da vida em um manicômio judiciário – ele completou, dando um ponto final e encerrando o caso de uma vez por todas.

Com sua experiência na polícia, Valdecir sabia que existiam ainda algumas arestas que precisavam ser aparadas. Deixou de fora do seu relatório o caso do taxista morto na explosão do carro. Particularmente, queria acreditar que se tratava de um fato isolado. Já no caso dos dois meliantes mortos, nas proximidades do cemitério, era inegável a ligação com a série de crimes acontecidos. Em ambos os casos, a mulher, a tal Gertrudes, estava internada no hospital. No caso do taxista, não poderia ter sido ela de forma alguma. Acabara de ser internada em estado grave e estava sob acompanhamento médico constante. Já no segundo caso, seu estado clínico havia melhorado consideravelmente e poderia ter dado um jeito de sair e voltar ao hospital sem levantar suspeitas. Ele sabia que estava forçando o fechamento do caso, e isso o incomodava de alguma forma. Mas não se sentia cometendo injustiças. A mulher, a Gertrudes, era culpada em algum ponto. Todas as provas circunstanciais apontavam para ela e era inegável: ela tentou matar o sobrinho. O tempo se encarregaria de sanar todas as dúvidas.

Dez anos Depois

Olavo Santana, diretor executivo do Hemocentro Strathis, com sede principal no ABC paulista, fora convocado para uma reunião urgente que trataria da inauguração de mais um Hemocentro Strathis, dessa vez, na cidade do Recife, em Pernambuco.

Desde que inaugurara a primeira unidade há 10 anos, seu trabalho vinha sendo reconhecido e, em poucos anos, várias outras unidades foram inauguradas em diversos estados.

Todos sob a assessoria da Gibbs & Gibbs e sob a tutela dos irmãos Strathis, seus patrões, que ele jamais conhecera.

Isso fez com que lembrasse, com saudades e remorso, do seu sobrinho desaparecido e morto, Dennis.

Sua vida mudara completamente. Mas Dennis pagou um preço caro por causa da passividade dele, pagou com a vida. Tudo por causa da loucura de sua mulher.

Gertrudes viveu confinada em um manicômio judiciário até morrer completamente demente há cinco anos. Passou o resto da vida, falando em vampiros e outras loucuras.

Otavinho viera junto com Olavo até Recife, e estava passeando com a namorada pela cidade. Ele estava fazendo faculdade de medicina e pretendia futuramente trabalhar junto ao pai.

Olavo caminhava por todas as dependências da nova unidade a ser inaugurada. Era visivelmente uma das maiores que seu grupo havia construído. Mesmo sendo ele o diretor principal do grupo, achou estranha a ausência do resto da diretoria. Apenas ele havia sido convocado para essa reunião de emergência. Na inauguração, que ocorreria no dia seguinte, toda a diretoria estaria presente. Recebera a convocação direta do presidente do grupo Strathis, o senhor Adam Strathis.

Será que ele teria a oportunidade de conhecê-lo dessa vez? Era bem provável que não, pois esses milionários são todos excêntricos – pensou.

Jamais se encontrara ou vira uma foto dos Strathis. Essa reunião deveria, como sempre, ser entre ele e os assessores dos Strathis, Gibbs & Gibbs.

Estava em suas divagações quando alguma coisa chamou sua atenção, viu passar ao longe um rapaz e uma moça.

Achou que estava muito nostálgico nesse dia, era uma daquelas coisas que você vê, mas a retina capta uma realidade diferente. O rapaz lembrou-lhe Dennis, mas era o Dennis de há 10 anos. A aparência era atual como se tivesse realmente a idade que deveria ter. Todavia, o que seus olhos captaram numa fração de segundos desmentia a aparência.

Deve ser efeito do cansaço – pensou e resolveu esquecer.

Chegou à sala aonde fora convocado, entrou; não havia ninguém, talvez estivesse adiantado demais. Não quis consultar o relógio, não importava.

Viu um quadro enorme na parede, uma pintura muito bonita, aproximou-se para examinar mais detalhadamente quando uma voz o cumprimentou.

– Boa-noite, senhor Olavo!

Virou-se na direção onde escutara a voz.

Uma moça muito bonita sorria para ele, era jovem, aparentava ter uns 20 anos, não mais que

isso.

Retribuiu o sorriso e se aproximou. A jovem tinha os cabelos negros compridos e os olhos azuis.

– Sou Valquíria Strathis, prazer em conhecê-lo – disse-lhe a jovem a lhe estender a mão que ele beijou delicadamente.

Pensou não ter ouvido direito.

– Valquíria Strathis? – pensou perplexo.

Deveria ser muito mais velha, talvez fosse a filha com nome idêntico à mãe. Percebeu então que era mais jovem do que imaginou à primeira vista, poderia ter por volta de 15 anos.

Não é possível, devia estar enganado – pensou.

Escutou a porta se abrir e um jovem entrou.

Desconfiou que a mesma ilusão repetia-se. A luz, estrategicamente colocada, ofuscava sua visão, o jovem a princípio pareceu ter 20 ou 22 anos, mas, como a moça a seu lado, poderia também ter 15 anos.

O jovem sorriu para ele, um sorriso branco imaculado.

Sua mente parecia estar querendo pregar-lhe peças nesse dia.

A luz refletida na alvura dos dentes deu-lhe a impressão de quatro dentes um pouco maiores que o normal, pontiagudos, afiados.

Era o cansaço, sem dúvida – pensou.

Aproximou-se para cumprimentar o jovem, então sua boca se abriu num espanto, enquanto o jovem a sorrir lhe disse:

– Olá tio, há quanto tempo!

Table of Contents

[O Novo Lar](#)

[A Garota dos Olhos Azuis](#)

[Quando o Amor Acontece](#)

[A Espera](#)

[Uma Vida Solitária](#)

[A Primeira Namorada](#)

[O Mal Súbito](#)

[O Acerto de Contas](#)

[O Dia da Caça](#)

[A Primeira Vez](#)

[Uma Descoberta Aterrorizante](#)

[A Verdade Nua e Crua](#)

[A História de Valquíria](#)

[Mitos e Verdades](#)

[A Volta ao Lar](#)

[Sem rumo](#)

[Vida Nova](#)

[O Plano](#)

[Dez Anos Depois](#)